



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de Marília

MARIANA DA SILVA CAPRIOLI

**Análise do Discurso Literário no processo de Análise Documental de textos narrativos
de ficção: comparações discursivas e proposta de Modelo de Leitura para contos**

Marília
2022

MARIANA DA SILVA CAPRIOLI

Análise do Discurso Literário no processo de Análise Documental de textos narrativos de ficção: comparações discursivas e proposta de Modelo de Leitura para contos.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus Marília.

Área de concentração: Produção e Organização da Informação.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Ernesto de Moraes.

Marília
2022

C253a	Caprioli, Mariana da Silva Análise do Discurso Literário no processo de Análise Documental de textos narrativos de ficção : comparações discursivas e proposta de Modelo de Leitura para contos / Mariana da Silva Caprioli. -- Marília, 2022 227 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília Orientador: Prof. Dr. João Batista Ernesto de Moraes 1. Análise do discurso. 2. Análise documentária. 3. Contos. 4. Indexação. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

MARIANA DA SILVA CAPRIOLI

Análise do Discurso Literário no processo de Análise Documental de textos narrativos de ficção: comparações discursivas e proposta de Modelo de Leitura para contos.

Tese ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho (Unesp), como requisito para a obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Produção e Organização da Informação.

Banca Examinadora

Prof. Dr. João Batista Ernesto de Moraes
UNESP – Campus de Marília
Orientador

Profa. Dra. Patrícia de Almeida Monteiro da Silva
Universidade de Coimbra (Portugal) – CEIS20
Examinadora

Prof. Dr. Daniel Martinez-Ávila
UNESP – Campus de Marília
Examinador

Profa. Dra. Franciele Marques Redigolo
UFPA – Faculdade de Biblioteconomia
Examinadora

Profa. Dra. Deise Maria Antonio Sabbag
USP – Campus de Ribeirão Preto
Examinadora

Marília, 07 de abril de 2022

AGRADECIMENTOS

Costumo deixar os agradecimentos como a última coisa do trabalho como uma despedida, e aqui estou.

A cada ano de pesquisa meus agradecimentos ficam menores e acredito que aqui acontece isso, mais uma vez.

Primeiro preciso agradecer ao professor João por toda calma que teve comigo nesse tempo. Isso foi essencial para a tese ter saído bem. Obrigada por todos esses anos, professor, o senhor foi o melhor orientador que eu poderia ter. Ainda bem que estaremos na vida um do outro por muito tempo ainda.

Agradeço à banca, por todos os conselhos para a tese, desde a qualificação até a defesa, que contribuiu para o trabalho chegar até aqui.

Também, preciso agradecer à Biblioteca Municipal de Marília e todos meus colegas de trabalho pelo apoio sempre que precisei, vocês colaboraram para eu conseguir terminar a tese mesmo trabalhando.

Obrigada à minha mãe, Elaine, que me aguentou estudando tanto e me criou tão bem para que chegasse até aqui. No mesmo sentido, agradeço meu pai, Washington, que não está mais entre nós, mas até quando pode, ofereceu o melhor pela minha educação e bem-estar. A saudade é grande, mas sigo firme por ele também. Eu amo vocês.

Estendo meu agradecimento à família que esteve presente nesse caminho.

Aos meus amigos, o meu maior obrigada, vocês não tem noção do quanto foram importantes em todos os momentos dessa caminhada. Os nomes não são muitos, mas não quero citar todos para não esquecer ninguém. Mas quero citar especialmente Lari, minha querida parceira de pesquisa e de amizade. Nossa parceria começou por causa da pesquisa e vai seguir para vida toda, tenho certeza absoluta. Amo vocês!

Finalmente, tenho tanto a agradecer meu amor, Felipe. Seu incentivo me fez chegar ao fim. Sua confiança na minha capacidade e força também me fizeram acreditar e seguir. Muito obrigada por tanto, eu te amo muito.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Tenho certeza que não será o fim de minhas pesquisas, mas é muito bom terminar mais um ciclo.

Até aqui, MUITO OBRIGADA!

*“Palavras são, na minha nada humilde opinião,
nossa inesgotável fonte de magia, capazes de
causar grandes sofrimentos e também de remediá-
los”*

Alvo Dumbledore

RESUMO

A Análise do Discurso Literário (ADL), se mostrou uma metodologia viável para a Análise Documental no que se refere a identificação de termos de assuntos para a análise e representação temática da informação de obras de ficção, como observado por Caprioli (2018), se tornando parte importante na representação dessas obras, uma vez que o foco em unidades de informação se trata de textos científicos. A indexação de obras de ficção apresenta uma lacuna histórica e só começou a mudar com o aparecimento de alguns sistemas de recuperação e pesquisas mais recentes. Os Modelos de Leitura para a indexação trabalham para que exista agilidade e estratégias na identificação de conceitos que facilitam a realização da indexação de vários tipos de textos e podem ser viáveis inclusive para contos. Dessa forma, o objetivo geral da tese foi propor a análise de contos de autores de diferentes épocas por meio da ADL para auxiliar na construção de um modelo de leitura para contos com foco na utilização em unidades de informação de maneira efetiva, evidenciando, no processo, a diferença entre os textos científicos e os textos literários. Enquanto os objetivos específicos foram: levantar conceitos fundamentais de Representação e Recuperação da Informação, Textos Científicos e Literários, Análise do Discurso e Análise (AD) do Discurso Literário (ADL) e todos os outros fundamentais para a caracterização da base teórica da tese; observar as diferenças entre os textos científicos e os textos literários, especificamente os artigos científicos e os contos; analisar os contos: “Na Arca” e “O espelho” de Machado de Assis, do livro “Papéis avulsos”, “Coincidências” e “Beijinhos no rosto”, de Rubem Fonseca, do livro “Secreções, excreções e desatinos”, “O lançador de batatas” e “Eu desconfio que...”, de Fernanda Young, do livro “Estragos” “Bia não quer merendar” e “Nós, os que ficamos”, de Rodrigo Ciriaco, do livro “Te pego lá fora” com a ADL para observar os discursos proferidos em vários períodos de tempo; observar qual a realidade das Representação e Recuperação da Informação de contos no contexto de Bibliotecas Públicas Brasileiras, com exemplo da Biblioteca Municipal de Marília “João Mesquita Valença”; propor um modelo de leitura para contos, que auxiliará na retirada de termos para a representação e indexação em bibliotecas e aplicar o modelo de leitura nos contos selecionados para comprovar sua aplicabilidade. Os objetivos foram concluídos com sucesso, os contos selecionados foram analisados através da ADL, o Modelo de Leitura foi criado e aplicado e servirá de auxílio na retirada de termos para indexação de livros de contos em bibliotecas, principalmente as Públicas brasileiras, que possuem grande acervo de livros de ficção, incluindo contos, mas que a indexação não é eficaz para a recuperação.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Análise do Discurso Literário; textos narrativos de ficção; contos; Análise Documental; Representação da Informação; Recuperação da Informação; Modelos de Leitura; indexação.

ABSTRACT

Literary Discourse Analysis (LDA) proved to be a viable methodology for Document Analysis regarding the identification of subject terms for the analysis and thematic representation of information from fiction texts, as noted by Caprioli (2018), becoming an important part for the representation of these works, since the focus on information units is scientific texts. The indexing of works of fiction has a historical gap and only started to change with the emergence of some retrieval systems and more recent research. The Reading Models for indexing aim to obtain agility and strategies in the identification of concepts that facilitate indexing. Thus, the main objective of the thesis was to propose the analysis of short stories by authors from different times through LDA in order to construct a reading model for short stories focusing on the effective use in information units, evidencing, in the process, the difference between scientific texts and literary texts. While the specific objectives were: to raise fundamental concepts of Representation and Information Retrieval, Scientific and Literary Texts, Discourse Analysis and Literary Discourse Analysis and all other fundamental concepts for the characterization of the theoretical basis of the thesis; observe the differences between scientific texts and literary texts, specifically scientific articles and short stories; analyze the tales: “Na Arca” and “O espelho” by Machado de Assis, from the book “Papéis avulsos”; “Coincidências” and “Beijinhos no rosto”, by Rubem Fonseca, from the book “Secreções, excreções e desatinos”; “O lançador de batatas” and “Eu desconfio que...”, by Fernanda Young, from the book “Estragos”; “Bia não quer merendar” and “Nós, os que ficamos”, by Rodrigo Ciríaco, from the book “Te pego lá fora” with LDA to observe discourses in various time periods; to observe the reality of the Representation and Information Retrieval of short stories in the context of Brazilian Public Libraries, with an example of the Municipal Library of Marília “João Mesquita Valença”; propose a reading model for short stories, which will help in extracting of terms for representation and indexing in libraries and apply the reading model in selected short stories to prove its applicability. The objectives were successfully completed, the selected short stories were analyzed through the LDA, the Reading Model was created and applied and will serve as an aid in the removal of terms for indexing books of short stories in libraries, especially the Brazilian Public ones, which have a large collection of fiction books, including short stories, but that indexing is not effective for retrieval.

Keywords: Discourse Analysis; Literary Discourse Analysis; narrative fiction texts; short stories; Documentary Analysis; Information Representation; Information Retrieval; Reading Model; Indexing.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Concepções acerca do Tratamento Temático da Informação	20
Quadro 2 - Definições de Análise Documental	21
Quadro 3 - Representação Documental	24
Quadro 4 - Conceitos de indexação	28
Quadro 5 - Modelo de Leitura Documentária para textos científicos: identificação de conceitos	46
Quadro 6 - Estrutura do artigo	64
Quadro 7 - Conto selecionados para análise	98
Quadro 8 - Ideias força para legitimação do discurso	102
Quadro 9 - Etapas das análises sistematizadas	104
Quadro 10 - MENTIF - Modelo para Indexação de Ficção (versão adaptada)	107
Quadro 11 - Modelo para Indexação de contos	109
Quadro 12 - Sugestão de quantidade de contos para análise	111
Quadro 13 - Autores e obras escolhidos	126
Quadro 14 - 1º grupo “O que é dito neste discurso?”	130
Quadro 15 - 2º grupo “O que é dito em outro discurso?”	131
Quadro 16 - Legitimação do Discurso Literário conto (1)	132
Quadro 17 - Legitimação do Discurso Literário conto (2)	135
Quadro 18 - Legitimação do Discurso Literário conto (3)	138
Quadro 19 - Legitimação do Discurso Literário conto (4)	140
Quadro 20 - Legitimação do Discurso Literário conto (5)	143
Quadro 21 - Legitimação do Discurso Literário conto (6)	145
Quadro 22 - Legitimação do Discurso Literário conto (7)	147
Quadro 23 - Legitimação do Discurso Literário conto (8)	149
Quadro 24 - Sistematização das análises	164
Quadro 25 - Aplicação do modelo no conto "Na arca"	169
Quadro 26 - Aplicação do modelo no conto "O espelho"	170
Quadro 27 - Aplicação do modelo no conto "Coincidências"	171
Quadro 28 - Aplicação do modelo no conto "Beijinhos no rosto"	173
Quadro 29 - Aplicação do modelo no conto "O lançador de batatas"	174
Quadro 30 - Aplicação do modelo no conto "Eu desconfio que..."	175
Quadro 31 - Aplicação do modelo no conto "Bia não quer merendar"	176

Quadro 32 - Aplicação do modelo no conto "Nós, os que ficamos"	177
Quadro 33 - Descritores de "Papéis Avulsos"	179
Quadro 34 - Descritores de "Secreções, excreções e desatinos"	180
Quadro 35 - Descritores de "Estragos"	180
Quadro 36 - Descritores de "Te pego lá fora"	181

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Tratamento documentário	22
Figura 2 - Fabricação da Informação Documental	24
Figura 3 - Representação do livro A bruxa de Portobello	55
Figura 4 - Representação do livro Amor além da vida	56
Figura 5 - Representação do livro A cachorrinha de Brasília	57
Figura 6 - Representação do livro Antes do baile verde: contos	58
Figura 7 - Tipos de Obras de Arte	72
Figura 8 - Funções enunciativo-discursivas	91
Figura 9 - Representação do livro "Secreções, excreções e desatinos	182

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, ANÁLISE DOCUMENTAL, REPRESENTAÇÃO E RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO.	18
2.1	INDEXAÇÃO	27
2.2	MODELOS DE LEITURA NA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO	41
2.3	A REALIDADE DA INDEXAÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS E OS RUÍDOS NA RECUPERAÇÃO	49
3	TEXTOS CIENTÍFICOS E NARRATIVOS DE FICÇÃO	59
3.1	TEXTOS CIENTÍFICOS	61
3.2	TEXTOS NARRATIVOS DE FICÇÃO	67
4	DISCURSO CIENTÍFICO E LITERÁRIO	77
5	METODOLOGIA, MATERIAL E MÉTODOS	85
5.1	A ANÁLISE DO DISCURSO E A ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO COMO METODOLOGIAS	85
5.2	ETAPAS DAS ANÁLISES	97
5.2.1	Elaboração das categorias de Análise	97
5.2.2	Construção do Modelo de Leitura para contos	104
6	ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO DOS CONTOS	113
6.1	PRIMEIRO TRATAMENTO DE ANÁLISE SUPERFICIAL	113
6.1.1	Quem diz?	113
6.1.1.1	Machado de Assis	114
6.1.1.2	Rubem Fonseca	116
6.1.1.3	Fernanda Young	119
6.1.1.4	Rodrigo Ciríaco	122
6.1.2	Como diz?	125
6.1.2.1	Papéis Avulsos	126
6.1.2.2	Secreções, excreções e desatinos	127
6.1.2.3	Estragos	128
6.1.2.4	Te pego lá fora	129
6.2	TRANSFORMAÇÃO DA SUPERFÍCIE LINGÜÍSTICA EM OBJETO DISCURSIVO	130
6.2.1	“O que é dito neste discurso?” e “O que é dito em outro discurso?”	130
6.2.1.1	(1) Na arca e (2) O espelho	131

6.2.1.2 (3) Coincidências e (4) Beijinhos no rosto	137
6.2.1.3 (5) O lançador de batatas e (6) Eu desconfio que...	142
6.2.1.4 (7) Bia não quer merendar e (8) Nós, os que ficamos	147
6.3 DO OBJETO DISCURSIVO PARA O PROCESSO DISCURSIVO	151
6.3.1 “Por que isso e não outro?”	151
6.3.1.1 Machado de Assis	151
6.3.1.2 Rubem Fonseca	155
6.3.1.3 Fernanda Young	158
6.3.1.4 Rodrigo Ciríaco	161
6.4 SISTEMATIZAÇÃO DAS ANÁLISES	164
7 APLICAÇÃO DO MODELO DE LEITURA NOS CONTOS ANALISADOS	169
7.1 PAPÉIS AVULSOS	169
7.2 SECREÇÕES, EXCREÇÕES E DESATINOS	171
7.3 ESTRAGOS	174
7.4 TE PEGO LÁ FORA	176
7.5 SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS	179
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
REFERÊNCIAS	188
ANEXO	208

1 INTRODUÇÃO

No contexto da área da Ciência da Informação (C.I.), tem-se o entendimento que o campo se articula na tríade *produção, organização e uso* da informação. No que se refere à organização da informação, Bräscher e Café (2008, p. 5) trazem que cabe à C.I. a descrição física e de conteúdo dos documentos, reconhecendo esse ato como representação da informação, que extrai um conjunto de elementos descritivos que podem representar os tributos de certo objeto informacional (MARTINS; MORAES, 2012). Levando em consideração que a C.I. faz parte das ciências sociais aplicadas, em sua concepção, favorece a transmissão e comunicação de informações que estão voltadas para a educação, e entre outras coisas, tem a intenção de produzir conhecimentos novos.

Portanto, os processos de representação da informação estão centralizados na representação descritiva – tratando da forma do documento – e representação temática – cuidando da representação de conteúdo do documento.

A organização é dada ao conhecimento, mas este é representado pelo tratamento temático e pela extração de informações dos documentos, logo consideramos, na visão de Barité, que se organiza o conhecimento e representa-se a informação, o ponto de vista do tratamento temático (MARTINS; MORAES, 2012, p. 182).

Segundo Guimarães (2008), a organização da informação se importa com a representação da informação e “[...] é constituída por uma série de procedimentos metodológicos voltados à definição do conteúdo temático de documentos de modo a permitir a recuperação, o acesso e o uso da informação neles contida” (MORAES, 2011, p. 06).

Tende-se a compreender a Análise Documental como um conjunto de procedimentos que se estruturam por análise, síntese e representação de conteúdos documentais que geram produtos como: “catálogos, notas classificatórias, índices e resumos. A essa dimensão de conteúdo, alia-se uma preocupação com a recuperação da informação enquanto objetivo de natureza mais imediata” (GUIMARÃES; SALES, 2010, p. 02).

Assim, trata-se aqui da representação da informação como parte da organização do conhecimento, por cuidar de um contexto da representação temática da informação, para que se possa recuperar em unidades de informação.

Quando se fala em representação da informação, lida-se também com o conteúdo de itens presentes em unidades de informação. Pretendeu-se, aqui, definir e observar os textos literários – mais especificamente os textos narrativos de ficção – em uma comparação com os textos científicos para que fiquem evidentes suas diferenças, pois quando se pensa em textos,

engloba-se toda unidade de produção oral e escrita, que segundo Koch (2004), na perspectiva de estudos de linguística textual, tem papel fundamental para os seres humanos, pois é por meio dos textos que se consegue organizar cognitivamente o mundo. Também “(...) são considerados excelentes meios de intercomunicação, produção, preservação e transmissão do saber. [...] Não apenas tornam o conhecimento visível, mas, na realidade, sociocognitivamente existente” (KOCH, 2004, p.36).

Guimarães, Moraes e Guarido (2007) trazem sobre as dificuldades da representação de textos narrativos e ainda levantam a questão: como podemos definir um texto narrativo?

Pode-se citar Damazo (2006) que se utilizava de Van Dijk (1997) para afirmar que a primeira característica fundamental do texto narrativo é que se refere a ações de pessoas, acima de tudo, e de maneira que as descrições de circunstâncias, objetos e acontecimentos fiquem claramente subordinadas a elas.

Sobre o texto narrativo de ficção e as abordagens sobre os critérios que podem definir esse tipo de texto, mostra-se aqui a reflexão sobre a perspectiva na área de Ciência da Informação.

Existe uma conclusão feita por Moraes (2011) que diz que texto narrativo de ficção é aquele que é escrito pensando na seleção de termos que melhor se adéquem e reforcem o contexto sugerido pelo conteúdo semântico da obra, ou em outras palavras, o texto de ficção é uma manifestação artística, onde o artista (autor) se mune de palavras para criar sua obra de arte, “buscando com esta fornecer um novo olhar para as situações humanas, ou mesmo criando uma realidade que pode ser chamada de paralela” (MORAES, 2011, p. 21).

Sendo os textos narrativos de ficção, pois, objetos tão complexos e completos em si, espera-se que a representação em unidades de informação, seja, de alguma forma, afetada. Nessa perspectiva, Castañon Moreno (1992, p. 05) afirma:

[...] más que las limitaciones y obsolescencia de los sistemas a los que se suelen atribuí imprecisiones e inconsistencias en la representación temática, muchas veces el problema se genera porque el bibliotecario se preocupa más por ajustarse a un sistema de clasificación o indización que por llevar a cabo un análisis documental que le permita ante todo comprender plenamente el tema que se expone en el texto de una obra.

Ademais, pode-se afirmar que os textos científicos possuem uma estrutura fixa de organização de seu esqueleto, o que difere do discurso literário, segundo Meadows (1999), porém, de qualquer forma, está caracterizando um discurso em sua estrutura, assim como o discurso literário. O que nos leva a Análise do Discurso (AD) e Análise do Discurso Literário (ADL).

A AD de matriz francesa, aqui utilizada, teve suas intenções de estudos iniciados por volta da década de 1960, quando surge a preocupação com a forma de funcionamento da linguagem, causando mudanças notáveis e impulsionando os estudos linguísticos. Tem suas bases em trabalhos com matrizes filosóficas e ideológicas, mas surgiu para modificar tais estruturas, com a intenção de compreender o fenômeno da linguagem não concentrado apenas na língua e sim em um nível fora: o texto.

Possui, também, um viés de ruptura a uma conjuntura política e epistemológica, os contextos em que se insere são amplos, e, com isso, pode ser considerada uma ciência interdisciplinar. Ferreira (2007) coloca

Do ponto de vista político, a Análise do Discurso (AD) nasce, assim, na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora, que visa combater o excessivo formalismo linguístico então vigente, visto como uma nova facção do tipo burguês. Ao lado dessa tendência revolucionária, a AD busca desautomatizar a relação com a linguagem, donde sua relação crítica com a linguística. A rigor, o que a AD faz de mais corrosivo é abrir um campo de questões no interior da própria linguística, operando um sensível deslocamento de terreno na área, sobretudo nos conceitos de língua, historicidade e sujeito, deixados à margem pelas correntes em voga na época. (FERREIRA, 2007, p. 40).

Maingueneau (2009, p. 49-50), afirma que a ADL compõe um ramo da AD, sendo os métodos e conceitos mobilizados mediante uma adaptação, mas além disso, se trata de uma disciplina concebida para o estudo da literatura, cujos instrumentos ainda vêm sendo construídos.

A AD e os discursos literários se encontram ao considerar o fato literário como discurso, pois a AD confere esse termo. Maingueneau explica que isso possibilita restituir “as obras aos espaços que as tornam possíveis, onde elas são produzidas, avaliadas, administradas” (MAINGUENEAU, 2009, p. 43), bem como remetê-las às suas condições de enunciação, o que implica na consideração do estado do escritor e seus modos de posicionamento no campo literário, os papéis vinculados com os gêneros, a relação construída a partir da obra com os destinatários, os suportes materiais e os modos de circulação dos enunciados.

Para referencial teórico de AD e ADL foram utilizados alguns autores como Foucault (2008), Brandão (2004), Maingueneau (1996, 1997, 2008, 2009), Mussalim (2011), Orlandi (1986, 2002, 2008, 2009), Pêcheux (1997, 2008), Stafuzza (2011), Versa e Soares (2014), além de trabalhos do grupo de pesquisa a serem apresentados.

Quando se fala do interesse por tais métodos de trabalho, deve-se começar deixando claro que a preocupação com a recuperação de textos narrativos de ficção na área de CI surgiu

por volta da década de 1980, principalmente por encontrar dificuldades de representação do conteúdo temático (BEGHTOL, 1989, 1990, 1992; MORAES, 2011).

No Brasil, estudos no eixo de recuperação de textos de ficção começaram a ter desenvolvimento em 2001, na Unesp - Marília, com foco no Percorso Gerativo de Sentido. Foram desenvolvidos no grupo de pesquisa Linguagem, Discurso e Organização do Conhecimento por alguns membros, entre eles Sabbag, Moraes e Lima, todos a serem utilizados como base bibliográfica.

Moraes (2011) empreendeu anos de esforços em pesquisa para demonstrar a possibilidade de interlocução entre Literatura, Linguística e Ciência da Informação, ainda pelo uso da Teoria do Percorso Gerativo de Sentido na Análise Documental de textos narrativos de ficção, culminando em uma tese de livre-docência e muitos outros trabalhos.

Sabbag (2013) traz que a necessidade de aplicação dessa perspectiva de pesquisa surgiu após a verificação de que métodos e operações intelectuais que se referiam à Análise Documental de textos narrativos de ficção resultavam em silêncio, ou então em muitos ruídos, trazendo representações pouco adequadas e insuficientes, e, dessa forma, recuperação com resultados insatisfatórios. Tais pesquisas resultaram em dissertação e tese, produzidas pela autora.

Quanto a AD de Matriz Francesa, no grupo de Análise Documental, atual Linguagem, Discurso e Organização do Conhecimento, pesquisas acerca do tema têm sido desenvolvidas desde 2011, inicialmente voltadas para a construção do discurso terminológico da Ciência da Informação por meio de estudos de periódicos da área, onde artigos são analisados e visam sistematizar como o termo “Ciência da Informação” é tratado, como e porque os discursos em torno do termo são construídos.

Trabalhos de conclusão de curso, teses e dissertações foram escritas sobre o tema, como por exemplo, Silva (2001), Barros (2010, 2014), Lima (2015, 2017, 2021), Caprioli (2016, 2018), entre outros em andamento, momento em que os interesses por pesquisas relacionadas ao tema tomaram forma.

Partindo disso e diante das inconsistências encontradas no processo de representação e recuperação da informação, principalmente de textos de ficção, surge o problema de pesquisa: existe um modo de colaborar com a representação de contos em unidades de informação de maneira que facilite ao profissional a análise e identificação de assuntos para indexação?

Assim, como **Objetivo Geral** propõe-se a análise de contos de autores de diferentes momentos da literatura no país por meio da Análise do Discurso Literário para auxiliar na construção de um modelo de leitura para contos com foco na utilização em unidades de

informação de maneira efetiva, evidenciando, no processo, a diferença entre os textos científicos e os textos literários.

Enquanto os **Objetivos Específicos**:

- Levantar conceitos fundamentais de Representação e Recuperação da Informação, Textos Científicos e Literários, Análise do Discurso e Análise (AD) do Discurso Literário (ADL) e todos os outros fundamentais para a caracterização da base teórica da tese;
- Observar e evidenciar as diferenças entre os textos científicos e os textos literários, especificamente os artigos científicos e os contos;
- Analisar os contos: “Na Arca” e “O espelho” de Machado de Assis, do livro “Papéis avulsos” com a Análise do Discurso Literário para observar os discursos proferido;
- Analisar os contos: “Coincidências” e “Beijinhos no rosto”, de Rubem Fonseca, do livro “Secreções, excreções e desatinos” com a Análise do Discurso Literário para observar os discursos proferidos;
- Analisar os contos: “O lançador de batatas” e “Eu desconfio que...”, de Fernanda Young, do livro “Estragos” com a Análise do Discurso Literário para observar os discursos proferidos;
- Analisar os contos: “Bia não quer merendar” e “Nós, os que restamos”, de Rodrigo Ciríaco, do livro “Te pego lá fora” com a Análise do Discurso Literário para observar os discursos proferidos;
- Observar qual a realidade das Representação e Recuperação da Informação de contos para o contexto de Bibliotecas Públicas, com exemplo da Biblioteca Municipal de Marília “João Mesquita Valença”;
- Propor um modelo de leitura para contos, que auxiliará na retirada de termos para a representação e indexação em bibliotecas;
- Aplicar o modelo de leitura nos contos selecionados para comprovar sua aplicabilidade.

Em pesquisa de mestrado foi possível observar que a ADL se trata de uma metodologia viável para a análise e representação da informação de obras de ficção, pois faz parte da Análise Documental da obra, mais especificamente do momento de identificação de assuntos e termos que servirão para representá-la no tratamento temático, ou seja, torna-se parte importante para a representação de obras narrativas de ficção, visto que bibliotecários em unidades de informação tem maior foco em textos científicos e menos em textos literários, mesmo esses existindo em grandes quantidades.

Foi possível observar, também, a relevância dos estudos de AD em espaços sociais, não somente no acadêmico-institucional, visto que é de suma importância explicitar a parte social vinculada ao discurso, e entender o que se quer passar com o que está escrito, além das palavras impressas, tornando o estudo e compreensão do autor das obras algo importante para se entender porquê e como o discurso foi produzido por ele.

Dessa forma, além de ser relevante para a identificação de assuntos para a representação temática da informação, a ADL tem um papel importante no auxílio ao profissional para a compreensão do contexto da obra e em que circunstâncias ela foi produzida para que a representação seja adequada e a recuperação mais eficiente.

No capítulo 2 os conceitos de Análise Documental, Representação e Recuperação da Informação foram trazidos à tona para o entendimento de onde a tese se encaixa e como as representações são importantes para as unidades de informação. Trabalhando dentro desse tópico, também, a indexação e os modelos de leitura existentes, desenvolvidos para auxiliar a indexação das obras, com a intenção de dar bases para a proposta de desenvolvimento de um Modelo de Leitura para análise de contos. A última etapa trabalhada no capítulo foi a realidade da indexação de textos literários e ruídos em sua recuperação, principalmente os contos, com exemplificação da Biblioteca Municipal de Marília “João Mesquita Valença”, onde a experiência como bibliotecária permite a comprovação das dificuldades.

No 3 os textos científicos e narrativos de ficção foram tratados, pois se trata de um dos objetivos da tese para que se possa observar as diferenças estruturais de ambos, além de constituir parte do *corpus* de pesquisa, uma vez que os contos (um gênero específico dos textos narrativos de ficção) foram analisados. Aqui, especificamente foram tratados os artigos e os contos, gêneros específicos de cada tipo de texto, os últimos por serem o *corpus* de pesquisa e os primeiros por já terem sido objeto de estudo de monografia e também por serem os textos mais analisados com AD, além dos mais estudados quando se fala de representação em unidades de informação. Pretendeu-se construir uma comparação entre eles para que a importância dos textos literários fosse evidenciada.

Seguindo no mesmo prisma de exploração de conceitos e definições, o capítulo 4 foi dedicado ao Discurso Científico e Literários, visto que são os discursos presentes nos textos definidos anteriormente.

E com a metodologia, chega-se ao capítulo 5, onde foram expostos os métodos e materiais para chegar a conclusão da pesquisa. Até esse capítulo foram levantados conceitos e explanadas as bases bibliográficas para a construção teórica do trabalho, a partir dele, a pesquisa toma um caráter aplicado, onde a ADL foi empregada nos textos literários, no capítulo 6, de

maneira a comprovar sua eficácia em contos de autores de diversos momentos literários. Aqui houve a explicação detalhada das etapas da análise, mostrando a elaboração das categorias para isso, e a criação e aplicação do Modelo de Leitura para contos.

No capítulo 6, então, tratou-se da aplicação do modelo de ADL, que incluem a exploração dos autores, suas vidas e o contexto em que escreveram seus textos e também a exposição do *corpus* da pesquisa. Ainda nesse capítulo, foram expostas as análises de maneira sistematizada, em uma tabela, para que facilitasse a aplicação do modelo proposto no próximo capítulo.

No capítulo 7 a proposta de Modelo de Leitura para indexação de contos foi aplicada, e houve a comprovação da sua eficácia; também uma sistematização dessa aplicação foi apresentada.

As tabelas apresentadas em todos os capítulos servem para melhor visualização dos resultados e análises, além de se tratar de uma tradição de pesquisa.

Por fim, o capítulo 8 as conclusões da tese foram apresentadas.

2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, ANÁLISE DOCUMENTAL¹, REPRESENTAÇÃO E RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO.

A C.I. se trata de um campo interdisciplinar, cujos pressupostos teóricos e metodológicos fornecem base conceitual para fazeres profissionais distintos, como a biblioteconomia (PINHEIRO, 1999; SMIT & BARRETO, 2002), e encontra na produção, na organização e no uso da informação a base sobre a qual se assenta seu universo epistemológico, segundo Kobashi (1994) enquanto etapas do ciclo de operações documentais (GUIMARÃES, 2009).

Na biblioteconomia, Russo (2010) observa que a área era composta de duas subáreas: a administrativa e a técnica. Enquanto a administrativa se preocupava com a arquitetura, o local, o mobiliário, o pessoal, o uso, o regulamento e os recursos financeiros, para que um serviço eficiente fosse oferecido para seus usuários, a técnica se preocupava em organizar as informações com a catalogação, a classificação e o ordenamento das obras em suas estantes, além da seleção de novas obras.

¹ O uso da expressão *análise documental* ao invés de *análise documentária* se deve ao fato do padrão em Língua Portuguesa da derivação dos adjetivos, a partir dos substantivos terminados em *-nto* (comportamento, monumento, departamento, etc.), ser feita em *-al* (comportamental, monumental, departamental, etc.) (GUIMARÃES, NASCIMENTO, MORAES, 2005, p.01).

Entretanto, esses conceitos são discutidos e contestados, pois o usuário é colocado em segundo plano nesse cenário, sendo a parte técnica considerada primordial. Sabe-se que atualmente não é mais dessa forma que se pratica e se pensa a biblioteconomia.

O usuário passou a ser o centro de todas as atividades bibliotecárias, com os serviços pensados e elaborados para que suas necessidades sejam resolvidas. O profissional da informação passou a pensar na forma que está fazendo e para quem está fazendo, e, com isso, passou-se a questionar o papel social do bibliotecário e da biblioteconomia.

Benkendorf, Momm e Silva (2018), em uma apostila voltada para a graduação de biblioteconomia, mostram que a função social da área se torna muito importante a partir do momento que faz uma conexão entre os que produzem o conhecimento e os que utilizam esse conhecimento.

Utilizam-se de Santos, Duarte e Lima (2014) para continuar afirmando que a área compila e organiza o conhecimento e a informação e faz a disseminação aos que procuram e precisam. Faz isso de maneira sistematizada e com apoio das tecnologias, acompanhando as necessidades de informação que aparecem com o desenvolvimento do ser humano em sociedade.

Dessa maneira, no âmbito da organização da informação, de forma mais específica, dois universos aparecem, uma vez que se trata de uma atividade de natureza mediadora: um ligado ao acesso físico do documento e outro ligado ao acesso do conteúdo informacional, esse último tratado como Tratamento Temático da Informação (TTI), segundo Foskett (1973) e Guimarães (2009), ou ainda Análise Documental de forma e de conteúdo, segundo Ruiz Perez (1992).

Segundo Guimarães (2009), a área do TTI pode ser analisada historicamente sob três vertentes teóricas: a catalogação de assunto (*subject cataloguing*), de matriz norte-americana; a indexação (*indexing*), de matriz inglesa; e a análise documental (*analyse documentaire*), de matriz francesa.

No âmbito da Análise Documentária, segundo a linha teórica de Gardin, a Indexação é vista como uma operação de representação documentária com a finalidade pragmática de Recuperação da Informação. Contudo, sob a perspectiva de outros teóricos, principalmente ingleses e norte-americanos, a Indexação é a própria Análise documentária, composta das mesmas etapas operacionais com o objetivo de representação do conteúdo informacional de documentos para a elaboração de índices (SILVA; FUJITA, 2004, p. 136).

De forma resumida, Sabbag (2013, p. 92) apresenta o quadro a seguir explicando as três concepções, incluindo sua orientação teórica, ênfase, atividade, influência, autores relevantes, universo brasileiro e principal meio de divulgação:

Quadro 1 - Concepções acerca do Tratamento Temático da Informação

SUBJECT CATALOGUING	INDEXING	ANALYSE DOCUMENTAIRE
Orientação: predominante norte-americana a partir do final do Século XIX	Orientação: predominantemente inglesa em meados do século XX	Orientação: predominantemente francesa com reflexões na área científica da Espanha e do Brasil, a partir da década de 60
Ênfase: Catálogo (produto)	Ênfase: índices (produtos)	Ênfase: dimensão teórico-metodológica (procedimentos envolvidos no processo)
Atividade: Voltada diretamente para a atividade profissional em Bibliotecas	Atividade: Voltada para a atividade bibliotecária tradicional incluindo, também, os centros de documentação especializados e o universo editorial.	Atividade: Voltada para o próprio processo de TTI, ou seja, a explicitação dos procedimentos voltados para a identificação e seleção de conceitos para posterior representação e geração de produtos.
Influência: Forte influência da Escola de Chicago. Influenciada pelos princípios de catalogação de Cutter e pelos cabeçalhos de assunto da Library of Congress, tendo ênfase no catálogo, sendo esse produto do tratamento da informação em Bibliotecas.	Influência: Influenciada pelos trabalhos do Classification Research Group. Os produtos do tratamento temático da informação são índices que são decorrentes da utilização de linguagens de indexação, como os tesauros. Tem preocupação de natureza mais teórica sobre a construção das linguagens. Influenciada, também, pelos trabalhos teóricos de Ranganathan.	Influência: Tem interface com a Lógica, Terminologia, e especialmente com a Linguística. Tem como diferencial a preocupação da busca de dimensão metodológica para a área onde a definição e explicitação de procedimentos deve preceder primordialmente a questão das linguagens de indexação ou a geração de produtos. Tendo como autores pioneiros: Coyaude e Gardin.
Autores: Cutter, Kaiser, Coates, Hope Olson e Sanford Berman	Autores: Foskett, Austin, Farradane, Metcalfe, Aichinson, Gilchrist e Lancaster	Autores: Coyaude, Gardin, Rafael Ruiz Perez, Maria Pinto Molina
Universo Brasileiro: Programa de Pós-Graduação da UFMG	Universo Brasileiro: Programa de Pós-Graduação do IBICT e UnB	Universo Brasileiro: Estudos do Grupo TEMMA, da Escola de Comunicações e Artes da USP
Principal meio de divulgação: Periódico Cataloguing and Classification Quarterly, iniciado em 1980 e publicado pela Harworth Press. Dedicado a questões de organização de registros bibliográficos e ao controle bibliográfico em geral (www.cataloguingaclassificationquarterly.com)	Principal meio de divulgação: Periódico The Indexer, iniciado em 1958 e publicado pela Society of Indexers. Dedicado a questões relativas a história, organismos, sistemas, padrões, métodos, práticas e tecnologias de indexação (www.theindexer.org).	Principal meio de divulgação: Periódico Documentaliste e Journal of Documentation. Apesar da linha não apresentar um periódico que abrigue de forma mais específica às discussões dessa linha, esses periódicos apresentam maior presença de artigos relacionados às questões metodológicas de análise.

Fonte: Sabbag (2013), adaptado de Guimarães (2008) e Antonio (2008).

Dessa forma, no contexto histórico, a Análise Documental tem sua concepção, principalmente, a partir dos estudos de Gardin (1966a, 1966b; 1967; 1970; 1973; 1974; 1981) e de Coyaud (1966), na França a partir da década de 60. A Escola Francesa a encara como uma área (todo), onde se insere a indexação propriamente dita (parte), enquanto processo de representação documental, fase final do tratamento, utilizando-se de instrumentos (linguagens) para a geração de produtos documentais (índices, notações classificatórias, etc.) (GUIMARÃES; SALES, 2010), como visto anteriormente.

Moraes (2011), baseado em Guimarães, Moraes e Guarido (2007, p. 98), traz conceitos de Análise Documental definidos internacionalmente, sendo eles:

Quadro 2 - Definições de Análise Documental

Autor(es)	Definições
RUIZ PEREZ ²	Conjunto de operações necessárias para a extração da informação contida nas fontes primárias de modo a prepará-la para sua posterior recuperação e utilização.
CHAUMIER ³	Operação ou conjunto de operações visando a representar o conteúdo de um documento sob uma forma distinta de seu estado original, com o fim de facilitar a consulta ou a posterior localização
GARDIN et al ⁴	Toda operação ou grupo de operações que buscam a representação de um documento sob uma forma distinta da original , seja por tradução, resumo ou indexação, de modo a facilitar a recuperação por especialistas interessados
GARCÍA GUTIÉRREZ ⁵	Técnica documental que permite, mediante uma operação intelectual objetiva, a identificação e transformação dos documentos em produtos que facilitem a consulta aos originais, em áreas de controle documental, e com o objetivo último de servir à comunidade científica
PINTO; GALVEZ ⁶	Processo duplo de identificação e representação do texto / documento

Fonte: Moraes (2011, p. 26-27), baseado em Guimarães, Moraes e Guarido (2007, p. 98)

Em solo brasileiro, como visto brevemente no quadro 1, a abordagem francesa encontrou bases para prosperar no espaço acadêmico, a partir de estudos de Natali (1978) e Smit (1974), que início dos anos 80 criou o Grupo TEMMA, da Escola de Comunicações e Artes da USP, e desde então desenvolve significativa trajetória de construção teórico-metodológica de Análise Documental no país com autores como: Eunides Aparecida da Vale, Anna Maria Marques Cintra, Isabel M. R. Ferin Cunha, Maria de Fátima G. M. Tálamo, Johanna Smit, Nair Yumiko Kobashi e Regina K. Obata F. Amaro (SABBAG, 2013).

² RUIZ PEREZ, 1992, p.51.

³ CHAUMIER, 1988, p.17.

⁴ GARDIN *et al.*, 1981, p.29.

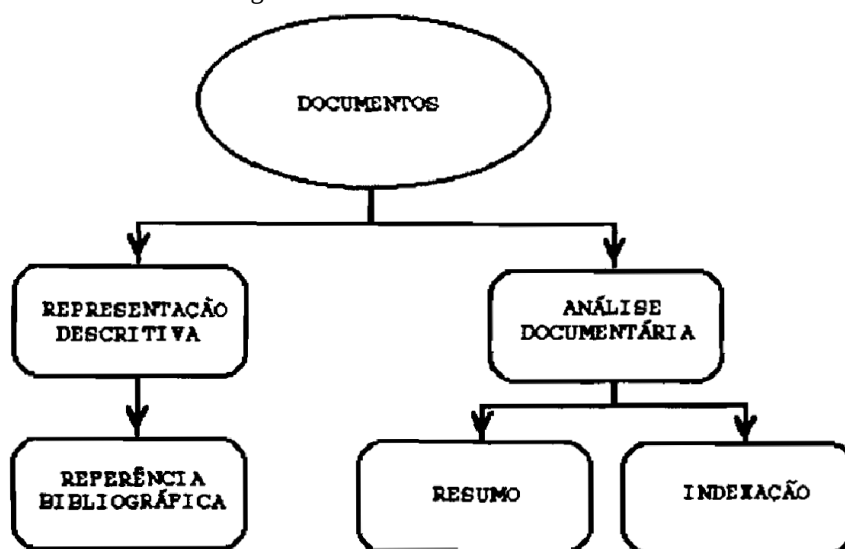
⁵ GARCÍA GUTIÉRREZ apud RUIZ PEREZ, 1992, p.59.

⁶ PINTO; GALVEZ, 1999, p.31.

Utilizando das bases brasileiras, portanto, para Kobashi (1994), a Análise Documental se trata de uma disciplina de natureza teórica e prática que integra a Ciência da Informação, que assimila os objetivos globais de sua área com a intenção de terminar e criar princípios e mecanismos que promovam a circulação da informação de documentos. Ainda responde pelo “conjunto de procedimentos utilizados para exprimir o conteúdo dos documentos científicos sob formas destinadas a facilitar a sua localização ou consulta” (GARDIN, 1987, p. 48-49).

Quando se fala em documentos, Kobashi (1994) traz a necessidade de estabelecer a distinção entre dois aspectos que são inerentes a ele: seu suporte material e seu conteúdo. Cada um passa por processos de tratamento diferenciados, como mostra na figura:

Figura 1- Tratamento documentário



Fonte: Kobashi (1994, p. 19).

O tratamento do suporte material, objeto da Representação Descritiva, ou Catalogação, tem a intenção de descrever de forma normalizada os aspectos físicos do documento, como nome da obra, do autor, local de publicação, ano de publicação etc., para que haja seu acesso de forma física.

Já o tratamento do conteúdo, a Análise Documental, tem, por sua vez, a intenção de elaborar representações condensadas do que é dito no texto. As representações documentais típicas são, segundo Kobashi (1994), o resumo e índice.

Levando em consideração também Chaumier (1982, p. 27), Análise Documental abrange, então, dois tipos de tratamentos diferentes: o resumo, uma condensação que se vale de uma redução do texto para fins de difusão da informação, e a indexação, que se vale da extração de conceitos para servir de apoio a recuperação.

O resumo diz respeito à condensação da informação, enquanto índice se refere à função de indexação ou ainda de classificação, porém a autora preferiu tratar de forma genérica, uma vez que ambas são operações de mesma natureza, porém com denominações diferenciadas para representação do conteúdo, de acordo com o sistema de conversão utilizado.

Aqui, o foco está na indexação, pois se tem o objetivo de identificar termos que representem os documentos que serão analisados, porém, foi mais bem tratada na próxima subseção, possuindo-se a intenção de explicar detalhadamente o funcionamento da indexação.

Então, pode-se afirmar, segundo Kobashi (1994), que a Análise Documental não se reduz a um conjunto de regras perenes, utilizáveis em todas as circunstâncias. Ela é

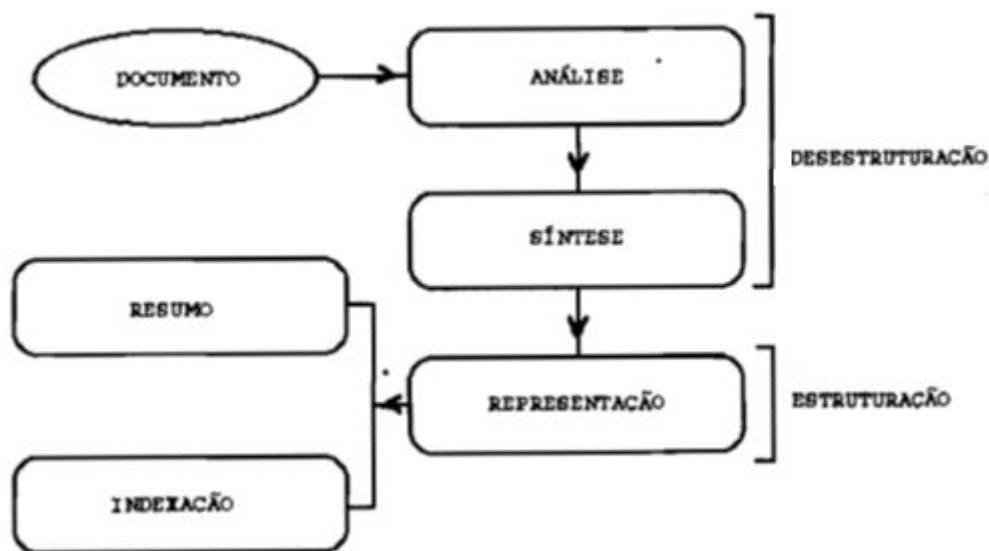
uma disciplina de natureza metodológica que, para avançar teórica e praticamente, deve criticar continuamente seus pressupostos, procedimentos e instrumentos; deve, ao mesmo tempo, com base na reflexão permanente, elaborar novas hipóteses de trabalho que contribuam para aperfeiçoar os processos que lhe dizem respeito (KOBASHI, 1994, p. 22).

Dessa forma, a Análise Documental apresenta três aspectos que não podem ser dissociados, pertencentes as esferas: produção, pragmática e teórica (KOBASHI, 1994).

A esfera da produção é onde são concebidas as regras de geração das modalidades de informação documental. A esfera da pragmática é onde se identificam as condições de aderência entre usuários e sistema documental. Finalmente, a teórica é onde se determina o próprio objeto da Análise Documental, seus métodos, funções e procedimentos metodológicos.

Com isso, do ponto de vista metodológico, a Análise Documental é definida como uma operação com textos, com suas operações básicas caracterizadas na figura a seguir:

Figura 2 - Fabricação da Informação Documental



Fonte: Kobashi (1994, p. 23).

A figura mostra que o documento passa por etapas, sendo a primeira a desestruturação, operação de distinção e seleção da informação essencial e da acessória. A seleção se trata de uma tarefa complexa, uma vez que implica em atribuir valor às informações contidas no texto.

Então, as informações selecionadas são estruturadas, ou seja, são submetidas a um processo de combinação, de maneira que se construam em novos textos, os resumos, ou em símbolos de uma linguagem documental, a indexação.

É aqui que se acredita que o presente trabalho esteja inserido, visto que houve análise de textos narrativos de ficção, por meio da Análise do Discurso Literário para observação da estruturação dos documentos, buscando auxiliar na Representação da Informação, ou seja, para que haja uma síntese e depois uma representação, etapa que se encontra na estruturação.

Para Kobashi (1994, p. 47), a palavra representação pode assumir inúmeras definições dependendo do contexto em que está sendo utilizada. Por possíveis equívocos polissêmicos que o termo pode causar, determinou alguns significados que a palavra pode assumir, particularizando o sentido específico no processo de Análise Documental.

Para facilitar a visualização dos conceitos, Sabbag (2013) monta o quadro a seguir:

Quadro 3 - Representação Documental

AUTOR	CONTEXTO	DEFINIÇÃO
Ferreira, 1990	Senso Comum	Entende “representação” como reprodução daquilo que se pensa ou como substituição, descrição e “representar” como o ato de reproduzir, descrever, tornar algo presente, interpretar, etc.

Ferrater Mora, 1971	Filosofia	A palavra “representação” refere-se aos diversos modos de apreensão de um objeto. Assim, no sentido aristotélico, a representação é assimilada à fantasia intelectual ou sensível, enquanto para os estoicos ela está relacionada à impressão direta ou indireta. Para Descartes ela é imaginação, para Spinoza, apreensão sensível, enquanto em Kant ela é apreensão intuitiva ou conceptual. No sentido da de percepção, ela está presente em Leibnitz, sendo a representação o mesmo que ideia para Locke e Hume.
Ferrater Mora, 1971	Sistematiza os diversos sentidos do termo:	a) Representação enquanto apreensão de um objeto efetivamente presente, sendo desse modo, assimilado a percepção; b) Representação enquanto reprodução de percepções passadas na consciência, portanto recordação; c) Representação como imaginação; d) Representação como alucinação.
Benveniste, 1991	Linguística	A representação é um conceito associado ao aparecimento da imagem verbal-mental no falante. A linguagem está no lugar de outra coisa. O signo tem a função de representar tomando o lugar de outra coisa que vai evocar o seu substituto.
Peirce, 1977	Semiótica	Representar adquire um sentido bastante próximo ao do conceito linguístico de representação definido por Benveniste. Representar é estar no lugar de, estar em uma relação com um outro que é compreendido por uma mente como se fosse outra coisa.
O’Sullivan, 1983	Ciência da Comunicação	Representação é um conceito mediador entre o emissor e o receptor. Também entendido como processo e produto social da construção de sentidos, utilizando qualquer sistema de significação.
Kobashi, 1994	Documentação	O termo “representação” é um conceito primitivo, associado de um lado, à noção de descrição de aspectos que identifiquem materialmente os documentos (catalogação) e, de outro, ao processo e ao produto da condensação de conteúdos de textos, ou seja, à indexação e à elaboração de resumos (processo) e aos próprios índices e resumos (produtos).
Gardin, 1974	Análise Documentária	A representação resulta de procedimentos inferenciais mais complexos que a descrição dos aspectos materiais do documento. A operação de construir representações documentárias é assimilada aos processos realizados no interior das ciências que analisam e interpretam textos. É uma operação semântica. “A passagem do texto original para esse gênero de ‘representação’ – empregaremos doravante este termo para designar o produto da análise documentária – é sem dúvida uma operação semântica, mesmo que ela não obedeça, na maioria das vezes, a nenhuma espécie de regra precisa, e que cada organismo de documentação, e mesmo cada analista, se limite a buscar no documento a ocorrência de uma certa regularidade interna, fundada muito mais na experiência ou no hábito, do que em algum tipo de procedimento explícito”.

Fonte: Sabbag (2013, p.85-86), adaptado de Kobashi (1994)

No contexto que aqui interessa, ou seja, o da Análise Documental, a representação documental tem carácter individualizante e estabelece um vínculo entre o documento original e seu substituto e que, para tanto, faz uso de um instrumento comutador – uma Linguagem Documental. Desse modo, segundo Lara (1993, p. 62):

Tradicionalmente, procura-se no texto a invariante documentária registrada pelo código. Por esses motivos, as representações documentárias são de carácter generalizante. Por sua vez, o código intermediário determina o nível de informação a ser vinculado.

A Linguagem Documental tem o papel de transformar o que está escrito em um texto em uma linguagem que pode ser compreendida e utilizada por determinada unidade de informação para representar tais informações. Lara (1993) afirma que as representações documentais são de carácter generalizante e que o nível de informação a ser veiculado é determinado pelo código de intermédio a ser usado.

Segundo Sabbag (2013), a Linguagem Documental, enquanto código comutador, também pode ser conhecida como: Linguagem de Indexação, linguagem de informação, sistema de classificação, listas de cabeçalhos de assuntos, entre outros. Podem ser selecionadas de várias fontes: linguagens de especialidades, linguagem de uso corrente e terminologias da área (KOBASHI, 1994).

Nesse momento, torna-se importante ressaltar que o objeto da Análise Documental é a informação documental.

Informação documental “remete a sistemas de significação que só se consubstanciam nos documentos. Em decorrência, a representação documental deve se remeter a esses sistemas se quiser transmitir informação” (LARA, 1993, p. 63), ou seja, os códigos comutadores.

Segundo Kobashi (1994), a informação documental é o resultado de operações de natureza semântica, uma representação particular que deve manter com o documento original uma relação de similaridade. Ainda:

Embora a informação documentária seja obtida, de um lado, pela neutralização do poder expressivo do texto e, de outro, moldada de acordo com formas previamente determinadas, prevalece a idéia de algo que, apesar de ser formalmente diferente do original, portanto "representação", é equivalente a ele, do ponto de vista do conteúdo informacional (KOBASHI, 1994, p.50).

É extraída dos textos onde veiculam vários tipos de informação, e para a Análise Documental, esses textos são documentos onde a informação documental está representada por

meio de códigos próprios e com o objetivo da disseminação e recuperação (LARA, 1993; SABBAG, 2013).

Dessa forma, a Análise Documental compõe um conjunto de operações com propriedades analítico-sintéticas que têm como objetivo a análise do conteúdo temático de documentos, sua síntese, condensação e representação por meio das Linguagens Documentais, para recuperação pelos usuários.

Passa-se agora, para uma revisão sobre indexação, para que os conceitos e definições fiquem claras para o trabalho.

Posteriormente irá ser tratado o conceito de Modelo de Leitura, qual sua utilidade para a indexação e qual a importância de construir um modelo para a utilização em contos.

Na mesma perspectiva, torna-se importante tratar, também, da realidade das representações e indexações de textos de ficção e contos em bibliotecas, citando principalmente as públicas, onde há experiência de atuação e conhecimento do acervo.

2.1 INDEXAÇÃO

Fujita (2003a) - um nome de prestígio quando o assunto é indexação no país - traz que o ato de indexar é uma prática bastante antiga no tratamento de documentos, uma vez que se sabe que nas chamadas bibliotecas da Antiguidade já existiam listas dos documentos armazenados ali. Porém, foi a partir do momento que a ordenação dessas listas precisou de uma organização por assunto, que se estabeleceram mudanças na abordagem do ato mecânico de construir índices, ou seja, foi introduzido um processo de análise do conteúdo dos documentos.

Ainda, segundo a autora, a indexação como processo de Análise Documental tomou intensidade na realização desde o aumento de publicações periódicas e de literatura técnico-científica de maneira geral, pois essas publicações impulsionaram a necessidade de criação de mecanismos de controle bibliográfico em centros de documentação especializados.

Assim, as bibliografias como mecanismos de controle bibliográfico surgiram fora do âmbito das bibliotecas tradicionais e apresentavam uma evolução nas técnicas de tratamento da informação, dando impulso teórico-prático, naquela ocasião, a uma nova área: a Documentação (FUJITA, 2003a, p. 61).

Existem inúmeras definições e teóricos que discutem sobre indexação e Lima (2021) sintetizou em um quadro de forma clara:

Quadro 4 - Conceitos de indexação

Autor	Definição
ABNT (1992)	“[...] Ato de identificar e descrever o conteúdo de um documento com termos representativos dos seus assuntos e que constituem uma linguagem de indexação” (p. 2)
UNISIST (1981)	“[...] como a ação de descrever e identificar um documento de acordo com seu assunto” (p. 84)
CHAUMIER (1980)	“[a] indexação constitui a parte mais importante do processo de análise documental” se tratando de uma combinação metodológica estratégica entre o tratamento do conteúdo dos documentos e sua recuperação por um usuário” (p. 42)
NAVES (1996)	“A ação de identificar e descrever um documento de acordo com seu assunto é chamada ‘indexação’. Durante a indexação, os conceitos são extraídos do documento, através de um processo de análise e, então, traduzidos para os termos de instrumentos de indexação (tais como tesouros, listas de cabeçalhos de assunto, esquemas de classificação etc.)”
GUINCHAT E MENO (1994)	“A indexação como uma das formas de descrição de conteúdo. É a operação pela qual se escolhem os termos mais apropriados para indicar o conteúdo de um documento (p. 176)
LANCASTER (2004)	Implica na preparação de uma representação do conteúdo temático dos documentos. Consiste em um dos processos mais importantes do trabalho do bibliotecário, porque objetiva representar o conteúdo de um documento, por meio de termos extraídos de um texto original (p. 6)

Fonte: Lima (2021, p. 40-41).

Ainda Fujita (2003a), aproxima suas definições das clássicas expostas acima, citando Chaumier (1980) para reafirmar que a indexação é a parte mais importante da Análise Documental, porque condiciona os resultados de uma estratégia de busca. Ou seja, o bom ou mau desempenho da indexação irá se refletir na recuperação feita por meio de índices.

A indexação, como operação de representação documental se desenvolve de acordo com um processo composto de operações básicas. Segundo os “Princípios de indexação” do *World Information System for Science and Technology* (UNISIST, 1981, p. 84):

Durante a indexação, os conceitos são extraídos do documento através de um processo de análise, e então traduzidos para os termos de instrumentos de indexação (tais como tesouros, listas de cabeçalhos de assunto, esquemas de classificação, etc.)

Portanto, o processo de indexação compreende dois estágios: o analítico e a tradução. No estágio analítico é onde se realiza a compreensão do texto como um todo, fazendo a

identificação e a seleção de conceitos válidos para a indexação. Já no estágio de tradução é onde acontece a representação de conceitos por termos de uma linguagem de indexação (FUJITA, 2003a).

- Determinação do assunto: estabelecimento dos conceitos tratados num documento;
- Representação de conceitos por termos de uma linguagem de indexação: a tradução dos conceitos nos termos da linguagem de indexação (FUJITA, 2003a, p. 63).

A **Determinação de assunto**, ou Análise de assunto, também podendo ser conhecida como Análise Conceitual por Lancaster (2004).

Segundo Naves (2001, p. 192)

[...] o processo de análise de assunto, do ponto de vista do indexador, é iniciado com a fase de leitura do texto. Para isso, é necessário que se conheçam tipos e estruturas de textos para iniciar-se a sua leitura com fins específicos. Após essa leitura, passa-se à fase da extração de conceitos que possam representar o conteúdo temático do texto, para se chegar ao momento da fase de representação da atinência (aboutness), em que são definidos os termos em linguagem natural, denominados por Frohmann (1990) de frases de indexação, que, depois de traduzidos para uma linguagem de indexação, passam a ser chamados de descritores de assunto, cabeçalhos de assunto, palavras-chave, termos de indexação ou enunciados.

Dessa forma, pode-se subdividir a análise de assunto em três:

- compreensão do conteúdo do documento;
- identificação dos conceitos que representam este documento;
- e seleção dos conceitos válidos para recuperação (FUJITA, 2003a, p. 64).

Fica claro no texto “Princípios de indexação”, de 1981, que esses três estágios se superpõem na prática, mas sem explicitar em que momento isso acontece. Fujita (2003a) observou, entretanto, que a superposição acontece durante a leitura do documento.

O texto de princípios se refere a documentos gráficos e não gráficos para a etapa de compreensão do conteúdo do documento. Nos gráficos – monografias, jornais, livros, teses, periódicos etc. - mostra a impraticabilidade de leitura completa ou extensa do texto, embora seja a leitura ideal.

Assim, aponta um roteiro de partes importantes do texto que merecem atenção especial durante a leitura para que o indexador não perca nenhuma informação relevante, sendo elas:

[...] título, introdução e as primeiras frases de capítulos e parágrafos; ilustrações, tabelas, diagrama e suas explicações; conclusão; palavras ou

grupos de palavras sublinhadas ou impressas com tipo diferente (UNISIST, 1981, p.86).

Adverte que não é recomendada a indexação exclusivamente pelo título e resumo, pois “tanto o título quanto o resumo podem ser inadequados e em muitos casos nenhum dos dois será fonte segura do tipo de informação requerida por um indexador” (UNISIST, 1981, p.87).

Já os documentos não-gráficos – audiovisuais, visuais ou sonoros - se tratam de uma situação diferente. Neles, o título e/ou a sinopse se tornam importantes, e, muitas vezes, as únicas fontes de informação, uma vez que o exame minucioso desse tipo de material nem sempre é possível de ser realizado.

Na identificação dos conceitos que representam este documento, o indexador passa a abordar o documento de forma mais lógica, com a intenção de selecionar os conceitos que melhor representem seu conteúdo.

A escolha desses conceitos

[...] pode obedecer a um esquema de categorias reconhecidas como importantes no campo coberto pelo documento, ex: o fenômeno, o processo, as propriedades, as operações, o material, o equipamento, etc. (UNISIST, 1981, p.87).

Fujita (2003a, p. 64) observa que o texto “Princípios de indexação” não se refere à leitura durante os estágios de identificação e seleção de conceitos, mas é possível observar que se subtece na frase “[..] o indexador passa a abordar o documento de forma mais lógica”.

Por fim, na seleção dos conceitos válidos para recuperação, o indexador não é obrigado a registrar em termos indexadores todos os conceitos identificados durante o exame do documento. Os conceitos selecionados ou rejeitados dependem do objetivo das informações a serem indexadas (UNISIST, 1981).

Após a publicação dos “Princípios de indexação” em 1981, a primeira norma para análise, identificação de assuntos e seleção de termos de indexação foi publicada pela ISO, em 1985, sob o número 5693, nomeada “*Documentation - methods for examining documents, determining their subjects, and selecting indexing terms*”.

Em 1992 a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) traduziu a norma ISO 5693, sob o número 12.676, nomeada “Métodos para análise de documentos - determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação”.

A NBR 12.676 (1992, p.2), indica para a indexação três estágios:

A indexação consiste basicamente nos três estágios seguintes que, na realidade, tendem a se sobrepor:

- a) exame do documento e estabelecimento do assunto de seu conteúdo;
- b) identificação dos conceitos presentes no assunto;
- c) tradução desses conceitos nos termos de uma linguagem de indexação (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1992, p. 2).

No primeiro estágio, o exame do documento, a norma diferencia os documentos por sua forma física, distinguindo entre: impressos e não-impressos.

Os documentos impressos são apontados como os mais comuns em bibliotecas e centros de documentação, sendo os acervos constituídos basicamente de monografias, periódicos, relatórios, anais de congressos, etc.

Para esses documentos, considera ideal a leitura total e ao mesmo tempo aponta a impraticabilidade operacional de tal ação, oferecendo ao profissional indexador a possibilidade de analisar cuidadosamente partes do documento, sendo elas: título e subtítulo; resumo, se houver; sumário; introdução; ilustrações, diagramas, tabelas e seus títulos explicativos; palavras ou grupos de palavras em destaque (sublinhadas, impressas em tipo diferente, etc.); e referências bibliográficas (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1992). Tais partes analisáveis já são ligeiramente diferentes dos “Princípios de indexação”.

Porém, assim como nos “Princípios de indexação”, a norma não recomenda indexar apenas por um desses elementos isoladamente, pois podem representar fontes não confiáveis.

Para os documentos não impressos – multimeios, realia, etc. – os procedimentos são diferentes. Nesses casos a indexação geralmente é feita a partir do título e/ou da sinopse. Contudo, a norma recomenda que o indexador possua em mãos o item indexado para que possa ser consultado em caso dessas informações estarem inadequadas.

A abordagem da norma para a etapa de identificação de conceitos é diferente dos “Princípios de indexação”, indo além do esquema de categorias existente na área coberta pelo documento, indicando uma abordagem sistemática para a identificação de conceitos essenciais na descrição de assunto que recomenda um questionamento do texto através de questões preparadas para identificar determinados conceitos essenciais.

A lista a seguir mostra alguns exemplos dos aspectos sob os quais qualquer assunto pode ser analisado, segundo a norma, que também deixa claro que outras perguntas podem ser formuladas para disciplinas específicas:

- a) qual o assunto de que trata o documento?
- b) como se define o assunto em termos de teorias, hipóteses, etc.?
- c) o assunto contém uma ação, uma operação, um processo?
- d) o documento trata de agente dessa ação, operação, processo, etc.?
- e) o documento se refere a métodos, técnicas e instrumentos especiais?

- f) esses aspectos foram considerados no contexto de um local ou ambiente especial?
- g) foram identificadas variáveis dependentes ou independentes?
- h) o assunto foi considerado sob um ponto de vista interdisciplinar? (p.ex.: um estado sociológico da religião) (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1992, p. 2).

Fujita (2003a) explicita que a leitura, nesse momento de identificação de conceitos, parece estar implícita pois a identificação deve ser feita por meio dos questionamentos, o que implica uma não interrupção de leitura, mas sim um exame que corresponde à exploração de partes do texto. “Assim, presume-se que a identificação e seleção de conceitos deva ser realizada durante a leitura” (FUJITA, 2003a, p. 67).

Ainda na identificação de assunto e diferente dos “Princípios de indexação”, a NBR 12.676 inclui a seleção de conceitos para depois traduzi-los em linguagem de indexação.

Para isso, recomenda-se que o indexador não precisa representar como termos de indexação todos os conceitos identificados nessa etapa, mas deve selecioná-los de acordo com o objetivo de uso, levando em consideração os mais apropriados para uma determinada comunidade de usuários, adaptando os instrumentos de indexação e os procedimentos em função da retroalimentação obtida por meio dos pedidos de informação.

O indexador não precisa necessariamente representar com termos de indexação todos os conceitos identificados durante o exame do documento. A escolha dos conceitos que devem ser selecionados depende da finalidade para a qual são usados os termos de indexação. Neste caso, as características da indexação mais afetadas são: seu grau de exaustividade e a especificidade dos termos selecionados (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1992, p. 3).

Simões (2011) conceitua exaustividade como “[...] o número de noções que são extraídas e que caracterizam um documento” (SIMÕES, 2011, p. 42).

Segundo a NBR 12.676: “A exaustividade se refere ao número de conceitos (...) representados pelos termos atribuídos a um documento pelo indexador” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1992, p. 3).

Para Lancaster (2004), pode ser considerar uma decisão política da indexação, onde não se assume o limite para a quantidade de termos que devem ser empregados. Segundo o autor, a exaustividade diz respeito “[...] ao número de termos atribuídos em média [...] a indexação exaustiva implica o emprego de termos em número suficiente para abranger o temático do documento de modo bastante completo” (LANCASTER, 2004, p. 27).

Para ele, quanto maior o número de termos usados para a representação, maior será a probabilidade de acesso na recuperação, dessa forma, uma indexação exaustiva irá demonstrar

todos os assuntos específicos de um documento, assim como os assuntos mais gerais (EVANGELISTA, 2016).

Já a especificidade possui uma abordagem mais qualitativa, enquanto a especificidade se mostra mais quantitativa.

Borko e Bernier (1978) trazem que a especificidade diz respeito ao nível de pormenor com que os assuntos de um documento são tratados, e assim, traduzindo a especificidade que o autor lhe deu (EVANGELISTA, 2016).

Para a NBR 12.676:

A especificidade se refere ao grau de precisão com que um termo defini determinado conceito no documento. Ocorre perda de especificidade quando um conceito é representado por um termo com significado mais genérico. Os conceitos devem ser identificados o mais especificamente possível (...) (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1992, p. 3).

O conceito de especificidade para Simões (2011, p. 42) está ligado ao “[...] grau de exatidão com o qual são extraídos os conceitos dos documentos, assim como o grau de exatidão que é usado na representação desses mesmos conceitos”.

Dessa forma, itens indexados de forma mais específica permitem uma recuperação mais precisa em relação ao que o usuário solicita.

Fica claro, portanto, que as etapas e estágios da indexação se sobrepõem de forma inconsciente, uma vez que a ação de indexar é uma atividade intelectual que não possui separação no momento de execução, ou seja, na teoria, pode-se estabelecer essas diferenças, mas no momento que o profissional está indexando, essas etapas passam a constituir uma só ação: a de indexar.

Na etapa de tradução dos conceitos nos termos de uma linguagem de indexação recomenda-se procedimentos para a verificação de descritores controlados, observando as seguintes práticas:

- a) usar os descritores cabíveis já existentes na linguagem de indexação utilizada;
- b) para os termos que representam novos conceitos, deve-se verificar sua precisão e aceitabilidade em instrumentos de referência, tais como:
 - dicionários e enciclopédias de autoridades reconhecidas nas suas especialidades;
 - tesouros, especialmente os elaborados de acordo com as ISO 2788 ou ISO 5964;
 - tabelas de classificação (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1992, p. 3).

A mesma norma, com o item "controle de qualidade", aponta a necessidade de qualidade e consistência em indexação e ainda relaciona os fatores que a garantem: a imparcialidade do indexador, o conhecimento do indexador sobre o campo coberto pelos documentos a serem indexados, as vantagens do contato direto com o usuário e a receptividade das linguagens de indexação para novos termos (FUJITA, 2003a).

A linguagem de indexação ou linguagem documentária, segundo Fujita e Gil Leiva (2010, p. 4), usando como base Van Slype (1983), é definida como “um sistema de representação do conteúdo dos documentos e das perguntas, tendo como finalidade a recuperação dos documentos Para isso é dotada de estrutura própria, controlada, padronizada e hierarquizada”. Tendo como seu principal objetivo assegurar controle de vocabulário para assuntos gerais e específicos.

Para Gil Urdiciain (2004, p. 17), a linguagem de indexação é considerada como “[...] todo sistema artificial de signos normalizados, que facilitam a representação formalizada do conteúdo dos documentos para permitir a recuperação, manual ou automática de informação solicitada pelos usuários”.

Elas diferem na estrutura como são constituídas, no universo de conhecimento que abrangem e nas funções que pretendem desempenhar, podendo ser conhecidas no campo da Ciência da Informação como: sistemas de classificação, lista de cabeçalhos de assunto, e tesouros.

Os sistemas de classificação são instrumentos usados para a criação de notações que possibilitam a organização física dos documentos. São amplamente utilizados em bibliotecas na elaboração de números de chamada que permitem a organização do acervo (TORRES; ALMEIDA, 2015).

Os primeiros sistemas criados são de natureza enciclopédica ou universal, tendo como objetivo cobrir todos os aspectos do conhecimento, como a Classificação Decimal de Dewey (CDD), a Classificação Decimal Universal (CDU) e a *Library of Congress* (LC). Ranganathan criou, posteriormente, a *Colon Classification*, que se trata de um sistema facetado e que visava domínios particulares, possibilitando a combinação de conceitos para representação de assuntos complexos, dando flexibilidade à representação temática (CINTRA, 2002).

Os sistemas de classificação agrupam conceitos semelhantes ou relacionados, o que permite maior ou menor escala de coordenação de assuntos e representação de elos hierárquicos. Apresentam-se de forma alfabética ou sistemática, na maioria das vezes. Torres e Almeida (2015, p.5), esclarecem que “na forma sistemática, apresentam uma estrutura [que] permite compreender as relações existentes entre os conceitos de uma dada área do

conhecimento”. São pré-coordenados, ou seja, a combinação dos assuntos é feita no momento da indexação e podem trazer problemas devido a impossibilidade de prever todas as combinações entre os conceitos.

As listas de cabeçalhos de assunto também são pré-coordenadas, expressas em linguagem natural e se trata de vocabulários controlados usados na representação do conteúdo temático, os assuntos, de itens bibliográficos presentes em um acervo de biblioteca.

Um vocabulário controlado, segundo Lancaster (2004), é, essencialmente, uma lista de termos autorizados que comumente inclui uma estrutura semântica, e que são utilizados para a representação de assunto dos documentos pelo indexador. Podem ser consideradas uma inovação para os catálogos de bibliotecas, uma vez que foram criadas para atender o público comum e leigo, não o erudito, como acontecia com outros instrumentos de organização da informação até o momento (TORRES; ALMEIDA, 2015).

Como características das listas de cabeçalho de assunto, Lancaster (2004) afirma sua base alfabética, além do controle de sinônimos, distinção de homógrafos e agrupamento de termos afins. Porém, não há distinção clara entre as relações hierárquicas e associativas.

Ainda:

As listas de cabeçalho de assunto representaram um marco importante na história da representação da informação e continuam sendo usadas em bibliotecas atualmente, apesar de diversas falhas serem identificadas em seu desempenho na recuperação da informação (TORRES; ALMEIDA, 2015, p. 06).

Houve uma convergência da teoria da classificação com os sistemas pré-coordenados, onde se iniciou um movimento de progressiva “tesaurização” (GARCÍA-MARCO, 2002, p. 296):

Especialmente nos Estados Unidos, observa-se que as listas de cabeçalho de assunto e as até as grandes classificações estão se “tesaurizando”. Lara (2002) observa que embora as edições mais recentes da lista de cabeçalho de assunto da Library Congress Subject Headings – LCSH tenham incorporado relações de superordenação e subordinação entre os termos, são produzidas a partir da ocorrência de termos em documentos e por este motivo não apresentam o mesmo rigor na organização dos conceitos, como observado nos tesauros. São produtos empíricos, elaborados a partir de diferentes políticas ao longo do tempo e mantêm a estrutura pré-coordenada, prescrevendo a combinação de termos na entrada do sistema (TORRES; ALMEIDA, 2015, p. 06).

Tal movimento demonstra que os tesauros são instrumentos mais sofisticados de representação da informação que as listas de cabeçalhos de assunto, apresentando melhor desempenho na representação e recuperação da informação.

De antemão, é possível afirmar que o tesauro teve seu surgimento no fim da década de 50 como um instrumento de controle de vocabulário para o sistema de múltiplo acesso. Deriva do termo latino *thesaurus*, presente no dicionário analógico de Peter Mark Roget: “*Thesaurus of English words and phrases*”⁷, publicado em meados do século XIX. Nele o autor organizou palavras e frases da língua inglesa seguindo ideias-chaves que eram ordenadas seguindo o esquema de classificação. Pode-se dizer que o dicionário de Roget é uma classificação de ideias (IBICT, 1984).

Segundo Sales e Café (2009), tesauros são vocabulários controlados, formados por termos-descriptores semanticamente relacionados, que atuam como instrumentos de controle terminológico. Podem estar estruturados associativamente (aproximação semântica) ou hierarquicamente (gênero-espécie e todo-parte), sendo usados para indexar e recuperar informações por seu conteúdo.

Também, segundo Motta (1987, p. 25), é um

Sistema de vocabulário baseado em conceitos, incluindo termos preferidos (descriptores), termos não preferidos (não descriptores) e suas inter-relações, que se aplica a um determinado ramo do conhecimento e que se destina a controlar a terminologia utilizada para a indexação/recuperação dos documentos.

É uma linguagem pós-coordenada, pois a combinação dos descriptores é realizada no momento da busca. Vargas e Van Der Laan (2011) afirmam que embora os tesauros sejam caracterizados como pós-coordenados, admitem certo grau de pré-coordenação quando existe necessidade de representar conceitos por descriptores compostos.

Um tesauro, segundo Currás (1995), deve contemplar alguns requisitos para ser considerado como tal, sendo eles: ser uma linguagem especializada; estar normalizado; suas unidades linguísticas devem adquirir categoria de termo e estar convertidas em palavras-chave; as palavras-chave devem se relacionar entre si hierarquicamente, de forma associativa ou por semelhanças de equivalência; permitir a introdução ou suspensão de termos para manter sua atualidade; servir como conversor da linguagem natural para uma linguagem controlada e normalizada; servir de ligação entre os documentos e os usuários.

Com isso, pode-se passar para os tipos de tesauro.

Podem ser classificados quanto a língua: monolíngues ou multilíngues. Ou seja, pode ser construído em uma única língua como o português ou em mais de uma como em inglês e português.

⁷ Não foi possível ter acesso à edição original, publicada em 1852, sendo encontrada a seguinte versão: ROGET, P. M.; BROWNING, D. C. **Everyman's thesaurus of english words and phrases**. London: J M Dent, 1962.

Também podem ser classificados pelo nível de especificidade de seus termos: macrotesauros e microtesauros.

No primeiro caso, os termos representam conceitos mais ou menos amplos: o número de descritores não é extenso; em compensação, o número de remissivas é elevado, uma vez que conceitos específicos são representados por não descritores que remetem ao descritor genérico imediatamente superior. Por exemplo, Templo, USE Igreja. Nos microtesauros os descritores representam conceitos bastante específicos e se referem a uma área restrita do conhecimento, por exemplo. Química fina ou Eletrônica Gomes (GOMES, 1990, p. 17).

Por último, pelo assunto que cobrem: multidisciplinares e monodisciplinares. No primeiro caso, o tesouro está voltado para uma missão ou problema, pois incluem termos de diversas disciplinas que interferem em um problema, como o autor dá de exemplo, o Meio Ambiente. Já no segundo caso, os tesouros são voltados para uma única disciplina científica, como a Química.

Os componentes do tesouro são: os termos que representam conceitos, a estrutura entre eles, ou seja, as relações semânticas estabelecidas entre os conceitos na forma de ligações hierárquicas ou não-hierárquicas e o conjunto das remissivas (GHENO, 2013).

O “termo”, no tesouro, se refere a uma palavra ou expressão que contempla um conceito ou ideia, usada para descrever um assunto.

O termo deve referir-se a um único conceito somado a uma única designação. Este tipo de restrição semântica é adotado para fins de controle do nível de qualidade da recuperação da informação. No entanto, não é raro nas línguas que um termo designe mais de um conceito ou que um conceito seja designado por mais de um termo. Quando um termo representa mais de um conceito, as normas recomendam o uso do qualificador, um termo entre parênteses que segue o descritor e que não pode ser usado isoladamente na indexação (GHENO, 2013, p. 17).

No caso contrário, quando um conceito é designado por mais de um termo, eles devem ser determinados como descritores e não-descritores. Segundo o IBICT (1984), termos permitidos na indexação são denominados descritores, enquanto os de uso proibido são os não descritores.

As relações semânticas em um tesouro podem ser de natureza hierárquica, não-hierárquica ou de equivalência.

A relação hierárquica corresponde a uma noção de superordenação e outra de subordinação, podendo ser estabelecidas entre um gênero e uma espécie ou entre um todo e uma parte. Segundo Gheno (2013, p. 18, grifo nosso):

No caso do gênero/espécie, o símbolo utilizado em português é o **TG (termo genérico)** e **TE (termo específico)**. Já o símbolo usado na língua inglesa é **BT (broader term – termo genérico)** e **NT (narrower term – termo específico)**. Os símbolos TG e TE, e seus correspondentes na língua inglesa, correspondem às relações de gênero/espécie estabelecidas em um tesauro. O TG representa um conceito mais amplo, com características mais gerais. O TE diz respeito a um conceito de grande intensão e, portanto mais específico em relação ao TG correspondente.

Já no caso de relação hierárquica todo/parte:

[...] a norma ISO 2788 (1974) restringe seu uso somente entre: sistemas e órgãos do corpo, localidades geográficas e disciplinas. Para estes casos, esta norma indica a utilização dos símbolos em língua inglesa **BTP (broader term partitive)** e **NTP (narrow term partitive)**. Em português **TGP (Termo genérico partitivo)** e **TEP (Termo específico partitivo)** (GHENO, 2013, p. 19, grifo nosso).

As relações não-hierárquicas também podem ser chamadas de associativas e ocorrem entre termos que não são equivalentes, não formando uma hierarquia, entretanto, são tão associados mentalmente que essa ligação deve ser explicitada no tesauro (IBICT, 1984).

Estas indicam a ligação entre os termos advindos de campos semânticos diferentes. Estas relações acontecem em paralelo às relações denominadas hierárquicas, pois podem ocorrer entre diferentes termos de um mesmo tesauro, desde que estejam relacionados de alguma forma, de acordo com seu conceito ou contexto. O símbolo em português utilizado neste caso é o **TR (Termo relacionado)** ou **TA (Termo associado)**. O símbolo em inglês é **RT (related term – termo relacionado)** (GHENO, 2013, p. 19, grifo nosso).

A relação de equivalência, então, “ocorre entre termos sinônimos ou quase-sinônimos e os símbolos utilizados em português são **USE** e **UP (usado para)**. Na língua inglesa os símbolos são **USE (para use)** e **UF (used for – usado por)**” (GHENO, 2013, p. 20, grifo nosso).

Segundo o IBICT (1993), notas explicativas podem ser adicionadas a um termo para indicar o sentido em que ele é usado e, com isso, excluir outros possíveis empregos. Isso se difere dos qualificadores, uma vez que as notas explicativas não são consideradas como parte do termo a que está ligada.

As relações semânticas, segundo Van der Laan (2002), são estabelecidas entre os conceitos e subdivididas em relações hierárquicas e associativas. Já as relações de equivalência são estabelecidas entre termos que representam os mesmos conceitos, definindo um termo preferido e um não-preferido para diferenciar sinônimos. Essas relações formam a estrutura de tesouros usados em diferentes sistemas informacionais. Para Souto (2003, p. 78):

O uso do tesauro como instrumento de recuperação da informação é sem dúvida uma estratégia eficaz para a busca de informações em bases de dados. Geralmente, é comum o tesauro ser utilizado somente pelos indexadores como uma ferramenta de trabalho, ficando sua aplicação restrita à indexação, deixando de lado a importância desse instrumento no momento da recuperação. A simples adoção de um tesauro como uma linguagem artificial, controlada, já contribui em muito para a diminuição da inconsistência na recuperação da informação em uma base de dados.

O tesauro é, portanto, um componente do sistema de recuperação da informação, sendo afetado por ele e afetando seu desempenho.

Para Gomes (1990, p. 16):

A estrutura do tesauro é um elemento importante para que ele possa cumprir sua função: ela permite ao usuário (indexador ou consultante) encontrar o(s) termo(s) mais adequado(s), mesmo sem saber, de início, o nome específico para representar a idéia ou o conceito que ele procura. A partir de um termo que o usuário conhece, o tesauro, através de sua estrutura, mostra diversos outros que podem ser tão oportunos ou mais do que aquele que lhe veio à mente.

De forma resumida, o tesauro serve, então, como instrumento importante no processo de representação da informação, construindo um elo entre a linguagem do usuário e a de um sistema de recuperação de informação utilizado por ele.

É importante ressaltar que em 2011 a norma ISO 25.964-1, intitulada “*Information and documentation- Thesauri and interoperability with other vocabularies - part 1: Thesauri for information retrieval*” (2011, p.05), trouxe atualizações para as definições de indexação e de tesauro, considerando a indexação “uma análise intelectual do assunto de um documento, com o objetivo de identificar conceitos representados, a fim de possibilitar a recuperação da informação” (TOLARE; FUJITA, 2021, p. 04-05).

A ISO 25.964-1 (2011) é composta de

18 seções direcionadas à construção de tesouros tanto monolíngues como multilíngues, que abordam o tesauro quanto a seu escopo e objetivos; as noções de termo, conceito e conceito complexo; os relacionamentos entre conceitos; o método de análise facetada para a construção de tesouros; o processo de gestão do tesauro; softwares para construção e gestão de tesouros; modelo de dados para implementação de tesouros por computadores e a integração de tesouros com outras aplicações, bem como os formatos e protocolos para intercâmbio de dados (RIO-BRANCO, 2020, p. 37-38).

A norma ISO 25.964-1 (2011), então, se trata da norma mais atual referente a tesouros e corresponde à ampliação e atualização dos conteúdos das normas ISO 2788:1986 “*Documentation -- Guidelines for the establishment and development of monolingual thesauri*”

e ISO 5964:1985 “*Documentation -- Guidelines for the establishment and development of multilingual thesauri*”, sobre desenvolvimento e manutenção de tesouros mono e multilíngues. A segunda parte da norma, a ISO 25.964-2, foi publicada de 2013, com a intenção de completar o conteúdo da primeira parte e aborda a interoperabilidade entre vocabulários e diferentes tesouros.

Após a explanação das etapas da indexação e esclarecimento de suas funções, torna-se possível afirmar que a Análise de assunto se trata de uma das etapas mais importantes no trabalho do indexador, pois seu objetivo é a identificação e seleção de conceitos que representam a essência do documento, processo complexo, exigindo que o indexador siga uma metodologia adequada para obter resultados satisfatórios e eficazes.

A Análise de assunto também pode ser encontrada na literatura como Análise temática, Análise Documental, Análise conceitual e até mesmo Análise de conteúdo (Fujita, 2003a). Nessa tese se trata da AD como um auxílio para a Análise Documental, utilizando-a para auxiliar na representação de assunto dos documentos.

Lancaster já mostrava em 2004 (e anterior a isso, na primeira edição de sua obra em 1993) que a indexação por assunto de obras ficcionais se tratava de uma área negligenciada pelos sistemas de informação, na maior parte vezes pela dificuldade em compreender o texto de ficção, seus significados e estruturas.

Ainda, ao longo dos anos vários autores assinalam a inadequação dos modelos existentes para a representação do assunto literário e ficcional, já que os existentes são mais voltados para documentos teóricos-científicos. Entre esses autores pode-se citar: Saarti, 1999b; Moreira & Dias, 2007; Moraes, 2011; Sabbag, 2013; Fedeli, 2015; Fujita *et al.*, 2017; entre outros. Almeida (2020, p. 109) explicar que existe uma explicação para tal fato:

Esta circunstância encontrará um enquadramento justificativo, se se atender ao facto de que a Ciência da Informação nasceu para lidar com a explosão documental de carácter científico (García-Marco *et al.*, 2010), bem como à tradição das classificações bibliográficas determinarem um assunto literário pelas características externas do documento em detrimento dos aspetos internos e de conteúdo temático (...).

Porém, vários autores assinalam, da mesma forma, o crescente interesse pelo domínio de indexação do assunto literário nos últimos quarenta anos e Almeida (2020) traz que:

A recente atenção ao documento literário surge sobretudo pelo estudo da análise e representação do assunto e menos por associação à atribuição de uma classe formal, destacando-se os trabalhos de Annelise Mark Pejtersen, Clare Beghtol e Jaarmo Saarti (ALMEIDA, 2021, p.92).

A literatura da área converge para destacar a importância da indexação em unidades de informação e para seus usuários, sendo considerada uma tarefa essencial e apontada como o trabalho mais relevante para que um serviço de informação seja eficaz.

Em específico em bibliotecas

[...] Sales e Guimarães (2016) elencam vários trabalhos onde se enfatiza que a localização de documentos através de pontos de acesso por assunto constitui o tipo de busca mais utilizado pelos utilizadores. Logo, considera-se que o facto de os documentos serem representados por assunto através da indexação terá um impacto direto e proporcional no acesso ao conhecimento (ALMEIDA, 2020, p.93).

A identificação de assuntos de um documento está diretamente vinculada à atividade de leitura, deixando claro que

[...] o indexador realiza as duas operações, identificação e seleção de conceitos, *durante* a mesma e que a tradução dos termos que representam conceitos em descritores da linguagem do sistema só deve ser feita após seu término para que a análise seja conceitual e voltada para a demanda. A preservação do conteúdo do documento é uma garantia da relevância de recuperação, objetivo da boa indexação de conteúdo (FUJITA, 2003a, p.71).

O indexador é um leitor com conhecimentos prévios, sendo eles de mundo, textual, linguístico, profissional e específico, no caso de especialistas. A leitura, por sua vez, trata-se do processo de interação do leitor com o texto escrito, com a intenção de que se compreenda, isso sendo entendido como um processo de cognição. O processo de análise de assunto para indexação, realizado pelo indexador, portanto, envolve a compreensão do texto mediante processos cognitivos, realizados com base em esquemas mentais (FUJITA, 2003a).

Segundo Fujita e Rubi (2006), o conceito de leitura é fundamental para a identificação de sistemáticas mais apropriadas para a análise de assunto de textos científicos, e claramente outros tipos de textos para a área e, com isso, as autoras sugerem um modelo de leitura baseado nos estudos realizados por Fujita em 2003b. Os Modelos de Leitura têm o objetivo de atribuir a leitura profissional do indexador com uma metodologia de análise de assunto para a identificação e seleção de conceitos em textos, aqui especificamente os científicos, mas no próximo tópico o tema foi tratado e estão expostos todos os tipos de Modelos de Leitura existentes atualmente.

2.2 MODELOS DE LEITURA NA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A representação de um documento acontece na indexação em dois momentos, como visto anteriormente: na análise de assunto e na tradução dos termos para a linguagem documental. Na análise de assunto é onde se identifica e seleciona conceitos mediante representação por conceitos universais; na tradução é, como o nome diz, onde se traduz os termos identificados em uma linguagem documental que, de forma compatível, trará os termos tirados na indexação e os termos que identificam as necessidades do usuário (FUJITA, 2013).

A identificação de assuntos de um documento, então, está diretamente vinculada à atividade de leitura e a leitura depende do conhecimento prévio do profissional que executa a tarefa. Fujita (2003b) realizou pesquisas sobre a leitura documental feita por indexadores e a análise de assunto: “A análise de assunto, enquanto operação de tratamento de conteúdo documentário é realizada por indexadores, classificadores, resumidores e catalogadores com diferentes tipos de documentos e em diferentes sistemas de informação (FUJITA; RUBI, 2006, p. 52).

Ainda, segundo Cavalcanti (1989), durante a leitura de um texto, existe a ativação de vários esquemas que vão desde o conhecimento de vocabulário, da estrutura textual, do assunto, até o conhecimento de mundo. Além disso, restrições do contexto do leitor como seus conhecimentos prévios, valores e crenças, também restrições do texto como as intenções do autor refletidas no contexto linguístico e restrições do contexto da realização da leitura, como interesse e objetivo do leitor, estado psicológico, entre outros, tudo isso interage no momento da leitura.

O leitor indexador, então, interage com o texto por meio de estratégias metacognitivas como a exploração de seu conhecimento de estruturas de texto, usando seu conhecimento prévio, sempre lembrando que seu objetivo de representar é para futura recuperação, levando em consideração as limitações da tarefa de indexar e os objetivos do sistema de informação em que se insere (FUJITA, 1999).

Dessa forma, a concepção teórica de estratégias de leitura apresentada por Cintra (1987), concorda com a visão em leitura de Cavalcanti (1989) quando enuncia que na leitura com fins documentários é necessário que haja uma cooperação entre autor e leitor, uma vez que o autor não pode prever quem lerá o que ele publicou.

As estratégias de leitura, segundo Fujita *et al.* (2017, p. 05) consistem em: “ler o título das obras, os subtítulos, a introdução e conclusão, frases introdutórias de parágrafos e capítulos, legendas de ilustrações, gráficos, tabelas, diagramas e suas explicações, palavras ou grupos de palavras”. Tais estratégias se mostram efetivas em documentos com estruturas rígidas e adequadas para a aplicação, como artigos científicos e livros didáticos, por exemplo. Para

Fujita e Rubi (2006), o Modelo de Leitura Documentária é formado pela combinação da exploração da estrutura do texto com o questionamento para a identificação de conceitos. Ainda segundo as autoras, o modelo consiste em uma metodologia que se baseia no uso de estratégias de leitura, ou seja, na exploração dessa combinação.

Ainda segundo Fujita e Rubi (2006), o Modelo de Leitura Documentária consiste em “[...] uma metodologia baseada no uso de estratégias de leitura”. Tal metodologia, utilizada para indexação, considera o processo de cognição de leitura e também o conhecimento prévio do leitor referente aos aspectos do mundo, profissionais, textuais e linguísticos, além de seus conhecimentos específicos enquanto indexador especialista para identificação de conceitos, aspectos ligados com estratégias de leitura, esquemas mentais e estruturas textuais.

O Modelo de Leitura se originou de estudos de leitura documentária para indexação em abordagem cognitiva e tem como foco os textos científicos (FUJITA; RUBI, 2006), e propõe adaptação para catalogação de assuntos de livros em bibliotecas universitárias e à formação inicial de indexadores e aprendizes (FUJITA, 2013). Para essa adaptação

[...] foi desenvolvido estudo metodológico de abordagem cognitiva com uso da técnica introspectiva de protocolo verbal e análise qualitativa dos resultados da transcrição de protocolo verbal de catalogadores na tarefa de catalogação de assuntos de livros em bibliotecas universitárias. Os resultados obtidos da análise qualitativa indicaram propostas para a elaboração do Modelo de Leitura Documentária de livros que foi incluído em Manual de Ensino de Leitura Documentária acompanhado de procedimentos da análise de assunto para catalogação de assuntos de livros (FUJITA, 2013, p. 43).

Os resultados da observação dita demonstraram que indexadores, especialistas e bibliotecários não apresentam domínio de procedimentos sistemáticos para abordagem do conteúdo textual para identificar conceitos e, para resolução, indicou-se a possibilidade de uso combinado da exploração textual com questionamentos para a identificação de conceitos no Modelo de Leitura, com a intenção de realizar uma leitura documentária mais estratégica e rápida, levando em consideração o ponto de vista profissional. Assim,

[...] a metodologia de elaboração do Modelo de Leitura concentrou-se em dois aspectos: combinação da estrutura textual com a identificação de conceitos e sistemática de identificação de conceitos.

Para concretizar a proposta de elaboração do modelo de estratégia de leitura documentária utilizando o domínio da estrutura textual com a identificação de conceitos, foi realizado estudo para definição do modelo fundamentado em revisão de literatura, que indicou os subsídios teóricos dos estudos de estrutura textual e a existência de propostas metodológicas que combinam a estrutura textual e a identificação de conceitos, bem como metodologias de identificação de conceitos pela análise conceitual e abordagem sistemática (FUJITA; RUBI, 2006, p. 05).

As estruturas textuais e seus conhecimentos teóricos são levantados com a intenção de dar base a elaboração do Modelo de Leitura proposto por Fujita e Rubi, com a intenção de possibilitar uma combinação com a identificação de conceitos.

O texto cuida de uma estrutura linguística, mas além disso, possui uma estrutura de significado que surge quando o leitor faz uma leitura compreensiva, ou seja, o texto está sujeito a interpretações cognitiva e descritiva.

No que diz respeito à estrutura do texto, afirma-se estar associada ao modo com o qual as idéias são organizadas com relação ao conteúdo, ao tema e aos conceitos tratados no texto. Como a estrutura do texto se articula ao seu conteúdo, o autor de um texto escolhe determinada estrutura textual que venha coincidir com o conteúdo que quer transmitir (FUJITA; RUBI, 2006, p. 05).

Uma parte muito importante no processo de compreensão de leitura é a habilidade de reconhecer o gênero do texto, assim como os diferentes tipos de textos, que pode ajudar o leitor quanto à necessidade de identificação da ideia central ou tema do texto.

Esse conhecimento prévio das estruturas do texto por parte do leitor possibilita a ele identificar qual é a parte do texto que traz a ideia principal, auxiliando a compreender, de maneira global, o texto e a realizar uma leitura mais objetiva, pois já conhece as partes que tem a explorar e os conceitos que pertencem a cada parte, e, com isso, chegando ao tema do texto (FUJITA; RUBI, 2006).

As autoras dão dicas sobre a identificação do tema:

Uma dica importante para identificação do tema, é fazer um questionamento por categorias temáticas: o que? (categoria essencial); quando?, onde?, como? (categorias acessórias), que podemos denominar de estratégia de inferência e considerá-la como elemento fundamental dos modelos de leitura para indexação (FUJITA; RUBI, 2006, p. 06).

O texto é composto por superestrutura e macroestrutura, segundo Van Dijk (1997). As estruturas do texto serão melhor explicadas posteriormente, mas, por ora, é necessário especificar que superestrutura é um tipo de forma do texto e a macroestrutura, seu conteúdo. Assim, “Um tema poderá ser desenvolvido em várias formas e o que caracteriza a diferença entre uma forma e outra, são os diferentes tipos de construção” (FUJITA; RUBI, 2006, p. 06). Para Van Dijk (1997), o texto científico deriva de uma estrutura argumentativa, composta de justificativa, conclusão, apresentação de um problema e solução.

As autoras utilizaram, pois, os pressupostos teóricos de estrutura textual para analisar o esquema de compreensão literal de discursos científicos (TÁLAMO, 1994) e a metodologia

para indexação de textos científicos (KOBASHI, 1994), para que pudessem servir de base para a elaboração do Modelo de Leitura para textos científicos, um dos primeiros a surgir.

A metodologia de indexação proposta por Kobashi (1994) visa a identificar o tema nos documentos, utilizando a metodologia de Tálamo (1987) que consiste em identificar o tema de um documento por meio de um mecanismo de pergunta e resposta (FUIJTA; RUBI, 2006, p. 06).

O tema se designa, para Tálamo (1987), em um conjunto de indicações agrupadas por generalidade, respondendo a cada uma das seguintes questões fundamentais: Quem (ser), O quê (tema), Como (modo), Onde (lugar), e Quando (tempo) (FUIJTA; RUBI, 2006).

A metodologia para indexação proposta por Kobashi (1994) consiste em identificar o tema por meio da leitura do documento, posteriormente confirmar se o tema do texto também é o objetivo desse texto e, por fim, elaborar o enunciado temático por meio dos mecanismos de resposta.

A análise do Esquema de compreensão literal de discursos científicos (TÁLAMO, 1994) e da Metodologia para indexação de textos científicos (KOBASHI, 1994) revela que foram propostos tendo em vista a exploração do conhecimento do indexador/resumidor sobre a organização da estrutura textual. A metodologia de Kobashi (1994) vai um pouco mais além, porque investe na busca do tema e utiliza estratégia de inferência ao conteúdo para a identificação de conceitos. Ao colocá-la em prática, descreve de forma bastante explícita as regras e a metodologia proposta e o resultado é que o indexador/resumidor passará a fazer uma leitura compreensiva, proficiente e, principalmente, seletiva (FUIJTA; RUBI, 2006, p. 06).

Então, como visto nas metodologias de Tálamo e Kobashi, a abordagem sistemática é um questionamento que o indexador faz para extrair melhor os conceitos enquanto estiver fazendo a leitura documentária de um texto, e Fujita e Rubi (2006) consideram de fundamental importância, pois se revela uma estratégia de interferência que orienta o indexador quanto à identificação dos conceitos.

No estágio de Identificação de Conceitos, como indicado a Norma 12.676 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1992, p. 02), mostra que o indexador deve “[...] adotar uma abordagem sistemática para identificar aqueles conceitos que são os elementos essenciais na descrição do assunto”.

Como visto anteriormente, a abordagem sistemática da norma recomenda questionamentos para identificar os conceitos essenciais, os relembrando:

- a) qual o assunto de que trata o documento?
- b) como se define o assunto em termos de teorias, hipóteses, etc.?
- c) o assunto contém uma ação, uma operação, um processo?

- d) o documento trata de agente dessa ação, operação, processo, etc.?
- e) o documento se refere a métodos, técnicas e instrumentos especiais?
- f) esses aspectos foram considerados no contexto de um local ou ambiente especial?
- g) foram identificadas variáveis dependentes ou independentes?
- h) o assunto foi considerado sob um ponto de vista interdisciplinar? (p.ex.: um estado sociológico da religião) (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1992, p. 2).

Deve-se compreender que cada uma dessas questões levará a identificação de um conceito correspondente, ou seja, a primeira questão deve identificar no texto a presença do conceito “objeto”, a segunda “ação” e assim por diante.

Em torno desses conceitos que o sistema PRECIS, criado por Fujita (2003b) em sua livre-docência, recomenda uma análise baseada na interrogação do texto em que cada questão corresponde a um conceito com função característica, para a etapa de identificação dos conceitos da análise de assunto:

- * O QUE ACONTECEU? (AÇÃO)
- * A QUE OU A QUEM ISTO ACONTECEU? (OBJETO DA AÇÃO - SISTEMA CHAVE)
- * O QUE OU QUEM FEZ ISTO? (AGENTE DA AÇÃO)
- * ONDE ACONTECEU? (LOCAL) (FUJITA; RUBI, 2006, p. 07).

Depois dos conceitos identificados, eles serão estruturados em um enunciado de assunto, onde a mensagem deverá representar a ideia principal do texto, e com isso, auxiliar o leitor a compreendê-lo.

Essa identificação de conceitos por meio da abordagem sistemática ou análise conceitual pode servir como metodologia de análise, e foi daí que se originou o Modelo de Leitura, combinando com a estrutura textual.

O Modelo de leitura, então, obtido por Fujita e Rubi (2006), consiste na combinação das sistemáticas de identificação de conceitos, a análise conceitual (primeira coluna) e abordagem sistemática da Norma 12.676 (segunda coluna) com a localização dos conceitos em parte da estrutura textual (terceira coluna):

Quadro 5 - Modelo de Leitura Documentária para textos científicos: identificação de conceitos

CONCEITO (ANÁLISE CONCEITUAL)	QUESTIONAMENTO (NORMA 12.676)	PARTE DA ESTRUTURA TEXTUAL
OBJETO	O documento possui em seu contexto um objeto sob efeito de uma atividade?	INTRODUÇÃO (OBJETIVOS)

AÇÃO	O assunto contém um conceito ativo (por exemplo, uma ação, uma operação, um processo etc.)?	INTRODUÇÃO (OBJETIVOS)
AGENTE	O documento possui um agente que praticou esta ação?	INTRODUÇÃO (OBJETIVOS)
MÉTODOS DO AGENTE	Este agente refere-se a modos específicos para realizar a ação (por exemplo, instrumentos especiais, técnicas ou métodos)?	METODOLOGIA
LOCAL OU AMBIÊNCIA	Todos estes fatores são considerados no contexto de um lugar específico ou ambiente?	METODOLOGIA
CAUSA E EFEITO	São identificadas algumas variáveis dependentes ou independentes?	RESULTADOS; DISCUSSÃO DE RESULTADOS
PONTO DE VISTA DO AUTOR; PERSPECTIVA	O assunto foi considerado de um ponto de vista, normalmente não associado com o campo de estudo (por exemplo, um estudo sociológico ou religioso)?	CONCLUSÕES

Fonte: Fujita; Rubi (2006, p. 08-09).

Um manual explicativo contendo os procedimentos de uso e aplicação do Modelo de Leitura para textos e artigos científicos foi desenvolvido pelas autoras. O manual, então:

[...] é uma versão explicativa do Modelo de Leitura que conceitua e orienta a leitura documentária de textos científicos para a indexação a ser utilizada por docentes na formação inicial de indexadores nos cursos de graduação e indexadores mestres para a formação de outros indexadores (FUJITA; RUBI, 2006, p. 09).

O manual explicativo é constituído de introdução, conceituando a leitura documentária e seu objetivo de identificar e selecionar conceitos, e de três partes explicativas, seguindo os procedimentos principais:

- I. Exploração do conhecimento da estrutura textual
- II. Identificação de conceitos
- III. Seleção de conceitos (FUJITA; RUBI, 2006, p. 09).

As três etapas em que o manual é dividido são: exploração de estrutura textual, identificação de conceitos e seleção de conceitos.

Em cada etapa os procedimentos são esclarecidos, com foco na preocupação conceitual e filosófica sobre a indexação, baseada nos resultados da pesquisa, desenvolvida em função das concepções de análise e levando em consideração que a atitude do indexador no momento da análise de um texto com fins de indexação está diretamente ligada à concepção de análise adquirida durante sua formação educacional e à uma política do sistema (FUJITA; RUBI, 2006, p. 09).

Após esse primeiro momento do Modelo de Leitura, outros foram surgindo, com bases sólidas em Fujita e Rubi. Acredita-se que seja importante observar tais modelos.

O Modelo de Leitura para indexação de artigos de jornais foi baseado em Fagundes (2001). Esse Modelo de Leitura, segundo Fagundes (2001), foi baseado no de Fujita que havia publicado previamente em relatórios de pesquisa, em 2000: “[...] no modelo de leitura que Fujita (2000) propôs direcionado ao texto científico elaborado com base no conhecimento das metodologias de análise do documento proposto pela área (...)” (FAGUNDES, 2001, p. 207).

Posteriormente, Fujita desenvolveu o Modelo de Leitura Documentária para indexação na catalogação de assuntos de livros em 2010, baseado nesse primeiro Modelo de Leitura. Foi proposto “para desenvolver a identificação e seleção de conceitos durante a leitura documentária de livros por catalogadores de assunto de acordo com as concepções orientadas para o conteúdo do livro e demanda do usuário” (FUJITA, 2010, p. 01).

Também se deve falar do Modelo de Leitura para elaboração de resumos da literatura infanto-juvenil em prosa. O resumo, como visto, se trata de um importante instrumento para a recuperação da informação, sendo de extrema importância, então, a elaboração de um modelo de leitura para tal ação. Alves (2020b) foi responsável por esse modelo, também com base nos modelos de Fujita e sua pesquisa anterior (ALVES, 2016).

Em 2017 surgiu o Modelo de Leitura Documentária para Indexação de textos narrativos de ficção, conhecido como MENTIF, desenvolvido por Sabbag (2017), com base em seu estudo de doutorado de 2013, e publicado por Fujita *et al.* também em 2017. Esse modelo é o que mais interessa na presente pesquisa por se tratar de um modelo para textos narrativos de ficção, e foi melhor apresentado no capítulo 5, no momento da apresentação da metodologia da tese.

Ainda em 2017, Ferreira e Maculan, baseado em sua pesquisa de mestrado, desenvolveram o Modelo de Leitura para acórdãos dos tribunais de contas, usando o Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais (TCEMG) em um estudo de caso. O modelo foi publicado em 2020.

Os últimos Modelos de Leitura criados são os para Documentos populares e para Fotografias, ambos em 2020.

O Modelo de Leitura para o Documento Popular foi desenvolvido por Camoleze e Troitiño (2020) e surgiu com a intenção de criar um modelo para a indexação de documentos populares e acervos de movimentos sociais.

Finalmente, o último Modelo de Leitura desenvolvido até o momento se trata do Modelo semiótico de leitura documentária para indexação de fotografias, por Gatto e Almeida (2020),

com o objetivo de criar uma metodologia de leitura de fotografias baseada nos estudos semióticos, ou seja, a ciência dos signos.

Pode-se observar, dessa forma, a variedade de Modelos de Leitura desenvolvidos ao longo do tempo e como Fujita foi pioneira e serve de base para todos os citados.

Os modelos foram citados para servir de base para a proposta da tese, ou seja, a proposta de um Modelo de Leitura para contos, que foi desenvolvido a partir das diretrizes da Análise do Discurso Literário.

2.3 A REALIDADE DA INDEXAÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS E OS RUÍDOS NA RECUPERAÇÃO

Nas seções anteriores, tratou-se das definições de Análise Documental, Representação e Recuperação da Informação na Ciência da Informação, com foco em Indexação e Modelos de Leitura, uma vez que a intenção foi construir um modelo que seja aplicável em contos. Porém, torna-se necessário um aprofundamento na realidade da indexação e recuperação da informação de textos literários, com observação em bibliotecas brasileiras, principalmente Bibliotecas Públicas (BP), uma vez que são inúmeras no país, unidades com grande acervo de ficção e aqui usadas como um exemplo de bibliotecas que podem adotar o modelo de leitura proposto.

As BPs brasileiras, segundo o Manifesto da IFLA/UNESCO⁸ sobre Bibliotecas públicas (1994), tratam-se de centros locais de informação que devem disponibilizar prontamente para toda a população todo tipo de conhecimento. Ainda:

Os serviços fornecidos pela biblioteca pública baseiam-se na igualdade de acesso para todos, independente de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou status social. Serviços e materiais específicos devem ser fornecidos para usuários inaptos, por alguma razão, a usar os serviços e materiais regulares, por exemplo, minorias lingüísticas, pessoas deficientes ou pessoas em hospitais ou prisões.

Todas as faixas etárias devem encontrar material adequado às suas necessidades.

Coleções e serviços devem incluir todos os tipos de suporte apropriados e tecnologia moderna bem como materiais convencionais. Alta qualidade e adequação às necessidades e condições locais são fundamentais.

O acervo deve refletir as tendências atuais e a evolução da sociedade, assim como a memória das conquistas e imaginação da humanidade. Coleções e serviços não podem ser objeto de nenhuma forma de censura ideológica, política ou religiosa, nem de pressões comerciais (UNESCO, 1994, p 01).

⁸ *International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA)*
United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO)

Ou seja, as BPs possuem o dever de disponibilizar diversos tipos de materiais, atualizados, sem censura e adaptados (quando necessário). E, com isso, são as detentoras de acervos variados tanto nos gêneros quanto nos meios.

O acervo de uma BP deve ser composto de diversos itens das diversas áreas do conhecimento, desde religião, filosofia, história, artes e culinária, até literatura, sendo esse último a maior parte, geralmente.

A maior parte do acervo é constituído de literatura, uma vez que, em sua maioria, segundo Ribeiro (2008, p. 58-59):

O usuário da biblioteca pública é geralmente aquele que não deseja aprofundar a pesquisa. São estudantes não suficientemente atendidos pelas bibliotecas escolares, aposentados que buscam, em geral, periódicos diários e semanais, apreciadores da literatura brasileira e aqueles que aproveitam para conferir as últimas aquisições da biblioteca.

Pode-se afirmar, ainda, que não apenas apreciadores da literatura brasileira, como apreciadores de todo tipo de literatura.

Levando em conta, então, que uma BP possui um acervo maior de obras de literatura, era de se esperar que a Representação temática, ou seja, a indexação desse tipo de obra fosse eficaz no momento da recuperação, mas não é o que se observa.

Rafferty (2001) já observava que a análise e a indexação de obras de ficção têm uma relação empobrecida historicamente, que só começou a mudar com o aparecimento de alguns sistemas de recuperação inovadores.

Como exemplo, o autor apresenta o projeto escandinavo Bookhouse (tendo como objetivo otimizar as possibilidades comuns para o acesso do conteúdo de ficção escandinava) que teve como objetivos a contribuição para o aumento da mediação, o estabelecimento de princípios comuns de indexação da ficção, e o desenvolvimento do Bookhouse para funcionar como um OPAC escandinavo para a recuperação da ficção (FUJITA *et al.*, 2017, p. 03).

Outros estudos voltados para a representação dos textos narrativos de ficção são encontrados na área da CI nos últimos trinta anos, segundo Fujita *et al.* (2017), entretanto, o interesse surge em 1899, com Ernest Baker e o artigo considerado o primeiro sobre o assunto: “*The Classification of fiction*”. Ainda segundo Fujita *et al.* (2017, p. 03), “A classificação de ficção de Baker foi desenvolvida com método hierárquico com o objetivo de proporcionar ao usuário quais seriam as melhores obras para leitura”.

Os autores fizeram, em 2017, um levantamento de pesquisas na área da CI que têm como preocupação a representação de obras de ficção, sendo elas: Burgess (1936), Spiller (1980),

Pejtersen e Austin (1983), Harrel (1985), Beghtol (1986, 1989, 1992, 1995, 1997), Jansson e Sodervall (1987), Macpherson (1987), Bell (1991), Olderr (1991), Ranta (1991), Hayes (1992), Negrini (1995), Andersson e Holst (1996), Hidderley e Rafferty (1997), Nielson (1997), Saarti (1997, 1999a, 1999b, 2002). Entre os autores, os temas mais encontrados nas pesquisas foram: sistema de classificação para obras de ficção; como prover a recuperação da informação de ficção; a construção de tesouros para ficção; a indexação de obras de ficção e a construção de catálogos (FUJITA *et al.*, 2017, p. 03). Ainda, atualmente, a pesquisa que se destaca e levanta muitas outras na área é a de Almeida (2020), que trata da indexação de literatura e monta o quadro teórico e os princípios gerais.

No Brasil, Sabbag (2017) desenvolveu o MENTIF, já citado, tratando-se de um modelo metodológico para análise de obras de ficção. O desenvolvimento desse modelo foi essencial para suprir a lacuna na área de Análise Documental que tem como foco tradicional o estudo de representação de textos científicos. Também foi necessário para desautomatizar procedimentos e substituir processos intuitivos por procedimentos metodologicamente adequados, como mostram Guimarães, Moraes e Guarido (2007, p. 95), quando apontam que “el profesional conoce, intuitivamente, la diferencia entre un texto científico y un texto narrativo de ficción”, mas existe esse esforço necessário para desautomatizar, uma vez que “la literatura tradicional del área de análisis documental ha dedicado sus mayores esfuerzos al delineamiento de los procedimientos metodológicos aplicables al texto científico”.

E, nesse caminho, surgiu o questionamento: “Por que empreender esforços em representar os assuntos das obras de ficção?” (FUJITA *et al.*, 2017, p. 04).

Sabbag se utilizou das categorias propostas por Beghtol (1994) como subsídios teóricos para o desenvolvimento do seu modelo para indexação; também a teoria do Percorso Gerativo de Sentido de Fiorin (2011).

Levando em consideração as etapas de Análise Documental (análise e síntese), então, o modelo foi desenvolvido para ser utilizado pelo profissional indexador/catalogador na primeira etapa do processo, a análise,

[...] especificamente nas subetapas de leitura técnica do documento e identificação de conceitos, para que a obra de ficção receba uma representação adequada do seu assunto, extrapolando os indicadores históricos e geográficos que são utilizados para indexar essas obras (FUJITA *et al.*, 2017, p. 05).

A proposta do modelo foi feita, entretanto, pensando em profissionais atuantes em bibliotecas universitárias com a seguinte justificativa:

As bibliotecas universitárias têm coleções em áreas de conhecimento especializadas diversas tais como física, química, odontologia ou literatura, dentre outras, mas verificam-se em todas essas coleções as denominadas obras de ficção que, mesmo não fazendo parte de uma coleção especializada em física, por exemplo, existem para atender o interesse de leitura de lazer do usuário. Em uma coleção da área de literatura, o catalogador tem familiaridade para a indexação de conteúdos especializados, mas com obras de ficção a dificuldade em representar o conteúdo é a mesma que teria o catalogador da coleção de física ou de odontologia. Tais dificuldades estão relacionadas às características textuais desses conteúdos com narrativas ficcionais. A falta de uma metodologia de indexação limita a exaustividade da representação desses conteúdos aos termos sem especificidade, que pouco recuperam em uma busca ao catálogo (FUJITA *et al.*, 2017, p. 02).

A justificativa para a utilização em Bibliotecas Universitárias, serviria parcialmente para as BP. A diferença é que em uma BP não existem especialistas em nenhuma área específica. Espera-se que os bibliotecários ali atuantes sejam mais generalistas, ou seja, sejam capazes de indexar qualquer tipo de obra, sendo ela mais especializada ou não.

Entretanto, a dificuldade com as características textuais dos livros de narrativa de ficção continua, uma vez que não é aplicada nenhum tipo de estratégia específica para a indexação desse tipo de obra.

O modelo proposto por Sabbag (2017) contempla obras narrativas de ficção, entretanto não abarcam contos, crônicas, poesias e coletâneas, pois, segundo justificativas, possuem diversos temas em sua composição, o que tornaria a identificação dos assuntos mais complicada.

É nessa lacuna que a tese se encaixa. O MENTIF foi aplicado em Bibliotecas Universitárias e obteve eficácia, com isso, conclui-se que será viável para Bibliotecas Municipais também, uma vez que a natureza do livro de ficção é a mesma em ambas instituições, entretanto não contemplariam os contos, que também são volumosos nesse tipo de biblioteca, principalmente quando se trata de literatura brasileira.

Um modelo baseado no MENTIF e nos estudos já levantados sobre o assunto, com o auxílio da AD e ADL auxiliaria na indexação dos contos nas bibliotecas mais generalistas como as BP, pois representaria com mais assuntos as obras e ao mesmo tempo não tornaria essa tarefa mais longa do que normalmente seria. Esse foi o objetivo da tese.

A indexação, como já visto, é considerada um dos processos mais importantes do tratamento da informação que são realizados em bibliotecas e, como mostram Tolare, Fujita e Tartarotti (2018, p. 101):

Quando se pensa em indexação não se pode limitar apenas a construir um buscador, mas sim um mecanismo, uma maneira em que o bibliotecário

consiga encontrar a informação para o usuário e que ele por si só consiga também encontrá-la.

Construir políticas de indexação em bibliotecas significa construir um conjunto de procedimentos a ser realizado pelo indexador com a finalidade de facilitar o uso dos sistemas de informação para que a recuperação da informação aconteça de maneira concreta, ou seja, possibilitar que o usuário encontre a informação por si só facilmente.

Entretanto, em BP, principalmente, a construção de políticas de indexação é dificultada, como observam Tolare, Fujita e Tartarotti (2018, p. 102):

Há fatores que contribuem para que não haja uma política de indexação em bibliotecas, principalmente, nas públicas como a falta de recursos tantos profissionais quanto financeiros. Por isso, muitas delas não possuem nenhum procedimento de indexação, nem um sistema e nem uma definição dos elementos de política de indexação.

Muitas BPs, entretanto, não possuem política de indexação, o que pode comprometer a recuperação da informação por parte dos usuários. Pode e compromete, como a experiência em BP pode comprovar.

Não existem diretrizes para a indexação o que atrapalha, principalmente, a indexação dos textos narrativos de ficção, que são a maioria nas BPs, como visto.

A inexistência de uma política de indexação, ou, quanto existente, a sua insuficiência, podem “contribuir para a falta de sistematização dos procedimentos de indexação e das diretrizes a serem seguidas pelos bibliotecários durante a realização da indexação” (GIL LEIVA, RUBI, FUJITA, 2008, p. 240), o que se trata de algo ruim em uma biblioteca, principalmente para o usuário.

Quando uma indexação não é bem executada, o usuário não consegue recuperar as informações no sistema, e, assim, dificulta que encontre o que procura, por isso a afirmação é importante. Existe a constante necessidade de debate sobre políticas de indexação para bibliotecas, e a presente tese colabora para isso, uma vez que propõe um modelo de leitura para auxiliar na indexação de uma parte do acervo.

Para Carneiro (1985), a política de indexação deve ser interpretada como um guia de tomada de decisões dentro de uma biblioteca,

para que seja padronizado e não ocorra desvios na hora de determinar qual o termo mais apropriado para fazer a representação documentária. Assim, quando o usuário for realizar a busca, o sistema consiga recuperar a informação (TOLARE, FUJITA, TARTAROTTI, 2018).

Quando se fala de uma política de indexação para BPs, a discussão é ainda mais profunda, pois antes disso, é preciso que se esclareça a importância do papel da própria biblioteca na sociedade.

O papel de uma BP é social, na medida que, segundo o Manifesto da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas públicas (1994, p. 01):

A biblioteca pública - porta de acesso local ao conhecimento - fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais.

É através da disponibilização da informação que esse papel se concretiza. A pessoa precisa ter amplo acesso a informação em uma BP para que possa aprender, tomar suas decisões e se desenvolver culturalmente.

É a partir dessa caracterização do papel da BP na sociedade que se observa como seu trabalho precisa ser desenvolvido enquanto instituição, como o objetivo será alcançado através dos projetos que visem a disseminação da cultura para a população.

Santos (2011) coloca de maneira acertada que as BPs do Brasil não possuem as condições necessárias para atuar na Sociedade da Informação de maneira eficaz. Ainda existem muitas coisas a serem melhoradas para suprir a necessidade de todos os usuários. É preciso que a biblioteca conheça seus usuários e elabore estratégias consistentes para trazer a população para dentro de suas dependências.

As BPs precisam ter um processamento técnico adequado ao seu acervo, como explicar Hoffmann (2012), “onde a catalogação e a indexação represente os conteúdos dos documentos, possibilitando a busca pela informação rápida e precisa quanto ao material solicitado pelo usuário” (TOLARE, FUJITA, TARTAROTTI, 2018, p. 106). Contudo, as políticas de indexação para essas instituições ainda precisam ser muito debatidas, uma vez que faltam pesquisas na área que discutam e proponham alternativas e mudanças no atual cenário.

Não possuir uma política de indexação afeta diretamente a indexação de obras de literatura realizada nas BP, como já citado.

Como Almeida (2020, p. 112) mostra, Moreira e Dias (2007, p. 102) explicam que ao entrar em contato com o documento de literatura, rapidamente se descobre que “a análise, que em princípio parecia ser igual à de qualquer outro texto não-literário, torna-se muito mais complexa”. Os autores explicam que o trabalho desenvolvido pelos indexadores é feito maneira mecânica e não diferenciada, por isso os procedimentos usados para indexar um documento de ficção tendem a serem os mesmos utilizados para os de não ficção.

Como Fujita *et al.* (2017, p. 05) colocam de maneira muito clara:

Tradicionalmente na área de Ciência da Informação empregam-se para a leitura técnica de documentos, estratégias importantes como: ler o título das obras, os subtítulos, a introdução e conclusão, frases introdutórias de parágrafos e capítulos, legendas de ilustrações, gráficos, tabelas, diagramas e suas explicações, palavras ou grupos de palavras. Essas estratégias mostram-se eficazes em documentos que oferecem uma estrutura textual e física adequada para a aplicabilidade dessa leitura (como em artigos científicos, relatórios técnicos, livros didáticos, etc.), mas quando as mesmas estratégias são aplicadas para a leitura técnica de obras de ficção, os resultados não são tão eficazes, sendo restritos à identificação da língua em que o documento foi escrito, seu gênero e sua nacionalidade. Evidentemente que os termos de indexação que representam a obra por língua, gênero e nacionalidade são importantes, mas não evidenciam o conteúdo, o assunto do texto de ficção.

Em BP é muito comum ver um livro de literatura indexado com assuntos mais genéricos como o país de origem, por exemplo, e isso se intensifica quando o assunto é um livro de contos.

Abaixo exemplos breves de uma pesquisa no acervo da Biblioteca Municipal de Marília (BMM) “João Mesquita Valença”⁹, onde existe um acervo amplo de obras de ficção e de contos, e também experiência de trabalho pessoal.

O termo usado na pesquisa foi “literatura brasileira”. Foram recuperados 3861 resultados, divididos entre literatura brasileira adulta, infantil, juvenil e histórias em quadrinho. O exemplo retirado é da representação do livro “A bruxa de Portobello”, do autor Paulo Coelho:

Figura 3 - Representação do livro A bruxa de Portobello

Resumo Catalográfico	Formulário	MARC	Exemplares
Tipo de material:	Livro		
ISBN:	8577680150		
Idioma:	Português		
Localização:	869.93 C672b		
Autor:	Coelho, Paulo		
Título:	A Bruxa de Portobello		
Imprensa:	São Paulo: Gold, 2007		
Descrição física:	192p Não 15x23		
Série:	(Coleção Paulo Coelho)		
Notas:	2		
Notas de público alvo:	Adulto		
Notas:	Brochura		
Assunto tópico:	1. Literatura brasileira - ficção; 2. Ficção brasileira		

Fonte:

https://biblioteca.marilia.sp.gov.br/Biblivre5/?action=search_bibliographic#query=literatura+brasileira&material=all

⁹ <https://biblioteca.marilia.sp.gov.br/Biblivre5/>

A pesquisa foi feita por um tipo de literatura específica pois quando pesquisado apenas o termo “Literatura” são recuperados mais de 13 mil registros.

Vale ressaltar que os registros da BMM estão sendo revisados e refeitos, uma vez que uma mudança de software fez com que todos os registros fossem perdidos e precisassem ser refeitos por funcionários não especializados na área de biblioteconomia. No momento da revisão desses cadastros, os assuntos também são revisados, e em alguns livros outros assuntos são adicionados, já que entre as bibliotecárias atuantes na instituição existe a compreensão da importância de representar da melhor maneira possível um item. Entretanto, não são todos que já passaram por essa revisão, e mesmo quando já passados, não são todos que conseguem atribuições de novos assuntos. O registro da Figura 3 se trata de um registro não revisado.

Apenas para ilustração de um registro revisado, segue um retirado da mesma pesquisa, com o termo “literatura brasileira”:

Figura 4 - Representação do livro Amor além da vida

A imagem mostra uma interface web de um sistema de catálogo bibliográfico. No topo, há uma barra com quatro abas: 'Resumo Catalográfico' (selecionada), 'Formulário', 'MARC' e 'Exemplares'. Abaixo, há uma caixa de texto com o seguinte conteúdo:

Tipo de material:	Livro
Idioma:	por
CDD:	869.93 21. ed.
Localização:	869.93 P196a
Autor:	Pansieri, Solange, 1966-
Título:	Amor além da vida / Solange Pansieri
Imprensa:	São Paulo: PoloBooks, 2017
Descrição física:	59 p. ; 14x21 cm
Notas de público alvo:	Adulto
Notas:	Brochura
Assunto tópico:	Literatura brasileira - Romance Escritores marilienses

Fonte:

https://biblioteca.marilia.sp.gov.br/Bibliivre5/?action=search_bibliographic#query=literatura+brasileira&material=all

O livro recuperado foi escrito por uma autora da cidade de Marília, cidade onde a biblioteca se encontra, assim, pode-se observar o assunto “Escritores marilienses” presente. O assunto é importante para diferenciar esses autores, porém quando se trata da representação dos assuntos do livro, não configura um assunto relevante.

Os livros de contos também costumam ser indexados apenas pelo país de origem, pois se acredita que os assuntos ali encontrados seriam muito variados, o que dificultaria sua

representação. Contudo, essa variedade de assuntos necessita de representação, uma vez que o usuário pode procurar um assunto específico sobre um conto e não irá encontrar.

Na BMM não é diferente. É aqui que se pode observar a maior quantidade de livros indexados apenas pelo país de origem: quando a pesquisa é refinada para “contos”.

Foram recuperados 1113 registros com o termo “contos”, também divididos entre literatura brasileira adulta, infantil, juvenil e histórias em quadrinho. Logo entre os primeiros registros se pode observar:

Figura 5 - Representação do livro A cachorrinha de Brasília

Tipo de material:	Livro
ISBN:	978859072831-3
Idioma:	Português
Localização:	869.935 F866c
Autor:	Freitas, Afrânio Borges de;
Título:	A cachorrinha de Brasília
Imprenta:	Ribeirão Preto - SP: do Autor, 2010
Descrição física:	212p. Não 16x21
Notas:	2
Notas de público alvo:	Adulto
Notas:	Brochura
Assunto tópico:	1. literatura brasileira -Contos; 2- Contos brasileiros

Fonte: https://biblioteca.marilia.sp.gov.br/Bibliivre5/?action=search_bibliographic#query=contos&material=all

Nesse item não revisado podemos observar, ainda, que existiam duas maneiras de colocar o assunto para contos “literatura brasileira – contos” e “contos brasileiros”, o que mostra a não padronização. Os dois termos significam a mesma coisa e com uma política de indexação, esse problema poderia ser resolvido facilmente.

Apenas para ilustração de um registro revisado, segue um retirado da mesma pesquisa, com o termo “contos”:

Figura 6 - Representação do livro Antes do baile verde: contos

Resumo Catalográfico	Formulário	MARC	Exemplares
Tipo de material:	Livro		
ISBN:	9788535914313		
Idioma:	por		
CDD:	869.935 21. ed.		
Localização:	869.935 T274a		
Autor:	Telles, Lygia Fagundes, 1923-		
Título:	Antes do baile verde: contos / Lygia Fagundes Telles ; posfácio de Antonio Dimas		
Imprensa:	São Paulo: Companhia das Letras, 2009		
Descrição física:	205 p. ; 14x20 cm		
Série:	(Coleção Lygia Fagundes Telles)		
Notas de público alvo:	Adulto		
Notas:	Brochura		
Assunto tópico:	Literatura brasileira - Contos		

Fonte: https://biblioteca.marilia.sp.gov.br/Biblivre5/?action=search_bibliographic#query=contos&material=all

Esses são apenas alguns exemplos do que podemos encontrar no catálogo ao pesquisarmos sobre contos.

Assim sendo, resta evidente a importância de construir uma política de indexação e, além disso, de como é essencial que os contos sejam melhor analisados, pois dizer que um livro é composto de contos não facilita para o usuário saber quais os tipos de contos ele pode encontrar ali.

Quando se fala de contos, fala-se de um tipo específico de texto narrativo de ficção, que por sua vez, é diferente de um texto científico. Para explicar essa diferença, o próximo capítulo foi de extrema ajuda.

3 TEXTOS CIENTÍFICOS E NARRATIVOS DE FICÇÃO

Os textos narrativos são os objetos da presente tese e, por tanto, precisam ser esclarecidas suas bases e conceitos antes de passar para a etapa de como seus discursos funcionam e sua análise propriamente dita. Porém, antes de serem textos narrativos, são textos.

Segundo Koch (2004) o texto se trata de toda unidade de produção escrita ou oral, tendo fundamental papel para o ser humano na perspectiva de estudos de linguística textual, pois é através dos textos que se torna possível organizar cognitivamente o mundo. São excelentes meios de intercomunicação, produção, preservação e transmissão do saber, tornando o conhecimento não apenas visível como sociocognitivamente existente.

Guimarães, Nascimento e Moraes (2005, p. 135) mostram que os primeiros estudos sistematizados sobre texto surgiram recentemente, apenas na década de 1960 e se desenvolveu em 1970:

O texto se torna novamente objeto em discussão na linguística a partir, principalmente, dos anos 1960, com o surgimento de teorias enunciativas e discursivas variadas. Mas o texto não é assumido, nesse momento, somente nessa perspectiva discursiva. Em um contexto fortemente formalista, os anos 1970 vêm surgir, ao lado da Gramática Gerativo-Transformacional chomskiana, as Gramáticas de texto. Trata-se de uma perspectiva formalista que concebe o texto como unidade linguística superior à frase e como uma sucessão ou combinação de frases. Surgem, também, a partir desse momento, diversas outras teorias sobre o texto, pontos de vista diferenciados que construirão objetos teóricos distintos: cadeia de pronominalizações ininterruptas, cadeia de isotopias, complexo de proposições semânticas, etc. (GUIMARÃES; NASCIMENTO; MORAES, 2005, p. 135).

Analisar sequências de frases, segundo Van Dijk (1997), demonstra que orações são mais que meras sequências de palavras, pois tendem a construir o que se pode chamar de rede de significados. Ainda, sugere que a análise de textos supere as estruturas das sequências, ou seja, leve em consideração as estruturas globais de significado do texto, também conhecidas como macroestruturas.

A macroestrutura é onde se explicita a coerência do texto, a estrutura temático-semântica global e “difere-se da estrutura profunda dos enunciados simples e da estrutura superficial dos textos singulares” (MORAES, 2011, p. 13). Em síntese, a macroestrutura diz respeito ao conteúdo do texto, estando ligada aos macroatos realizados por ele e aos diferentes modos de atualização em situações comunicativas.

Para Moraes (2011, p. 13), se utilizando de Van Dijk (1997):

Segundo Van Dijk (1997, p. 54), subjacentes às informações linguísticas da estrutura de superfície existem macroestruturas de organização em termos de

categorias que funcionam como esquemas (*frames*) organizacionais armazenados na memória. Através desses esquemas, torna-se possível a reintegração da informação nova à prévia e a reformulação de hipóteses. Constitui a forma lógica de um texto, o nível cognitivo. É o nível do conteúdo, dos aspectos semânticos, no qual tema e tópico definem a representação do texto.

Já no nível superficial do texto, encontram-se as microestruturas, que são as proposições básicas do texto. É neste nível que a organização da estrutura linguística é processada, onde a relação entre as proposições gera a coerência do texto. De forma geral, a microestrutura é a estrutura local de um texto.

Van Dijk (1997) propõe, ainda, a superestrutura, que se trata de estruturas globais que caracterizam um tipo de texto independente de seu conteúdo, ou seja, a forma do texto. Segundo Moraes (2011, p. 13), “São culturalmente adquiridas e tidas como esquemas formais aos quais o texto se adapta”.

Denominaremos superestructuras a las estructuras globales que caracterizan el tipo de un texto. (...) Para decirlo metafóricamente: una superestructura es un tipo de forma del texto, cuyo objeto, el tema, es decir: la macroestructura, es el contenido del texto. (VAN DIJK, 1997, p. 142).

Com isso, para a presente tese, considerou-se que o texto possui uma forma (superestrutura), que não depende do conteúdo (macroestrutura) e que seu conteúdo (macroestrutura) se organiza e materializa em termos de estruturas superficiais (microestruturas) (MORAES, 2011).

Tais definições são de grande importância para este trabalho, uma vez que dois tipos específicos de texto foram tratados (texto científico e texto narrativo de ficção) e Van Dijk (1997) oferece as bases para as questões de forma dos textos. Expressa-se a importância de tratar os textos científicos para que haja uma comparação de estrutura e conteúdo com os textos narrativos.

Sobre as tipologias textuais, muitos estudos são voltados para suas discussões, mas não há um consenso, havendo algumas convergências e muitas divergências nas propostas.

Koch e Fávero (1987), trazem uma classificação dos textos que se torna importante aqui. Os textos se dividem em: **narrativos, descritivos, expositivos ou explicativos, argumentativos “*stricto sensu*” e injuntivos ou diretivos e preditivos.**

Os interesses aqui recaem sobre os **textos narrativos**, os expositivos e os argumentativos que juntos são conhecidos como **textos científicos** ou **dissertativos**.

Primeiro os textos científicos ou dissertativos.

3.1 TEXTOS CIENTÍFICOS

Os textos dissertativos podem ser: monografia, dissertação, tese, artigo científico, notícia editorial de jornal, conferência, manuais, receitas etc. (TRAVAGLIA, 2007).

Para Travaglia (2007, p. 65), o esquema de formulação de textos dissertativos é o seguinte:

B) Textos dissertativos

a) são os textos com maior porcentagem de verbos gramaticais, sobretudo os auxiliares modais das mais diferentes modalidades, os ordenadores textuais, as expressões e os verbos de relevância. Estes seriam caracterizadores dos textos dissertativos;

b) contêm todos os tipos de verbos: dinâmicos, estáticos e gramaticais;

c) aparecem os verbos enunciativos de pensar, já que se instaura o interlocutor como ser pensante, que raciocina: pensar, achar, saber, parecer, etc.;

d) os textos dissertativos só podem ser formulados com os aspectos imperfeito, começado, cursivo e os de duração ilimitada (indeterminado e habitual), já que pretendem apresentar fatos como válidos para todos os tempos;

e) como um texto do conhecer conceitual, é o tipo de texto com o maior número de modalidades presentes, mas predominam as modalidades da certeza (83,7%), da possibilidade (10,37%) e da probabilidade (4,08%). Ainda aparecem obrigatoriedade, permissibilidade, necessidade e volição (todas com menos de 1% e como objeto de análise);

f) aparecem todos os tempos verbais (categoria), mas a predominância é do onitemporal (67,85%) ou do tempo não marcado (21,86%), seguidos do futuro (4,18%), do presente (3,21%) e do passado até o presente (1,61%) nesta ordem. A marcação de presente para o futuro não apareceu. Entende-se a predominância do onitemporal e do não-marcado, tendo em vista as propriedades da dissertação de apresentar idéias vistas como válidas para todos os tempos, o conhecer abstraído do tempo.

Para Van Dijk (1997), o texto científico deriva de uma estrutura argumentativa composta de justificativa e conclusão, com o acréscimo de um problema e sua solução.

Os textos dissertativos, então, são compostos por três partes, essencialmente: introdução, desenvolvimento e conclusão.

A introdução é o local onde se expõe o tema que será tratado ao longo do texto e também onde se chama a atenção do leitor. Em textos dissertativos para ingresso em faculdade, a introdução, geralmente, é composta de apenas um parágrafo de, no máximo, cinco linhas. Já em teses e dissertações se inicia com uma página. Ainda, na introdução, pode conter: contextualização histórica e filosófica; comparações; citações e questionamentos sobre o assunto proposto (MAIS BOLSAS, 2021).

Já o desenvolvimento é onde o autor expõe detalhadamente seu tema, ampliando a discussão de maneira que pode trazer dados estatísticos, citações de autores importantes e que embasam sua linha de pensamento, além de exemplos práticos. É nesse momento que o autor

demonstra seu domínio sobre o tema e faz o leitor criar suas próprias opiniões. Seu tamanho depende da proposta do texto. Pode ser construído em dois ou três parágrafos em uma redação de vestibular ou provas de concursos, enquanto em artigos científicos ou dissertações, por exemplo, sua construção se dá em várias páginas, podendo se dividir em tópicos ou capítulos (MAIS BOLSAS, 2021).

Por último, a conclusão se trata da parte final do texto. É na conclusão que o autor resume as informações apresentadas no desenvolvimento e dá destaque para sua nova hipótese construída ou para sua solução. É composta de até cinco linhas nas redações de vestibulares e provas de concursos e de uma ou mais páginas em artigos científicos, dissertações ou teses.

Como visto, os textos dissertativos podem ser monografia, dissertação, tese, artigo científico, notícia editorial de jornal, conferência, manuais, receitas, entre outros, porém, esses tipos de textos são divididos conforme a apresentação de suas ideias: argumentativos ou expositivos.

Os textos dissertativos argumentativos são aqueles criados com a intenção de persuadir o leitor sobre uma determinada abordagem apresentada. Críticas só são feitas com base em exemplos e informações documentadas ou de conhecimento comum, opiniões de escritores, dados estatísticos e produções científicas (MAIS BOLSAS, 2021). Costuma ser expressa em terceira pessoa, com escrita e informações claras, seguindo uma sequência lógica para sua construção, apresentando uma tese e a confirmando, ou não.

São nos textos argumentativos que a maioria dos artigos científicos, dissertações e teses estão. Sua estrutura é muito próxima a de um texto escrito para o ingresso em uma faculdade, por exemplo, diferenciando na extensão e complexidade.

Nas produções científicas se costuma usar citações de autores relevantes para o tema, evidências anteriores já pesquisadas, além de um amplo levantamento bibliográfico, enquanto nas produções para ingresso em faculdades se costuma usar o senso comum, na maior parte das vezes, e também as citações e evidências científicas, porém, não com tanta ênfase quanto na outra. Ambos devem se preocupar com a utilização da norma padrão da língua portuguesa, bem como apropriada coerência e coesão.

Já os textos dissertativos expositivos têm o objetivo de informar e esclarecer ao leitor determinado assunto, através da exposição do tema, somente. Não existe a necessidade de convencer o leitor, como no anterior, mostra-se apenas os fatos conhecidos, bem como ideias e pontos de vista. Porém, é de extrema importância que o autor domine o assunto, já que por se tratar de transmissão de conhecimentos legitimados, não deve haver incorreções. Além de

precisar ser objetivo e claro, de forma que seja entendido pelo maior número possível dos leitores (NEVES, [entre 2007 e 2021]).

É aqui onde se encontram, comumente, notícias e editoriais de jornais e revistas, manuais, receitas, aulas, entre outros. Também podem ser encontrados aqui artigos científicos, por esse motivo nos textos argumentativos os artigos foram colocados como “maioria”. Um artigo científico pode ser argumentativo-expositivo.

Nos textos expositivos é recorrente apresentar muita informação de um determinado assunto, especificar conceitos e definições, recorrer a enumerações e comparações bem como mostrar exemplos dos assuntos abordados, tudo isso utilizando uma linguagem clara e objetiva. Nem sempre a estrutura formal de introdução, desenvolvimento e conclusão é utilizada, pois para o tipo de texto é mais importante a exposição das ideias de maneira correta do que a estruturação textual (NEVES, [entre 2007 e 2021]).

Os textos científicos mais utilizados e um dos mais conhecidos no meio da pesquisa são os artigos.

De antemão, o artigo científico é um texto que apresenta, divulga e discute técnicas e métodos, processos e resultados de pesquisas científicas (FERRI; HOSTINS, 2011). É diferente de uma dissertação, monografia ou tese, pois seu conteúdo é reduzido, de forma que apresente todas as informações necessárias, mas de forma sucinta.

A publicação de artigos em periódicos especializados é uma maneira de divulgar o conhecimento produzido para seus pares no meio científico e acadêmico (FERRI; HOSTINS, 2011). Essa divulgação colabora para mais produção de ciência:

Isso permite que outros pesquisadores, ou repitam a experiência – confirmando ou não seus resultados –, ou nela se baseiem, ampliando as discussões e o conhecimento sobre o assunto inspirando novas pesquisas (FERRI; HOSTINS, 2011, p. 27).

Segundo Marconi e Lakatos (2001, p. 88), os artigos ainda podem ser elaborados com os seguintes propósitos:

- discutir aspectos de um assunto que não foram estudados ou estudados superficialmente;
- encontrar novas e diferentes soluções para assuntos já tratados amplamente;
- estudar questões antigas sob enfoques contemporâneos;
- publicar resultados de pesquisas que ainda não possuem materiais suficientes para a construção de um livro;

- observar, aprofundar ou dar continuidade em questões secundárias que não necessariamente foram aproveitadas;
- refutar ou resolver erros em processos de pesquisa ou resultados controversos.

Além disso, os artigos podem abordar ideias, teorias, conceitos e hipóteses para que se possa discutir ou pormenorizar os aspectos.

Quando se fala de formação acadêmica, o artigo:

[...] tende a ser usado como estratégia de ensino para o desenvolvimento da capacidade de síntese das experiências de pesquisa realizadas pelo aluno. Ao produzir o artigo, o aluno inicia uma aproximação aos conceitos e à linguagem científica que necessitará desenvolver no momento da elaboração do trabalho de conclusão de curso (FERRI; HOSTINS, 2011, p. 27).

O artigo possui uma estrutura a ser seguida, uma vez que se trata de um texto científico, e, segundo Teixeira (2008), essa estrutura é a forma como o autor organiza os componentes do texto do começo ao fim.

É a ordenação coerente dos itens e dos conteúdos ao longo da sua redação geral. É a maneira como estruturam-se as partes objetivas/subjetivas, explícitas/implícitas, durante a elaboração do texto científico (SILVA et al., 2012, p. 02).

Segundo Silva *et al.* (2012), a estrutura dos artigos é a seguinte:

Quadro 6 - Estrutura do artigo

Elementos	Componentes
Pré-textuais	Título, e subtítulo (quando for o caso) Autor (es) Crédito(s) do(s) autor (es) Resumo na língua do texto Palavras-chave na língua do texto
Textuais	Introdução Desenvolvimento Conclusão
Pós-textuais	Referências Título, e subtítulo (quando for o caso) em língua estrangeira Resumo em língua estrangeira Palavras-chave em língua estrangeira Anexo (os)

Fonte: Silva *et al.* (2012, p. 02-03).

Os elementos pré-textuais são os que antecedem o texto e ajudam na identificação dele, além de facilitar a sua utilização. Além dos citados pelos autores, ainda se pode incluir, segundo a NBR 6022: Informação e documentação – Artigo em publicação periódica técnica e/ou científica - Apresentação (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2018, p.

04): datas de submissão e aprovação do artigo (obrigatório); título em outro idioma (opcional); resumo em outro idioma (opcional) e identificação e disponibilidade (opcional).

Todos os citados no quadro são elementos obrigatórios, porém alguns que a norma cita como pré-textuais são inclusos nos pós-textuais. Isso pode se dever ao fato de que alguns periódicos cobram os elementos como na norma e alguns como no quadro, devendo ser seguido conforme o exigido.

O resumo é o único elemento que possui uma norma própria para ser elaborado, sendo ela a NBR 6028: Informação e documentação – Resumo – Apresentação (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2003), e deve ser seguida no momento da construção do resumo de qualquer artigo.

Já os elementos textuais são a parte principal do artigo, compondo o texto propriamente dito, ou seja, onde o conteúdo do trabalho é mostrado. Como observado no quadro, são: introdução, desenvolvimento e conclusão. Todos são considerados elementos obrigatórios segundo a NBR 6022.

Para que não haja dúvida, a introdução, parte inicial do artigo, é onde deve conter a delimitação do assunto, os objetivos de pesquisa e outros elementos necessários para situar o artigo:

Na introdução deve-se expor a finalidade e os objetivos do trabalho de modo que o leitor tenha uma visão geral do tema abordado. É nessa parte que o autor indica a finalidade do tema, destacando a relevância e a natureza do problema, apresentando os objetivos e os argumentos principais que justificam o trabalho.

Em alguns textos, o final da introdução também é utilizado pelo autor para explicar a sequência dos assuntos que serão abordados no corpo do trabalho. Portanto, a introdução é a contextualização geral do trabalho acadêmico, enfocando os principais tópicos sem apresentar informações detalhadas. É recomendado que seja um dos últimos a ser elaborado para não haver desacertos entre o que foi introduzido e desenvolvido, principalmente com relação a conclusão (SILVA *et al.*, 2012, p. 05).

O desenvolvimento, considerada a parte principal do artigo, deve conter a exposição em ordem do assunto tratado no artigo. Pode-se dividir em seções e subseções conforme a norma NBR 6024 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2012). Então:

É importante expor os argumentos de forma explicativa ou demonstrativa, através de proposições desenvolvidas na pesquisa, na qual o autor mostra, assim, ter conhecimento da literatura básica, do assunto, onde é necessário analisar as informações publicadas sobre o tema até o memento da redação final do trabalho, demonstrando teoricamente o objetivo de seu estudo e a necessidades ou oportunidade da pesquisa que realizou (SILVA *et al.*, 2012, p. 05-06).

Já a conclusão ou considerações finais é, como o nome sugere, a parte final do artigo, onde se apresentam as considerações correspondentes às hipóteses e aos objetivos. Na conclusão é onde os elementos textuais dos artigos terminam. Deve-se:

Limitar-se a explicar brevemente as ideias que predominaram no texto como um todo, sem muitas polêmicas ou controvérsias, incluindo, no caso das pesquisas de campo, as principais considerações decorrentes da análise dos resultados.

Para Tafner et al. (1999)¹⁰ a conclusão “deve explicitar as contribuições que o trabalho alcançou, [...] deve limitar-se a um resumo sintetizado da argumentação desenvolvida no corpo do trabalho, [...] devem estar todas fundamentadas nos resultados obtidos na pesquisa” (SILVA *et al.*, 2012, p. 07).

Finalmente, os elementos pós-textuais são elementos que complementam o trabalho e devem constar logo após o texto. Como visto, aqui a norma NBR 6022 coloca alguns elementos e o quadro de Silva *et al.* (2012) acrescenta alguns outros. Para a norma, os seguintes elementos são considerados pós-textuais: referências (obrigatório); glossário (opcional); apêndice (opcional); anexo (opcional) e agradecimentos (opcional) (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2018, p. 04).

Segundo a norma, para as referências devem ser usadas as normas NBR 6023 - Informações e documentação - Referências – Elaboração (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2020).

Assim sendo, essa é a estrutura que um artigo científico deve seguir ao ser construído. Deve-se observar, como dito nos elementos pré-textuais, que também devem ser levadas em consideração as diretrizes para a escrita que os periódicos propõem, uma vez que para que o artigo seja aceito e publicado, ele deve seguir o periódico. No mesmo sentido, as normas são brasileiras e quando o artigo é submetido a periódicos internacionais, muito provavelmente essas regras devem mudar conforme o país.

Os artigos também obedecem, como observado, à composição de microestrutura e microestrutura, pois se tratam de textos. Aqui, a microestrutura é a estrutura composicional do artigo, ou seja, os elementos pré-textuais, os textuais e os pós-textuais. Já a macroestrutura se traduz na articulação das ideias, definições, problemas, hipótese e argumentações, colocadas no texto.

Fica claro, nesse momento, que os textos dissertativos não são os mais comuns no cotidiano das pessoas – a não ser para pesquisadores e estudantes de pós-graduação, ou ainda

¹⁰ TAFNER, M. *et al.* **Metodologia do trabalho acadêmico**. Curitiba: Juruá, 1999.

estudantes candidatos de vestibular e concursos públicos –, mas com as explicações, resta mais simples a observação de sua estrutura e relevância. Quando se fala de textos narrativos, entretanto, as informações não são tão claras e estudos vêm sendo desenvolvidos nessa temática.

3.2 TEXTOS NARRATIVOS DE FICÇÃO

Então, o que é o texto narrativo? Guimarães, Moraes e Guarido (2007, p. 95) levantam essa questão:

Considerando que la actividad bibliotecaria mira por, en un primer plan, tratamiento de la información para fines de subsidiar la investigación y el solaz (...), se observa que el profesional sabe, intuitivamente, la diferencia entre un texto científico y un texto narrativo de ficción. Sin embargo, ya hace mucho tiempo la literatura del área de análisis documental ha resaltado la importancia de *desautomatización* de procedimientos y de la substitución de los procesos intuitivos por procedimientos metodológicamente previsibles y defensables. Así, y considerando que la literatura tradicional del área de análisis documental ha dedicado sus mayores esfuerzos al delineamiento de los procedimientos metodológicos aplicables al texto científico, cabe la pregunta: en términos conceptuales, ¿cómo puede ser definido un texto narrativo? (GUIMARÃES; MORAES; GUARIDO, 2007, p. 95).

A Análise Documental, portanto, tem seu foco em textos científicos, surgindo, assim, a necessidade de estabelecimento de parâmetros para estudos futuros em textos narrativos de ficção.

Desta forma, para uma breve retomada dos conceitos, os dois textos – dissertativos e narrativos – obedecem à composição estrutural, sendo: a microestrutura (estrutura superficial), onde elementos linguísticos que ajudam na composição de texto se encontram; a macroestrutura (estrutura profunda), onde constam elementos que constituem a semântica do texto; e a superestrutura que se define pelo uso social do texto.

Para Guimarães, Moraes e Guarido (2007), baseado em Van Dijk (1992) e Koch; Fávero (1987), estabelecem os seguintes critérios ou padrões para a composição de textos narrativos:

Narración:

Superestructura: En la narrativa predominan las acciones. En la estructura clásica de la narrativa, la situación espacial y temporal, así como los personajes y los contextualizadores, son introducidos en el resumen; se siguen los acontecimientos, que abarcan la complicación, la evaluación y la resolución.

Macroestructura: el tema abarca una persona, un ser animado, o una cosa definida antropológicamente. Presupone una idea de acción, de cambio de estado, de transformación o de acontecimiento. La secuencia temporal es fundamental.

Dimensión lingüística de superficie: predominan relaciones subordinativas, con un verbo de cambio en pasado e indicadores de tiempo y lugar. (GUIMARÃES; MORAES; GUARIDO, 2007, p. 97).

No mesmo sentido, Damazo (2006), se apoiando em Tatit (2002), aponta como se pode definir a narração:

- É o tipo de texto que relata as mudanças progressivas de estado que vão ocorrendo com as pessoas e as coisas através do tempo. Os episódios e os relatos estão organizados numa disposição tal que entre eles existe sempre uma relação de anterioridade ou de posteridade;
- A narração situa as coisas no tempo. As palavras que predominam na narrativa são os verbos que expressam ação e os pronomes pessoais. Os tempos verbais mais freqüentes são o pretérito perfeito e o mais-que-perfeito. Pode ocorrer também o presente histórico – que tem valor de passado;
- A narração e a descrição são formas de expressão que se alternam e se complementam, tanto na narração quanto na descrição predominam termos concretos, que se referem a pessoas ou coisas do mundo real ou presumivelmente real (DAMAZO, 2006, p. 26).

As ações nos textos narrativos acontecem com pessoas de maneira que as descrições de circunstâncias, objetos e acontecimentos fiquem subordinadas a elas, de maneira clara. Van Dijk (1997) afirma que se trata da primeira característica fundamental desse tipo de texto.

Para Dufrenne (2004, p. 181), existem três condições estabelecidas por ele para o sentido de uma obra literária que o texto narrativo atende:

- ✓ A linguagem: nela a obra se refere de algum modo ao mundo, mesmo que seja para negá-lo ou fazer dele a tela de fundo do imaginário. Um conjunto só é significante se indica um significado, se visa a uma realidade exterior aos signos e primeiramente designada pelos signos: para descrever, é preciso, antes de tudo nomear, e o sentido descrito diz respeito a objetos nomeados. Um conjunto só é significante se apela para o mundo e se encontra no mundo a fonte do sentido;
- ✓ Os elementos desse conjunto sejam eles mesmos significantes: a significação é a expressão pela qual a obra ao se exprimir produz em nós o seu sabor e nos dá a fruir o sentido. A frase diz algo que a palavra por si só não diz, ela instaura uma relação entre termos e o seu sentido reside nessa relação. O sentido dos termos consiste em designar objetos que se prestam a essa relação porque eles mesmos têm um sentido;
- ✓ Leitura fortemente criadora: é necessário que haja alguém não somente para dizê-lo com palavras, mas para lê-lo nas coisas que o carregam ou nas palavras que o dizem.

Ainda na mesma direção, Travaglia (2007, p. 66) também esquematiza e exemplifica a formulação desse tipo de texto:

D) Textos narrativos

a) os verbos gramaticais predominantes são os marcadores temporais e os auxiliares aspectuais, o que é coerente com a propriedade dada pela

- perspectiva de inserção no tempo e também os auxiliares semânticos (que dão detalhes ou nuances dos fatos narrados);
- b) são constituídos essencialmente por verbos dinâmicos (ações, fatos, fenômenos, transformativos);
- c) aparecem verbos enunciativos de contar e assistir, já que o produtor é o contador e o receptor é o assistente dos episódios: presenciar, assistir, ver (tudo/o que acontecer/sucedor/ocorrer), contar, relatar, narrar, falar/dizer (tudo/o que acontecer/ suceder/ocorrer);
- d) só são possíveis com o aspecto perfectivo que caracteriza a narração. Dos aspectos de duração, os mais característicos da narração são o durativo, o iterativo e o pontual;
- e) as modalidades características desse tipo de texto são a certeza e a probabilidade, uma vez que são os textos que dão a conhecer os acontecimentos;
- f) também para a narração o tempo atualizado depende da relação entre o tempo referencial e o da enunciação: a) presente na narração presente (85,65% dos verbos com tempo atualizado. O passado aparece com função retrospectiva.); b) passado na narração passada (98,50% dos verbos com tempo atualizado). O presente aparece com função de relevo emocional; c) futuro nas narrações futuras (os dados não foram quantitativamente significativos, mas confirmam a hipótese).

De forma geral, o que fica claro é que nos textos narrativos a microestrutura é necessariamente formada por elementos que mostram ações e mudanças de estados, através de verbos e por indicadores de tempo e lugar. Já a macroestrutura é caracterizada pela presente existência de personagens em situações que demandam mudanças de estado, enquanto a superestrutura se preocupa com a sequência de ações. Segundo Savioli e Fiorin (1990, p. 289), o texto narrativo “[...] relata as mudanças progressivas que vão ocorrendo com as pessoas e as coisas através do tempo”.

Na presente pesquisa o texto narrativo de ficção é um tipo de texto analisado. Já foi exposta, até aqui, a definição e explicação do que são textos narrativos, portanto, agora é imprescindível tratar o que é ficção, para posteriormente deslocar para os textos narrativos de ficção.

Tais explicações são de grande relevância para o trabalho, visto que as áreas de classificação e indexação não dão o destaque necessário ao tratamento documental de literatura (ou como será visto a seguir, de ficção), e dessa forma, não tornando sólidas as práticas de representação do assunto literário (ALMEIDA, 2020).

Assim, no que diz respeito à ficção, Almeida (2020) expõe que se trata de um termo associado à Literatura, usado para definir as obras que apresentam conteúdo não real. A Literatura pode também representar a realidade, e quando isso ocorre, não se constituirá como ficção, porém essa não será a essência da obra literária, uma vez que se trata de uma

composição artística original de expressão escrita que na sua essência não se destina a veicular informação factual e objectiva, mas antes constitui o resultado da actividade imaginativa do seu autor, podendo ou não ter por base identidades com existência real ou fictícia não criadas originalmente pelo autor (SIPORbase, 1998, 812, p. 1)¹¹.

Ainda Almeida (2020, p. 08) mostra que a associação entre ficção e Literatura se torna mais forte com o Romantismo

um movimento artístico-literário do final do século XVIII e início do século XIX, que veio valorizar a imaginação e fantasia bem como o sentimento e a originalidade criadora, por refutação à razão e aos formalismos dos modelos tradicionais do Neoclassicismo. Com o advento do género literário Romance, a ficção consolidou a sua associação à narrativa literária em prosa, o que justificará o facto de se colocar o texto poético e o texto dramático em categorias distintas.

A literatura científica da área referente a representação em CI não esclarece sobre a utilização dos termos Literatura e ficção. Na maior parte das vezes se observa a utilização dos dois termos como equivalentes no sentido.

Em alguma bibliografia, os autores socorrem-se de expressões como Literatura imaginativa, Literatura ficcional, Literatura de ficção ou ficção literária e ficção popular, ficção séria e ficção recreativa (ALMEIDA, 2020, p. 08).

Entretanto, é considerado aceitável que se utilize os dois termos de forma intercambiável, como pode acontecer nesse trabalho.

García-Marco *et al.* (2010) afirmam que nem toda ficção é narrativa, já Beghtol (1994) discorda, associando ficção apenas a textos de prosa narrativa, como os contos.

Portanto, na perspectiva da CI se pode observar que as definições sobre texto narrativo de ficção não são universais e as vezes um pouco controversas. Ainda para Beghtol (1994, p. 7. tradução nossa), temos uma definição ampla do são esses textos:

O mundo dos documentos pode ser dividido inicialmente de uma forma convencional, ou seja, as obras que se acredita surgirem principalmente da imaginação de seus criadores e as que se acredita surgirem de uma faculdade racional. "Ficção" pode, por sua vez, ser definida operacionalmente como obras que surgem da imaginação e que são escritas em prosa narrativa. Neste contexto, "narrativa" pode ser tomada de forma ampla para incluir discursos que progridem em algum sentido de um ponto a outro

¹¹ SIPORbase - Sistema Indexação em português: manual. Área de Classificação e Indexação. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 1998.

Os textos de ficção precisam ser lembrados pela sua forma de manifestação artística presente em todas as civilizações, sendo estudados desde a Grécia Antiga. Na mesma perspectiva, Moraes (2011) afirma que o texto de ficção é uma manifestação artística construída com palavras, indo além de ser apenas escritos oriundos da imaginação do escritor.

Nessa perspectiva, segundo Sabbag (2013, p. 47) – e a partir deste momento a autora será muito mencionada pois suas definições de extrema importância para o trabalho – o texto narrativo de ficção é uma manifestação artística que

[...] compreende microestruturas (elementos que indicam ações e mudanças de estado), macroestrutura (presença de personagens em situações que demandam mudanças de estado) e superestruturas (demarcadas por sequências de ações).

Dessa forma, podem ser entendidos como uma obra de arte onde o escritor é o artista que cria e seleciona criteriosamente os termos que vão representar o contexto escolhido. De maneira poética, porém fatural, pode-se dizer que:

O pincel do artista escritor são as palavras que dão vida a obra de arte, fornecendo ao leitor uma nova perspectiva acerca do mundo, das relações humanas, das situações humanas, mesmo quando a realidade usada para demonstrar sua arte tenha elementos do imaginário, demonstrando sentidos fora da realidade, e sugira múltiplos e variados significados (SABBAG, 2013, p. 47).

Para a Análise Documental, volta-se um olhar totalmente novo à manifestação textual do texto narrativo de ficção ao considerá-lo uma manifestação artística. Ainda segundo Sabbag (2013, p. 48)

É considerar que sua interação e interlocução atuam de um modo peculiar no desenvolvimento da competência comunicativa do analista. Essa competência comunicativa proporcionará um tipo específico de interação com o leitor-analista: interação com uma criação artística; com uma forma artística; com uma expressão artística.

Existem algumas definições para o termo “Arte”, mas a que mais interessa é a encontrada no Dicionário Houaiss online (ARTE..., 2021) que confirma o texto narrativo de ficção como obra de arte:

15 produção consciente de obras, formas ou objetos voltados para expressão da subjetividade humana, os nossos sentimentos e opiniões, assim como para retratar as nossas experiências, transmitir informações e semear beleza, divertimento e reflexão <a. literária. <a. da pintura> <a. cinematográfica>.

Dessa forma, a ficção como criação artística <literária> mostra que o autor realiza uma leitura original e particular dos elementos da realidade. Cuida-se de uma “literatura que utiliza a imaginação e a criatividade de uma obra literária (narrativa)” (SABBAG, 2013, p. 48). Ou seja, os elementos imaginários usados para a sua construção são embasados no real e/ou de elementos da realidade inseridos em contexto imaginário: ficcionalismo, ficcionismo, literatura de ficção, narrativa (FICÇÃO..., 2021).

Para Martins (2010), retirado de Sabbag (2013, p. 49), os tipos de obra de arte podem ser classificados segundo o meio, e segundo o espaço e o tempo, da seguinte forma:

Figura 7 - Tipos de Obras de Arte

Tipos de obra de arte		Características	Exemplos
Segundo o meio	Visuais	O objeto artístico é percebido pela visão	Desenho, fotografia, arquitetura, escultura, pintura
	Auditivas	O objeto artístico cria uma série de sons que são percebidos pelo ouvido	Todas as formas de música
	Verbais	O objeto artístico é formado por palavras e deve ser percebido pela capacidade decodificadora do sujeito (intelectual e sensorial)	Qualquer forma de literatura
	Mistas	O objeto artístico resulta da combinação dos tipos anteriores e deverá ser observado também de forma integrada	Dança, canto, cinema, teatro, ópera
Segundo o espaço e o tempo	Espaciais	O objeto artístico realiza-se num espaço determinado, não tem movimento, é captado num ato único de compreensão	Desenho, fotografia, arquitetura, escultura, pintura
	Temporais	O objeto artístico desenvolve-se no tempo; é formado por elementos sucessivos e num ato de percepção continuado	Dança, canto, cinema, teatro, ópera

Fonte: Martins, J. (2010).

Observando a figura, entende-se que o texto narrativo de ficção é uma obra de arte caracterizada segundo o meio verbal, sendo o objeto artístico composto por palavras e que deve ser percebido pela capacidade de decodificação do sujeito, sendo essas capacidades: intelectual e sensorial.

Ainda segundo Sabbag (2013, p. 49-50), citando Dufrenne (2004, p. 181), o texto narrativo de ficção atende à três condições para o sentido da obra literária anteriormente citados para os textos narrativos: a linguagem; a significação e a leitura fortemente criadoras.

Moises (1990, p. 104) coloca de maneira profunda e assertiva:

De todas as práticas de que podemos valer-nos para refazer o real, com a ajuda da imaginação, a que aqui nos ocupa é a literária, isto é, a reconstrução do mundo pelas palavras. Nas histórias inventadas podemos, eventualmente,

encontrar um mundo preferível àquele em que vivemos (...). Mas dizer que a obra literária compensa assim, positivamente, as falhas do real levar-nos-ia a uma visão dialética da literatura: supor que todas as narrativas e todos os poemas apresentam um mundo mais belo, mais prazeroso do que o mundo real. A literatura seria então, aquele famoso “sorriso da sociedade”, e o escritor uma incorrigível Poliana ou um inofensivo sonhador. (...)

Na sua gênese e na sua realização, a literatura aponta sempre para o que falta, no mundo e em nós. Ela empreende dizer as coisas como são, faltantes, ou como deveriam ser, completar.

Nesse sentido, o texto narrativo de ficção usa a imaginação para refazer o real e reconstituindo o mundo por meio das palavras. E essa reconstrução, eventualmente, se torna um mundo preferível em relação ao que vivemos, e mesmo ao apresentar dados do mundo real, eles são apresentados de forma mais harmonizada.

Diante de toda exposição até aqui, infere-se que a diferença entre um texto de ficção e o de não ficção, ou o texto científico, mora na escolha dos termos para sua construção. Moraes (2011, p. 22) explica:

[...] pode-se chegar à conclusão que o texto de ficção é aquele que é escrito pensando-se, também, na seleção dos termos que melhor de adéquem e reforçam o contexto sugerido pelo conteúdo semântico, ou seja, a ficção é uma forma de manifestação artística, na qual o artista se serve das palavras para criar a sua obra de arte, buscando com esta fornecer um novo olhar para as situações humanas, ou mesmo criando uma realidade que pode ser chamada de paralela (MORAES, p. 22, p. 2011).

Os textos científicos, ou de não ficção, também são escritos nos mesmos moldes, ou seja, através de uma seleção rígida dos termos a serem utilizados, mas os termos são escolhidos para que possam ser os mais claros possíveis. Enquanto no texto de ficção a escolha dos termos acontece de maneira que possa sugerir múltiplos e diferentes significados.

Com isso, pode-se concluir que os textos narrativos de ficção podem ser representados de maneira mais eficiente (indexados), se analisados como representações artísticas pelo analista, segundo Sabbag (2013).

Moraes (2012) toma Eriksson (2005) como base para evidenciar que o problema de indexação de ficção é discutido há bastante tempo, desde o primeiro artigo publicado em 1898, quando o importante bibliotecário britânico Ernest Baker escreveu sobre classificação de ficção no *Library World*, acarretando uma discussão sobre o mesmo problema no início do século XX, na *American Library Association* (ALA), como já visto.

Moraes (2012) também mostra um levantamento dos últimos trinta anos sobre questões de ficção, importante para observar os caminhos e importância que os estudos veem tomando, os trabalhos citados são: Pejtersen (1978, 1979), Pejtersen e Austin (1983, 1984), Pejtersen *et.*

al. (1998), Beghtol (1986, 1992, 1994, 1995, 1997), Hayes (1992), Nielsen (1997), Saarti (1999b), García-Marco e García-Marco (1997), Moraes e Guimarães (2006), Guimarães; Moraes; Guarido (2007), Moraes (2008), García-Marco *et al.* (2010).

Alguns outros estudos também mostram o crescente interesse na indexação de ficção, como pode ser observado em Alves (2008, 2020a), Antonio (2008), Antonio e Moraes (2010), Moraes (2011, 2012), Sabbag (2013, 2017), Fujita *et al.* (2017), Caprioli (2018), Saarti (2019), Lima *et al.* (2020), Moraes; Lima; Caprioli (2020), Almeida (2020), e Lima (2021).

Almeida (2020) corrobora com tais apontamentos, afirmando que desde a década de 70 até a atualidade, vários pesquisadores vêm desenvolvendo estudos, instrumentos e modelos que permitem, de alguma forma, uma melhor organização e recuperação de literatura. Contudo, observa-se a necessidade de harmonização e extensão a nível nacional de pesquisas que surgiram, na maior parte das vezes, de necessidades particulares de uma biblioteca ou iniciativas individuais dos pesquisadores.

Restou observado, então, que os textos narrativos de ficção são objetos complexos, podendo-se afirmar que a representação desse tipo de texto não seja tão completa e eficiente em unidades de informação, onde o trabalho se justifica, pois tem a intenção de trabalhar com tais textos para se construir instrumentos que sejam adequados para a representação de forma que possa ser usado universalmente.

Como visto, Beghtol (1994) coloca os contos como textos de ficção. E são exatamente os contos que serão tratados a seguir, uma vez que fazem parte dos textos analisados na presente tese.

Os contos, como visto brevemente, são considerados textos narrativos de ficção, fazendo parte dos textos em prosa. Segundo Moisés (2007), a prosa se constitui do “não-eu” através de metáforas e denotações, mas não de maneira pura.

Explicando o caráter da prosa, tomando por objetivo sua análise, o autor traz:

[...] que ela se enquadra no perímetro das Artes, a metáfora continua a ser seu meio primordial de comunicação, mas empregada segundo específicos padrões de qualidade e quantidade. Enquanto a poesia ostenta substancialmente um cerrado tecido de metáforas, a prosa explora-as com parcimônia, mercê de seu pendor para oferecer uma imagem "objetiva" e "concreta" da realidade. E ao passo que a metáfora poética é polivalente, a metáfora da prosa tende à univalência, ou por outra, ao passo que a poesia lança mão de signos conotativos, a prosa exprime-se acima de tudo em linguagem denotativa (MOISÉS, 2007, p. 84).

O autor ainda coloca que a linguagem da prosa não é pura denotação, pois se isso acontecesse, perderia sua feição artística, mas se aproxima da denotação “na medida em que o

prosador assume, geralmente, atitudes diretas em face da Natureza e dos homens, à procura de ser tão explícito quanto possível” (MOISÉS, 2007, p. 84).

Assim, a prosa narrativa também recorre à conotação, ou às metáforas, sempre que o fluxo narrativo requerer ou permitir, “a rigor, uma obra em prosa de superior quilate, seja ela de cunho ‘realista’, seja introspectivo ou poético, caracteriza-se por utilizar, equilibradamente, a linguagem denotativa e a conotativa” (MOISÉS, 2007, p. 85).

Os conceitos tomados aqui como base se tratam dos tradicionais sobre conotação e denotação, onde a primeira se vale da metáfora, sendo atribuídos significados não literais, enquanto a segunda é justamente o contrário, tem por objetivo trazer o real significado dos termos e palavras.

Então, quando se fala de textos em prosa, refere-se a textos que possuem estruturas específicas para serem escritos e, dessa forma, considerados de tal classificação. Os contos são um ótimo exemplo disso.

Quanto as acepções que a palavra “conto” tem, Moisés (1995) mostra que podem aparecer referências a “conto de réis” ou a enganação, ou “conto do vigário”, como o dicionário UNESP do Português Contemporâneo (BORBA, 2011) corrobora:

CONTO₁ con-to **Sm** 1 narrativa escrita ou oral: Comecei minha carreira escrevendo contos. 2 engodo; trapaça: Existe na praça um novo conto para extorquir dinheiro.

CONTO₂ con-to **Num** [Multiplicativo] 1 um milhar de mil réis, ou seja, um milhão de réis; hoje seria um milhão de reais: A fazenda foi vendida por trezentos contos (BORBA, 2011, p. 336).

Existe ainda definições mais recentes, como:

Conto

Substantivo masculino

1 LIT narrativa breve e concisa, contendo um só conflito, uma única ação (com espaço ger. limitado a um ambiente), unidade de tempo, e número restrito de personagens <os. c. de As Mil e Uma Noites> <os. c. de Machado de Assis>  cf. *fábula* e *romance*.

2 relato intencionalmente falso e enganoso; mentira. Embuste, treta (CONTO..., 2021).

Observa-se que, em ambas, o número 1 é a definição que aqui se torna importante: narrativa.

Os contos são narrativas de menor extensão, que tem como característica concisão, precisão, densidade, unidade de efeito ou efeito único ou total (ANTONIO, 2008, p. 44).

Para Coutinho (2008, p. 69-70), reforçando o que a autora afirma

[O] contista oferece uma amostra, através de um episódio, um flagrante ou um instantâneo, um momento singular e representativo. Procura obter a unidade de impressão rapidamente, à custa da máxima concentração e economia de meio, e graças à simplificação, gradação e progresso direto da narrativa.

Definir conto é uma tarefa complexa que envolve conceitos que até mesmo os Estudos Literários divergem e, nesse sentido, acredita-se que o exposto até o momento basta para o que o trabalho se propõe.

Os contos foram os textos narrativos de ficção escolhidos por ser trajetória de pesquisa, por serem justamente textos com certa complexidade para se trabalhar e também, e mais importante, pelos Modelos de Leitura existentes não os contemplarem, o que torna difícil uma indexação adequada em bibliotecas, principalmente as públicas, onde se tem observação e experiência prévia, e também onde o acervo é composto em boa parte por contos, principalmente de literatura brasileira.

Até o momento foi exposto o tipo de texto trabalhado nas análises e sua comparação com os textos científicos, amplamente trabalhados na área da CI. Passa-se, então, para a comparação dos tipos de discursos proferidos por esses diferentes textos e como a Análise do Discurso atua entre eles.

4 DISCURSO CIENTÍFICO E LITERÁRIO

Segundo Orlandi (2009), a etimologia da palavra discurso tem a ideia de percurso, de movimento e é no estudo do discurso que se observa o homem falando.

Para Maingueneau (2009) a noção de discurso atua em dois planos, de algum modo, tornando de difícil operação. De um lado, o discurso possui certos valores clássicos em linguística, enquanto do outro, seu uso passível de pouco controle pode servir de palavra-chave em uma certa concepção de língua.

Nos valores clássicos, no campo da linguística, o discurso pode se situar em diversas oposições, segundo Maingueneau (2009), da seguinte forma.

Sucessões de “frases” podem construir uma unidade linguística e é onde a AD se refere à “gramática do discurso”, concebida nos anos 50 por um linguista como Harris.

Discurso e “língua” também podem ser opostos. A língua pode ser conceituada como sistema de valores virtuais, aproximando-se, com isso, da oposição de língua e fala de Saussure.

Ainda, discurso se aproxima de “enunciação”, segundo Benveniste (1991), tratando-se da língua que assume o homem que fala, e na condição de intersubjetividade constituinte do fundamento da comunicação linguística.

Em um nível acima, o “discurso” sendo considerado como um uso restrito do sistema, como por exemplo, “discurso comunista” se opõe à “língua”, aqui definida como sistema compartilhado por membros de uma comunidade linguística. Nesse contexto o “discurso” se trata de um termo ambíguo, podendo designar tanto o sistema que possibilita produzir um conjunto de textos, como também esse conjunto de textos, exemplificando “o ‘discurso científico’ é tanto *o conjunto dos textos* produzidos pelos cientistas como *o sistema* que permite produzi-los, eles e outros textos qualificados de científicos” (MAINGUENEAU, 2009, p. 40), sendo contradito por Orlandi (2009).

Para Orlandi (2009) o texto não pode ser confundido com um discurso, uma vez que o texto se trata da unidade de análise do discurso onde o enunciado se apoia no texto no processo de construção apenas para estruturação.

O primeiro discurso a ser explanado aqui é o científico, já que é um dos discursos tratado em comparação com o literário.

O discurso científico é, para Severino (2013, p.75), fundamentalmente raciocínio, ou seja, “[...] um encadeamento de juízos feito de acordo com certas leis lógicas que presidem a toda atividade do pensamento humano”. Tem a finalidade de estabelecer verdades por meio de argumentações que devem servir como provas.

Dessa forma, surge um discurso seguindo uma organização tripla, segundo Charaudeau (2016, p. 551):

[...] problematização (apresentação de um questionamento), posicionamento (engajamento do sujeito argumentante em uma posição a ser defendida), persuasão (apresentação de estratégias de provas), segundo um raciocínio hipotético-dedutivo (ver mais além).

Ou seja, há uma forma de escrever um discurso científico, como visto anteriormente. Ainda, por causa de sua estrutura e pela maneira que se comunica, o discurso científico pode economizar explicações desnecessárias e pode utilizar vocabulário especializado, já que se presume que os pares para qual comunica o conhecem. Os pares são os sujeitos que se supõe que possuam as mesmas referências de saber especializado e compartilham uma neutralidade de posições ideológicas.

Ainda segundo o autor:

É preciso dizer que o sujeito científico, ao se expressar oralmente ou por escrito, sabe que se dirige a destinatários múltiplos, ainda que esses se encontrem numa mesma comunidade de saber, a comunidade científica. Na verdade, os destinatários são portadores de posicionamentos diversos apoiados em teorias diferentes. Em vista disso, o sujeito do discurso científico deve levar em conta os diversos posicionamentos, fazendo-o responder de antemão a algumas objeções que lhe poderiam ser feitas. Disso advém o fato de conviverem ao mesmo tempo a citação e a oposição (CHARAUDEAU, 2019, p. 551).

Para ele, o tema do discurso científico é sempre o objetivo e se inscreve em um macrotema, que ao mesmo tempo constitui a questão.

Quanto a divulgação dessa ciência, é feita por meio de desenvolvimento de pesquisas e publicações em revistas e periódicos, para que haja a comunicação entre seus pares, como observado no tópico 3.1, sobre os textos científicos.

Essa comunicação resulta em um novo sistema de conceitos e de relações entre conceitos e é fundamental para a identificação do saber científico; resulta em uma metalinguagem científica que permite o controle e estabelecimento de um conjunto de regras que distinguem o verdadeiro do falso, se atribuindo ao verdadeiro efeitos específicos de poder (FOUCAULT, 2004).

A metalinguagem científica circula apenas no âmbito da comunidade científica e só é dominada por seus pares, justamente por se constituir de códigos aprendidos por eles através de extenso treinamento.

Os códigos se apresentam, na maior parte do tempo, de forma linear, objetiva, a-histórica e neutra. Segundo Orlandi (1997, p. 30), o cientista se relaciona com a memória do seu saber a resgatando, e assimila o que pode, deve ou não ser dito. Com isso, é possível dizer que o discurso científico se trata de um discurso próprio a ser interpretado dentro de uma formação discursiva (conceito a ser tratado em breve).

Assim:

Ao postular um discurso neutro, único, objetivo, a ciência estabelece o que pode ou não ser dito, determinando o gesto de interpretação necessário ao seu entendimento. A ciência é construída a partir de memórias discursivas prévias, de uma formação discursiva que aponta para os sentidos possíveis e coíbe os demais sentidos, estabelecendo uma metalinguagem técnica, científica. O cientista recebe em seu treinamento os sentidos aceitos para determinadas formulações e os que não são, e dessa forma conhece o que é e o que não é permitido em sua área, através do domínio da metalinguagem específica, constituída através de uma memória discursiva prévia (BERSOT; LIMA, 2012, p. 292).

Assim, ao se constituir, o discurso científico apaga marcas de outros discursos que seriam possíveis e da historicidade na formação dos sentidos, vem daí a ilusão de universalidade.

Dominar a linguagem técnica é parte imprescindível do aprendizado do cientista e, como Pêcheux e Fuchs (1975) colocam, o significado dos enunciados e das palavras dependem do discurso a qual pertencem.

O discurso científico é mais trabalhado em pesquisas e trabalhos acadêmicos por serem uma modalidade textual muito mais explorada em detrimento dos textos de literatura, como visto. Isso ocorre por alguns motivos, e um deles é o fato do texto científico possuir uma estrutura fixa e fácil de se compreender, onde seu discurso tem o lugar certo para se expressar aos pares e com linguagem específica. O discurso é construído para que haja o mínimo possível de ruído em sua transmissão. O que aparentemente não ocorre no discurso literário.

No discurso científico, em confronto com o discurso literário, prevalecem a exatidão, o detalhamento e a precisão de vocabulário. Ele deve esclarecer, com a intenção de convencer de maneira sóbria linguisticamente, enquanto o discurso literário deve impressionar, com a intenção de agradar (GARCIA, 2006). O autor ainda completa: “Uma traduz-se em objetividade; a outra se sobrecarrega de tons afetivos. Uma é predominantemente denotativa; a outra, predominantemente conotativa” (GARCIA, 2006, p. 387).

Isso posto, fica claro que o discurso científico precisa se submeter às convenções linguísticas vigentes, dentre elas, segundo Targino (2007, p. 22), as seguintes:

[...] concisão (qualidade de expor tão-somente o essencial, com omissão dos elementos desnecessários); objetividade (qualidade de discorrer de imediato sobre o assunto, sem delonga); clareza (qualidade que permite ao leitor compreender o texto com facilidade); e apresentação dos textos com certa dose de impessoalidade, haja vista que a ciência consiste em processo coletivo e infindo de construção. Em qualquer circunstância, alteram-se atitudes comportamentais (linguagem, postura gestual e no sentar-se, vestuário, por exemplo), a depender do interlocutor e do ambiente. De forma similar, adaptam-se textos escritos, orais, eletrônicos e digitais ao público-alvo.

Não é raro que se precise ler alguns discursos científicos para compreender a linha central de pensamento. Recomenda-se a leitura do resumo para entendimento do texto, porém em alguns casos, essa ação se torna insuficiente, pois, muitas vezes, os pontos principais ficam ocultos em algum ponto do texto ou, principalmente, na conclusão. Comprometendo, assim, a clareza da exposição das ideias no texto.

Há também os documentos prolixos, onde os autores se afastam do argumento central explorando questões irrelevantes e paralelas, comprometendo, portanto, a objetividade e a concisão do texto (TARGINO, 2007).

Fica a cargo do pesquisador, ou seja, o divulgador da ciência, seguir os parâmetros mínimos para que a divulgação científica aconteça, sendo eles, além da clareza, da concisão e da objetividade: “[...] proximidade e atualidade, simplicidade e brevidade na exposição dos fatos do presente [...]” (TARGINO, 2007, p. 25).

Porém, Garcia (2006) aponta que ter lógica, precisão e clareza não exclui, necessariamente, imaginação na redação do texto científico. O discurso científico precisa ser objetivo quanto ao seu conteúdo, mas uma

[...] objetividade completamente desapaixonada torna o trabalho de leitura penoso e enfadonho por levar o autor a apresentar os fatos em linguagem descolorida, sem a marca da sua personalidade (GARCIA, 2006, p. 134).

O aproximando brevemente, dessa forma, do discurso literário.

Fica evidenciado, com todo o exposto, que a elaboração de conhecimento científico (e para que sua divulgação ocorra) obedece a certas regras e precisa satisfazer algumas condições. Ele possui caráter coletivo, com seus textos de divulgação (artigos científicos, materiais de congressos, etc.) escritos, geralmente, em primeira pessoa do plural ou na terceira pessoa do singular. E com isso:

[...] o saber ou conhecimento científico adquire status de neutralidade em relação ao papel dos cientistas, e objetividade em relação à fiel interpretação da realidade, descrevendo os fenômenos que ocorrem no mundo. Utilizando

técnicas e métodos que possibilitem a esta descrição ser objetiva e respeitando aos critérios experimentais a produção do conhecimento científico despreza subjetividades e individualidades do pesquisador (VEDANA; SOUZA, 2009, p. 02).

Outro discurso a ser tratado é o discurso literário, já que é o discurso analisado na tese.

Estudos realizados no início do século XX deram base para a ideia de que o discurso literário se constrói a partir de elementos intrínsecos ao texto literário, com os formalistas russos demonstrando uma preocupação com a materialidade do texto literário e recusando, a princípio, explicações de base extraliterária (PALMA, 2007). O que importava para o movimento era investigar e explicar o que faz de uma obra, uma obra literária; era o procedimento, ou seja, o princípio da organização da obra como produto estético, e segundo Schnaiderman (1976, p. ix): “a poesia é linguagem em sua função estética. Deste modo, o objeto do estudo literário não é a literatura, mas a literariedade, isto é, aquilo que torna determinada obra uma obra literária”.

A literariedade como procedimento ou processo de elaboração está concentrado nas estruturas que diferem o texto literário de outros textos, e Culler (1993, p. 37) afirma que:

essa literariedade possui três características fundamentais: 1) os processos do *foregrounding* (evidentes, de primeiro plano) da própria linguagem; 2) a dependência do texto as relações, convenções e seus vínculos com outros textos da tradição literária; e 3) a perspectiva de integração composicional dos elementos e dos materiais utilizados num texto.

Essa relevância da própria linguagem é entendida por Chklovski (1917) como o discurso literário se caracterizando pelo afastamento da linguagem cotidiana, pela desautomatização da percepção adormecida pelo hábito e pragmatismo que são características da linguagem cotidiana:

Portanto, o discurso literário se caracterizaria pelo desvio da linguagem cotidiana, sendo que esta ênfase na desautomatização da percepção se dá pelo “procedimento de singularização dos objetos”, cuja função é oferecer novas informações sobre temas e objetos que integram a experiência cotidiana, que, no entanto, se encontram neutralizados pelo automatismo da percepção (PALMA, 2007, p. 70-71).

Então, focados nos aspectos internos do texto literário, os formalistas russos enxergam o discurso literário como procedimentos de linguagem que tem a intenção de tirar o caráter automático de hábitos de percepção por meio de um efeito de estranhamento e com isso transformando, e até obscurecendo a forma. Esses procedimentos “têm o intuito de restaurar o ato do conhecimento ao exigir do receptor uma atenção mais intensa e demorada do que aquela conferida cotidianamente aos demais textos” (PALMA, 2007, p. 71).

Em um mesmo panorama, Jakobson (2008) afirma em seus estudos que a comunicação linguística se dá através de seus elementos: emissor, contexto, mensagem, contato, código e destinatário. Cada um dos elementos gera determinadas funções da linguagem. Nesse caso, a função poética da linguagem se realiza quando está centrada na própria mensagem, ou seja, como se a mensagem poética estivesse voltada para si.

Porém, Palma (2007, p. 71) ressalta que não significa que apenas a função poética da linguagem caracteriza o texto literário, pois “(...) se sabe que outras formas textuais possuem em seu discurso esta função da linguagem”.

Definir discurso literário se trata de uma tarefa, no mínimo, complexa, como experiência na presente tese, pois ao longo tempo existiram inúmeras tentativas de caracterizar a obra literária como tal, não chegando a conclusões definitivas, como expõe Palma (2007).

É certo afirmar, portanto, que não existem conceitos fechados de discurso literário, principalmente na área de humanas, onde a tese se insere, e dessa forma, pode-se chegar à conclusão que ele

[...] não se forma nem com uma linguagem intrinsecamente diferenciada nem como texto institucionalmente determinado. Na verdade, uma linguagem que num determinado período foi considerada pelas instituições como literária em outros períodos pode não ser. Assim como, as instituições da época de um determinado escritor podem não considerar sua obra como literária e posteriormente sua obra ser revista e passar a fazer parte do cânone (PALMA, 2007, p. 74).

Assim, pode-se considerar a obra literária segundo preceitos diferentes para cada momento ou tipo de metodologia usada para analisá-la, e aqui Maingueneau (2009) promove a convergência de algumas ideias-força que imprimem reflexão à nossa abordagem de literatura.

Nesse momento, o livro “Discurso Literário” de Dominique Maingueneau é usado de forma extensa, uma vez que o autor é de grande referência para o assunto, além de Caprioli (2018) que resumiu suas ideias-força para a utilização na Análise do Discurso Literário.

As ideias-força conceituadas pelo autor interessam diretamente o estudo do fato literário e precisam ser ativadas, levando em conta a concepção da linguagem e da semântica, sendo elas:

1) O discurso supõe uma organização transfrástica: o discurso mobiliza estruturas de ordem diferentes das frases, não querendo dizer que, necessariamente, seja maior ou menor que a frase. Os discursos se submetem a regras de organização que vigoram em uma comunidade, regras dos múltiplos gêneros de discursos.

2) **O discurso é uma forma de ação:** toda enunciação constitui um ato ilocutório, ou seja, a pronúncia de um enunciado em certas condições comunicativas de execução associada ao significado do enunciado. Os atos ilocutórios elementares se integram a atividades linguísticas de determinado *gênero*, inseparáveis de atividades não-verbais. Dessa forma, o discurso interage por meio da linguagem com o leitor, mobilizando-o a corresponder à vontade do autor no ato de linguagem proferido.

3) **O discurso é interativo:** a maneira mais clara da interatividade do discurso é a conversação que pressupõe dois falantes que coordenam suas intervenções, porém, nem todo discurso se liga à conversação, estando mais evidente no que se refere à literatura. Segundo o autor:

A maneira mais cômoda de dizer que o discurso é interativo, é considerar que o intercambio oral se trata do uso “autentico” dele, e que as outras maneiras de uso do discurso sejam maneiras mais enfraquecidas. Mas não se deve confundir *interatividade* fundamental do discurso com *interação oral*. Mesmo quando não se pode identificar o destinatário é considerada uma interatividade constitutiva, se tratando do intercambio, explícito ou não, com outros locutores, reais ou não. Aqui, entretanto, a conversação não pode ser considerada o discurso em si, mas sim um dos modos de manifestação da interatividade fundamental dele. Nas obras literárias, portanto, o autor não pode se desvincular do princípio de cooperação, existindo, assim, obras não porque a literatura se encontra fora da interação, mas por se tratar de uma conversação impossível e se utilizando dessa impossibilidade. Essa conversação impossível corresponde a tipos muito diferentes, dependendo dos modos de exercício da literatura (...) (CAPRIOLI, 2018, p. 29).

Ou seja, tem intercambio de relações de linguagem entre os interlocutores reais (leitor) e fictícios (personagens), estando vinculado ao princípio de cooperação.

4) **O discurso é orientado:** orientado porque se desenvolve no tempo, além de ser concebido em função da meta do locutor. Também é construído em função de um fim, entendendo que tenha uma destinação, entretanto, pode haver desvios no caminho, podendo voltar à direção inicial ou seguir em direção contrária, entre outras coisas. Assim:

Sua linearidade costuma manifestar-se mediante um jogo de antecipações ou de retornos da parte do locutor, que efetua um verdadeiro ‘direcionamento’ de sua fala. Mas esse direcionamento se efetua em condições muito diferentes caso o enunciado venha a ser de um enunciador que o controla do início ao fim, como acontece num livro, ou caso possa ser interrompido ou desviado a qualquer instante por um interlocutor (MAINGUENEAU, 2009, p. 41-42).

De maneira resumida: se desenvolve no tempo, é constituído em função de ser entendido, tendo seus enunciados fortemente controlados e dispondo de características de enunciado, com jogo de palavras e significação para um público determinado pelo locutor.

5) **O discurso é contextualizado:** só existe discurso contextualizado. Valendo ressaltar que o discurso contribui para o contexto, podendo modificá-lo no decorrer de uma enunciação. É nesse momento que fica claro como o discurso pode dizer alguma coisa em determinado conteúdo, podendo também ser modificado, dependendo da forma como é enunciado e por quem, ponto crucial do trabalho.

6) **O discurso é assumido por um sujeito:** o discurso pressupõe um “centro dêitico”, ou seja, elementos linguísticos que indicam o lugar (aqui) ou o tempo (agora) em que um enunciado é produzido e também indicam os participantes de uma situação do enunciado (eu/tu). Esse centro não possui sentido por si só e em uma enunciação faz referências a uma pessoa, tempo e espaço. A separação entre o centro dêitico e fonte do ponto de vista é de suma importância na análise de textos “dialogicos”. E sabe-se, de qualquer forma, que o discurso literário se trata de um dos mais privilegiados lugares de manifestação do dialogismo (CAPRIOLI, 2018).

7) **O discurso é regido por normas:** como qualquer comportamento social, o discurso está sujeito a normas, algumas sendo mais gerais e outras específicas.

Sabe-se que nenhum ato de enunciar pode ser formulado sem uma justificativa de seu direito de apresentar-se da maneira que se apresenta. Estar situado em gêneros do discurso contribui de maneira essencial para o trabalho de legitimação na formação de uma unidade com exercício de fala, sabendo que um gênero se trata da definição de um conjunto de normas compartilhadas pelos falantes na atividade de fala (CAPRIOLI, 2018, p. 31).

8) **O discurso é considerado no âmbito do interdiscurso:** segundo Caprioli (2018, p. 31):

Um discurso só assume um papel de sentido no interior de outros discursos, onde deve abrir seu caminho. Para a interpretação de qualquer enunciado é preciso que se relacione com todos os outros tipos de enunciado. A literatura assume uma atividade discursiva com uma coloração específica, não sendo privilegiada pela inscrição numa série genética que nutre seus estudos.

Assim se constituem as oito ideias-força que legitimam o discurso literário no presente trabalho.

No próximo tópico foi observado onde a Análise do Discurso e os estudos literários se encontram, o que torna possível considerar o fato literário como discurso, além de construir, com isso, a metodologia desenvolvida no trabalho.

5 METODOLOGIA, MATERIAL E MÉTODOS

Para se realizar uma pesquisa, existem etapas a serem seguidas, levando em conta os objetivos e intenções propostas. Inicialmente o levantamento bibliográfico exaustivo em bases bibliográficas como a Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação - BRAPCI¹² e a Scientific Electronic Library Online - SciELO¹³, revistas como Ciência da Informação¹⁴ e Perspectivas em Ciência da Informação¹⁵, fontes de informação científicas como livros, teses e dissertações, além do Google Scholar¹⁶, foi realizado acerca dos temas: Representação e Recuperação da Informação, Textos Científicos e Literários, Análise do Discurso e Análise (AD) do Discurso Literário (ADL) e todos os conceitos fundamentais.

Tais etapas foram concluídas até aqui e, a partir desse ponto, há a necessidade de exploração da AD e ADL como metodologia.

5.1 A ANÁLISE DO DISCURSO E A ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO COMO METODOLOGIAS

Utiliza-se, portanto, a AD de matriz francesa como metodologia, levando em consideração que a ADL é um ramo da AD, então, ambas possuem as mesmas bases. O que muda brevemente é que a ADL tem seu foco em textos literários, por isso foi a utilizada aqui.

No final da década de 60 não era mais possível abordar a problemática do texto partindo do postulado da imanência no contexto de desenvolvimento de correntes enunciativas pragmáticas, uma vez que a linguística gerativa já se encontrava bem implantada (MUSSALIM, 2011). É nesse momento que Maingueneau (2009) expõe uma nova maneira de tratar a comunicação verbal que vinha se impondo e se sustentando com base nas ideias-força, citadas anteriormente:

[...] o discurso como atividade, a primazia da interação, a reflexividade da enunciação, a inscrição dos enunciados em gêneros do discurso, uma concepção institucional do sentido, a inseparabilidade entre texto e contexto etc. (MAINGUENEAU, 2009, p. 34).

¹² <https://www.brapci.inf.br/>.

¹³ <http://www.scielo.org/php/index.php>.

¹⁴ <http://revista.ibict.br/ciinf>.

¹⁵ <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci>.

¹⁶ <https://scholar.google.com.br/>.

Nesse contexto que os estudos literários se desenvolveram, partindo da problemática da concentração da atenção na inscrição sociocultural das obras, assim como as condições de comunicação expostas nelas. Segundo Mussalim (2011, p. 1456):

Para muitos, é o nome de Bakhtin que congrega as tentativas de renovação. Mas, no domínio específico das abordagens do texto literário, outras correntes exerceram influência, como, por exemplo, a abordagem discursiva do texto literário aos moldes da teoria da recepção e a reflexão sobre a intertextualidade que se desenvolve a partir dos anos 1960 (...).

A Análise do Discurso (AD) também teve seu desenvolvimento pautado na década de 60 – principalmente na segunda metade – no mesmo contexto de emergência de correntes enunciativas e pragmáticas de estudo da linguagem, porém, anterior a isso, para Brandão (2004), os anos 50 foram decisivos para constituição do discurso enquanto disciplina, pois surge, de um lado, o trabalho de Harris – *Discourse analysis* (1952), que mostra a possibilidade de ultrapassar as análises presas somente à frase, estendendo procedimentos da linguística distribucional americana aos enunciados, chamados de discursos.

Do outro lado, surgem os trabalhos de Jakobson e Benveniste sobre a enunciação. Tais diferenças de perspectiva marcam a postura de um AD de linha mais americana (norte) e de outra mais europeia.

A obra de Harris pode ser considerada o marco inicial da AD, porém ela se coloca ainda como simples extensão da linguística, uma vez que se transfere e aplica procedimentos de análise de unidades da língua aos enunciados, situando-se fora de qualquer reflexão sobre a significação e as considerações sócio-históricas de produção que vão, posteriormente, marcar e distinguir a AD (BRANDÃO, 2004, p.14).

Na outra direção, Benveniste (2006, p. 84) afirma que “o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por índices específicos”, procura mostrar a inscrição do sujeito falante nos enunciados que ele emite e dá relevo a esse sujeito no processo da enunciação.

Segundo Orlandi (1986), tais visões vão marcar duas maneiras de pensar a teoria do discurso: uma entende o discurso como uma extensão da linguística (perspectiva americana) e a outra considera o discurso o sintoma de uma crise interna da linguística, principalmente na área da semântica (perspectiva europeia) (BRANDÃO, 2004).

Ainda segundo Orlandi (1986) a posição europeia se baseia na relação necessária entre o dizer e as condições de produção desse dizer, evidenciando a exterioridade como marca fundamental.

Para Maingueneau (1997) a “escola francesa de Análise do Discurso”, chamada de tal forma por ele, filia-se:

- a uma certa tradição intelectual europeia (e sobretudo da França) acostumada a unir reflexão sobre texto e sobre história. Nos anos 60, sob a égide do estruturalismo, a conjuntura intelectual francesa propiciou, em torno de uma reflexão sobre a "escritura", uma articulação entre a linguística, o marxismo e a psicanálise. A AD nasceu tendo como base a interdisciplinaridade, pois ela era preocupação não só de linguistas como de historiadores e de alguns psicólogos;
- e a uma certa prática escolar que é a da "explicação de texto", muito em voga na França, do colégio a universidade, nos idos anteriores a 1960. Para A. Culioli (apud Maingueneau, 1987, p. 6), "a França é um país em que a literatura exerceu um grande papel e pode-se perguntar se a análise do discurso não é uma maneira de substituir a explicação de texto enquanto exercício escolar" (BRANDÃO, 2004, p. 16).

Fica claro, portanto, que a vertente europeia acaba se tornando a “escola francesa” por ter suas bases fixadas em tradições intelectuais amplamente desenvolvidas por lá na década de 60.

Muitos também acreditam que Michel Pêcheux deu início à AD na França como seu principal articulador com a publicação da Análise Automática do Discurso (AAD), no final da década de 60, época que coincide com o auge do estruturalismo como paradigma de formação do mundo, das ideias e das coisas, para toda uma geração de intelectuais franceses (FERREIRA, 2007).

Porém, com a morte de Pêcheux em 1983, houve um esvaziamento das pesquisas em seu grupo, levando até atualmente, quando praticamente não se ouve mais seu nome, e segundo Ferreira (2007, p. 41-42): “Seu nome, suas obras, sua inquietante reflexão foram deixados de lado, até mesmo por aqueles que se dizem ‘analistas de discurso’ na França”. Entretanto, o nome de Pêcheux ainda é muito citado na América Latina, principalmente no Brasil. Para os pesquisadores da área aqui, fica clara a influência do autor no modo de pensar as questões relacionadas à linguagem, ao mundo, ao sujeito.

Em solo brasileiro, o nome que merece destaque e que consolidou a área é Eni Orlandi, que trabalhando como professora, orientadora, pesquisadora e autora fez da AD um lugar de referência acadêmica e institucional.

Ferreira (2007) deixa claro que as razões para a AD surgir na França na década de 60 não são as mesmas que a fizeram prosperar no Brasil, no fim da década de 70.

Enquanto na França a conjuntura política da época contrapunha a AD a tendências dominantes nas Ciências Sociais – como a Análise de Conteúdo, o conteúdismo – também se

podia observar a entrada da corrente formalista-logicista com grande força, graças a linguistas como Chomsky, no Brasil o embate foi, desde o início, com a Linguística sendo acusada de não dar importância à língua, estando exclusivamente fixada no âmbito político.

Atualmente, pode-se dizer que a AD se desvencilhou da Linguística e ganhou mais espaço nas áreas-fronteiras das Ciências Humanas, podendo ser citadas: História, Filosofia, Sociologia e Psicanálise.

Ainda segundo Ferreira (2007), se no início a AD era vista quase que exclusivamente ligada à análise de discursos políticos, atualmente essa situação foi alterada com a diversidade de matérias que são de seu interesse e dos analistas do discurso brasileiros:

Do campo verbal ao não-verbal, passando pelos temas sociais (imigração, movimento sem terra, greves) e por diferentes tipos de discurso (religioso, jurídico, científico, cotidiano), ou por questões estritamente teóricas (hiperlíngua, autoria, sujeito do discurso, equivocidade da língua), a Análise do Discurso no Brasil ou Escola Brasileira de Análise de Discurso, como nos propõe Eni Orlandi (2002,p.37), amadureceu, se consolidou e garantiu seu lugar no âmbito dos estudos da linguagem realizados pelas ciências humanas (FERREIRA, 2007, p. 45-46).

Fica expressa, nesse momento, a contextualização da pesquisa, uma vez que se teve a intenção de mostrar que a AD atua em vários cenários, inclusive no Discurso Literário, não só nos discursos científicos que já vem atuando ao longo de vários anos e vários trabalhos.

O Discurso Literário se mostra tão complexo quanto qualquer discurso construído com suas bases de memória, ideologias, formações discursivas outros elementos. Entretanto, uma questão que perpassa o Discurso Literário e o diferencia dos outros, é o seu sentido ficcional.

Para Dela-Silva (2004, p. 12) “falar em realidade e ficção é acionar uma memória de oposição entre a verdade e a falsidade, entre o verídico e o inventado, uma relação que no senso comum se marca pela dualidade”. Pode-se dizer que essa dualidade entre realidade e ficção também é inerente ao discurso literário.

Quando se trata dos conceitos da AD, esses sentidos de realismo estão mais próximos da paráfrase, e segundo Lopes (2017), estão reproduzindo os sentidos do real histórico no discurso ficcional e, com isso, constituindo em Discurso Literário. Já a busca por novas histórias e sentidos pode ser uma busca pela polissemia, espaço onde a criatividade aparece. Orlandi (1984) explica o funcionamento dessas duas forças:

De um lado, temos a reiteração de processos já cristalizados pelas instituições, em que se toma a linguagem como produto e se mantém o dizível no espaço do que já está instituído: a paráfrase. A isso chamo *produtividade*. Relação do homem com a instituição, com a lei, com o sistema.

Mas ao lado da paráfrase há um outro processo: a polissemia. A polissemia é o processo que, na linguagem, permite a criatividade. É a atestação da relação entre o homem e o mundo. A tensão entre esses processos instala o conflito entre o legítimo (o produto institucionalizado) e o que tem de se legitimar. A criatividade instaura o diferente, na medida em que o uso, para romper o processo de produção dominante de sentidos e na tensão com o contexto histórico-social pode criar novas formas, produzir novos sentidos. Pode então realizar uma ruptura, um deslocamento, em relação ao dizível. (OLANDI, 1984, p. 11)

A paráfrase pode ser entendida como o ato de retomar várias vezes durante um texto, por exemplo, o que já foi dito anteriormente, com a intenção de causar maior impacto, “é um espaço em que enunciados são retomados e reformulados num esforço constante de fechamento de suas fronteiras em busca da preservação de sua identidade (BRANDÃO, 2004, p.48)”. Enquanto a polissemia são dois aspectos opostos formadores do funcionamento discursivo.

No Discurso Literário é onde podemos encontrar o movimento entre um discurso de realidade de outro de ficção, melhor que em outro lugar qualquer. É nele que se encontra a alternância de filiação discursiva que coloca o coloca em um lugar limiar, “onde a produção de sentidos filia-se ora ao real-histórico, ora a sentidos que são inventados, imaginados pelo autor” (LOPES, 2017, p. 30). Essa dubiedade se materializa na língua e, somado aos sentidos de realismo, evidencia a materialidade ficcional, a materialidade do que vem da imaginação.

Soma-se a isso, ainda, variações linguísticas, definições de sentido da arte e da estética, diferentes posições de sujeito e lugares enunciativos e outros.

Nesse momento, se torna importante falar, também, sobre a teoria de polifonia de Ducrot (1987) e sobre o sujeito, os enunciadores e o locutor.

A polifonia para o autor é entendida como diversas vozes ou representações do sujeito no interior de um discurso ou enunciado¹⁷.

Começando pelo sujeito, que o autor chama de Sujeito Empírico, ou Sujeito Falante: aquele que está presente no mundo, no tempo e no espaço, com uma existência real e que pronuncia o enunciado. Ducrot o entende como uma condição externa da produção do enunciado.

Depois, tem-se os Locutores (L) e os Enunciadores (E). Observa-se que o autor coloca o Locutor no plural para chamar a atenção para a existência de enunciados com mais de um, ou seja, pluralidade de responsáveis, sendo distintos e irredutíveis.

É assim, então, que ele caracteriza o Locutor:

¹⁷ Para Ducrot enunciado é o fragmento do discurso ou mesmo o discurso que se constrói de um só enunciado.

[...] um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado. É a ele que refere o pronome eu e as outras marcas da primeira pessoa (DUCROT, 1987, p 182).

Ou seja, cuida-se do responsável pela enunciação, um ser do discurso, a origem do enunciado. Pode-se entender como um personagem fictício, já que só existe no interior do enunciado.

Já os Enunciadores:

Chamo “enunciadores” esses seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles “falam” é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não no sentido material do termo, suas palavras (DUCROT, 1987, p. 192).

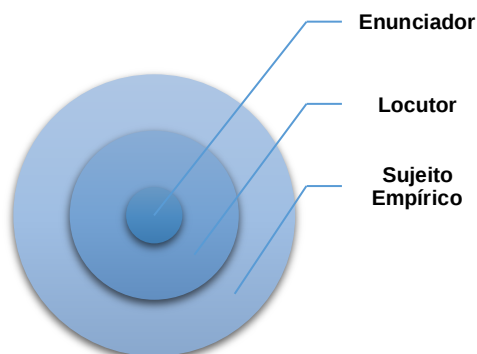
Ou seja, as falas de um discurso existentes mesmo sem que ninguém o tenha pronunciado. Eles constituem a representação linguística da realidade “onde eles veem as coisas, mas não as coisas através das palavras” (ARAÚJO, 2014, [p.5]).

Ducrot (1987) relaciona os Enunciadores com os Locutores em uma espécie de organização teatral e em um paralelo claro com a literatura da seguinte forma: o Locutor tem o papel do autor, o que organiza as posições, que coloca em cena os personagens. Já os Enunciadores representam exatamente os personagens, de onde vem as vozes, os pontos de vista expressos. Fica claro aqui:

O locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, aos enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes. E sua posição própria pode se manifestar seja porque ele se assimila a este ou aquele dos enunciadores, tomando-o por representante [...], seja simplesmente porque escolheu fazê-los aparecer, e que sua aparição mantém-se significativa, mesmo que ele não se assimile a eles [...] (DUCROT, 1987, p. 193).

Uma imagem proposta por Lima (2015), exemplifica essa relação do Sujeito Empírico, Locutor e Enunciador de maneira clara:

Figura 8 - Funções enunciativo-discursivas



Fonte: LIMA (2015).

Lopes (2017) mostra que na narrativa não se identifica apenas um lugar enunciativo responsável pelo dizer, mas vários, concretizando o conceito de polifonia de Ducrot.

Para Lopes é evidente que o autor, do seu lugar, como chama, as sua posição-sujeito, formula diversos lugares de enunciação, sendo o narrador ou narradores e as personagens que podem ser muitas. Deve-se considerar, também, a posição-sujeito dos leitores, que é para quem esse discurso se dirige.

Nesse momento, surgem as Formações Discursivas, pois os discursos produzidos a partir de cada um desses lugares enunciativos se conectam a diferentes posições dentro da narrativa, uma vez que narrador e personagens ocupam diferentes posições. Segundo Lopes (2017, p. 31) “Os enunciadores de um discurso literário relacionam-se no mesmo texto, mas nem sempre no mesmo espaço, tempo e ideologia, nem sob as mesmas condições de produção”. Ou seja, podem produzir sentidos diferentes em um mesmo discurso, partindo de Formações Discursivas diferentes.

Sobre a Formação Discursiva, Pêcheux traz:

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina "o que pode e o que deve ser dito" (articulado sob a forma de uma alocução, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

Assim, a Formação Discursiva é o que pode ou não ser dito em um discurso, levando em consideração a posição ideológica, essa relação inserida no processo sócio-histórico em que os sentidos e palavras são produzidos.

Pode-se compreender, observando a Formação Discursiva, que as palavras não possuem sentido nelas mesmas, mas sim derivam o sentido do meio em que se inserem, se relacionando diretamente com a Formação Ideológica e sendo representadas por essas.

A ideologia é, portanto, um conceito importante para a AD e a ADL, pois tudo se insere em um contexto histórico e ideológico, e o discurso sendo explicitado na maneira com que a linguagem e a ideologia se articulam e se afetam, de forma recíproca. Orlandi (2009, p. 43) deixa claro que “os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, assim, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos”.

Foucault cria o conceito de Formação Discursiva, entendendo como a posição tomada pelo sujeito do discurso para materializar sua enunciação:

[...] já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência (FOUCAULT, 2008, p. 132).

Na lógica ficcional, cada lugar enunciativo ocupa uma posição-sujeito e se filia a uma Formação Discursiva e, com isso, reproduz posições e espaços de dizer existentes também fora da ficção.

Para Pêcheux, o Discurso Literário, como todo discurso, tem seu efeito de sentido entre os locutores, é sujeito à incompletude, equívoco e falha. Ainda segundo o autor, os sujeitos estão sempre buscando um “mundo semanticamente normal” (PÊCHEUX, 2008, p. 34), buscando estabilidade dos sentidos, domínio sobre o não-sentido, porém, isso é uma impossibilidade (LOPES, 2017).

Acredita-se que no caso do Discurso Literário os efeitos de sentidos ficam mais sujeitos aos equívocos e falhas da língua por causa de sua dualidade constante entre realidade e ficção, “ao atravessamento do sentido ficcional que é sua característica constitutiva (LOPES, 2017, p. 32).

Ainda segundo o autor:

Esse movimento faz do literário uma espécie de texto mais instável onde a relação com o não-sentido está muito presente. Ao sujeito-leitor fica mais difícil estabelecer um domínio sobre esses sentidos em alternância, às vezes nem uma lógica ou linearidade, fazendo como que o mundo semanticamente normal esteja sempre funcionando como impossibilidade assim como a completude também o é. Essa instabilidade também vem das variações dos responsáveis pelo dizer, das diversas formações discursivas, da linguagem que busca romper padrões estéticos (LOPES, 2017, p. 32).

Orlandi (2012) explica que, ao se falar sobre o dispositivo ideológico de interpretação, existe uma divisão que separa o que está sujeito a interpretação do literal, que existem textos

tidos instáveis (sujeitos a equívoco) quanto aos sentidos e aqueles tidos como estáveis (com interdição à interpretação). Tal divisão separa o científico do literário.

Não há uma menção explícita a qual discurso é qual, mas se pode entender que o texto literário seria mais instável e sujeito a equívoco enquanto o científico mais estável com interpretação mais restrita.

Nesse momento, textualidade no Discurso Literário também precisa ser tratada.

Sabe-se que para a AD, o texto se trata de uma unidade de análise, uma unidade heterogênea e complexa onde atravessam várias Formações Discursivas, e o discurso “é uma dispersão de textos e o texto é uma dispersão do sujeito” (ORLANDI, 2009, p. 70).

Ao traçar um paralelo com o Discurso Literário, pode-se dizer que essa dispersão se constitui por diferentes posições como a do leitor, a do autor ou a do crítico, por exemplo; além de diferentes lugares enunciativos como os dos personagens ou outros narradores. Então, “esse conjunto de textos, formam uma textualidade própria desse discurso (LOPES, 2017, p. 32).

Com tais exposições, fica claro que a AD apresenta significantes contribuições para os estudos literários, uma vez que investiga as condições sociais de produção, de funcionamento e de recepção da leitura.

A Análise do Discurso Literário (ADL), retomando Maingueneau (2009), é um ramo da AD. Trata-se de uma disciplina concebida para o estudo da literatura e somente para esse fim, com métodos e conceitos mobilizados mediante adaptação e com instrumentos que ainda vêm sendo construídos.

Nesse sentido, foi utilizada ADL, como ramo da AD, para a análise dos textos literários.

O fato literário pode ser considerado como discurso, sendo esse o momento de encontro entre a AD e os discursos literários. Isso possibilita, segundo Maingueneau (2009, p. 43), restituir “as obras aos espaços que as tornam possíveis, onde elas são produzidas, avaliadas, administradas”, bem como remetê-las às suas condições de enunciação, o que implica a consideração do estado do escritor e seus modos de posicionamento no campo literário, a relação construída a partir da obra com os destinatários, os papéis vinculados com o gênero, os suportes materiais e os modos de circulação dos enunciados. Mussalim (2011, p.1456) completa e sintetiza as ideias de Maingueneau da seguinte forma:

Todas essas questões só são possíveis de serem abordadas quando se considera o discurso como enunciação e como instituição, isto é, como vetor de um posicionamento, como prática discursiva de sujeitos socialmente inscritos em condições históricas de produção de sentidos.

A proposta de Maingueneau de ADL leva em consideração as modalidades históricas e sociais da comunicação literária, firmando a necessidade de apoio nas ciências da linguagem. Mussalim expõe as seguintes categorias com a intenção de operacionalizar suas abordagens do texto literário e, com isso, evidenciar essa posição: “cena de enunciação (tipo de discurso; gênero e cenografia); dêixis discursivas (enunciador, co-enunciador, tipografia e cronografia); ethos para citar apenas as categorias mais conhecidas” (MUSSALIM, 2011, p. 1457).

Com isso, fica clara a questão fundamental da ADL, usando Maingueneau:

[...] sua proposta, como já disse, recusa a indagação “de como ir do texto ao contexto, ou de como ir do contexto ao texto”, na medida em que concebe o texto literário como uma forma de gestão do contexto, ou ainda, como um espaço em que se pode perceber o modo como o escritor gere a constituição e a legitimação de seu posicionamento no campo literário – no interdiscurso, portanto (MUSSALIM, 2011, p. 1465).

Maingueneau (1997) explica o interdiscurso colocando, primeiro, em distinção: universo, campo e espaços discursivos. Trata-se de elementos que indicam a relação interdiscursiva entre formações discursivas em sua funcionalidade discursiva (STAFUZZA, 2011).

O universo discursivo é o conjunto de várias formações discursivas que interagem em determinada conjuntura, que não pode ser compreendido ou apreendido globalmente, representando um conjunto inacabado e amplo. Stafuzza (2011) cita Foucault, dizendo que o autor afirma ser por tal motivo o pouco interesse dos analistas, pois serve apenas para definir o horizonte dos domínios suscetíveis a serem estudados, como os campos discursivos, por exemplo.

Com isso, campo discursivo se trata dos conjuntos de formações discursivas em situação de afluência, delimitadas em uma região determinada no universo discursivo. Podem se tratar, então, de diversos campos, como o do trabalho – campo literário – ou ainda o político, por exemplo. Ainda Stafuzza (2011), coloca de maneira clara:

As formações discursivas, pertencentes a uma determinada sincronia, constituem um campo discursivo de mesma formação social, porém, divergem no modo de preenchê-la, o que faz com que se encontrem em relação polêmica, de aliança ou de oposição. Cada uma define sua identidade pela mediação desse sistema de diferenças. Geralmente, como não é possível estudar um campo discursivo em sua totalidade, recostam-se subcampos considerados analiticamente produtivos, constituindo os espaços discursivos (STAFUZZA, 2011, p. 62).

No mesmo sentido, os espaços discursivos são os recortes discursivos que o analista faz no interior de um campo discursivo, sempre levando em consideração os seus propósitos de

análise. Um conhecimento histórico é necessário para que os recortes sejam feitos, pois com isso, o analista poderá levantar hipóteses e questões que podem ser confirmadas ou refutadas no decorrer da pesquisa.

Ao expor tais aspectos, pode-se inferir que o discurso nunca será homogêneo e autônomo, remetendo-se sempre a outros discursos e nunca possuindo uma identidade fechada.

Partindo para o interdiscurso, pode-se entender por um elemento que deve ser considerado em toda e qualquer constituição de análise. Pêcheux o traz à tona na terceira etapa da AD, com a questão da heterogeneidade discursiva.

Existe uma negociação entre a heterogeneidade mostrada na linguagem e a heterogeneidade constitutiva da linguagem em que o sujeito, movido pela ilusão de centro, pela ilusão de ser a fonte do discurso, localiza o outro e delimita o seu lugar (BRANDÃO, 2004, p. 42).

Maingueneau entende que a “[...] heterogeneidade constitutiva acontece quando há uma sequência linguística marcada de forma implícita na qual podem ser apreendidas por uma abordagem linguística *stricto sensu*” (MAINGUENEAU, 2008, p. 31).

É na heterogeneidade constitutiva que se encontra o interdiscurso, no sentido em que amarra o Mesmo do discurso e seu Outro, sendo uma relação intrincada (MAINGUENEAU, 2008). Os discursos nascem nessa fenda da rede interdiscursiva, de quando colocados em relação com outros que não existiam juntos previamente.

Além do interdiscurso, Maingueneau postulou outros dois conceitos a partir dos quais se torna possível analisar o texto literário enquanto discursos, sendo eles: posicionamento e interlíngua.

O Posicionamento se traduz, nesse momento, na Formação Discursiva, Mussalim (2011, p. 1458) mostra:

A noção de formação discursiva no interior de um campo discursivo deve ser compreendida como posicionamento, mais precisamente como uma identidade enunciativa forte, um lugar de produção discursiva bem específico no interior de um campo (por exemplo, o discurso modernista no campo da arte no Brasil de tal período). Na verdade, o termo “posicionamento” designa, ao mesmo tempo, as operações pelas quais uma “identidade enunciativa se instaura e se conserva num campo discursivo, e *essa própria identidade*” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 392).

Um posicionamento define o que é um autor legítimo, determinando quem tem o direito de enunciar, Maingueneau (2009, p. 152) afirma que “Cada autor se orienta em função da autoridade que tem condições de adquirir, dadas suas conquistas e a trajetória que concebe a partir delas num dado estado de campo”.

Já a interlíngua, Maingueneau (2009) concebe como a interação das línguas e dos registros, ou das multiplicidades de língua que são acessíveis ao autor, no tempo e no espaço, em certa conjuntura.

Em resumo, o autor mobiliza a linguagem em função do sentido que tem a intenção de colocar na obra, sendo essa linguagem apreendida na pluralidade de registros e línguas existentes, não concebendo seu estilo de escrita, portanto, a partir de sua língua, como poderia se imaginar. Ao desejar e se propor a escrever literatura, o autor se submete a um ritual linguístico e precisa lidar com as variedades de uma mesma língua, bem como com as relações dessa língua com outras passadas e contemporâneas (MUSSALIM, 2011).

Nesse momento, é possível afirmar que a AD possui relevância para estudos em outros espaços que não o acadêmico-institucional, e mostra a importância, também, da prática social que os discursos vinculam, estando muito presentes nos discursos literários.

Considera-se, assim, a ADL uma metodologia viável para a análise de obras narrativas de ficção para que colabore com a representação da informação. A análise pode auxiliar o profissional a compreender em que circunstâncias o discurso foi produzido e com isso compreender o contexto dele e, com isso, colabora para que a representação seja mais adequada e recuperação mais eficiente.

Com essa perspectiva, Nogueira (2001) traz que a AD fornece uma metodologia para a interpretação de textos sociais, não sendo meramente um tópico para temas da psicologia social. Enquanto Barros (2014) complementa, mostrando suas bases com jogo entre a produção linguística e histórica, e que busca as rupturas e lapsos do texto, da seguinte forma:

A AD, diferente de outras “metodologias” de pesquisa, tem em seu método de análise princípios bastantes inovadores calcados num jogo que se estabelece entre a produção linguística e a materialidade histórica, buscando as rupturas e os lapsos dos textos (orais e escritos), os quais não são inocentes, uma vez que a própria produção textual é a atuação da ideologia em sua relação com o inconsciente – o sujeito (BARROS, 2014, p. 163).

Ainda coloca que é diferente de outros tipos de análise, rompendo com os procedimentos metodológicos tradicionais.

Portanto, a AD enquanto metodologia nos possibilita observar o contexto em que um documento foi concebido, indo além do que está expresso em sua escrita.

Da mesma forma, o Discurso Literário não fica ligado apenas aos procedimentos adotados pelo autor, mas também ao contexto sociocultural ao qual está inserido. Segundo Versa e Soares (2014), a AD, na contemporaneidade, possibilita um caminho interpelativo

singular e que pode acontecer em textos que anteriormente era restrito a certas áreas e a determinados pertencimentos epistemológicos, o que era o caso da teoria literária.

Assim, ainda segundo os mesmos autores, o texto de literatura é formado por enunciados determinados dentro de um contexto fictício, mas que tem relevância nas condições sócio históricas, e por ser uma produção assim, apresenta-se como um objeto a ser estudado pela AD.

Observa-se que o texto literário perpassa por uma série de sentidos em que os sujeitos são atravessados por ideologias e um inconsciente, onde Pêcheux (2008, p. 53) afirma que

[...] todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a Análise do Discurso.

Silva (2011) mostra que a AD trouxe grandes e significantes contribuições para os estudos literários, pois investiga “[...] as condições sociais de produção, funcionamento e de recepção da leitura, principalmente se considerarmos o enfoque de Orlandi (1999), no campo da Linguística, e de Maingueneau (1996), no âmbito da Literatura” (SILVA, 2011, p. 31).

5.2 ETAPAS DAS ANÁLISES

O objetivo geral da tese se consolidou com a aplicação da AD e ADL nos contos selecionados e depois na aplicação das análises no Modelo de Leitura proposto para contos.

Para que isso acontecesse, precisou-se a elaboração de categorias de análise usando a ADL e depois a elaboração de categorias e aplicação do Modelo de Leitura da forma que é apresentado a seguir.

Finalizando, a forma de análise dos resultados é apresentada, para que haja uma antecipação da ordem e lógica das análises e também para que fique claro o caminho a ser seguido quando houver a necessidade de aplicação do modelo por outros pesquisadores.

5.2.1 Elaboração das categorias de Análise

Quando se fala de processos de análise em AD, fala-se de um procedimento de certa complexidade e que não possuía, na literatura, especificidade para execução. Entretanto, Orlandi (2008) desenvolveu uma esquematização que foi sistematizada por Lima (2015, p. 18-19) e que vem se provando viável desde então, posteriormente sendo validada por Caprioli (2016) e Lima (2021), e que voltará a ser utilizado aqui:

“Primeiro tratamento de análise superficial”:

Momento em que se tem um contato primário com a superfície linguística do texto. É também neste momento em que é exposto o elemento do arquivo, ou seja, o corpus que será submetido à análise.

“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:

Para efetuar esta transformação é necessário realizar uma pergunta norteadora: “O que é dito neste discurso? O que é dito em outro discurso?” A partir de tal estruturação, expõe-se o objeto discursivo a partir dos fenômenos linguísticos discursivos (paráfrase, polissemia, polifonia) que incidem sobre ele.

“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:

Momento em que a pergunta norteadora é: “Por que isso e não outro?”. Na resposta em cada análise será atingido o processo discursivo, que mostra a relação que aquele dizer tem com o seu exterior (LIMA, 2015, p. 18-19).

As etapas de análise seguem, então, as grandes categorias apresentadas, sendo analisado o “Primeiro tratamento de análise superficial” com as perguntas norteadoras “quem diz?” e “como diz?” no subcapítulo 6.1 onde são apresentados os autores e os contos selecionados.

Para uma melhor observação, o quadro a seguir foi criado, mostrando os autores e seus contos:

Quadro 7 - Conto selecionados para análise			
Papéis Avulsos – Machado de Assis	Secreções, excreções e desatinos – Rubem Fonseca	Estragos – Fernanda Young	Te pego lá fora – Rodrigo Círiaco
Na Arca	Coincidências	O lançador de batatas	Bia não quer merendar
O espelho	Beijinhos no rosto	Eu desconfio que...	Nós, os que ficamos

Fonte: Elaborada pela autora.

Os autores foram selecionados por representarem alguns momentos da literatura e da história.

Machado de Assis, um homem negro, com obras conhecidas em todo o mundo, representa a literatura clássica, com grandes críticas à sociedade de sua época.

Rubem Fonseca, considerado um dos percussores do estilo brutalista, grande nome quando o assunto é conto, representa uma fase com mais oralidade e violência na literatura.

Fernanda Young, além de grande escritora, uma grande roteirista com obras adaptadas para a televisão, representa a mulher forte e contemporânea, com opiniões bem marcadas e grandes críticas à sociedade moderna.

E, finalmente, Rodrigo Círiaco representando o autor mais novo, que tem a intenção de se comunicar com o jovem leitor e que usa suas vivências na periferia do país para dar voz ao

seu discurso sem muito técnica marcada, com o intuito de apenas se fazer entender e mostrar a realidade.

Todos os autores montaram um *corpus* de pesquisa ideal para que as análises fossem divididas ao longo do tempo e dos vários períodos que a literatura passou, e também para mostrar que podem ser realizadas em qualquer tipo de conto e, dessa forma, contemplam todo acervo de conto que uma biblioteca pode vir a ter.

Também, a experimentação foi realizada apenas em autores brasileiros, mas acredita-se que a aplicabilidade em autores estrangeiros seja a mesma, já que a língua do texto não foi considerada em nenhum momento, para que haja uma diferenciação. A presente pesquisa focou nos autores brasileiros pela tradição de pesquisa e para contemplar o levantamento que, nas bibliotecas brasileiras possui-se a maior parte do acervo de literatura brasileira e boa parte desses livros são de contos.

Em um segundo momento a segunda categoria “Transformação da superfície linguística em objeto discursivo” é tratada, no subcapítulo 6.2, com as perguntas norteadoras “o que é dito neste discurso?”, com a análise dos contos “Na arca”, “Coincidências”, “O lançador de batatas” e “Bia não quer merendar” e a outra pergunta norteadora “o que é dito em outro discurso?” com a análise dos contos “O espelho”, “Beijinhos no rosto”, “Eu desconfio que...” e “Nós, os que ficamos”. Essas análises são feitas com dois contos de cada livro selecionado e usando as questões para que haja a comparação entre os discursos proferidos.

Como visto, os contos – por seres textos narrativos de ficção – obedecem a composição estrutural de microestrutura, macroestrutura e superestrutura. Essa composição foi observada no momento da análise dos contos, ficando evidente na etapa “Transformação da superfície linguística em objeto discursivo” e na “Do objeto discursivo para o processo discursivo”.

Para Moisés (2007), de início, se torna necessário sondar as microestruturas, seguidas do plano das macroestruturas para que se possa ter uma visão macroscópica e abrangente da obra:

O primeiro aspecto a apreciar conecta-se com o fato de a análise de texto em prosa mover-se em dois níveis: 1) a *análise microscópica*, ou *microanálise*, que visa ao exame das microestruturas, e 2) a *análise macroscópica*, ou *macroanálise*, que se volta para a interpretação das *macroestruturas* (MOISÉS, 2007, p. 86).

A microanálise, portanto, tem o objetivo de analisar minuciosamente palavra por palavra, expressão por expressão do texto, podendo ser em dois planos: 1) a análise se contenta com o pormenor, quase se esquecendo por completo do conjunto da obra, e 2) a análise “sobe”

para a particularização dos componentes da obra de ficção, ou seja, se concentra nas personagens, no tempo, no lugar, na ação, no ponto de vista narrativo e nos recursos de linguagem (MOISÉS, 2007).

O autor coloca, também, que as microestruturas se trata da parte visível das macroestruturas, aquilo que “aparece” numa relação que condiciona algumas das características da macroanálise.

Assim, uma vez que ao objetivo é a sondagem do que está “dentro” das microestruturas, a macroanálise é caracterizada por ser mais vertical que a micro, com a intenção de “investigar a esfera dos conceitos, sentimentos e emoções que subjaz ao plano das microestruturas” (MOISÉS, 2007, p. 87).

As macroestruturas não podem ser vistas, apenas imaginadas, e sempre se baseando nas microestruturas. Também não podem ser concretizadas, ocupando, dessa forma, um espaço virtual, aquele que existe “entre o leitor e o escritor, empenhados num diálogo silencioso, farto de implicações, de que o texto serve de código ou intermediário” (MOISÉS, 2007, p. 87).

Dessa forma, as microestruturas devem ser vistas como signos ou símbolos de uma constelação de significados, e com isso quer-se dizer as macroestruturas.

Moisés (2007, p. 87) ainda coloca em uma equação, para que se possa observar melhor: “Microestruturas = rede de signos ou símbolos; macroestruturas = esfera das realidades significadas ou simbolizadas”.

A análise completa de uma obra de ficção, dessa maneira, pressupõe a sondagem das microestruturas uma a uma, seguida de sua comparação no plano das macroestruturas, o que se culmina na visão macroscópica da obra (MOISÉS, 2007).

Tais aspectos apresentados mostram, então, que a AD e ADL trabalham em conjunto para tornarem-se metodologias, a ADL tem suas bases na AD, por isso também é usada aqui.

A partir desse momento, tratar-se-á dos aspectos importantes para as narrativas de ficção (nesse caso, os contos).

Antonio (2008) se baseando em Moisés (2007) propôs aspectos importantes a serem observados como ação, o tempo, os espaços, as personagens, o ponto de vista e os recursos narrativos. Tais aspectos foram amplamente trabalhados em dissertação de mestrado, porém, aqui, acredita-se importante trabalhar com categorias diferentes, uma vez que a aplicabilidade seria prejudicada na variedade de conto selecionada para análise.

A princípio, a abordagem sistemática para identificação de conceitos de Fujita e Rubi (2006) buscou responder perguntas sobre categorias temáticas: o que? (categoria essencial),

quando?, onde?, como? (categorias acessórias). Essas categorias foram consideradas elementos fundamentais para os modelos de leitura de indexação.

Essa abordagem das autoras se dá para leitura de textos científicos, onde, segundo Fujita e Rubi (2006) o modelo de leitura documentária compreende os questionamentos para identificação de conceitos como recurso estratégico de inferência ao texto, levando em consideração a superestrutura e a macroestrutura textual.

Quanto às obras de ficção, havia uma lacuna na área de análise documental que tem como foco, tradicionalmente, o texto científico, onde Sabbag (2013) desenvolveu nacionalmente com o modelo de leitura para obras de ficção. Para a autora

(...) o desenvolvimento deste modelo foi necessário (...) também para desautomatização de procedimentos e da substituição dos processos intuitivos por procedimentos metodologicamente adequados conforme apontam Guimarães, Moraes e Guarido (2007, p. 95) quando dizem que "que o profissional sabe, intuitivamente, a diferença entre um texto científico e um texto narrativo de ficção", mas é necessário um esforço de desautomatização já que "a literatura tradicional da área de análise documentária tem dedicado seus maiores esforços no delineamento dos procedimentos metodológicos aplicáveis ao texto científico" (FUJITA et al, 2017, p.3-4).

O Modelo de Indexação de Ficção (MENTIF) se caracteriza como um modelo de análise cognitivo onde o indexador realiza a leitura técnica do documento com a intenção de extrair os conceitos por meio de quatro categorias fundamentais para a obra de ficção, sendo ela: o personagem, o evento, o espaço e o tempo. É nesse modelo que o presente trabalho tem suas bases fixadas, com a intenção de uma modificação para obras que não são contempladas. Ele é tratado em alguns momentos da tese, tendo seu conceito melhor apresentado no próximo subtópico.

Para a identificação dos conceitos, o MENTIF utiliza quatro categorias consideradas generalizantes para obras de ficção sugeridas por Begthol (1994), em seu livro onde trata da busca de um caminho para a análise desse tipo de obra, não aceitando a visão de que textos de ficção não sejam tratáveis, não fluídos para análise por “serem considerados destituídos de elementos constantes para uma análise suficiente e confiável” (FUJITA et al., 2017, p. 06).

Propõe, então, a análise de quatro categorias embasadas em Beghtol (1994):

- *personagem* (inclui o narrador): são seres e atores que existem e participam no mundo da ficção;
- *evento* (inclui atos de humanos e não humanos): ocorrências e acontecimentos do mundo real e não real;
- *espaço*: lugares geográficos e localizações no mundo ficcional;
- *tempo*: unidade de tempo no mundo ficcional (FUJITA et al., 2017, p. 07).

Verificou-se que as categorias importantes do conto para o modelo de leitura encontradas, com base no MENTIF foram: Personagem, Evento, Espaço, Tempo e Figuras de Linguagem e contexto.

Foram acrescentadas, então, as Figuras de Linguagem e contexto.

Essas novas categorias são importantes pois, com a ADL se pode observar alguns elementos que são importantes para a representação, sendo nesse momento evidências, então.

As categorias se mantiveram após estudos com base no discurso literário e se pode perceber que esses fatos não podem ser observados separadamente, uma vez que o percurso gerativo de sentido é advindo da teoria semiótica Greimasiana e se preocupa com dos sentidos mais concretos até os mais complexos e abstratos de uma obra. Além disso, o percurso gerativo de sentido estabelece três etapas onde o nível narrativo organiza a narrativa do ponto de vista do sujeito, também estabelece fases importantes para o encadeamento da narrativa, que é onde se encontra o discurso.

Aliado a isso as ideias-força propostas por Maingueneau (2009) serão observadas nesse momento para que o fato literário seja ativado, e, dessa forma, a ADL seja realizada.

É no item 7 do Quadro 7 que as categorias de análise do conto aparecem.

Para facilitar a visualização e o uso, um quadro foi construído com as ideias-força:

Quadro 8 - Ideias força para legitimação do discurso

Ideias força do Discurso Literário	Legitimação do discurso
1) O discurso supõe uma organização transfrástica	Os discursos se submetem a regras de organização que vigora em uma comunidade, regras dos múltiplos gêneros de discursos, aqui se concretizando na “ <i>estrutura de contos</i> ”.
2) O discurso é uma forma de ação	Interage por meio da linguagem com o leitor, mobilizando-o a corresponder à vontade do autor no ato de linguagem proferido.
3) O discurso é interativo	Tem intercâmbio, de relações de linguagem entre os interlocutores reais (leitor) e fictícios (personagens), estando vinculado ao princípio de cooperação.
4) O discurso é orientado	Se desenvolve no tempo, constituído em função de ser entendido, tendo seus enunciados fortemente controlados e dispondo de características de conto com jogo de palavras e significação para um público determinado pelo locutor.
5) O discurso é contextualizado	O discurso não se trata de uma intervenção num contexto, pois só existe discurso contextualizado. O discurso contribui para o contexto, podendo modificá-lo no decorrer de uma enunciação.
6) O discurso é assumido por um sujeito	Autor que dialoga com o tempo, o lugar e o enunciado.
7) O discurso é regido por normas	É regido por normas específicas para o tipo de gênero tratado, legitimando a formação de uma unidade com exercício de fala.
8) O discurso é considerado no âmbito do interdiscurso.	Tem seu papel assumido no interior de outro discurso, visto que se trata um conto que faz parte de um livro, onde o autor expressa

	várias ideias, sendo essa apenas uma delas, possuindo esse tom específico de gênero que se insere na atividade discursiva da literatura.
--	--

FONTE: Elaborado pela autora.

Acredita-se que todas as ideias-força sejam importantes, mas principalmente a “o discurso é uma forma de ação”, no qual fica claro que é por meio da linguagem com o leitor, mobilizando-o a compreender à vontade do autor do ato da linguagem e diálogo entre os personagens, que o discurso mostra sua forma de ação.

Quando se analisa um discurso, consegue-se compreender o que o autor estava querendo passar com o que escreveu, principalmente quando desenvolve um diálogo onde o leitor pode basear todo seu entendimento. Isso se liga plenamente quando dizemos que “O discurso é orientado”, pois tem seus enunciados controlados de maneira rígida, dispondo de características que joga com as palavras e significações, orientando para determinado público pelo locutor. Fica claro, da mesma forma, no “O discurso é assumido por um sujeito”, pois o sujeito que aqui assume o papel se trata do autor, estando situado no tempo, lugar e enunciado.

Ainda, fica claro quando especificamos “O discurso é regido por normas”, pois cada tipo literário possui suas normas que legitimam a formação de uma unidade com exercício de fala, aqui, especificamente, estamos nos referindo às normas ligadas aos contos, as ligando com as normas de modelo de leitura. É nesse momento que se observa as categorias importantes para o conto: Personagem, Evento, Espaço, Tempo, Figuras de Linguagem e Contexto, que serão utilizadas para a retirada dos conceitos para representação. Essas categorias são representadas na primeira coluna do Quadro 11 trata da proposta de modelo para indexação de contos, no próximo subtópico que se.

Por último, vale citar “O discurso é considerado no âmbito do interdiscurso”, pois mostra que o discurso tem um papel assumido no interior de outro discurso, aqui mostrando que um conto faz parte de um discurso maior, que se trata do livro.

Tais ideias-força, portanto, servem para mostrar como o discurso está presente em tudo e pode ser adaptado e conciliado com outros métodos para enriquecer uma pesquisa como a presente.

Utiliza-se a ADL para a retirada das categorias importantes para o próximo item, principalmente para o contexto. A etapa de análise presente na tese é extensa, mas no momento de aplicação do modelo em uma biblioteca, essa análise é feita rapidamente, necessita apenas saber brevemente sobre a vida do autor e como costuma escrever e ler os contos selecionados.

Finalmente, a terceira categoria “Do objeto discursivo para o processo discursivo” é ativada, com a expectativa que na análise o processo discursivo fosse atingido, mostrando a relação que aquele dizer tem com o seu exterior, ou seja, é onde se evidencia de forma clara a relação do texto com a Formação Discursiva e a Ideológica dos autores.

Cada etapa de análise foi realizada no próximo capítulo, e para melhor observar, um quadro foi feito, observando como elas foram apresentadas no momento de sistematização:

Quadro 9 - Etapas das análises sistematizadas

Etapas das análises	“Primeiro tratamento de análise superficial”		“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”	“Do objeto discursivo para o processo discursivo”
Perguntas norteadoras	“quem diz?”	“como diz?”	“O que é dito neste discurso?” e “O que é dito em outro discurso?”	“Por que isso e não outro?”
TEXTOS ANALISADOS	Autor (Sujeito Empírico)	O texto como é apresentado.	Os contos foram analisados aos pares, o primeiro conto do autor era tratado no “O que é dito neste discurso?” e o segundo no “O que é dito em outro discurso?”, para visualização, foram colocados juntos e expressões e conceitos importantes foram retirados da análise dos contos e comparação entre os discursos.	O contexto retirado do texto, explicitando as formações do autor.

Fonte: Elaborada pela autora baseado em Caprioli (2018).

O quadro é aplicado na Sistematização das análises, no subtópico 6.4, para que fosse mais fácil de observar todos os dados coletados nas análises dos contos.

5.2.2 Construção do Modelo de Leitura para contos

Agora passa-se a construção de um Modelo de Leitura para contos, utilizando a ADL como base.

O momento da aplicação do modelo é logo após a etapa anterior, de análise dos contos selecionados.

O objetivo foi criar um Modelo de Leitura que auxilie na representação de contos em bibliotecas, com experimentação nas públicas, onde o número de livros de contos é alto, como

visto anteriormente. Estabeleceu-se, então, a ADL como metodologia para auxiliar na adaptação do Modelo de Leitura, portanto, pretendeu-se deixar claro que a Análise do Discurso e os Modelos de Leitura podem ser utilizados para a utilização no momento da leitura do conto para a indexação em bibliotecas.

Como visto no subtópico 2.2, dedicado especialmente aos Modelos de Leitura, a leitura se trata de uma atividade que requer máxima atenção do indexador. As estratégias de leitura, segundo Fujita *et al.* (2017, p. 05) consistem em: “ler o título das obras, os subtítulos, a introdução e conclusão, frases introdutórias de parágrafos e capítulos, legendas de ilustrações, gráficos, tabelas, diagramas e suas explicações, palavras ou grupos de palavras”.

Tais estratégias se mostram efetivas em documentos com estruturas rígidas e adequadas para a aplicação, como artigos científicos e livros didáticos, por exemplo, mas não exatamente para textos ficcionais, pois não apresentam todos esses elementos.

Então, foi utilizado o Modelo de Leitura Documentária para Indexação de Textos Narrativos de Ficção, conhecido como MENTIF, modelo voltado para, como o nome diz, textos narrativos de ficção.

Precisa-se deixar claro que o modelo é formado pela combinação da exploração da estrutura textual com o questionamento para a identificação de conceitos, segundo Fujita e Rubi (2006).

O MENTIF, criado por Sabbag em 2017 e publicado por Fujita *et al.* (2017), se caracteriza como um modelo de análise cognitivo onde o indexador realiza a leitura técnica do documento com a intenção de extrair os conceitos por meio de categorias fundamentais para a obra de ficção.

Não contempla contos, filmes, poesias, crônicas, coletâneas, peças de teatro e cartas, como as próprias autoras colocam em seu texto, levando a usá-lo como base para a construção de um modelo que contemple, em um primeiro momento, apenas os contos.

Com o MENTIF, solucionou-se o problema de como analisar obras de ficção em unidades de informação de maneira mais eficiente, uma vez que a leitura do texto integral se trata de uma alternativa inviável devido a questões de tempo profissional. Foskett (1996) e Mendes e Simões (2002) assinalam fortemente essa impraticabilidade da leitura integral do documento. Afirmam que “pela ausência de tempo, os profissionais devem atentar e incidir a sua análise em pontos nucleares do documento como fontes de informação, por outras palavras, o paratexto” (ALMEIDA, 2020, p. 107).

Diante disso, quais estratégias de leitura o indexador deve utilizar para a leitura de contos?

Segundo Fujita *et al.* (2017) a obra de ficção se trata de uma modalidade do texto narrativo construído por estruturas superficiais, profundas e superestruturas. O texto narrativo de ficção possui um plano de conteúdo conhecido por Percurso Gerativo de Sentido, que lhe confere um plano para sua construção, organizado em articulações narrativas.

Fiorin (2011) define níveis para o percurso gerativo de sentido, sendo eles: narrativo, discursivo e manifestação. É no nível narrativo que encontramos a chamada sequência canônica, composta por quatro fases importantes para o encadeamento da narrativa:

manipulação (um sujeito age sobre outro para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa); a **competência** (o sujeito que realiza a narrativa é dotado de um saber e/ou poder fazer); **performance** (fase da transformação da narrativa); e **sanção** (última fase onde acontece a constatação de que a performance se concretizou e o reconhecimento do sujeito que operou a transformação) (FUJITA *et al.*, 2017, p. 05, grifo do autor).

O assunto de uma obra, portanto, poderia ser identificado ao lermos a cadência narrativa presente na fase da performance e da sanção, segundo o percurso gerativo de sentido, o que está presente, geralmente, nos últimos capítulos de uma obra (MORAES; DAMAZO; LARA, 2008).

O MENTIF utiliza a teoria do percurso gerativo de sentido e propõe a leitura técnica em obras de ficção dos primeiros capítulos como estratégia fundamental, dessa forma o indexador não precisa fazer a leitura completa do documento (FUJITA *et al.*, 2017). As mesmas partes serão consideradas no momento da leitura para indexação no modelo para contos curtos, ou o conto como um todo, devido a sua densidade informativa e extensão mínima.

Assim, como no MENTIF, buscou-se compreender as etapas de análise e síntese presentes no processo de Análise Documental, compostas por: identificação da tipologia textual; leitura documentária; identificação de conceitos, seleção de conceitos e representação documentária (SABBAG, 2020).

Na identificação da tipologia textual é onde o recurso bibliográfico que será indexado é identificado. Aqui trata-se de livros de contos.

Na Leitura Documentária se realiza o exame dos textos escolhidos utilizando estratégias de leitura considerando as seguintes partes do documento: título, subtítulos, sumário, resumos, ilustrações, diagramas, tabelas, títulos explicativos e conclusão. Nessa etapa é onde a ADL se encontra, pois, além de observar essas partes do documento, também se analisa os contos selecionados por meio das etapas de análise utilizadas no capítulo 6.

Na Identificação de Conceitos seleciona-se os conceitos através das categorias selecionadas.

A etapa de Seleção dos Conceitos é feita quase no fim, pois necessita das outras etapas para acontecer. É na etapa anterior que os conceitos serão identificados para que possam, aqui, serem selecionados. Basicamente se escolhe quais deles fazem mais sentido para representar o documento que está em mãos.

A última etapa, de Representação Documentária faz parte da tradução dos conceitos selecionados em termos de linguagem de indexação, dependendo da instituição/biblioteca que esse documento está sendo representado.

Dessa forma, o seguinte modelo de leitura foi desenvolvido no MENTIF:

Quadro 10 - MENTIF - Modelo para Indexação de Ficção (versão adaptada)

Categorias (primeira coluna)	Questionamento (segunda coluna)	Partes da estrutura textual (terceira coluna)	Identificação de conceitos (orientado pelo conteúdo¹⁸) (quarta coluna)	Seleção de conceitos (orientado pelo uso¹⁹) (quinta coluna)
Personagem	Existem seres ou atores que existem e participam no mundo da ficção (inclui o narrador quando for o caso)? Observação: Seres (animados, inanimados, imaginários: pessoa, animal, pedra, fantasma, etc.). Características dos seres que merecem destaque (classe, gênero, profissão, personalidade, nacionalidade; quando ligado a evento histórico identificar nome pessoal).	Capa e contracapa; primeiro capítulo; último capítulo.		
Evento	Existem ocorrências e acontecimentos do mundo real e não real (inclui atos humanos e não humanos)? Observações: Ocorrências e acontecimentos (fatos, ações, fenômenos naturais, sobrenaturais, situações, cerimônias, relacionamentos, sentimentos, etc.).	primeiro e segundo capítulos; resenhas.		
Espaço	A narração acontece em um determinado lugar geográfico	Orelhas; primeiro		

18

Orientado pelo conteúdo diz respeito quais características deveriam ser observadas; inclusão de uma coluna com as partes da estrutura textual para auxiliar na identificação dos conceitos.

¹⁹ Orientado pelo uso diz respeito à orientação para que o catalogador pense no uso que os conceitos selecionados terão para a comunidade usuária.

	ou localização (ou ambiente) no mundo ficcional?	capítulo; resenhas.		
Tempo	Existe uma unidade de tempo no mundo ficcional? Observação: Unidade de tempo (período de tempo específico).	Orelhas; primeiro capítulo; resenhas.		

Fonte: Fujita *et al.* (2017, p. 14-15).

No modelo, a coluna **“Partes da estrutura textual”** indica onde encontrar no texto as categorias propostas, porém, é nesse momento que adaptações precisam ser feitas. Conforme a tabela, as informações, nos textos de ficção, são geralmente encontradas na *capa*, *contracapa*, *primeiro capítulo*, *últimos capítulos*, *resenhas e orelha*, porém, quando tratamos de contos, tais partes podem não fornecer as informações de forma completa e útil. Isso acontece porque os contos possuem estruturas diferentes e características.

O conto que conhecemos, passou por várias fases e muitas vezes, traçou caminhos na direção dos poemas ou das crônicas e levando em considerações os aspectos explanados anteriormente. Podemos concluir que o conto é constituído por uma unidade dramática, possuindo um único conflito, um só drama, uma só ação. Pode ser considerado

(...) uma síntese dramática onde há unidade de ação, espaço, tempo e tom. O lugar físico sempre é dinâmico. O tempo é de período curto, caracterizado sempre por horas ou dias, ou não será um conto. Não possui pormenores secundários, pois vai direto ao ponto, com muita objetividade. Quer provocar no leitor uma só impressão: medo, simpatia, piedade, pavor, horror, riso, etc. Cria situações de conflito onde o leitor pode se identificar, sendo seus personagens instrumentos de ação (ANTONIO, 2008, p.47).

Os contos são considerados um tipo de prosa, onde a prosa se caracteriza pela expressão do “não-eu”, se valendo de conotações, metáfora exploradas com cautela, com a intenção de oferecer uma imagem mais concreta da realidade, e se vale também, e principalmente, de denotações, exatamente pelo mesmo motivo de intencionar se aproximar da realidade. E mesmo com essa intenção, Moisés (1995, p. 84) afirma que “a rigor, uma obra em prosa de superior quilate, seja ela de cunho ‘realista’, seja introspectivo ou poético, caracteriza-se por utilizar, equilibradamente, a linguagem denotativa e a conotativa”.

Um conto possui a característica de ser uma narrativa curta, porém, em um livro de contos se deve contar com pelo menos uma dezena deles reunidos, trazendo pelo menos uma dezena de histórias variadas com tempos, espaços, personagens e eventos diversificados. Além do conto se tratar de um discurso, onde se encontra o auxílio e enriquecimento do Discurso Literário no presente trabalho.

Como visto anteriormente, o discurso possui ideias-força que o regem (MAINGUENEAU, 2009).

Todas essas ideias-força foram levadas em consideração no momento de adaptar o novo modelo de leitura, visto que se percebeu que conversam com a representação da informação temática e, principalmente, com a análise cognitiva que os modelos de leitura já realizam, tornando ainda mais rico esse modelo. É nessa parceria que o Discurso Literário concretiza suas definições e torna-se rico no presente trabalho, ficando claro que se deve entender qualquer construção literária, principalmente os contos, como discurso.

Dessa forma, pode-se continuar observando que nos contos, toda sua estrutura deve ser levada em consideração para que possa ser encontrado tempo, espaço, evento, personagem, figuras de linguagem e contexto, pois cada conto possui sua história única e diferente, onde tais conceitos serão encontrados.

O Modelo proposto fica, então, da seguinte forma:

Quadro 11 - Modelo para Indexação de contos

Categorias (primeira coluna)	Questionamento (segunda coluna)	Partes da estrutura textual (terceira coluna)	Identificação de conceitos (orientado pelo conteúdo) (quarta coluna)	Seleção de conceitos (orientado pelo uso) (quinta coluna)
Personagem	Existem seres ou atores que existem e participam no mundo da ficção (inclui o narrador quando for o caso)? Observação: Seres (animados, inanimados, imaginários: pessoa, animal, pedra, fantasma, etc.). Características dos seres que merecem destaque (classe, gênero, profissão, personalidade, nacionalidade; quando ligado a evento histórico identificar nome pessoal).	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.		
Evento	Existem ocorrências e acontecimentos do mundo real e não real (inclui atos humanos e não humanos)? Observações: Ocorrências e acontecimentos (fatos, ações, fenômenos naturais,	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.		

	sobrenaturais, situações, cerimônias, relacionamentos, sentimentos, etc.).			
Espaço	A narração acontece em um determinado lugar geográfico ou localização (ou ambiente) no mundo ficcional?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.		
Tempo	Existe uma unidade de tempo no mundo ficcional? Observação: Unidade de tempo (período de tempo específico).	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.		
Figuras de Linguagem e contexto	Através da análise dos contos, quais figuras de linguagem puderam ser encontradas? E também, o contexto do conto é importante e relevante? Observação: figuras de linguagem podem ser: ironia, metáfora, metonímia entre outras. Já o contexto pode ser momento em que foi escrito, realidade do autor, FD e FI etc.	contos selecionados.		

Fonte: Adaptado pela autora com base em Fujita et al. (2017, p. 14-15)

Quando o livro for composto de contos de um único autor, os contos selecionados podem ser aleatórios. Não existe a necessidade de ler toda a obra para selecionar um deles, é apenas uma amostra do que o livro inteiro pode ser.

Acredita-se que com dois contos, a essência daquele livro e o discurso do autor podem ficar evidentes da forma necessária para que se possa representar seu item de maneira mais eficiente em uma biblioteca, principalmente municipal, onde a representação é feita apenas pela nacionalidade do autor e o gênero do livro.

Caso o livro de contos possua mais de um autor, a sugestão é que seja selecionado um conto de cada autor.

Por exemplo, o livro “Os cem melhores contos brasileiros do século”²⁰, é composto por contos de diversos autores e separado pelas décadas do século, entretanto, alguns nomes se repetem durante as décadas, pois um autor não faz sucesso, necessariamente, em apenas uma delas. Se aparecer um autor com apenas um conto, usando de exemplo o livro citado, então esse conto deve ser analisado.

²⁰ MORICONI, I. (Ed.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Ou ainda, caso não seja possível selecionar dois de cada de nenhum autor, a sugestão é que selecione pelo menos 4 contos do livro todo, para que se possa ter uma comparação das histórias apresentadas.

Fica a critério do indexador decidir essa necessidade, ou então, seguir a política de indexação de sua biblioteca, caso exista.

Então, apenas para melhor observação das sugestões:

Quadro 12 - Sugestão de quantidade de contos para análise

1) Um único autor no livro: selecionar 2 contos.
2) Mais de um autor no livro: se possível, selecionar 2 contos de cada autor OU pelo menos 4 contos do livro inteiro.

Fonte: Elaborada pela autora.

Quanto aos **Questionamentos** (segunda coluna), trata-se de um apoio para o indexador no momento de identificar os conceitos que serão selecionados na quarta coluna. Aqui, apresentam-se os questionamentos das categorias personagem (quem, com quem, o que), evento (o que aconteceu), espaço (onde aconteceu), tempo (quando aconteceu) e Figuras de Linguagem e contexto (quais figuras de linguagem e também se o contexto é importante e relevante), como observado no subtópico anterior. Foram colocadas orientações de como e quais características devem ser observadas nessa coluna.

Na terceira coluna, **Partes da estrutura textual**, as partes textuais para a identificação dos conceitos são relacionadas. Entendeu-se que capa, contracapa, resenhas, orelha, contos escolhidos são as partes que precisam ser observadas e analisadas para a retirada dos termos da quarta coluna, como observado aqui, anteriormente.

Já a coluna **Identificação de conceitos (orientado pelo conteúdo)** (quarta coluna) são os termos selecionados a partir da análise por meio da ADL e é nela onde vão se selecionar alguns termos para serem retirados na Terminologia de Assuntos como Linguagem de Indexação da Biblioteca Nacional²¹.

Na terminologia os assuntos são apresentados em uma lista multidisciplinar que se estrutura em forma de tesauro. Assim como nos tesauros, para cada assunto são relacionados os Termos Gerais (TG), os Termos Específicos (TE) e os Termos Relacionados (TR). Engloba, também, remissivas ver também, tópicos e subdivisões cronológicas, gerais e geográficas.

Foi a escolhida pois é uma terminologia de referência no país e a Biblioteca Municipal de Marília, citada anteriormente, a utiliza para a indexação de seus itens.

²¹ http://acervo.bn.gov.br/sophia_web/busca/autoridades.

Os termos selecionados são inseridos na coluna **Seleção de conceitos (orientado pelo uso)** (quinta coluna).

Os contos selecionados de cada livro passam pelo modelo proposto e ao final os termos encontrados são analisados em conjunto para a seleção final dos que melhor representam o livro como um todo. Tal ação é importante pois, em alguns casos, alguns termos são muito específicos para a representação do conto sozinho e faria sentido ser usado se todos os contos passassem pela análise e, como não é viável, não são utilizados.

Tais categorias expostas até aqui foram aplicadas nos contos para observar sua aplicabilidade e necessidade de alteração para que se encaixem no tipo de texto proposto, como por exemplo, adicionar expressões utilizadas com base no contexto, retiradas das análises dos contos.

As categorias que compõem o conto e legitimam o discurso foram consideradas no momento da ADL e também no momento da retirada de termos para representação, quando o Modelo de Leitura proposto foi aplicado.

Existiu a necessidade de acrescentar as Figuras de Linguagem e o Contexto na aplicação da proposta do Modelo de Leitura, como visto, uma vez que a metodologia utilizada é a ADL, que trabalha com essa evidenciação. Então, após uma observação inicial do modelo existente, foi acrescentada para a aplicação nos contos selecionados.

6 ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO DOS CONTOS

A partir desse momento, os processos citados de análise em AD serão aplicados de maneira separada.

6.1 PRIMEIRO TRATAMENTO DE ANÁLISE SUPERFICIAL

O “Primeiro tratamento de análise superficial” refere-se ao momento em que se tem o primeiro contato, ou contato primário com o texto e sua superfície linguística que será analisada, ou seja, onde fica exposto o *corpus* de arquivo que passará pela análise. É aqui que se procura compreender o “quem diz” do texto.

É também nessa etapa que o “como diz” é exposto, evidenciando o *corpus* de análise, levando em conta sua estruturação característica de conto e demonstrando isso, além de observar o que, literalmente, o autor escreveu nesse *corpus*, para posterior análise no momento do processo discursivo.

Começando pelo “quem diz?”.

6.1.1 Quem diz?

O “quem diz” é onde alguns conceitos como Formação Discursiva e Formação Ideológica estão embasados. Trata-se de parte importante para a compressão da análise.

Formação Discursiva e Ideológica são tratadas para que ocorra a exposição do sujeito que diz determinado discurso, sendo importante a diferenciação de Sujeito Locutor e Enunciador, diferenças encontradas em uma única personalidade, mas que são responsáveis por proferirem discursos diferentes, na maior parte do tempo, como já visto o explicado por Ducrot (1987).

Para os textos literários, Bakhtin (1996), coloca que o autor assuma uma série de máscaras diferentes, ou seja, expressa várias vozes que falam simultaneamente, sendo que nenhuma delas prepondera ou joga uma a outra.

Nesse sentido, tem-se para os textos literários que, segundo Ducrot (1987), o Enunciador está ligado ao Locutor, de mesma maneira que o personagem está ligado ao autor, podendo o Locutor se comparar a um narrador, dado como fonte de um discurso. Entretanto, são atribuídas ao Enunciador as atitudes expressas no discurso, pois mostram seus pontos de vistas no texto. Pode-se concluir, porém, que os Locutores diferentes podem ser veiculados de um mesmo Enunciador.

O “quem diz” do trabalho, na verdade, são alguns.

Foram escolhidos 4 autores de diferentes épocas e momentos da literatura para retirada de alguns contos para a análise. Os autores escolhidos foram: Machado de Assis, Rubem Fonseca, Fernanda Young e Rodrigo Círiaco. Cada um dos autores será melhor tratado agora e foram escolhidos por escreverem contos e possuírem características únicas, como será melhor observado.

6.1.1.1 Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis, popularmente conhecido apenas como Machado de Assis, nasceu no Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839 e tem em seu currículo muitas funções como jornalista, cronista, contista, romancista, teatrólogo e poeta.

No ano de 1864 publicou seu primeiro livro, chamado “Crisálidas”²², um livro de poesias, tendo seu primeiro livro de romance, o “Ressurreição”²³ sido publicado apenas em 1872.

Já em 1867 foi indicado por Quintino Bocaiuva, jornalista e político, a redator do Diário Oficial, tornando-se, assim, funcionário público. Posteriormente foi promovido a assistente de diretor (OLIVEIRA, *online*).

Casou-se com Carolina Augusta Xavier de Novais em 1869 e teve seus cuidados, amor e revisão de textos até a morte da esposa, em 1904.

Seu desempenho e reconhecimento enquanto escritor é notório, e isso pode ser evidenciado ao constatar que o autor é fundador da cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras e ocupou, também, o cargo da presidência desta instituição por mais de dez anos, que também passou a ser chamada de “Casa de Machado de Assis”.

Também, por seu grande trabalho e contribuições para a literatura nacional, o autor recebeu de Dom Pedro II, Imperador do Brasil, o grau de Cavaleiro da Ordem da Rosa, o consagrando como um dos escritores mais relevantes de sua época (OLIVEIRA, *online*).

Machado veio de uma família muito simples e carente, porém muito inteligente e letrada, por isso, mesmo não tendo frequentado a escola, era capaz de ler e, sobretudo, escrever. Conseguiu prestígio na vida e na carreira mesmo sendo negro em um período tão crítico, gago e epilético. Ocupou alguns cargos públicos, mas foi no jornalismo que se destacou como escritor por suas crônicas diárias, inicialmente sobre sessões parlamentares e depois sobre o cotidiano do Rio de Janeiro, que estava em constante mudança (MARINHO, *online*).

²² ASSIS, M. de. **Crisálidas**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

²³ ASSIS, M. de. **Ressurreição**. São Paulo: Editora Nacional, 2004.

O autor faleceu em 29 de setembro de 1908, também no Rio de Janeiro, mas durante sua vida foi reconhecido como um escritor que abrangia praticamente todos os gêneros literários, passando desde a poesia, o romantismo, o indianismo e o parnasianismo, até contos românticos. Porém, Machado de Assis é autor de grandes obras-primas que fogem de qualquer denominação de escola literária, isso o tornou o maior escritor das letras brasileiras e um dos maiores autores da literatura de língua portuguesa (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS).²⁴

Suas características mais marcantes em obras são o humor reflexivo, um tanto amargo, um tanto divertido e, principalmente, a ironia, considerada sua maior arma literária por muitos críticos.

O autor costumava tratar de conflitos da situação humana, retratando desde relações homossexuais e homoeróticas até temas mais complexos como a escravidão. Este último tema era reflexo de sua vivência, uma vez que seus avós paternos fizeram parte desse momento da história do Brasil, tendo suas raízes, portanto, vindas de escravos. Outra característica muito observada no autor se trata de uma postura de desencantamento com a vida, o homem e a sociedade.

Machado de Assis é responsável por grandes obras como: os romances “A Mão e a Luva”²⁵ original de 1874, “Memórias Póstumas de Brás Cubas”²⁶ original de 1881, “Quincas Borba”²⁷ original de 1891, “Dom Casmurro”²⁸ original de 1899, ou ainda “O Alienista”²⁹ original de 1882, que levanta discussões quanto a sua categorização literária, entre muitas outras que ainda são tratadas e lidas atualmente por um grande público.

“O Alienista” é debatida constantemente entre os estudiosos, pois possui características de conto, mas se assemelha à uma novela e também a um romance. Passou a ser publicado separadamente de outros contos depois que foi incluso na coletânea “Papéis Avulsos”, de 1882, e algumas teorias bem aceitas são de que o autor teve a intenção de escrever um conto com características semelhantes a um romance, o colocando, então, como uma novela (OBRA..., 2021).

²⁴ <http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>. Acesso em 20 ago. 2017.

²⁵ ASSIS, M. de. **A mão e a luva**. São Paulo: Globo, 1997.

²⁶ ASSIS, M. de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

²⁷ ASSIS, M. de. **Quincas Borba**. 4ª ed. São Paulo: Clube do Livro, 1980.

²⁸ ASSIS, M. de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

²⁹ ASSIS, M. de. **O Alienista**. São Paulo: Ática, 2000.

Antes de sua morte, ainda publicou algumas obras, podendo destacar-se: “Esaú e Jacó”³⁰, de 1904, “Relíquias de Casa Velha”³¹, de 1906 e “Memorial de Aires”³², de 1908, o ano de seu falecimento.

As primeiras publicações póstumas foram organizadas por Mário de Alencar, sendo elas: “Teatro”³³, “Crítica”³⁴ e “Outras Relíquias”³⁵, todas em 1910 e “A semana”³⁶, em 1914.

Já em 1959 a editora Nova Aguilar publicou a “Obra completa”³⁷ do autor, composta por três volumes: conto, romance, e um para poesia, crônicas e miscelânea.

Em 1965 foi publicado “Dispersos de Machado de Assis”³⁸, organizado por Jean-Michel Massa. A coletânea reúne escritos nunca antes reunidos, incluindo os contos “A sonâmbula”, “Um para o outro”, “Médico é remédio” e “Uma partida”, além de vasta seleção de poesias e crônicas.

Mesmo posterior a isso, muitos livros sobre e do autor continuam sendo reeditados e publicados, afinal, é evidente que Machado foi e continua sendo uma grande referência para a literatura nacional. Seu estilo de escrita sarcástica, que questiona a inteligência do leitor e critica a sociedade ainda pode ser observada e refletida em muitos autores atualmente.

Sua carreira e obras são inúmeras, porém, para este trabalho, escolheu-se trabalhar com contos produzidos pelo autor, mais especificamente dois deles que se encontram no livro “Papéis Avulsos”. Os contos e o livro serão melhor tratados no momento do “Como diz?”.

6.1.1.2 Rubem Fonseca

José Rubem Fonseca, também conhecido apenas como Rubem Fonseca, nasceu em 11 de maio de 1925, em Juiz de Fora, Minas Gerais, mas aos oito anos mudou-se para o Rio de Janeiro.

Formou-se em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1949 e após a conclusão do curso, entre 1950 e 1960, foi escrivão da Polícia Civil em funções

³⁰ ASSIS, M. de. **Esaú e Jacó**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

³¹ ASSIS, M. de. **Relíquias de Casa Velha**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1906.

³² ASSIS, M. de. **Memorial de Aires**. 3.ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

³³ ASSIS, M. de. **Teatro**. Colijido por Mario de Alencar. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.

³⁴ ASSIS, M. de. **Crítica**. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1885].

³⁵ ASSIS, M. de. **Outras relíquias**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910, 3 v.

³⁶ ASSIS, M. de. **A semana**. São Paulo: Globo, 1997.

³⁷ ASSIS, M. de. **Obra completa**. São Paulo: Nova Aguilar, 2022.

³⁸ ASSIS, M. de. **Dispersos de Machado de Assis**. Colijido por Jean-Michel Massa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.

administrativas. Foi também professor, aperfeiçoou estudos em Administração e se tornou executivo, além de ficar, nos anos 70, na posição de diretor do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) (GUIMARÃES, 2021).

O autor foi um dos responsáveis por inaugurar algo novo na literatura brasileira contemporânea em 1975: o estilo brutalista. Segundo Massirer, Luft e Portz (2018, p. 02): “Alfredo Bosi se refere às obras de Rubem Fonseca quando utilizou o termo brutalismo (principalmente os contos da década de 60 e 70), sendo este autor um dos inauguradores da literatura brutalista no Brasil”.

A literatura brutalista é marcada por frases curtas, diretas, diálogos sem travessões, com uso de palavrões e gírias, sem eufemismos, com a intenção de não dificultar ao leitor, para que entenda a violência presentes nas narrativas e que retrata a realidade. É uma narrativa, ainda segundo Massirer, Luft e Portz (2018, p. 03) “[...] muito diferente de tudo o que vinha sendo escrito, causa um choque, uma vez que, os contos e romances não se distanciam da realidade, infelizmente”.

Nos contos e romances de Fonseca se destacam os personagens narradores, com fortes elementos de oralidade e com estrutura de narrativa policial. Costuma, dessa forma, possuir muitos personagens detetives, inspetores, policiais, delegados e ainda, escritores (RUBEM FONSECA, 2021).

Seus livros podem ser vistos, também, como uma paródia do gênero policial tradicional, uma vez que essas histórias são apenas uma vitrine para evidenciar as críticas à sociedade que oprime o indivíduo. Interessa ao autor retratar o cotidiano terrível das cidades, de uma forma que pode chocar, como observam Massirer, Luft e Portz (2018, p. 03)

As investigações e o cotidiano relatados nas obras de autores como Rubem Fonseca, João Antonio, Wander Piroli, Sérgio Sant’Anna, e, mais tarde, na década de 90, por Marcelino Freire e Marçal Aquino e Patrícia Melo, são surpreendentes e chocam os leitores mais desavisados que esperam encontrar o clássico investigador super inteligente ou, até mesmo nas histórias que não são policiais, um cotidiano simples de personagens brandos.

Pode-se afirmar, então, que o estilo literário de Rubem Fonseca é direto e objetivo, com muito uso coloquial da linguagem (incluindo alguns palavrões), enredos focados na sociedade e em sua violência, com seus personagens principais muitas vezes marginalizados socialmente ou de personalidade ligada à criminalidade e criminologia. Também a evidenciação dos defeitos dos personagens e seus comportamentos contraditórios, caracterizando eles psicologicamente (GUIMARÃES, 2021).

Durante sua carreira, escreveu mais de 30 livros entre romances, contos e crônicas, sendo considerado um dos maiores contistas da literatura brasileira pela quantidade e qualidade dos contos escritos.

Sua primeira obra escrita foi “Os prisioneiros”³⁹, em 1963, já inicialmente um livro de 11 contos, onde mostrou já possuir uma escrita madura, evidenciando a metrópole com seus vícios e virtudes, com uma linguagem direta e lírica, ao mesmo tempo.

Posteriormente, durante a ditadura militar brasileira, Fonseca publicou mais um livro de contos, o primeiro do período, “A coleira do cão”⁴⁰, em 1965. Entretanto, a censura da época decidiu investir contra uma de suas obras apenas em 1976, proibindo a circulação de “Feliz ano novo”⁴¹, publicado em 1975. Segundo Freitas (2014, p. 52), os efeitos de tais censuras foram tão severos que só foram revogados quatro anos depois da redemocratização acontecer no Brasil.

Décadas depois, o autor viu, felizmente, algumas de suas melhores obras virarem filmes, como “A grande arte”⁴², de 1983, adaptador e dirigido por Walter Salles em 1991, também “Bufo & Spallanzani”⁴³, de 1986, dirigido por Flávio Ramos Tambellini em 2001. Ou ainda “Lúcia McCartney”⁴⁴, de 1969, adaptado por David Neves em 1971 com o título “Lúcia McCartney, uma Garota de Programa”; a mesma obra, em 2016, virou minissérie pelo cineasta José Henrique Fonseca, seu filho (BANDEIRA, 2020).

Em entrevista a Bandeira (2020), a especialista em estudos brasileiros, Natália Trafani Sanches da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), indicou 5 obras que considera fundamentais para conhecer a literatura de Rubem Fonseca, sendo elas: “Feliz ano novo”, já citada; “O cobrador”⁴⁵, publicada em 1979; “Bufo & Spallanzani” e “A grande arte”, também já citados e “Agosto”⁴⁶, publicado em 1990.

Vários desses livros, e outros, ganharam prêmios durante toda sua vida, se destacando os vários Prêmios Jabuti que ganhou em 1969, 1983, 1996, 2002, 2003, 2014 e 2015, com diversas obras, incluindo “Secreções, excreções e desatinos”, escolhida aqui para a análise de alguns contos.

³⁹ FONSECA, R. **Os prisioneiros**. 4.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

⁴⁰ FONSECA, R. **A coleira do cão**. 4.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

⁴¹ FONSECA, R. **Feliz ano novo**. 2.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

⁴² FONSECA, R. **A grande arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁴³ FONSECA, R. **Bufo & Spallanzani**. 24.ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

⁴⁴ FONSECA, R. **Lúcia McCartney**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

⁴⁵ FONSECA, R. **O cobrador**. 3.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

⁴⁶ FONSECA, R. **Agosto**. 4.ed. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

Também ganhou o Prêmio Camões em 2003, e ainda o Prêmio Machado de Assis, seu último, recebido em 2015.

O autor continuou a escrever contos e romances e estava programando uma comemoração para seus 95 anos quando faleceu, em 15 de maio de 2020, aos 94 anos. Alguns dos últimos trabalhos publicados foram “Histórias curtas”⁴⁷, em 2015, “Calibre 22”⁴⁸, em 2017, e “Carne crua”⁴⁹, em 2018.

Rubem Fonseca terminou sua vida sendo recluso e não gostando de dar entrevistas, mas considerado um mestre dos contos brasileiros e pioneiro no estilo brutalista, com inúmeras publicações bem-sucedidas e milhares de cópias vendidas.

Seu estilo ficou muito marcado na literatura brasileira e causa certo desconforto ao inocentes e desavisados que chegam até suas obras sem o conhecer previamente. Rubem gostava de retratar o pior lado da sociedade, com palavrões, de forma direta, um pouco irônica e até cínica, mostrando de maneira sutil (ou nem tanto) sua crítica a temas pesados como estupro, suicídio, assassinatos ou tráfico e temas cotidianos como ciúme, paixões não correspondidas, doenças e traições.

Em análise à obra selecionada “Secreções, excreções e desatinos”, pode-se perceber muito mais de sua personalidade como escritor, e o discurso que deseja passar, como será observado posteriormente.

6.1.1.3 Fernanda Young

Fernanda Maria Young de Carvalho Machado, mais conhecida como Fernanda Young, nasceu em 01 de maio de 1970, em Niterói, Rio de Janeiro, e a longo de sua vida foi escritora, roteirista, atriz, apresentadora e diretora.

Conta, em diversas entrevistas, que não foi uma criança feliz, mesmo sem ter motivos para isso e que aos 10 anos teve um doloroso ímpeto de cortar os pulsos. Com 13 e já na terapia, foi diagnosticada com dislexia (BERTOLUCCI, 2019).

Interrompeu seus estudos nova, ao terminar o ensino fundamental, por consequência de um trauma com seu namorado da época, concluindo, posteriormente, o ensino médio com 24 anos por meio de um supletivo para entrar na faculdade. Foi nesse momento de sua vida que

⁴⁷ FONSECA, R. **Histórias curtas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

⁴⁸ FONSECA, R. **Calibre 22**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

⁴⁹ FONSECA, R. **Carne crua**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

descobriu que sofria de depressão, tratando com meditação, exercícios, trabalho e muita criatividade. Usava de seu estado para dar um rumo bem-humorado para o que criava.

Cursou Letras na Universidade Federal Fluminense, mas não chegou a concluir. Ainda cursou Jornalismo e Rádio e TV, mas também não concluiu nenhum desses. Jurou nunca mais pisar em um campus universitário, mas estava cursando Artes Plásticas em 2015 (FERNANDA YOUNG, 2021).

Começou sua carreira como autora do seriado “A comédia da vida privada”, na Rede Globo em 1995 e só no ano seguinte lançou seu primeiro romance, “Vergonha dos pés”⁵⁰, que possui várias edições.

Sempre chamou a atenção da mídia devido à sua personalidade particular, seus discursos controversos, seu visual diferente, ostentando cabelos curtos em muitos momentos, grandes tatuagens e acessórios característicos das décadas de 1920 e 1950, e por esse motivo, seus livros conseguiram grande exposição e visibilidade.

Em 2001 lançou seu quarto romance “O efeito Urano”⁵¹, e no mesmo ano criou “Os Normais” com o marido, Alexandre de Carvalho Machado, que foi sucesso na TV Globo por dois anos, sendo adaptado, inclusive, para o cinema em 2003. Fernanda foi casada com Alexandre de 1993 até o fim de sua vida.

Em toda a sua vida, atuou como atriz e apresentadora em 10 projetos na TV, escreveu e estreou outros sucessos, entre eles seriados e programas de TV, como o programa “Saia Justa” que apresentou juntamente com Rita Lee, Mônica Waldvogel e Marisa Orth entre 2002 e 2003, no GNT, ou ainda “Irritando Fernanda Young”, exibido no GNT entre 2006 e 2010 e a série “Surtadas na Yoga”, onde foi uma das protagonistas em 13 episódios da primeira temporada em 2013 (FERNANDA YOUNG, 2021). Foi indicada duas vezes ao Emmy Internacional por dois seriados na Rede Globo.

Entre suas atuações e roteiros, de 2010 a 2013, publicou outras 6 obras, entre elas: “As dores do amor romântico”⁵² de poesias, em 2005; “Tudo que você não soube”⁵³, em 2007; “O pau”⁵⁴, em 2009 e “A louca debaixo do branco”⁵⁵, em 2012.

⁵⁰ YOUNG, F. **Vergonha dos pés**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

⁵¹ YOUNG, F. **O efeito Urano**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

⁵² YOUNG, F. **As dores do amor romântico**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

⁵³ YOUNG, F. **Tudo o que você não soube**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

⁵⁴ YOUNG, F. **O pau**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

⁵⁵ YOUNG, F. **A louca debaixo do branco**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

Em 2015 lançou seu 11º livro, intitulado “A mão esquerda de Vênus”⁵⁶, sendo o segundo de poesias de sua carreira.

Sua última obra lançada foi “Estragos”, em 2016, e o foi a escolhida para ser trabalhada aqui por se tratar de um livro de contos inéditos escritos entre 1987 e 1995.

Em 2018 lançou sua única obra de não-ficção, “Pós-F: para além do masculino e feminino”⁵⁷, onde debate, em texto autobiográficos, os significados de ser homem e ser mulher nos dias atuais.

Em 2019 lançou seu último livro em vida, o “Posso pedir perdão, só não posso deixar de pecar”⁵⁸ e iria estreitar uma peça chamada “Ainda nada de novo”, anunciada pouco tempo antes de seu falecimento, em 25 de agosto de 2019.

Ainda, uma obra foi publicada contendo um conto inédito da autora, em 2021, chamada “Eu chamo de amor”⁵⁹, depois de sua morte.

Fernanda tinha asma desde pequena e faleceu em decorrência dela no sítio de sua família em Minas Gerais. Curiosamente em seu primeiro livro de poemas, a autora escreve sobre a doença, afirmando estar curada para uma carta ao plano de saúde:

São Paulo, 25/02/03

Eu, Fernanda Maria Young de Carvalho Machado – RG: 08176991 – declaro ter sofrido de asma na infância, com algumas crises respiratórias quase severas, tendo cuidado desse mal com natação e homeopatia. Tenho na memória o registro de que, a partir dos meus 14 anos, a asma rareou, até que na idade adulta tornou-se quase imperceptível.

Esclareço

para devidos fins, que não necessito mais de cuidados médicos referentes a esse problema em específico.

Espero, portanto, ter o meu seguro saúde sem precisar, de novo, passar por essa situação. Mas caso haja, ainda, alguma dúvida, predisponho-me a uma avaliação médica pormenorizada. O que seria constrangedor para todos. Pois, acredito que a palavra, principalmente a escrita, deva bastar. Muito obrigada. Fernanda Young (YOUNG, 2005).

Essa é uma ótima exemplificação de como a verdade se confunde com a ficção em seus textos. Sempre escreveu sua realidade, com as indignações que tinha, criticando o mundo como ele era, usando muitos palavrões, sendo sincera, forte, intensa, mas fazendo o leitor não conseguir distinguir o que é real e o que é ficção. É possível observar sua depressão presente

⁵⁶ YOUNG, F. **A mão esquerda de Vênus**. São Paulo: Globo livros, 2015.

⁵⁷ YOUNG, F. **Pós-F: para além do masculino e feminino**. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

⁵⁸ YOUNG, F. **Posso pedir perdão, só não posso deixar de pecar**. Rio de Janeiro: Leya, 2019.

⁵⁹ YOUNG, F. **Eu chamo de amor**. São Paulo: Melhoramentos, 2021.

quando fala de suicídios e descreve sentimento de tristeza em seus personagens. Há uma agressividade e uma melancolia sempre presentes em sua escrita.

Bertolucci (2019, [s.d.]), a descreve muito bem quando diz:

Desconcertante e contraditória, Fernanda era puro contraste e surpresa. Forte e lânguida. Furiosa e hilária. Flexível como a água, transformadora como o fogo. Pólvora na delicadeza. Temperamento forte, paciência curta. Coração tão imenso e intenso, bem como angustiado. Loucamente sagrada. Divinamente enlouquecida. Obsessiva, danada e produtiva. Divertidamente bélica, gata da capa e dona do olhar mais profundo e angelical.

Faleceu jovem, deixando suas maravilhosas obras, marido, quatro filhos e um legado para os escritores e, principalmente, escritoras que vieram depois dela e puderam usar seus textos como inspiração.

No “Como diz?”, será melhor tratada a obra selecionada e os contos escolhidos.

6.1.1.4 Rodrigo Ciríaco

Rodrigo Ciríaco nasceu em 1981 na cidade de São Paulo e é educador, escritor e idealizador do projeto “Literatura (é) Possível” (hoje o autor chama de Pedagogia dos Saraus), que desde 2006 desenvolve ações de incentivo a leitura, difusão literária e produção escrita em escolas públicas estaduais e municipais com oficinas semanais de teatro e literatura, encontro com autores, concursos literários e saraus, como o “Sarauzim – Sarau dos Mesquiteiros”. Todas essas atividades e ações são voltadas para jovens, crianças e adolescentes, principalmente periféricos (CIRÍACO, 2016?).

Vale ressaltar que as informações aqui expostas foram retiradas de pesquisas na internet (páginas de revistas, blogs, perfis do *Facebook* etc.), pois Rodrigo é um autor novo e ainda não possui tantas informações sobre sua vida publicadas em artigos e periódicos, embora já possua alguns livros e seja considerado um dos principais nomes da literatura marginal-periférica.

Possui 3 livros publicados, sendo eles: “Te pego lá fora”, um livro de contos originalmente publicado em 2008 e o escolhido para ser usado aqui, “100 mágoas”⁶⁰, de 2011 e também de contos, e “Vendo Pó...esia”⁶¹, de 2016, um livro, diferente dos outros, de poesia. Seus livros já foram traduzidos para o francês, alemão, inglês, italiano e espanhol.

⁶⁰ CIRÍACO, R. **100 mágoas**. São Paulo: Edições UM por TODOS, 2011.

⁶¹ CIRÍACO, R. **Vendo pó...esia!**. São Paulo: Nós, 2016.

Foi autor convidado da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), em 2011; do Salão de Paris em 2013 e 2015; do Festival do Livro e Literatura Infanto-Juvenil da Argélia (FELIV) em 2014; e da 40ª Feira Internacional do Livro de Buenos Aires, ainda em 2014 (CIRÍACO, 2016?). Participou de outras feiras, festivais e eventos, também no Brasil, como o Workshop Internacional – Mediação: Cultura, Leitura e Território, de 2018, onde, em experiência pessoal, conheci o autor em uma exposição sobre seu trabalho com os alunos nas escolas e em fala sobre seus livros. Também onde acabei adquirindo um exemplar de “Te pego lá fora” e sendo impactada com sua forma de escrita.

Também, de 2014 a 2016 foi integrante do conselho-executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL).

Cursou História pela Universidade de São Paulo (USP) e nessa época já tinha a intenção de ser tornar professor de escola pública e trabalhar na periferia era uma questão política para ele, uma vez que nasceu e cresceu na Zona Leste de São Paulo (SOARES, 2016).

Em entrevista a Soares (2016, *online*) o autor declarou

Assim que me formei, assumi aulas em uma escola da minha quebrada, a EE Jornalista Francisco Mesquita. Na mesma época, comecei a frequentar saraus realizados pela cidade. Docência e literatura passaram a estar conectadas. Durante o dia, eu lutava contra os diversos problemas do cotidiano em sala de aula: o analfabetismo funcional em séries avançadas, a evasão escolar, a violência sempre presente na minha vida e na dos estudantes. Muitos jovens iam para a escola sem se alimentar, algumas adolescentes sofriam abusos e assim por diante.

À noite, solitário e pensando sobre todos esses desafios, eu escrevia. Foi assim que compus meu primeiro poema, inspirado em um aluno que na época cursava a 5ª série (hoje 6º ano). Em busca de alívio, soltava tudo em uma espécie de diário, que se transformou em meu primeiro livro de contos, *Te Pego Lá Fora* (...).

Foi nesse contexto, então que o autor passou a escrever, passando a integrar o movimento de literatura marginal, onde encontrou outros autores como Ferréz e Sérgio Vaz, que, assim como Rodrigo, falam da realidade e cotidiano das periferias do país.

Na literatura, a palavra “marginal” se refere a autores que fogem, de alguma maneira, do cânone, se referindo também, à produção literária que transita fora do circuito comercial das grandes editoras e a textos que tem a intenção de causar oposição às principais tendências literárias. Se relaciona, também, a grupos cuja identidade se define de forma negativa em relação à cultura dominante (LITERATURA..., 2022).

O marco da literatura marginal é a publicação de “Capão Pecado”⁶², em 2000, de Ferréz, onde o autor retrata o cotidiano na periferia paulistana, especialmente em Capão Redondo, o bairro onde vive.

Surgiu na década de 1970 no Brasil, mas o movimento só cresceu e influenciou diretamente a produção cultural do país. Entre os principais nomes, pode-se citar, ainda, Paulo Leminski, Torquato Neto, Chacal e Francisco Alvim, além de Ferréz, Sérgio Vaz e o próprio Rodrigo Ciríaco.

Rodrigo, deixou de atuar como professor em 2015, se dedicando exclusivamente à promoção de atividades literárias, promovendo eventos pela rede de ensino em busca de uma revolução maior que conseguiria apenas em sala de aula.

Seus textos expõem a realidade da sala de aula, com o recorte da periferia, onde tudo é mais complicado, mais real, mais precário. E quando perguntado como é ser um escritor de periferia, respondeu:

Foi esse desafio de levar a literatura e a poesia para dentro da sala de aula, mas dentro desse recorte da literatura marginal, periférica, e assumir esse recorte com orgulho também, porque esse recorte não diz que a gente é mais do que outra literatura, mas também não diz que a gente é menos. É um recorte que diz de onde nós falamos, porque também falamos, e se é um recorte político, também é um recorte estético.

Da mesma forma que a gente também fala de movimento modernista.

Acho que daqui a uns quarenta, cinquenta anos, quando observarem o movimento de literatura marginal e periférica, vão conseguir observar também com mais clareza, talvez, esse recorte de ser um movimento que tem uma linguagem estética, tem uma narrativa própria, assume uma posição política em um momento que é fundamental você ter um posicionamento, não pode ter um negacionismo. Dizer: “vamos fazer uma arte apolítica”, aí está a questão: existe arte apolítica? Se você vê pela lógica do Paulo Freire e do Boal, toda arte é política, toda pedagogia é política, inclusive aquela que se diz não política. Eu acho que a gente bebe dessas fontes, parte desses pressupostos (CIRÍACO, 2020, p. 361).

Expor a realidade é o que o autor mais faz em seus livros, tanto que quando lançou “Te pego lá fora”, teve problemas com o diretor da escola em que trabalhava:

[...] quando eu lancei o Te pego lá fora, o diretor que foi designado para a minha escola, quando a gente conseguiu afastar o outro, pegou o meu livro e encaminhou para a comissão de sindicância, porque achou absurdo eu fazer um livro falando de todas aquelas histórias. Como que eu, como servidor público, segundo o Estatuto do Servidor Público de 1968, poderia depreciar a escola daquela forma? Aí eu até falei: “Olha, eu estou contando o que vejo. O problema não é o que eu escrevo, o problema é o que está acontecendo. É incrível que você esteja incomodado com o que eu estou escrevendo, mas não

⁶² FERRÉZ. **Capão pecado**. São Paulo: Labrotexto, 2000.

está incomodado com nada do que acontece”. O absurdo da situação não é eu falar sobre a situação, é o que está acontecendo aí (CIRÍACO, 2020, p. 370).

A escrita de Rodrigo conversa diretamente com os alunos e os professores, é possível sentir enquanto se lê seus livros. Sua linguagem é coloquial, muitas vezes quase uma transcrição da oralidade, com muitas gírias e termos nichados, que para quem faz parte da realidade da periferia, trata-se de uma comunicação normal do cotidiano. E por ser assim, tão simples em suas palavras, consegue transmitir exatamente o que deseja. Explica sobre sua forma de comunicar:

Eu acho que a literatura periférica meio que, de uma certa forma, serviu como esse adaptador, porque a gente chega sem pretensão de ser uma literatura que vai trazer mensagem, que vai trazer ensinamento, sem a pretensão de ser clássico. Não, pelo contrário, a gente chega como uma literatura menor, a gente chega sobre o viés de muitos preconceitos. O preconceito linguístico. “Vocês vão ensinar a nossa criança a escrever errado, a falar errado”, como se quem lê Guimarães Rosa saísse por aí falando “nonada, tiros que o senhor ouvir, não é de gente morta, não, Deus esteja”, ou qualquer filme, ou música, que as pessoas absorvessem tudo, sem filtrar nada. Então tem esse preconceito linguístico. Tem o preconceito social, no sentido de “Vocês fazem apologia das drogas, vocês fazem apologia do crime”. E reforçando, a gente vem muito por esse lado do estético, que inclui muito a questão da oralidade, a gente recupera a oralidade dentro da poesia, dentro da literatura, seja pegando dessa semente dos trovadores, dos repentistas, dos rappers, dos cordelistas, e a questão do corpo, da performance. Porque uma das coisas bacanas do sarau e do slam é que ele faz essa transição entre teatro e literatura, teatro e poesia. É essa mescla, e está sempre muito associado ao impacto, à provocação, a uma catarse ali daquele ouvinte ou daquele espectador. E tudo isso dentro de uma linguagem em que eles prontamente se reconhecem, prontamente se identificam. Não que eles não vão se reconhecer ou se identificar em um Machado de Assis, em um Dom Quixote ou mesmo um Camões. Eu acho que a literatura periférica, a literatura marginal tem, de uma certa maneira, sucesso por causa disso, porque tem essa identificação, por conta da linguagem (...) (CIRÍACO, 2020, p. 364).

Rodrigo segue levando saraus, oficinas, encontros com autores e tantas outras atividades para todos os cantos e todos os jovens. Além disso, sua escrita também continua expressando o lugar de onde vem, os discursos que profere e sustenta, as ideias que carrega.

Seu discurso será melhor observado no momento de análise dos contos escolhidos, no próximo subtópico.

6.1.2 Como diz?

O “como diz” se trata da exata parte onde o discurso que interessa para o trabalho é encontrado na totalidade dos contos selecionados, levando em consideração sua estrutura.

Os contos de todos os autores serão expostos de maneira integral, pois o corpus que será submetida à análise precisa ser observado, uma vez que não há como retirar a parte de maior importância, sendo todo o texto a principal parte do elemento do arquivo. Entretanto, estão no Anexo da tese, visto que são de certa extensão.

Os livros e contos de cada autor escolhido foram:

Quadro 13 - Autores e obras escolhidos

<i>Autor</i>	Machado de Assis	Rubem Fonseca	Fernanda Young	Rodrigo Ciríaco
<i>Livro</i>	Papéis Avulsos	Secreções, excreções e desatinos	Estragos	Te pego lá fora
<i>Contos</i>	1) Na Arca	3) Coincidências	5) O lançador de batatas	7) Bia não quer merendar
	2) O espelho	4) Beijinhos no rosto	6) Eu desconfio que...	8) Nós, os que ficamos

Fonte: Elaborada pela autora.

Vale ressaltar, também, que no trabalho os contos foram escolhidos depois de lidos os livros, mas em um contexto de biblioteca isso raramente acontecerá, o que não mudará o resultado. Os contos podem ser escolhidos de maneira aleatória ou da maneira como o profissional indexador desejar e sempre levando em consideração alguma recomendação explicitada na política de indexação, quando houver.

Agora, um pouco sobre o livro de cada autor é comentado para que haja a contextualização.

6.1.2.1 Papéis Avulsos

Um livro publicado originalmente em 1882, Papéis Avulsos é composto de 12 contos: O alienista; Teoria do medalhão; A chinela turca; Na arca; D. Benedita; O segredo do Bonzo; O anel de Polícrates; O empréstimo; A sereníssima república; O espelho; Uma visita de Alcebíades e Verba testamentária.

Uma breve advertência do autor, que merece destaque especial:

ESTE TÍTULO de Papéis Avulsos, parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor coligiu vários escritos de ordem diversa para o fim de os não perder. A verdade é essa, sem ser bem essa. Avulsos são eles, mas não vieram para aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família, que a obrigação do pai fez sentar à mesma mesa.

Quanto ao gênero deles, não sei que diga que não seja inútil. O livro está nas mãos do leitor. Direi somente, que se há aqui páginas que parecem meros contos, e outras que o não são, defendo-me das segundas com dizer que os leitores das outras podem achar nelas algum interesse, e das primeiras defendo-me com São João e Diderot. O evangelista, descrevendo a famosa besta apocalíptica, acrescentava (XVII, 9): "E aqui há sentido, que tem sabedoria." Menos a sabedoria, cubro-me com aquela palavra. Quanto a Diderot, ninguém ignora que ele, não só escrevia contos, e alguns deliciosos, mas até aconselhava a um amigo que os escrevesse também. E eis a razão do enciclopedista: é que quando se faz um conto, o espírito fica alegre, o tempo escoá-se, e o conto da vida acaba, sem a gente dar por isso. Deste modo, venha donde vier o reproche, espero que daí mesmo virá a absolvição.

Machado de Assis.

Outubro de 1882 (ASSIS, 2005 p. 06).

Não se trata apenas de uma reunião de contos aleatórios, são “de uma só família”, ou seja, em algum ponto possuem algo em comum e, por isso, foram agrupados, ou “a obrigação do pai fez sentar à mesma mesa”.

Possui estrutura comum, com alguns contos mais curtos, outros mais longos, como “O Alienista” com 43 páginas. Tal conto pode ser o citado pelo autor na advertência, quando diz que se algumas páginas do livro parecem meros contos e outras não o são, a decisão é do leitor, fica em suas mãos.

Foi o terceiro livro de contos do autor e considerado por muitos um dos melhores de toda sua história.

Os contos escolhidos foram “Na arca” e “O espelho”, e estão apresentados de forma integral no Anexo, página 207. Optou-se por não colocar todos os contos no corpo do texto pela extensão de alguns deles.

6.1.2.2 Secreções, excreções e desatinos

O livro é o décimo de contos publicado por Rubem Fonseca e é um livro de uma temática diferente, mas que ganhou certo espaço na literatura.

É composto por 14 contos que expõem elementos corporais fazendo parte da história dos personagens, alguns muito característicos da escrita do autor, já muito vista em seus livros, e outros com essa temática um tanto inusitada:

[...] alguns contos apresentam vestígios de um Rubem Fonseca típico dos romances que o consagraram; são os contos “Coincidências”, “A natureza, em oposição à graça”, “O estuprador”, “Belos dentes e bom coração” e “A entrega”. Ademais, “Copromancia”, “Agora você (ou José e seus irmãos)”, “Beijinhos no rosto”, “Aroma Cactáceo”, “Mulheres e homens apaixonados”,

“Mecanismos de defesa”, “O Corcunda e a Vênus de Botticelli” e “Vida” completam o volume de catorze contos que também dão ênfase aos excretos do corpo; ênfase dada por meio de descrições e comentários e informativos tecido a respeito de dejetos, secreções e excreções” (BARROS, 2013, p. 09).

Ele nos apresenta contos com fezes, urina, menstruação, saliva, hálito, esperma, cera de ouvido, caspas, doenças e até mesmo violências de alguns tipos. Além de ficar muito claro seu humor, sua escrita direta, simplificada e cheia de palavrões, sem o uso de travessões, que são características presentes e muitos dos seus livros. Esse, em especial, é dedicado ao corpo humano e suas secreções e excreções.

No quesito apresentação dos textos, a estrutura é simples, normal para contos, alguns mais longos que os outros, bem comum para o autor.

Os contos escolhidos foram “Coincidências” e “Beijinhos no rosto”, e estão apresentados de forma integral no Anexo, página 207. Optou-se por não colocar todos os contos no corpo do texto pela extensão de alguns deles.

6.1.2.3 Estragos

Livro publicado em 2016, que traz 18 contos escritos entre 1987 e 1995, contendo, dessa forma, alguns dos primeiros textos escritos pela autora, quando ainda buscava seu estilo, como a própria Fernanda explica no prefácio. A autora, inclusive, afirma que relutou em publicar os textos, pois achava não serem bons o suficiente, reconhecendo, entretanto, que tudo isso a tornou a autora que era atualmente:

Fui reticente sobre levar a público meu trabalho anterior a *Vergonha dos pés*, pois sabia que, aos vinte e seis anos, enfim tinha algo que merecia ser lido por alguém. Tudo antes disso deveria ser descartado, pois era tão “inacabado” quanto eu. (...) E se agora decido publicá-los, é porque reconheço nesses contos o genuíno desejo de escrever algo pertinente. Devo ter respeito pela jovem que fui, pela autora persistente, autodidata. De lá até aqui, teimei demais. Sofri para cacete. Nunca foi fácil. Nunca pensei que seria. E hoje sei que jamais será” (YOUNG, 2016, p. 10).

A maioria dos contos são curtos, com exceção de “30 milhões de vezes”, “A criada que lia Bukowski” e “Hélices”. Os outros contos que compõem o livro são: A sereia no jarro de cristal; A fina-flor; O lançador de batatas; Os 3 dedos de Clarice; Malibu, um pequeno conto parkeano; Mulher intelectualizada largada pelo marido; Eu desconfio que...; O comedor de torpedos; Conselhos; Saco de gatos, Almirante Caminha e Inspiração.

Possuem uma linguagem simples, de aparente fácil entendimento, mas que podem ser considerados densos e profundos quando se reflete sobre. Cada conto possui uma ilustração individual, feita pela autora, que ajudam a ter uma ideia do que cada texto irá falar.

No prefácio é apresentado um manuscrito da autora, onde é possível observar sua dificuldade com a escrita por ter dislexia, mas também é possível sentir seu fluxo de pensamentos, como sua mente funcionava para dar vida a sua escrita.

Ainda que se tratem de textos escritos quando a autora era ainda muito jovem e buscasse seu estilo, é possível observar muito do que era no fim de sua carreira. Fernanda possui uma escrita muito característica de sua personalidade forte e transgressora, que parece simples, mas que carrega grandes cargas emocionais.

Os contos escolhidos foram “O lançador de batatas” e “Eu desconfio que...”, e estão apresentados de forma integral no Anexo, página 207. Optou-se por não colocar todos os contos no corpo do texto pela extensão de alguns deles.

6.1.2.4 Te pego lá fora

É o primeiro livro de autoria de Rodrigo Ciríaco e o autor já inicia com contos carregados de oralidade e aspectos do cotidiano de professores em escolas públicas e, principalmente, as escolas das periferias.

É dividido em estações do ano, onde em cada uma delas a intenção é expressar certos tipos de sentimentos.

Na parte do verão, pode-se encontrar histórias mais pesadas com discussões sobre assuntos polêmicos recorrentes em escolas de periferia, como alunos ligados ao tráfico ou abuso sexual. Os contos dessa estação são: A.b.c.; Aprendiz; Bia não quer merendar; Nos embalos; Questão de postura; Miolo mole frito; Perdidos na selva; Pratos limpos.

No outono outros assuntos são abordados, como gravidez na adolescência, a desvalorização dos professores no ambiente escolar, e a guerra do educador que luta em uma estrutura, muitas vezes, já corrompida. Os contos dessa estação são: Pedido irrecusável; Cara de pau; Um estranho no cano; Sem volta; Socá pra dentro; Papo reto; De frente do front.

Já no inverno a escola é apresentada como um espelho da sociedade, onde vários preconceitos são encontrados. É aqui que o autor mostra sobre suicídio de professores e preconceito racial. Os contos dessa estação são: Medo; Boas-vindas; O livro negro; A placa; Boca de lixo; Obituário.

A primavera, última parte do livro, é o renascer, onde expõe suas crenças na mudança da estrutura social nos alunos, nos professores que ainda resistem. Os contos dessa estação são: Poeta; Meninas superpoderosas; Boi na linha; Literatura (é) possível; A queda; Nós, os que ficamos.

Tudo isso exposto de maneira sincera, real, utilizando a oralidade como escrita, o que aproxima ainda mais da realidade. Com contos, em sua maioria, curtos, com estrutura simples, muitos deles corridos, sem parágrafos como um fluxo de pensamentos. A intenção é mostrar a realidade das escolas e cumpre.

Os contos escolhidos foram “Bia não quer merendar” e “Nós, os que ficamos”, e estão apresentados de forma integral no Anexo, página 207. Optou-se por não colocar todos os contos no corpo do texto pela extensão de alguns deles.

6.2 TRANSFORMAÇÃO DA SUPERFÍCIE LINGUÍSTICA EM OBJETO DISCURSIVO

Depois de expostos os autores e o corpus da pesquisa na primeira etapa, a segunda etapa se trata da “**Transformação da superfície linguística em objeto discursivo**”. Para que a transformação ocorra, é necessário que se realize as perguntas: “O que é dito neste discurso?” e “O que é dito em outro discurso?”.

As duas perguntas promovem a intenção de comprar os discursos apresentados e serão ativadas para observar como o discurso pode ter mudado ao longo do tempo e dos autores.

As perguntas são feitas para que o objeto discursivo seja exposto a partir dos fenômenos linguísticos discursivos (paráfrase, polissemia etc.) incidentes sobre ele, assim como as ideias-força do discurso literário. Também, é nesse momento, dentro da evidenciação das ideias-força, que as categorias generalizantes para os contos aparecem, sendo uma etapa que auxilia no momento de identificação de conceitos para o Modelo de Leitura proposto.

Os contos serão analisados em pares, sendo os dois do mesmo autor, para que se possa observar os discursos proferidos dentro de um mesmo livro e para que seja possível uma comparação de todos.

6.2.1 “O que é dito neste discurso?” e “O que é dito em outro discurso?”

No primeiro grupo, então, os contos submetidos à análise são:

Quadro 14 - 1º grupo “O que é dito neste discurso?”

Papéis Avulsos	Secreções, excreções e desatinos	Estragos	Te pego lá fora
1) Na Arca	3) Coincidências	5) O lançador de batatas	7) Bia não quer merendar

Fonte: Elaborada pela autora.

Os outros contos analisados de cada autor serão:

Quadro 15 - 2º grupo “O que é dito em outro discurso?”

Papéis Avulsos	Secreções, excreções e desatinos	Estragos	Te pego lá fora
2) O espelho	4) Beijinhos no rosto	6) Eu desconfio que...	8) Nós, os que ficamos

Fonte: Elaborada pela autora.

6.2.1.1 (1) Na arca e (2) O espelho

(1) Na Arca.

Texto onde no subtítulo do conto já se observa “Três capítulos inéditos do Gênesis” e o conto é todo escrito como se fosse realmente tirado da bíblia, com numeração nos parágrafos.

É composto por Noé, seus filhos Jafé, Sem e Cam e suas respectivas esposas (personagens).

Todo o diálogo se desenrola ainda no interior da Arca (espaço), que Noé construiu seguindo ordens do Senhor, para que pudesse “dar cabo” de todo mal que dominava a terra, restando apenas nossos personagens.

Já “fecharam-se as cataratas do céu” e aguardam que a arca para “no cabeço de uma montanha” para que possam descer e repovoar a Terra (tempo).

Estão sozinhos Jafé, Sem e Cam, e conversam sobre como serão os únicos na terra e como há terra de sobra, Sem dá a ideia de cada família viver em tendas separadas, fazendo o que achar melhor para sobreviver. Jafé propõe que eles limitem a terra de cada um de maneira igual, cada um ficando com duzentos côvados de cada lado da montanha.

É nesse momento que a briga (evento) entre os irmãos começa. Eles discutem a quantidade de terra, que haverá um rio dividindo as terras de Sem e Jafé e a quem pertencerá as margens e a corrente do rio.

Os irmãos acabam entrando em uma briga para decidir sobre o rio, cabendo a Cam chamar o pai e as esposas dos irmãos para que a briga tivesse fim.

Em vários momentos do texto o autor usa a frase “A arca, porém, boiava sobre as águas do abismo” para enfatizar que os filhos brigam por terras que ainda não possuem, evidenciando a ganancia e também, o autor se utilizando da figura de linguagem anáfora.

Noé acaba com a briga dizendo que os filhos não podem decidir sobre as terras que ainda nem chegaram a pisar, terminando com a afirmação que a arca ainda está boiando sobre as águas do abismo.

Machado parece querer evidenciar a natureza gananciosa do ser humano que sobreviveu a um dilúvio mandado por Deus, que em suas palavras resolveu dar cabo de toda a carne; o mal domina a terra, quer fazer perecer os homens. Além da ganancia, vista durante a briga dos irmãos por terras que ainda nem possuem e são de extrema abundância em um mundo inteiro deles, também a ironia, já que Deus quis erradicar todo o mal do mundo, mas eles ainda brigam por um sentimento tão mundano como a ganancia e a raiva, quando passam a bater um no outro.

É nesse momento da análise que observamos se o texto conta com as ideias-força do Discurso Literário, o tornando, então, um Discurso Literário legítimo:

Quadro 16 - Legitimação do Discurso Literário conto (1)

Ideias força do Discurso Literário	Legitimação do discurso
1) O discurso supõe uma organização transfrástica	No conto (1) podemos afirmar que o discurso literário é legítimo, pois: se submete às regras de organização que vigoram nos textos narrativos de ficção.
2) O discurso é uma forma de ação	Interage por meio da linguagem com o leitor, mobilizando-o a corresponder à vontade do autor no ato de linguagem proferido.
3) O discurso é interativo	Tem intercâmbio, de relações de linguagem entre os interlocutores reais (leitor) e fictícios (personagens), estando vinculado ao princípio de cooperação.
4) O discurso é orientado	Se desenvolve no tempo, constituído em função de ser entendido, tendo seus enunciados fortemente controlados e dispondo de características de conto com jogo de palavras e significação para um público determinado pelo locutor (adultos).
5) O discurso é contextualizado	É contextualizado, pois o autor demonstra suas Formações Discursivas e Ideológicas.
6) O discurso é assumido por um sujeito	Autor que dialoga com o tempo, o lugar e o enunciado.
7) O discurso é regido por normas	É regido por normas específicas para o tipo de gênero tratado, legitimando a formação de uma unidade com exercício de fala, essas normas são referentes às categorias generalizantes para contos: Personagem: Noé, Jafé, Sem, Cam e suas esposas; Evento: Briga entre os irmãos por causa de terras; Espaço: A Arca vagando pelas águas do dilúvio; Tempo: Algum momento após o fim do dilúvio.
8) O discurso é considerado no âmbito do interdiscurso.	Tem seu papel assumido no interior de outro discurso, visto que é fragmento de uma obra maior, onde o autor expressa várias ideias, sendo essa apenas uma pequena parte delas, possuindo esse tom específico de gênero que se insere na atividade discursiva da literatura.

Fonte: Elaborada pela autora.

A polissemia pode ser vista, já que o autor produz novos sentidos com seu texto. Ele utiliza-se do modelo da bíblia para criar uma nova realidade, causando uma certa ruptura com o modelo inicial, mas mostrando a criatividade.

O Locutor do texto é nosso autor, ele quem deu aos personagens seus lugares e organizou o conto para que funcionasse da maneira que desejava. Os nossos Enunciadores são os personagens Jafé, Sem e Cam e suas esposas. Eles (locutor e enunciadores) juntos, ainda fazendo parte do Sujeito Empírico que é o próprio Machado de Assis, um homem presente no mundo enquanto escrevia seu texto. Todos são a mesma pessoa, exercendo papéis diferentes para que o discurso aconteça.

O texto de Machado externa as conexões entre o enunciado, o sujeito e a ideologia, evidenciando, dessa forma, as FD e FI do autor.

O texto escolhido faz parte do espaço discursivo selecionado por essa pesquisadora.

Como principais elementos que compõem o conto, pode-se destacar que o autor fez uma **paródia** de outro texto, nesse caso, a bíblia, se utilizando de **humor** e **ironia** e, em alguns momentos, de **anáfora**.

Assim, é possível observar onde a Análise do Discurso e os estudos literários se encontram, tornando possível considerar o fato literário como discurso.

(2) O espelho

Texto onde no subtítulo do conto já se observa “Esboço de uma nova teoria da alma humana”, ou seja, um conto com um caráter mais filosófico parece se delinear. Foi originalmente publicado em 1882 no jornal Gazeta de Notícias, inserido no mesmo ano na coletânea Papéis Avulsos, publicado pelo autor.

O conto começa com Jacobina e seus quatro amigos (personagens) em uma discussão de questões filosóficas na casa de Santa Teresa (espaço). Todos possuíam cerca de quarente e cinco anos e debatiam animadamente enquanto Jacobina observava, intervia pouco e chegava até a cochilar. Jacobina não discutia muito pois considerava esse exercício intelectual oriundo da natureza bestial do ser humano, ainda que a sociedade de um caráter mais polido a isso.

Em certo momento, um de seus amigos exige uma posição de Jacobina, ele, então, anuncia que contará uma história pessoal, que deixará claro que o ser humano possui duas almas, entretanto, exige que seus amigos fiquem em silêncio para que possa discorrer sobre: “Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que

olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica”.

Sobre as almas, afirma que as suas se completam como duas metades de uma laranja; a alma exterior podendo se materializar como qualquer coisa ou objeto exterior no processo de introversão: um botão, um livro, um evento etc. A alma exterior pode, ainda, se perder, fazendo com que a pessoa perca sua metade de existência real, como um homem rico que perde seu dinheiro. E para provar, diz que contará sua história.

Então conta de quando tinha 25 anos e conseguiu virar alferes da Guarda Nacional (hoje, o título de alferes pode ser comparado ao de segundo-tenente) e sua tia Marcolina (personagem), quando recebe a notícia do seu sucesso, o convida para visitar seu sítio (espaço).

Quando chega, sua tia fica muito entusiasmada e manda que tirem o objeto mais valioso da casa, seu espelho histórico que permanecia na sala, e coloquem no quarto de Jacobina. Tal espelho tinha vindo para o Brasil em 1808, com a corte de D. João VI, mostrando seu passado nobre e de grande importância.

Certo dia sua tia precisa viajar, depois de muito bajular seu sobrinho, para ajudar sua filha, e Jacobina fica sozinho com os escravos, que acabam fugindo durante a noite, o deixando completamente sozinho.

Muito perturbado com a solidão, o espelho se torna um grande problema, sua imagem só se mostra “esfumada, difusa, sombra de sombra” e ele já não consegue mais se olhar. Tem a ideia, então, de vestir sua farda de alferes e, com isso, sente que sua imagem volta a ficar íntegra (evento). Ele acredita que isso aconteceu pois encontrou sua alma exterior, que supostamente havia perdido. Foi vestido com seu uniforme que conseguiu sobreviver aos dias seguintes de solidão.

Ao terminar sua história, Jacobina se levanta e vai embora, deixando os amigos presos a um silêncio e mistério.

O conto discute a formação de identidade de cada pessoa e a realação da vida social com a subjetividade, tendo um forte caráter filosófico, e identificando como a sociedade interfere na imagem que temos de nós mesmos.

A boa narrativa de Machado permite que observemos muito bem esse olhar filosófico, a vida pública versus a íntima, as máscaras que colocamos para que a sociedade nos enxergue da maneira que queremos ser vistos, que será melhor tratado no “por que isso e não outro?”.

Falando de estrutura, esse conto é um dos mais complexos, uma vez que possui duas camadas diegéticas ou ficcionais, possuindo um conto dentro do próprio conto, construindo o enredo, personagens, tempo, narrador e espaço em duas camadas, a externa e a interna.

O espaço diegético diz respeito ao tempo e espaço que decorrem dentro da trama, é a narrativa (mundo ficcional) à parte da realidade externa (mundo real).

Dessa forma, temos Jacobina, o personagem que conta uma história dentro da história de Machado, e, por isso, precisamos separar os enredos, os narradores, os tempos e os espaços.

O enredo do conto é o protagonista Jacobina que está em sua meia-idade participando de uma reunião com amigos em discussões filosóficas. O enredo do conto dentro do conto é Jacobina jovem que passa uma temporada no sítio de sua tia, depois de ser nomeado alferes.

O narrador do conto é o que descreve a primeira camada, um narrador onisciente que pode ser confundido com o próprio autor, característica bem comum nos contos de Machado, já o narrador do conto dentro do conto é o que descreve a segunda camada, trata-se de um narrador protagonista. Jacobina narra, distanciado pelo tempo, um acontecimento de sua juventude e ao mesmo tempo observa esses acontecimentos no presente.

O tempo do conto se caracteriza no presente, onde a reunião filosófica acontece, com Jacobina em sua meia idade. Já o tempo do conto dentro do conto é uma memória do passado, quando ele tinha vinte e cinco anos.

Por último, o espaço do conto é a sala da casa no morro de Santa Tereza, localizada no centro do Rio de Janeiro e procurada por famílias ricas para passar os dias de calor no verão. Enquanto o espaço do conto dentro do conto é a casa no sítio da tia Marcolina, um lugar afastado e bastante solitário. Na casa há a descrição da sala, onde o espelho está no início, e o quarto que Jacobina está ocupando, para onde o espelho vai. Toda a narrativa apresenta uma atmosfera fantástica para os ambientes.

Pode-se observar, com isso, a complexidade do conto que Machado escreveu, possuindo uma narrativa dentro de outra, fatos que precisam ser considerados no momento da legitimação do discurso, onde observamos se o texto conta com as ideias-força do Discurso Literário, tornando-o, assim, um Discurso Literário legítimo:

Quadro 17 - Legitimação do Discurso Literário conto (2)

Ideias força do Discurso Literário	Legitimação do discurso
1) O discurso supõe uma organização transfrástica	No conto (2) podemos afirmar que o discurso literário é legítimo, pois: se submete às regras de organização que vigoram nos textos narrativos de ficção.
2) O discurso é uma forma de ação	Interage por meio da linguagem com o leitor, mobilizando-o a corresponder à vontade do autor no ato de linguagem proferido.
3) O discurso é interativo	Tem intercâmbio, de relações de linguagem entre os interlocutores reais (leitor) e fictícios (personagens), estando vinculado ao princípio de cooperação.
4) O discurso é orientado	Se desenvolve no tempo, constituído em função de ser entendido, tendo seus enunciados fortemente controlados e dispondo de

	características de conto com jogo de palavras e significação para um público determinado pelo locutor (adultos).
5) O discurso é contextualizado	É contextualizado, pois o autor demonstra suas Formações Discursivas e Ideológicas.
6) O discurso é assumido por um sujeito	Autor que dialoga com o tempo, o lugar e o enunciado.
7) O discurso é regido por normas	É regido por normas específicas para o tipo de gênero tratado, legitimando a formação de uma unidade com exercício de fala, essas normas são referentes às categorias generalizantes para contos: Personagem: Jacobina, seus quatro amigos e Marcolina. Evento: Sua imagem no espelho difusa que só melhora ao colocar seu uniforme de alferes. Espaço: Santa Teresa e o sítio de sua tia. Tempo: Presente e passado.
8) O discurso é considerado no âmbito do interdiscurso.	Tem seu papel assumido no interior de outro discurso, visto que é fragmento de uma obra maior, onde o autor expressa várias ideias, sendo essa apenas uma pequena parte delas, possuindo esse tom específico de gênero que se insere na atividade discursiva da literatura.

Fonte: Elaborada pela autora.

A polissemia pode ser vista de forma ainda mais forte que nos demais contos, já que o autor produz novos e vários sentidos com seu texto. A polissemia permite a criatividade do autor, é onde pode realizar a ruptura com a realidade, um deslocamento e, nesse caso, há o deslocamento dentro do deslocamento.

O Locutor do texto é nosso autor, ele quem deu aos personagens seus lugares e organizou o conto para que funcionasse da maneira que desejava. Os nossos Enunciadores são os personagens Jacobina, seus quatro amigos e Marcolina, sua tia. Eles (locutor e enunciadores) juntos, ainda fazendo parte do Sujeito Empírico que é o próprio Machado de Assis, um homem presente no mundo enquanto escrevia seu texto. Todos são a mesma pessoa, exercendo papéis diferentes para que o discurso aconteça.

O texto de Machado de Assis externa as conexões entre o enunciado, o sujeito e a ideologia, evidenciando, dessa forma, as FD e FI do autor.

Ainda, o texto escolhido faz parte do espaço discursivo selecionado por essa pesquisadora.

Como principais elementos que compõem o conto, pode-se destacar que o autor uso da **metáfora** por meio do **simbolismo** de usar o espelho como objeto representante da alma humana. Há também o uso de **ironia** para tratar de um assunto tão importante para a sociedade da época, que é a religião, trazendo a contestação da existência de uma única alma humana, além da **crítica** à sociedade. A ironia e a crítica são constantes nos textos de Machado, como pode ser brevemente observado aqui.

Assim, é possível observar onde a Análise do Discurso e os estudos literários se encontram, tornando possível considerar o fato literário como discurso.

6.2.1.2 (3) Coincidências e (4) Beijinhos no rosto

(3) Coincidências

Texto que começa com uma pessoa dizendo que não costuma “levar para a cama uma dona que encontro no balcão de uma loja” mas o fez, motivado por muitas características positivas da personagem. Temos então, dois personagens aparecendo.

Descobrimos que quem narra a história supostamente se chama “Chico” (personagem) e que depois do acontecido, volta a encontrar com a mulher, que passa a ser chamada de Carlota (personagem), em algumas outras situações: no aeroporto, na segunda vez; em uma reunião da organização filantrópica que a empresa dele mantinha, na terceira; na quarta vez em uma festa na casa de um banqueiro com quem tinha negócios (espaços). Foi nesse encontro que Chico passou a desconfiar da moça, mas mesmo assim aceita que ela vá até sua casa testar um remédio caseiro para os problemas de caspa que enfrenta, pois sempre tentou vários tratamentos e nunca conseguiu acabar com elas, coisa que o atormenta.

Carlota vai até seu apartamento (espaço) e enquanto passa o produto nos cabelos de Chico, eles trocam carícias e fazem sexo. Depois ele a questiona sobre as coincidências dos encontros dos dois, deixando claro que não confia em suas respostas pois ele investigou sua vida e não encontrou nenhuma das informações que ela passou para ele.

Ele coloca as mãos em volta do pescoço de Carlota e afirma que irá apertar até que a moça fale a verdade. Ela ainda afirma suas falas, mas mesmo assim Chico não acredita e acaba a asfixiando (evento).

Chico vasculha suas coisas e não encontra nada, apenas uma corda de náilon. Liga para Magrão (personagem) e manda que passe em sua casa para fazer um serviço e leve uma mala grande com rodinhas. Magrão coloca a mulher na mala e a leva, com instruções de Chico.

O conto termina com Chico se observando no espelho, ainda com caspas, o que não o surpreende, pois ele já tentou de tudo para acabar com elas.

No conto, Fonseca quer mostrar o tema de seu livro (as secreções e excreções produzidas pelo corpo humano) e também qual o ponto que o ser humano chega para tentar resolver um problema que tanto lhe aflige. O homem do conto é paranoico, aparenta ter mania de perseguição, mas aceitou a ajuda de uma mulher que suspeitava apenas para tentar resolver seu

problema com as caspas. No final do conto, se observa que na verdade seu passado é suspeito, e ele aparenta ser um assassino que a personagem teve o azar de encontrar, querendo mostrar, também, que não é possível confiar nas pessoas na sociedade em que vivemos.

É nesse momento da análise que observamos se o texto conta com as ideias-força do Discurso Literário, o tornando, assim, um Discurso Literário legítimo:

Quadro 18 - Legitimação do Discurso Literário conto (3)

Ideias força do Discurso Literário	Legitimação do discurso
1) O discurso supõe uma organização transfrástica	No conto (3) podemos afirmar que o discurso literário é legítimo, pois: se submete às regras de organização que vigoram nos textos narrativos de ficção.
2) O discurso é uma forma de ação	Interage por meio da linguagem com o leitor, mobilizando-o a corresponder à vontade do autor no ato de linguagem proferido.
3) O discurso é interativo	Tem intercâmbio, de relações de linguagem entre os interlocutores reais (leitor) e fictícios (personagens), estando vinculado ao princípio de cooperação.
4) O discurso é orientado	Se desenvolve no tempo, constituído em função de ser entendido, tendo seus enunciados fortemente controlados e dispondo de características de conto com jogo de palavras e significação para um público determinado pelo locutor (adultos).
5) O discurso é contextualizado	É contextualizado, pois o autor demonstra suas Formações Discursivas e Ideológicas.
6) O discurso é assumido por um sujeito	Autor que dialoga com o tempo, o lugar e o enunciado.
7) O discurso é regido por normas	É regido por normas específicas para o tipo de gênero tratado, legitimando a formação de uma unidade com exercício de fala, essas normas são referentes às categorias generalizantes para contos: Personagem: Chico, Carlota e Magrão; Evento: O assassinato por asfixia de Carlota; Espaço: Alguns espaços, mas principalmente o apartamento de Chico; Tempo: Nada marcado, encontros ao longo de alguns dias, aparentemente.
8) O discurso é considerado no âmbito do interdiscurso.	Tem seu papel assumido no interior de outro discurso, visto que é fragmento de uma obra maior, onde o autor expressa várias ideias, sendo essa apenas uma pequena parte delas, possuindo esse tom específico de gênero que se insere na atividade discursiva da literatura.

Fonte: Elaborada pela autora.

A polissemia pode ser vista, já que o autor produz novos sentidos com seu texto. A polissemia permite a criatividade do autor, é onde pode realizar a ruptura com a realidade, um deslocamento nos contos de Rubem Fonseca, o estranhamento é anunciado e sustentado, muitas vezes, por recursos polifônicos.

O texto de Rubem Fonseca externa as conexões entre o enunciado, o sujeito e a ideologia, evidenciando, dessa forma, as FD e FI do autor.

Fonseca não costuma usar travessões nas falas de seus textos, quebrando os padrões das regras de escrita e também do que se costuma usar na literatura.

O Locutor do texto é nosso autor, ele quem deu aos personagens seus lugares e organizou o conto para que funcionasse da maneira que desejava. Os nossos Enunciadores são os personagens Chico, Carlota e Magrão. Eles (locutor e enunciadores) juntos, ainda fazendo parte do Sujeito Empírico que é o próprio Rubem Fonseca, um homem presente no mundo enquanto escrevia seu texto. Todos são a mesma pessoa, exercendo papéis diferentes para que o discurso aconteça.

Ainda, o texto escolhido faz parte do espaço discursivo selecionado por essa pesquisadora.

Como principais elementos que compõem o conto, pode-se destacar que o autor fez uma **comparação** de como pessoas paranoicas observam algumas coincidências como perseguição, se utilizando de **ironia**, certa oralidade na forma da escrita. A ironia vem na caracterização da sociedade violenta em sua essência, aqui sendo um homem que mata por causa de um problema fútil, seu problema com caspa. A **violência**, entretanto, também é um componente muito importante desse conto e de muitos outros do autor, assim como o uso de certa **oralidade** na escrita.

Assim, é possível observar onde a Análise do Discurso e os estudos literários se encontram, tornando possível considerar o fato literário como discurso.

(4) Beijinhos no rosto

Texto de Rubem Fonseca, onde se observa a história de um homem que descobre um câncer de bexiga e, em conversa com o médico Roberto (personagem), é informado da necessidade de remoção do órgão e utilização de uma bolsa para a retirada de urina, implantada junto a sua parede abdominal (evento). O conto já se inicia com uma explicação detalhada do médico de como funciona o procedimento, para nosso protagonista, que não possui nome, mas sabemos tratar-se de um homem (personagem) e também que o médico é seu amigo.

Roberto, o médico amigo, explica sobre a ligação do câncer na bexiga com o fumo, pois o protagonista acende um cigarro nesse momento, prometendo que irá parar de fumar. Descobrimos, nesse momento, que o protagonista irá fazer cinquenta anos, a idade em que o câncer costuma atingir com mais frequência as pessoas.

Ele sai desesperado do consultório (espaço) a procura de um revólver para se matar. Acaba lembrando que seu irmão possui um e entra em contato para tentar comprá-lo. É preciso muito esforço do protagonista para que seu irmão Carlos (personagem), venda a arma para ele,

com a ajuda de sua cunhada Helena (personagem), que não gosta da ideia de armas em casa por causa dos filhos.

Ao voltar para seu apartamento (espaço), liga para sua namorada (personagem) o encontrar. Enquanto a espera, pensa como seria sua vida após a cirurgia, questionando como poderia ir à praia com uma bolsa se xixi presa a seu corpo que precisaria esvaziar, ou ainda como poderia fazer amor sem que causasse horror ao ver a “coisa”. Essas preocupações mostram o medo do que o outro vai pensar de um problema que é seu e sobre sua saúde, além da preocupação com o sexo, o autor querendo mostrar essa característica dos homens.

Quando sua namorada chega, não consegue parar de pensar em seu problema, o que atrapalha seus planos e acabam apenas conversando. Ela anuncia que irá embora e lhe dá uns beijinhos no rosto, parte que dá nome a conto. Ela se vai e ele atira em seu próprio peito (evento). Entretanto, sua intenção de morrer não é atingida, ele sobrevive ao tiro, chegando a dizer que “devia ter atirado na cabeça, mas foi no peito e não morri” (evento).

Enquanto se recupera da tentativa de suicídio, seu amigo e médico Roberto o convence de fazer a cirurgia que acaba dando certo (evento).

O conto termina com o protagonista conformado com sua situação. Agora ele esvazia sua bolsa de urina com facilidade, seu câncer foi extinto, não possui mais namorada, está viciado em palavras cruzadas e não vai mais à praia, exceto quando foi jogar o revólver no mar.

Fonseca não usa travessões para marcar os diálogos, como é de sua característica, e isso pode demonstrar sua intenção de aproximar da forma que nos comunicamos na oralidade. Também fica clara sua maneira direta de tratar vários assuntos que podem ser considerados delicados como a morte, por suicídio ou por doença, o sexo e até mesmo a posse de armas.

Há muitos espaços e eventos no conto, mas o tempo não fica muito bem marcado. O personagem tem problemas de saúde específicos e importantes, expondo suas preocupações com sua vida sexual, principalmente, mas não nos é apresentado seu nome, como se esse detalhe não tivesse importância.

Caracterizando isso, é nesse momento da análise que observamos se o texto conta com as ideias-força do Discurso Literário, o tornando, então, um Discurso Literário legítimo:

Quadro 19 - Legitimação do Discurso Literário conto (4)

Ideias força do Discurso Literário	Legitimação do discurso
1) O discurso supõe uma organização transfrástica	No conto (4) podemos afirmar que o discurso literário é legítimo, pois: se submete às regras de organização que vigoram nos textos narrativos de ficção.
2) O discurso é uma forma de ação	Interage por meio da linguagem com o leitor, mobilizando-o a corresponder à vontade do autor no ato de linguagem proferido.

3) O discurso é interativo	Tem intercâmbio, de relações de linguagem entre os interlocutores reais (leitor) e fictícios (personagens), estando vinculado ao princípio de cooperação.
4) O discurso é orientado	Se desenvolve no tempo, constituído em função de ser entendido, tendo seus enunciados fortemente controlados e dispondo de características de conto com jogo de palavras e significação para um público determinado pelo locutor (adultos).
5) O discurso é contextualizado	É contextualizado, pois o autor demonstra suas Formações Discursivas e Ideológicas.
6) O discurso é assumido por um sujeito	Autor que dialoga com o tempo, o lugar e o enunciado.
7) O discurso é regido por normas	É regido por normas específicas para o tipo de gênero tratado, legitimando a formação de uma unidade com exercício de fala, essas normas são referentes às categorias generalizantes para contos: Personagem: Um homem de cinquenta anos, seu médico Roberto, seu irmão Carlos, sua cunhada Helena e sua namorada. Evento: Descoberta de um câncer e necessidade de cirurgia para retirada da bexiga; tentativa de suicídio e sua sobrevivência; a realização da cirurgia e sua vida “normal”. Espaço: Consultório do médico; seu apartamento. Tempo: Não determinado, mas se passa no presente da narrativa.
8) O discurso é considerado no âmbito do interdiscurso.	Tem seu papel assumido no interior de outro discurso, visto que é fragmento de uma obra maior, onde o autor expressa várias ideias, sendo essa apenas uma pequena parte delas, possuindo esse tom específico de gênero que se insere na atividade discursiva da literatura.

Fonte: Elaborada pela autora.

A polissemia pode ser vista, já que o autor produz novos sentidos com seu texto. A polissemia permite a criatividade do autor, é onde pode realizar a ruptura com a realidade, um deslocamento.

O Locutor do texto é nosso autor, ele quem deu aos personagens seus lugares e organizou o conto para que funcionasse da maneira que desejava. Os nossos Enunciadores são os alguns personagens: um homem de cinquenta anos, seu médico Roberto, seu irmão Carlos, sua cunhada Helena e sua namorada. Eles (locutor e enunciadores) juntos, ainda fazendo parte do Sujeito Empírico que é o próprio Rubem Fonseca, um homem presente no mundo enquanto escrevia seu texto. Todos são a mesma pessoa, exercendo papéis diferentes para que o discurso aconteça.

O texto de Rubem Fonseca externa as conexões entre o enunciado, o sujeito e a ideologia, evidenciando, dessa forma, as FD e FI do autor.

Ainda, o texto escolhido faz parte do espaço discursivo selecionado por essa pesquisadora.

Como principais elementos que compõem o conto, pode-se destacar a **ironia** do personagem tentar tirar a própria vida por causa de uma cirurgia que precisa fazer para retirar

sua bexiga, que no fim é feita e ele sobrevive. Também, no conto são expostos temas que são considerados **tabus** na sociedade: o sexo, a doença que pode matar, o suicídio e a escatologia. Além do isolamento voluntário do personagem da sociedade por medo do que vão pensar sobre sua bolsa de urina, sendo uma crítica ao julgamento que a sociedade faz do homem, mas um julgamento que está enraizado no próprio pensamento do homem. Não necessariamente a sociedade irá julgá-lo, mas em sua cabeça isso acontecerá apenas por estar portando a bolsa, está aí o **medo do julgamento**, algo tão enraizado no subconsciente do homem.

Assim, é possível observar onde a Análise do Discurso e os estudos literários se encontram, tornando possível considerar o fato literário como discurso.

6.2.1.3 (5) O lançador de batatas e (6) Eu desconfio que...

(5) O lançador de batatas

Texto que conta a história de Humberto Crespo (personagem), um homem que quando pequeno era deixado sozinho por muitas horas e que, depois de tanto chorar, ficava em seu berço roendo as grades de madeira.

Uma frase interessante de sua narrativa é: “A oralidade, no caso de Humberto Crespo, sempre se manifestava nos momentos de descontrole emocional”. Quando Sílvia, sua esposa o deixou, feridas estouraram em seus lábios, como um exemplo disso.

Sílvia sempre o acusou de ser covarde, pois uma vez foi assaltada e Humberto fugiu, a deixando nas mãos do assaltante, mas ele sempre afirmou que um dia, seria um herói.

Quando ela foi embora, ele se sentou na janela de seu apartamento (espaço) e passou a observar, com sorte, ele encontraria “um pobre-diabo” pior que ele para acalantar seu sofrimento.

Passou horas ali (tempo), observando a vida cotidiana acontecer, tendo pena de si mesmo, até que observa um movimento estranho próximo a um carro.

Dois “malandros” estavam roubando o carro (evento) bem na sua frente, e Humberto percebeu que alguma coisa precisava ser feita.

Atônito, correu até a cozinha e apanhou uma batata, que lançou em um dos assaltantes, o acertando na nuca e o fazendo desmaiar (evento). O outro se assustou e saiu correndo.

Humberto fica em êxtase e “com gosto de berço na boca” só conseguiu pronunciar “ah”, pensando se teria matado o assaltante e se, algum dia, Sílvia saberia que agora ele era um herói.

Mas agora, ele não mais se importava com isso, com o passar do tempo, seu único desejo se tornou proteger os carros dos assaltantes noturnos, tornando-se um herói urbano e anônimo, sentindo-se como um atleta que recebe uma medalha de ouro em cada batata que acerta.

Termina com a frase “O gosto da vitória tem gosto de madeira”.

Aqui a forma como o nosso protagonista foi criado interfere diretamente no seu modo de agir e reagir com as situações, a frase “A oralidade, no caso de Humberto Crespo, sempre se manifestava nos momentos de descontrole emocional” é uma menção direta a esse momento da narrativa. Quando ficou nervoso com o assalto que estava vendo e foi procurar uma arma para defender, a primeira coisa que pegou foi uma batata, uma comida, expressando essa oralidade de sua personalidade.

É nesse momento da análise que observamos se o texto conta com as ideias-força do Discurso Literário, o tornando, então, um Discurso Literário legítimo:

Quadro 20 - Legitimação do Discurso Literário conto (5)

Ideias força do Discurso Literário	Legitimação do discurso
1) O discurso supõe uma organização transfrástica	No conto (5) podemos afirmar que o discurso literário é legítimo, pois: se submete às regras de organização que vigoram nos textos narrativos de ficção.
2) O discurso é uma forma de ação	Interage por meio da linguagem com o leitor, mobilizando-o a corresponder à vontade do autor no ato de linguagem proferido.
3) O discurso é interativo	Tem intercâmbio, de relações de linguagem entre os interlocutores reais (leitor) e fictícios (personagens), estando vinculado ao princípio de cooperação.
4) O discurso é orientado	Se desenvolve no tempo, constituído em função de ser entendido, tendo seus enunciados fortemente controlados e dispondo de características de conto com jogo de palavras e significação para um público determinado pelo locutor (adultos).
5) O discurso é contextualizado	É contextualizado, pois o autor demonstra suas Formações Discursivas e Ideológicas.
6) O discurso é assumido por um sujeito	Autor que dialoga com o tempo, o lugar e o enunciado.
7) O discurso é regido por normas	É regido por normas específicas para o tipo de gênero tratado, legitimando a formação de uma unidade com exercício de fala, essas normas são referentes às categorias generalizantes para contos: Personagem: Humberto Crespo e Sílvia Evento: Roubo de carro; o lançamento das batatas nos assaltantes. Espaço: Apartamento de Humberto. Tempo: Horas decorridas.
8) O discurso é considerado no âmbito do interdiscurso.	Tem seu papel assumido no interior de outro discurso, visto que é fragmento de uma obra maior, onde o autor expressa várias ideias, sendo essa apenas uma pequena parte delas, possuindo esse tom específico de gênero que se insere na atividade discursiva da literatura.

Fonte: Elaborada pela autora.

A polissemia pode ser vista, já que o autor produz novos sentidos com seu texto. A polissemia permite a criatividade do autor, é onde pode realizar a ruptura com a realidade, um deslocamento.

O Locutor do texto é nossa autora, ela quem deu aos personagens seus lugares e organizou o conto para que funcionasse da maneira que desejava. Os nossos Enunciadores são os personagens Humberto e Sílvia, com foco apenas neles. Eles (locutor e enunciadores) juntos, ainda fazendo parte do Sujeito Empírico que é a própria Fernanda Young, uma mulher presente no mundo enquanto escrevia seu texto. Todos são a mesma pessoa, exercendo papéis diferentes para que o discurso aconteça.

O texto de Fernanda Young externa as conexões entre o enunciado, o sujeito e a ideologia, evidenciando, dessa forma, as FD e FI da autora.

Ainda, o texto escolhido faz parte do espaço discursivo selecionado por essa pesquisadora.

Como principais elementos que compõem o conto, pode-se destacar, ao observa o fim do conto, a figura de linguagem **sinestesia**, quando se observa que “O gosto da vitória tem o gosto de madeira”. Pode-se observar, também, a **ironia**, pois o personagem se torna um herói (em sua cabeça) ao arremessar batatas, as utilizando como armas, sendo que ele mesmo pode ser considerado um “saco de batatas”, expressando aqui, também, uma **exterioridade**.

Assim, é possível observar onde a Análise do Discurso e os estudos literários se encontram, tornando possível considerar o fato literário como discurso.

(6) Eu desconfio que...

Texto de Fernanda Young, onde o narrador é nosso personagem principal, mas não fica claro quem é, apenas conseguimos deduzir que se trata de um homem, por causa de algumas coisas ditas durante o conto, como na frase “Eu sempre fui meio americano”.

Ele se inicia com “Está acontecendo alguma coisa que desconheço e é somente isso”, e logo em seguida conta sua história que se passa dentro de seu carro (espaço), enquanto aparentemente passa mal, o narrador chega e dizer que acredita estar tendo um ataque cardíaco e o quanto seria horrível se isso estivesse acontecendo enquanto dirige.

O conto todo se desenrola com um aparente fluxo de pensamento do narrador, pensando em sua vida, em sua esposa e seu filho (personagens), em seu trabalho e seu sócio (personagem) que o irrita, como a criação de seu filho é importante e ele não o criou para escutar música ruim, tudo isso enquanto dirige e percebe que se sente cada vez pior. Parece ser um fluxo de

pensamento também pela forma que a autora constrói o texto, sem parágrafos, sem travessões e de forma contínua.

Tudo que está sentindo parece piorar quando chega na fábrica em que trabalha (espaço) e encontra com seu sócio.

O leitor descobre o que está acontecendo no presente quando o narrador pensa que já poderia voltar a acordar, mas está gostando das pessoas ao seu redor com cara de quem o ama. Pensa que apesar dos tubos em seu nariz, até que está confortável e desconfia que vá querer ficar de repouso por um bom tempo (parte que dá nome ao conto). Afirma, ainda, que “liberdade é mais ou menos poder escutar a música que quiser, no volume que quiser. E eu estou escutando uma música bastante agradável”, o que se pode inferir que se sente livre, finalmente, mesmo aparentemente estando em coma (evento).

Nada nesse conto fica muito marcado, como o tempo, por exemplo, apenas no final descobrimos que o personagem está narrando os eventos que o levaram até ali, aparentemente em coma, porque isso também não fica marcado. Um segundo espaço que também não fica explícito, mas se pode inferir é o hospital. O personagem principal, também narrador, não é apresentado, ficando apenas subentendido que se trata de um homem que pode estar tendo um ataque cardíaco. Nem mesmo o evento é marcado, pois aparentemente ele sofreu um ataque cardíaco, mas não se pode ter certeza, pois a única informação dada foi do pensamento do narrador, que não é preciso.

Esse conto é um ótimo exemplo para ser analisado pela ADL, por esse motivo foi escolhido, pois são muitos aspectos a serem subentendidos, inferidos, observado o contexto.

Dessa forma, é nesse momento da análise que observamos se o texto conta com as ideias-força do Discurso Literário, o tornando, então, um Discurso Literário legítimo:

Quadro 21 - Legitimação do Discurso Literário conto (6)

Ideias força do Discurso Literário	Legitimação do discurso
1) O discurso supõe uma organização transfrástica	No conto (6) podemos afirmar que o discurso literário é legítimo, pois: se submete às regras de organização que vigoram nos textos narrativos de ficção.
2) O discurso é uma forma de ação	Interage por meio da linguagem com o leitor, mobilizando-o a corresponder à vontade do autor no ato de linguagem proferido.
3) O discurso é interativo	Tem intercâmbio, de relações de linguagem entre os interlocutores reais (leitor) e fictícios (personagens), estando vinculado ao princípio de cooperação.
4) O discurso é orientado	Se desenvolve no tempo, constituído em função de ser entendido, tendo seus enunciados fortemente controlados e dispondo de características de conto com jogo de palavras e significação para um público determinado pelo locutor (adultos).

5) O discurso é contextualizado	É contextualizado, pois o autor demonstra suas Formações Discursivas e Ideológicas.
6) O discurso é assumido por um sujeito	Autor que dialoga com o tempo, o lugar e o enunciado.
7) O discurso é regido por normas	É regido por normas específicas para o tipo de gênero tratado, legitimando a formação de uma unidade com exercício de fala, essas normas são referentes às categorias generalizantes para contos: Personagem: Um homem, sua esposa, filho e sócio. Evento: Estado de coma por ter sofrido um ataque cardíaco. Espaço: Carro e hospital. Tempo: Não determinado, mas parece se passar no passado e no presente da narrativa.
8) O discurso é considerado no âmbito do interdiscurso.	Tem seu papel assumido no interior de outro discurso, visto que é fragmento de uma obra maior, onde o autor expressa várias ideias, sendo essa apenas uma pequena parte delas, possuindo esse tom específico de gênero que se insere na atividade discursiva da literatura.

Fonte: Elaborada pela autora.

A polissemia pode ser vista, já que a autora produz novos sentidos com seu texto. A polissemia permite a criatividade do autor, é onde pode realizar a ruptura com a realidade, um deslocamento.

O Locutor do texto é nossa autora, ela quem deu aos personagens seus lugares e organizou o conto para que funcionasse da maneira que desejava. Os nossos Enunciadores são os alguns personagens: um homem, sua esposa, seu filho e seu sócio. Eles (locutor e enunciadores) juntos, ainda fazendo parte do Sujeito Empírico que é a própria Fernanda Young, uma mulher presente no mundo enquanto escrevia seu texto. Todos são a mesma pessoa, exercendo papéis diferentes para que o discurso aconteça.

O texto de Fernanda Young externa as conexões entre o enunciado, o sujeito e a ideologia, evidenciando, dessa forma, as FD e FI da autora.

Ainda, o texto escolhido faz parte do espaço discursivo selecionado por essa pesquisadora.

Como principais elementos que compõem o conto, pode-se destacar que o texto é uma clara **crítica** ao ritmo de trabalho do cidadão e também ao homem que não gosta de visitas médicas. Há crítica de forma **ironica** às preocupações com a vida cotidiana de um casal, de criação dos filhos, ter que lidar com as relações no trabalho, de trabalhar em algo que não gosta, mas mesmo assim despender toda sua energia nisso. Claramente o retrato de um homem vivendo no nosso país. Há exploração, mais uma vez, da **sinestesia**, quando narrador nos diz que o carro exala “um cheiro de máquina”, e também uso de **metonímia** nos mostrando que carro “é gente” e sente seu cheiro.

Assim, é possível observar onde a Análise do Discurso e os estudos literários se encontram, tornando possível considerar o fato literário como discurso.

6.2.1.4 (7) Bia não quer merendar e (8) Nós, os que ficamos

(7) Bia não quer merendar

Texto de Rodrigo Ciríaco que começa dizendo que Bia (personagem) não quer merendar (evento) na escola (espaço).

Bia ouviu dizer que a merenda é ruim, que quem come a merenda é conhecido por “merendeiro”, e não quer que suas amigas a vejam comendo merenda por medo de julgamento. Ela quer coisas da moda para que possa ser aceita por suas amigas, e comer merenda não é uma dessas coisa que a fará bem vista. Como fica claro na frase “Odiaria ser rejeitada pelas amigas”.

Ainda, Bia fala sobre não se importar em não comer, em querer ser magra e até afirma “Quem dera tivesse bulimia”, mostrando o quanto deseja ser aceita nos padrões do mundo. Mas Bia avisa, não tomou café e nem almoçou, não por estar dieta ou ter bulimia (que chama de doença de rico), mas por não ter comida.

Ainda que esteja com fome e fraqueza, não quis sair para merendar mesmo que escondido, e antes de desmaiar de fome, a última coisa que disse para o professor foi que não era merendeira (evento).

É um texto curto, mas que traz muitas reflexões que serão expostas no “porque isso e não outros”.

Rodrigo escreve seu conto em um único parágrafo corrido, sem falas, diretas com travessão, apenas algumas aspas com falas; também não deixa claro o tempo de seu conto, ficando indefinido.

O discurso de Bia é muito condizente com a realidade dos adolescentes, onde qualquer ação parece ser avaliada pelos amigos, interferindo diretamente na forma que vão ser tratados e aceitos. Bia quer, a todo custo, ser aceita, e por isso, não come a merenda que a escola fornece, mesmo estando faminta e, pelo que o contexto expõe, não tendo comida na própria casa, o que se trata de uma realidade comum nas periferias do país, onde o autor dá aula e tem a vivência.

É nesse momento da análise que observamos se o texto conta com as ideias-força do Discurso Literário, o tornando, então, um Discurso Literário legítimo:

Quadro 22 - Legitimação do Discurso Literário conto (7)

Ideias força do Discurso Literário	Legitimação do discurso
------------------------------------	-------------------------

1) O discurso supõe uma organização transfrástica	No conto (7) podemos afirmar que o discurso literário é legítimo, pois: se submete às regras de organização que vigoram nos textos narrativos de ficção embora não seja de uma forma tão marcada.
2) O discurso é uma forma de ação	Interage por meio da linguagem com o leitor, mobilizando-o a corresponder à vontade do autor no ato de linguagem proferido.
3) O discurso é interativo	Tem intercâmbio, de relações de linguagem entre os interlocutores reais (leitor) e fictícios (personagens), estando vinculado ao princípio de cooperação.
4) O discurso é orientado	Se desenvolve no tempo, constituído em função de ser entendido, tendo seus enunciados fortemente controlados e dispondo de características de conto com jogo de palavras e significação para um público determinado pelo locutor (adolescentes da periferia e adultos no geral).
5) O discurso é contextualizado	É contextualizado, pois o autor demonstra suas Formações Discursivas e Ideológicas.
6) O discurso é assumido por um sujeito	Autor que dialoga com o tempo, o lugar e o enunciado.
7) O discurso é regido por normas	É regido por normas específicas para o tipo de gênero tratado, legitimando a formação de uma unidade com exercício de fala, essas normas são referentes às categorias generalizantes para contos: Personagem: Bia. Evento: Não quer merendar e acaba desmaiando de fome. Espaço: Escola. Tempo: Não determinado, mas se passa no presente da narrativa.
8) O discurso é considerado no âmbito do interdiscurso.	Tem seu papel assumido no interior de outro discurso, visto que é fragmento de uma obra maior, onde o autor expressa várias ideias, sendo essa apenas uma pequena parte delas, possuindo esse tom específico de gênero que se insere na atividade discursiva da literatura.

Fonte: Elaborada pela autora.

A polissemia pode ser vista, já que o autor produz novos sentidos com seu texto. A polissemia permite a criatividade do autor, é onde pode realizar a ruptura com a realidade, um deslocamento.

O Locutor do texto é nosso autor, ele quem deu aos personagens seus lugares e organizou o conto para que funcionasse da maneira que desejava. O nosso Enunciador é a personagem Bia, com foco apenas nela. Eles (locutor e enunciadores) juntos, ainda fazendo parte do Sujeito Empírico que é o próprio Rodrigo Ciríaco, um homem presente no mundo enquanto escrevia seu texto. Todos são a mesma pessoa, exercendo papéis diferentes para que o discurso aconteça.

O texto de Rodrigo Ciríaco externa as conexões entre o enunciado, o sujeito e a ideologia, evidenciando, dessa forma, as FD e FI do autor.

Ainda, o texto escolhido faz parte do espaço discursivo selecionado por essa pesquisadora.

Como principais elementos que compõem o conto, pode-se destacar a forte caracterização do **cotidiano em uma escola de periferia**, a pobreza e dificuldades encontradas ali, a fome, a realidade de um professor que presencia isso todos os dias, tudo isso marcada pela **oralidade** na forma de escrita. Há uma **contextualização** muito forte, o conto se torna quase um relato de vivência, o que não deixa de ser. A realidade se confunde com a narrativa e o autor não se utiliza de construções bem marcadas com elementos de figuras de linguagem claras, mas seu posicionamento na narrativa faz com que o texto seja contextualizado e traga os pontos necessários para a representação. O que pode ser percebido brevemente nesse conto é uma **ironia** ao retratar a forma como Bia fala de seus colegas que comem a merenda quando ela sente vergonha de comer, mesmo querendo e precisando. Também há um uso leve de **anáfora** com a frase que dá título ao conto “Bia não quer merendar”, que se repete ao longo do texto.

Assim, é possível observar onde a Análise do Discurso e os estudos literários se encontram, tornando possível considerar o fato literário como discurso.

(8) Nós, os que ficamos

Texto de Rodrigo Ciríaco com absolutamente nada das normas que regem o discurso marcadas. Não há claramente um personagem, um espaço, um tempo e um evento. Mas é ainda nesse contexto que o Discurso Literário pode ser percebido perfeitamente.

O conto fala dos professores (personagem) de escolas públicas (espaço), principalmente de periferia, que são os espaços que Rodrigo ocupou por muito tempo enquanto lecionava. Fala de permanência, persistência, força para lutar pela mudança do lugar onde trabalham, e, principalmente, lutar por reconhecimento e melhores salários para um trabalho tão importante que exercem (evento). Há também a preocupação com os alunos que ficam, pois um professor sempre se preocupa com o aluno, mesmo que ele não ligue para sua aula.

Não há tempo marcado no conto, mas pode-se observar o presente. Um texto que possui uma clara representação mesmo nos dias atuais, onde os professores ainda não são valorizados como deveriam.

E mesmo com nada explícito, usando o contexto e observando bem a ADL, pode-se retirar o que é preciso para legitimar o discurso, então é nesse momento da análise que observamos se o texto conta com as ideias-força do Discurso Literário, o tornando, então, um Discurso Literário legítimo:

Quadro 23 - Legitimação do Discurso Literário conto (8)

Ideias força do Discurso Literário	Legitimação do discurso
------------------------------------	-------------------------

1) O discurso supõe uma organização transfrástica	No conto (8) podemos afirmar que o discurso literário é legítimo, pois: se submete às regras de organização que vigoram nos textos narrativos de ficção.
2) O discurso é uma forma de ação	Interage por meio da linguagem com o leitor, mobilizando-o a corresponder à vontade do autor no ato de linguagem proferido.
3) O discurso é interativo	Tem intercâmbio, de relações de linguagem entre os interlocutores reais (leitor) e fictícios (personagens), estando vinculado ao princípio de cooperação.
4) O discurso é orientado	Se desenvolve no tempo, constituído em função de ser entendido, tendo seus enunciados fortemente controlados e dispondo de características de conto com jogo de palavras e significação para um público determinado pelo locutor (adultos).
5) O discurso é contextualizado	É contextualizado, pois o autor demonstra suas Formações Discursivas e Ideológicas.
6) O discurso é assumido por um sujeito	Autor que dialoga com o tempo, o lugar e o enunciado.
7) O discurso é regido por normas	É regido por normas específicas para o tipo de gênero tratado, legitimando a formação de uma unidade com exercício de fala, essas normas são referentes às categorias generalizantes para contos: Personagem: Professores. Evento: A permanência em escolas precárias para ensino, persistência. Espaço: Escolas públicas periféricas. Tempo: Não determinado, mas se passa no presente da narrativa, inclusive muito atual.
8) O discurso é considerado no âmbito do interdiscurso.	Tem seu papel assumido no interior de outro discurso, visto que é fragmento de uma obra maior, onde o autor expressa várias ideias, sendo essa apenas uma pequena parte delas, possuindo esse tom específico de gênero que se insere na atividade discursiva da literatura.

Fonte: Elaborada pela autora.

A polissemia pode ser vista, já que o autor produz novos sentidos com seu texto. A polissemia permite a criatividade do autor, é onde pode realizar a ruptura com a realidade, um deslocamento.

O Locutor do texto é nosso autor, ele quem deu aos personagens seus lugares e organizou o conto para que funcionasse da maneira que desejava. O nosso Enunciador é o personagem professor, que não fica delimitado, mas é possível entender. Eles (locutor e enunciadores) juntos, ainda fazendo parte do Sujeito Empírico que é o próprio Rodrigo Ciríaco, um homem presente no mundo enquanto escrevia seu texto. Todos são a mesma pessoa, exercendo papéis diferentes para que o discurso aconteça.

O texto de Rodrigo Ciríaco externa as conexões entre o enunciado, o sujeito e a ideologia, evidenciando, dessa forma, as FD e FI do autor.

Ainda, o texto escolhido faz parte do espaço discursivo selecionado por essa pesquisadora.

Como principais elementos que compõem o conto, o que mais se destaca é o leve uso de **anáfora** com a frase que dá título ao conto “Nós, os que ficamos”, para afirmar as ideias expostas. Há, mais uma vez, uma **contextualização** muito forte, o conto se torna quase um relato de vivência, o que não deixa de ser. A **realidade** se confunde com a narrativa e o autor não se utiliza de construções bem marcadas com elementos de figuras de linguagem claras, mas seu posicionamento na narrativa faz com que o texto seja contextualizado e traga os pontos necessários para a representação.

Assim, é possível observar onde a Análise do Discurso e os estudos literários se encontram, tornando possível considerar o fato literário como discurso.

6.3 DO OBJETO DISCURSIVO PARA O PROCESSO DISCURSIVO

Por fim, a última etapa, a “**Do objeto discursivo para o processo discursivo**”. Nessa etapa a pergunta norteadora é “Por que isso e não outro?”, também podendo ser “Por que ele diz daquela forma, e não dessa outra?”.

6.3.1 “Por que isso e não outro?”

A expectativa é que na resposta de cada análise, o processo discursivo seja atingido, mostrando a relação que aquele dizer tem com o seu exterior, ou seja, é onde se evidencia de forma clara a relação do texto com a Formação Discursiva e a Ideológica dos autores.

6.3.1.1 Machado de Assis

Texto (1) Na arca:

Esse conto faz parte da fase conhecida como “fase madura” de Machado de Assis, que teve início em Memórias Póstumas de Brás Cuba e aqui mesmo, no livro Papéis Avulsos, sendo a religião e elementos ligados ao religioso o constroem a visão crítica e pessimista do autor nesse período.

O autor se utiliza de **alegorias**, muitas vezes, para remeter o leitor ao momento histórico-social que vivia naquele momento da sociedade, como é possível enxergar claramente nesse conto.

Ao tratar um texto bíblico, supostamente escrevendo uma continuação de fatos narrados no Antigo Testamento, Machado tem a intenção de discutir as contradições humanas e também questões políticas e históricas.

Na Bíblia, é interessante observar, fala-se pouco sobre o período de 150 dias que Noé passa com sua esposa e filhos dentro da arca e nesse texto, o autor se propõe, então, a preencher essa lacuna de Gênesis. Esses três capítulos criados por ele poderiam ser situados entre os capítulos 7 e 8 da parte da Bíblia citada. Ainda, diferente da Bíblia original, no conto são os filhos Sem e Jafé os exemplos de injustiça e ambição que representam os seres humanos. Ele tem a intenção de mostrar que, desde a arca, a corrupção e ganancia do homem já estava presente.

Noé termina o texto dizendo “Eles ainda não possuem a terra e já estão brigando por causa dos limites. O que será quando vierem a Turquia e a Rússia?”, sobre seus filhos e as terras que ainda serão conquistadas. Esse momento é de possível retomada de um contexto histórico em que a Rússia e a Turquia fizeram parte, onde os países brigavam por terras e direitos de navegação. O que faz sentido no texto, visto que os personagens brigam exatamente por terras e a quem pertencem as águas do rio, e também por Machado ser um homem culto, que presenciou, estudou e conhecia essa parte da história.

Também mostra um conhecimento do narrador fora do exposto no texto, afinal, se Noé estava navegando na arca como os filhos e as separações de países viriam a acontecer muito tempo depois do exposto, como ele saberia das informações? Isso expressa uma exterioridade, um narrador que observa o contexto para a construção de um elemento que fará a diferença no texto.

Além disso, Machado tem a intenção de **criticar** a sociedade em que vive, a realidade brasileira em que está inserido. O Brasil que o autor vivia foi invadido, dominado e marcado por disputa territorial, com prevalência da propriedade privada, coisas que são observadas desde muito tempo pela humanidade, como pode-se observar no conto. Não poderia haver maior contextualização de sua ideologia que essa.

A sua FI, de maneira mais ampla, são seus conjuntos de atitudes inscritas no espaço-tempo que passam por diversas FDs e, dessa forma, interligando a rede discursiva, quando, no exemplo do texto, se propõe a fazer uma paródia da bíblia, mostrando o contexto em que foi criado e, com isso, o seu posicionamento.

Fica claro que o texto se trata de uma **paródia** da bíblia, pois há uma **intertextualidade**, onde se “mistura” o texto da bíblia com o texto literário. Tem a intenção de falar sobre a **ganancia** do ser humano, que nem mesmo tem as terras ainda, e já briga com seus próprios

irmãos por causa dela. Tudo isso regado de muita **ironia** e **humor** ácido, muito característicos de Machado de Assis.

Texto (2) O espelho:

Esse conto também faz parte da fase conhecida como “fase madura” de Machado de Assis, sendo uma análise do comportamento humano, observando o que é o ser e o parecer, o desejo versus a máscara que o homem usa, sua vida pública em confronto com sua vida íntima.

Há muita **intertextualidade** nesse conto. Em vários momentos Machado se utiliza de outros textos e autores para exemplificar e explicar as coisas. Como no momento que cita Shakespeare e o personagem Shylock para exemplificar a alma de maneira metafísica.

Posterior a isso, cita Camões, com referência à Os Lusíadas, e também Cesar e Cromwell, dois ditadores que fizeram tudo pelo poder.

Como no conto anterior, faz alusão à Bíblia, quando chama de “Legião” a senhora que troca de alma exterior várias vezes no ano, e também quando cita a “Santa curiosidade”, ambos trechos com referência a textos específicos.

Também faz referências a anedotas filosóficas, citando que “um filósofo antigo demonstrou o movimento andando”, esse filósofo é Diógenes e sua anedota,

[...] que, andando de um lado para outro, disse: o ser é imóvel (Chauí, 1994, p. 78). Esta anedota corresponde à ironia gerada pelos filósofos da época às teses de Parmênides, as quais negavam a multiplicidade do devir, e que eram defendidas por meio da dialética por Zenão de Eléia. (GUIMARÃES, 2004, p. 46).

Ainda depois, faz referência a Longfellow, poeta americano, e à epógrafe utilizada por ele que cita Bridaine, “*L’eternité est une pendule...*”, no início do poema “*The old clock on the stairs*” (BRADLEY, 1970, p. 1509). Essas citações e os versos são usados para o narrador expressar seu desespero diante do tempo que, ao seu ver, parecia uma eternidade para passar quando sua tia se ausentara.

Fica claro, ainda, em certo momento, que Machado conhecia a importância da definição feita por Freud de inconsciente e a relação dele com os sonhos:

Com certeza, isso vinha de suas leituras schopenhauerianas, afinal Schopenhauer foi anterior a Freud e influenciou muitos escritores com suas “impressões” (Freud, 1900, p. 94), termo que o próprio Schopenhauer usa para definir e explicar a atividade onírica e que Freud cita em A Interpretação dos Sonhos (GUIMARÃES, G., 2004, p. 47).

Finalmente, no momento de maior tensão do conto, Machado usa uma citação de O Barba-Azul, de Charles Perrault (1994), onde, no conto francês, a esposa do Barba-Azul entra, por curiosidade, no único cômodo que seu marido a proibira. Aqui o paralelo entre as personagens principais podem ser bem observado, tudo marcado pelo “tic-tac” do relógio e o desespero de Jacobina.

O objeto que dá nome ao conto, o espelho, pode ser considerado uma **simbolismo**. Ele é um objeto de grande valor, o mais valioso da casa, e é dado ao personagem principal por causa de sua profissão de respeito, visto desse modo por sua tia e, através dele, o personagem começa a ver de outra maneira, um toque de **narcisismo** surgindo daí.

Ainda, o espelho pode assumir, nesse conto, a função de personagem, já que em vários momentos ele interagem com o protagonista.

Lacan (1998) possui um expressão chamada “Estágio do espelho”, que define como o estágio em que a criança passa a reconhecer sua própria imagem e, com isso, passa a perceber sua singularidade com relação às outras pessoas que fazem parte de seu círculo social. Pode-se traçar esse paralelo com o texto de Machado, já que o narrador do conto dentro do conto caracteriza o espelho de forma detalhada, personificando-o. O reflexo é utilizado para demonstrar como as pessoas são construídas nas suas relações sociais; como a opinião das outras pessoas interfere de maneira irreversível na imagem que o protagonista fazia de si mesmo. Jacobina, o personagem, representa, nesse momento, o estágio definido por Lacan.

O espelho serve para dar ênfase ao aspecto social do personagem e seu cargo de alferes, denotando sua vaidade, misturando a tradição do objeto, que é descrito como “obra rica e magnífica”, com o prazer de ser olhado por si e pelos outros. A tradição do objeto fica ainda mais clara quando Machado afirma que ele veio com a corte de D. João VI.

Machado trata da alma humana e também da alma nacional, nesse conto, pois em determinado trecho faz uma **analogia** à política nacional da época, demonstrando sua **ideologia** e com isso, sua Formação Idológica. O autor traça esse paralelo falando da moldura do espelho, que é velha, mas tradicional, implicitamente tecendo críticas à tradição oligárquica do país daquela época, um poder centralizador que emoldura a sociedade, uma moldura velha, mas boa, difícil de quebrar, tradicional. Uma grande carga histórico-social no conto, como é de costume do autor.

Mesmo tendo seu tom filosófico e profundo, o conto é carregado de **ironia**, bem características de Machado. Também pode se perceber a marcação do realismo, uma vez que há o confronto entre a sociedade, como ela observa o homem e seu próprio reflexo, ilustrando um mundo que se movimenta em função do poder. A narrativa fala muito dos apegos a bens

materiais, podendo observar a **crítica** ao capitalismo. A metáfora fica bem marcada através da simbologia do espelho e Machado deixa suas FD e FI bem marcadas, com sua ironia característica e a crítica a sociedade e sua maneira de ver as pessoas.

A sua FI, de maneira mais ampla, são seus conjuntos de atitudes inscritas no espaço-tempo que passam por diversas FDs e, dessa forma, interligando a rede discursiva, quando, no exemplo do texto, se propõe escrever sobre uma realidade que vivencia enquanto homem vivendo em uma sociedade na cidade do Rio de Janeiro, onde reuniões como a relatada acontecem frequentemente com homens e também quando a história do espelho quer mostrar que o que importa para essa sociedade é como você é visto, ele mesmo só se reconhecendo quando observar seu exterior da maneira que todos o veem. Há aqui uma grande crítica, característica das ideologias de Machado, ao que é tão importante aos olhos do mundo, como um homem precisa ser visto para ser considerado capaz e próspero.

O que não deixa de ser um conto bem atual e aplicável no contexto da sociedade em que vivemos, mostrando a atemporalidade de Machado de Assis.

6.3.1.2 Rubem Fonseca

Texto (3) Coincidências:

Faz parte de um livro que a temática são as secreções e desatinos do corpo humano, onde o autor foca em fezes, logo no primeiro conto, urina, hálito, doenças, deficiência, adultério, violência, gases e, como no conto analisado, caspas.

O livro todo, como é uma característica de Fonseca, tem a intenção de chocar o leitor, principalmente com um primeiro conto que trata de leitura da sorte através das fezes do personagem. É um pouco diferente do resto de seus livros, onde o autor trata muito da violência, pois o foco não é esse, mas ainda possui suas raízes, como o presente conto.

Nesse conto em específico o que fica mais evidente é a característica de **crítica** à sociedade brasileira, principalmente do Rio de Janeiro, onde o autor viveu grande parte de sua vida. E também a intenção de relacionar as secreções e excreções do corpo humano, naturais em sua maioria, com os desatinos da alma. Pode-se entender os fluidos naturais do corpo e a problematização de muitos deles como uma **metáfora** para os desatinos da alma.

Todo o conto possui um clima tenso, de certo suspense, pra evidenciar como o narrador se sente, sempre com a impressão que as coincidências (que dão título ao conto), na verdade não existem e ela está querendo alguma outra coisa com ele.

Até mesmo os nomes dos personagens não ficam claros. O narrador diz que todos devem chamá-lo de Chico, mas não afirma seu nome verdadeiro. A personagem se diz chamar Carlota, mas o narrador não acredita, pois em suas buscas, não encontrou seu nome em nenhum lugar que dizia estar. E Magrão, o último personagem de importância que aparece, apenas se mostra pelo apelido e um serviçal que o narrador chama para ajudar com o crime que acabou de cometer e que, aparentemente, não é o primeiro.

Tem algumas menções a um **contexto histórico** quando pergunta seu sobrenome, a chamando de Corday. Ela o corrige, dizendo que Corday era Charlotte, ela é Carlota como a Joaquina.

Charlotte Corday entrou para a história por arquitetar o assassinato de Jean-Paul Marat, um dos principais defensores da Revolução Francesa.

Com essa observação, fica claro que o autor quis dizer que o protagonista está pensando que a personagem está planejando alguma coisa contra a vida dele, mostrando seu lado paranóico de uma maneira sutil.

Então, ela o corrige dizendo que ela é Carlota, como a Joaquina. Carlota Joaquina foi esposa de D. João VI – o mesmo que aparece no conto de Machado de Assis, coincidentemente – e Rainha Consorte do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves e também Imperatriz do Brasil.

Carlota era odiada pela corte portuguesa, onde era conhecida como “Megera de Queluz” e também ganhou a antipatia do povo, que a acusava de promiscuidade e influenciar seu marido a favor dos interesses da coroa espanhola. Já no Brasil, começou a conspirar contra o marido afirmando que ele não tinha capacidade mental para governar, era considerada ambiciosa. O nome de Carlota Joaquina ficou muito famoso no Brasil e citado em muitos livros e filmes, alguns historiados afirmando que suas ações frias e calculistas denunciavam seu ódio pelo país.

Essa parte da narrativa serve para aumentar a tensão que o protagonista sente, a associando o nome da personagem com uma parte da história do país e com uma mulher que, aparente, armava contra o próprio marido, afirmando que não possuía boas capacidades mentais, o que o próprio protagonista parece ter medo.

Ainda, tem menção que Carlota faz parte de uma organização filantrópica para ajudar com a fome, mas o protagonista não parece acreditar, uma clara dúvida sobre seu caráter, quando na verdade, o caráter dele é que deve ser duvidado. Tem, também, menção à universidade PUC, que supostamente a personagem frequenta. Tudo isso possui uma **contextualização** com a realidade que o autor vive, evidenciando sua FI e sua FD.

A sua FI, de maneira mais ampla, são seus conjuntos de atitudes inscritas no espaço-tempo que passam por diversas FDs e, dessa forma, interligando a rede discursiva, quando, no exemplo do texto, se propõe escrever sobre violência, causando estranheza e desconforto em seu leitor, mostrando o contexto em que concebeu suas criações e, com isso, o seu posicionamento.

Ao final do conto o personagem principal acaba matando a mulher apenas porque se sentiu ameaçado. Aqui pode-se observar Rubem Fonseca fazendo sua crítica, sempre tão presente, à sociedade, presente em como um homem pode matar uma mulher apenas porque se sente ameaçado e, além de tudo, ainda não consegue resolver seu problema com as caspas. Além de deixar subentendido que se trata de um costume do protagonista, ou seja, ele é o preocupado com as “coincidências”, mas na verdade, ele é o **assassino** que a personagem teve o azar de encontrar.

Essa certeza de que o protagonista é um assassino não é passível de comprovação, mas o autor deixa pistas ao longo do texto, dizendo que é discreto e não gosta de aparecer, que faz viagens de negócio que não ficam claras e geralmente são internacionais, não falando seu nome nem mesmo para quem trabalha com ele e, finalmente, levando as mulheres para um apartamento que não possui móveis e é tudo muito impessoal, aparentemente destinado a esse fim apenas. Ou seja, o autor deixa pistas implícitas, que com a AD é possível decifrar.

Assim, Fonseca cria uma tensão necessária para o desfecho de uma história policial, que ele está acostumado a escrever, deixando muito claro sua forma de escrita consagrada.

Texto (4) Beijinhos no rosto:

Também faz parte de um livro que a temática são as secreções e desatinos do corpo humano, onde o autor foca em fezes (logo no primeiro conto), caspas, hálito, doenças, deficiência, adultério, violência, gases e, como no conto analisado, urina.

A maioria dos contos desse livro estão ligados à dificuldade de aceitar o próprio corpo ou, como nesse caso, a doença que acomete a pessoa.

Aqui, o protagonista descobre um câncer de bexiga e ao descobrir que precisará retirar sua bexiga e ficar com uma bolsa para armazenar urina, decide se suicidar. Para o protagonista, usar essa bolsa seria como morrer ainda estando vivo, pois o impediria de fazer muitas coisas como ir a pria e, principalmente, manter relações sexuais com sua namorada.

Fonseca trata no conto de assuntos considerados **tabus** pela sociedade, como o suicídio, manter armas em casa, e, o centro do problema, o câncer. Usa as angústias do protagonista para desenvolver a trama, pois sua interação com o mundo é definida por seu problema de saúde, o

tornando um homem que prefere morrer, a usar uma bolsa de ostomia. O medo da bolsa representa seu medo de como a sociedade o vai enxergar, **medo do julgamento**, da pena.

Entretanto, o suicídio não dá certo e o protagonista termina o conto vivo, com a bolsa indesejada e jogando a arma no mar.

A desistência de sua vida, para o personagem, está diretamente ligada a sua masculinidade, algo de muito valor para os homens, principalmente. O personagem não se satisfaz apenas com “beijinhos no rosto”, como o título **ironiza** e, como mostra Foucault (1988, p. 169), para o homem, o sexo representa “[...] o elemento mais especulativo, mais ideal e igualmente mais interior, num dispositivo de sexualidade que o poder organiza em suas captações dos corpos, de sua materialidade, de suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres”.

A vida sexual é tão importante que vale sua própria vida, mas então a **ironia** do conto é que o personagem acaba não morrendo, fica com a bolsa indesejada e sem namorada. A bolsa representa um estigma a ser enfrentado, o medo de como será visto e a narração em primeira pessoa de Fonseca evidencia isso, mostra a importância dada na observação do próprio corpo.

Nesse livro, o existir passa pelo corpo humano, ressalta que a vida é condicionada pela fisiologia. Mostra também uma sociedade que só olha a aparência e, com isso, evidencia as FD e FI de Fonseca, pois seu discurso é um reflexo da sociedade que vive.

A sua FI, de maneira mais ampla, são seus conjuntos de atitudes inscritas no espaço-tempo que passam por diversas FDs e, dessa forma, interligando a rede discursiva, quando, no exemplo do texto, se propõe escrever sobre uma verdade que causa desconforto, estranhamento, pois as ideologias de Fonseca são fortemente ancoradas em discursos mais violentos, querendo mostrar o lado mais vil da sociedade e do ser humano, principalmente. No livro que o conto foi retirado, o autor tem a intenção de expor um lado escatológico e de excreções do corpo, aqui sendo evidenciada uma doença que muitas pessoas passam e, principalmente homens, tem medo de passar.

O conto foi um dos mais difíceis de analisar por causa do tema e de como ele é tratado. O autor escreve extremamente bem, mas aqui as coisas parecem ser corridas, o que faz sentido, já que o personagem está doente e acredita que morrer é a melhor opção. Mas ele se torna muito importante ele estar aqui, pois mostra que mesmo sendo difícil de analisar, ainda assim é possível e se torna possível tirar termos que colaborem com a indexação.

6.3.1.3 Fernanda Young

Texto (5) O lançador de batatas

No conto Fernanda Young mostra sua escrita jovem, uma vez que faz parte de uma coletânea que escreveu por volta dos seus 16 anos, mas já mostra suas características críticas e ácidas.

No início, o personagem é apresentado como uma criança que foi criada de maneira solitária, muitas vezes deixado sozinho em seu berço e, depois de chorar muito, acabava roendo as grades do berço. O personagem é **comparado** a um rato, que rói insistentemente e a um artesão, que esculpe algo com paciência.

Já nesse começo há a desconfiança que tal história contada a seguir pode ser um sonho, ou seja, o próprio narrador não sabe dizer se o é narrado de fato aconteceu, ou se passou apenas em sua cabeça.

É destacado que a oralidade sempre fez parte de sua vida, desde sua infância enquanto roía seu berço, passando por problemas na boca quando sua namorada o deixa, acusando-o de ser muito covarde, e terminando no desfecho do conto, quando o personagem termina arremessando batatas nos assaltantes de carro, mostrando, assim, a sinestesia, citada anteriormente. Aparentemente, por causa dessa sua oralidade, ele tem a tendência a buscar batatas como arma.

Mas também é uma associação à expressão muito usada no Brasil: “Você é um homem ou um saco de batatas?”. A expressão é muito usada para chamar uma pessoa de covarde, o que é exatamente o que acontece com o protagonista, mostra uma **exterioridade** do texto.

A autora é jovem e é possível observar isso em seu conto, mas ainda assim, ela coloca elementos de um cotidiano e expressões implícitas, mostrando sua FD e FI, ainda que de forma discreta.

A sua FI, de maneira mais ampla, são seus conjuntos de atitudes inscritas no espaço-tempo que passam por diversas FDs e, dessa forma, interligando a rede discursiva, quando, no exemplo do texto, se propõe escrever sobre como a criação de uma pessoa interfere em sua personalidade, bem como o que seu parceiro fala para você, expondo seu pensamento de mundo e refletindo em seu discurso.

Mais um conto que foi difícil de analisar pois ele parece não deixar muitas informações, além da ironia claramente presente no discurso. De resto, a escrita ainda jovem da autora deixa uma lacuna para a análise, pois ela mostra um pouco do que pensa, mas não de maneira muito clara, a construção parece um pouco confusa. Mas não deixa de ser um conto de qualidade e

que tem sua importância na análise, já que nem todo conto será repleto de metáforas, expressões linguísticas bem marcadas. Para a ADL, o contexto é muito importante, e aqui o contexto que se mostra é de uma autora construindo seu modo de escrita, o que é, de qualquer forma, uma análise realizada.

Texto (6) Eu desconfio que...:

Mesmo fazendo parte do mesmo livro, esse conto parece ser um pouco mais maduro que o anterior e já mostra uma construção melhor elaborada, deixando para revelar o que tanto desconfia o narrador e até mesmo o leitor, no final do conto e ainda de maneira implícita.

Sua construção é muito interessante pois é um texto que não possui parágrafos, dando a entender que se trata de um fluxo de pensamentos. Tudo que é narrado está acontecendo na cabeça do narrador que é nosso personagem, e não há uma pausa, pois é assim que os pensamentos funcionam, ainda mais em um caso como o dele, que ao final, descobrimos que se encontra em coma em um hospital.

Além de mostrar esse **fluxo de pensamentos**, também quer mostrar que uma pessoa que aparentemente está desacordada por uma doença ainda escuta tudo ao seu redor e continua com suas faculdades mentais ativas.

Fernanda tem suas opiniões muito bem marcadas, como já foi observado, então ela deixa o contexto muito presente em seus contos, sendo esse aqui um exemplo claro disso. É um conto extremamente **contextualizado** com a realidade, mostra bem suas FD e FI.

A sua FI, de maneira mais ampla, são seus conjuntos de atitudes inscritas no espaço-tempo que passam por diversas FDs e, dessa forma, interligando a rede discursiva, quando, no exemplo do texto, se propõe a mostrar uma realidade muito presente na vida da pessoa trabalhadora, que tem muitos problemas em casa, no trabalho, com a família, mas mesmo assim precisa ir trabalhar, mesmo quando está prestes a ter um ataque. Fernanda era uma autora que gostava de retratar a **realidade do ser humano na sociedade**, mostrando suas ideologias bem marcadas observadas como “fortes”.

Mostra também o **complexo de vira-lata** do brasileiro, trazendo uma **intertextualidade** aqui, uma vez que o criador do termo foi Nelson Rodrigues em 1950. Originalmente o dramaturgo se referia ao futebol com o termo, mas depois disso passou a ser usado ao contexto de inferioridade que o brasileiro costuma se colocar.

Aqui fica claro quando o narrador expressa que sempre quis ser repórter para ser correspondente e cita o **contexto histórico** da Guerra do Vietnã, afirmando que “sempre foi meio americano” e não sabe bem porque, mas era para ter nascido no Brasil.

Pela época que o conto foi escrito, entre 1987 e 1995, faz sentido essa referência e ainda faz sentido atualmente, já que o brasileiro sempre pareceu preferir as coisas vindas de outro país, sempre teve seu sonho de mudança de vida plantado em sair do país.

Há ainda uma pequena **quebra de expectativa** do leitor ao final do texto e que diz respeito ao título. Da maneira que é narrado, a impressão que passa é que o título se refere à desconfiança de que o protagonista está tendo um ataque cardíaco (o que parece se mostrar real), mas a frase que dá título ao texto aparece somente no final e ligada a um outro contexto. A frase aparece assim: “Mas eu desconfio que eu vá querer ficar em repouso para sempre”, ou seja, o personagem está aparentemente em coma e sua desconfiança é de que talvez deseje ficar assim, de tanto problema que ele possui. Chaga até a chamar de liberdade o que está acontecendo com ele nesse momento. Um claro retrato de toda nossa sociedade, inclusive bem atual, mesmo tendo sido escrito na época citada.

Então, o fim do conto acaba sendo o que o leitor imagina conforme lê, mas ao mesmo tempo se surpreende com o personagem constatando que talvez prefira ficar desacordado, chamando de liberdade aquilo que está passando. Mais uma vez a **ironia** de estar em coma e ainda assim se sentir liberto, levando em consideração tudo que foi narrado até aqui e os problemas que enfrenta.

6.3.1.4 Rodrigo Ciríaco

Texto (7) Bia não quer merendar:

O conto faz parte do livro que o Ciríaco escreveu baseado em suas experiências em sala de aula, fazendo a bela arte de transformar a linguagem coloquial usada por seus alunos em textos literários carregados de significado e resistência.

Ele foi retirado da parte “Verão” do livro, onde os contos são mais pesados e abordam temas mais polêmicos, como visto anteriormente, e ao terminar de ler esse conto tão curto, é possível entender que a fome é uma realidade muito presente no cotidiano de uma escola de periferia.

A Bia retratada no texto é uma adolescente como todas as outras, que quer ser bem vista pelas amigas, que quer um celular de marca, um V8, o celular que estava na moda entre as adolescentes nos anos 2006 e próximo a isso, o que mostra uma **contextualização** forte do autor com as tendências da época.

Há a demonstração do sonho da menina em ter uma calça, tênis e celular quando, ao analisar o fim do conto, a família mostra não ter condições nem de alimentá-la.

Chamar as pessoas que comem a merenda da escola de “merendeiros” é apenas uma demonstração da **ironia** da situação imposta. A menina parece desdenhar da comida oferecida quando necessita, mas não pode comer porque está preocupada com o que vão achar dessa atitude, dela não se encaixar mais no grupo das amigas que acham que comer na escola não é legal. Ironia ainda em chamar essas pessoas que comem a merenda de zé-povinho, querendo dizer que são piores que os outros, ela não se rebaixando a isso.

Outro assunto brevemente citado é a bulimia, outro problema muito vivenciado por adolescentes que querem ser aceitos e estarem dentro dos padrões impostos. A personagem diz “quem dera tivesse bulimia”, afirmando isso, e logo em seguida fala como é uma doença de rico, pois ela, como vamos descobrir, não tem nada para comer, quem dirá para comer e depois vomitar.

Rodrigo tem a intenção de construir um discurso que chegue em seus alunos e os façam gostar do que estão lendo. Ele sabe da importância da literatura mais clássica, mas seu foco é justamente o contrário do clássico: é não deixar nada marcado e muito rebuscado, é a oralidade, a presença da realidade, do cotidiano da vida difícil de um professor de periferia que convive com alunos difíceis, com muitos problemas e que as vezes precisa ser mais que professor para eles.

É um excelente exemplo de como a ideologia é bem marcada no discurso e como a FI e a FD são afetadas por isso.

A sua FI, de maneira mais ampla, são seus conjuntos de atitudes inscritas no espaço-tempo que passam por diversas FDs e, dessa forma, interligando a rede discursiva, quando, no exemplo do texto, se propõe escrever sobre uma **realidade** que vivencia diariamente enquanto **professor** nas escolas de **periferia**.

É complicado e ao mesmo tempo maravilhoso analisar um conto como esse e o próximo do mesmo autor, pois há a fuga de todo o classicismo convencional dos autores, mas há uma contextualização tão forte que a ADL consegue acessar através de suas bases na AD francesa clássica, onde o contexto é tão importante quanto qualquer forma expressa de entendimento de construção de texto literário. O que fica um pouco mais marcado é o uso de **anáfora** com a frase que dá nome ao conto “Bia não quer merendar” que é repetida ao longo do texto.

Nesse conto, um pouco diferente dos outros, o espaço se torna importante para a retirada de termo de representação no modelo de conto proposto, pois é onde todo o livro, além do próprio conto, está inserido.

Texto (8) Nós, os que ficamos:

O conto também é do mesmo livro, onde são escritas as vivências do autor em escolas públicas de periferia. É da seção primavera, última parte do livro, parte que expõe suas crenças na mudanças dos alunos, socialmente falando, e na realidade dos professores e o quanto resistem.

É um texto composto de frases curtas e diretas, em alguns momentos assumindo até mesmo um ar de poesia e que em nenhum momento deixa claro que está sendo falado dos professores, explicitamente falando, mas é possível inferir por causa de passagens que falam de salário, por exemplo. E os professores que compõem implicitamente o texto são os professores da resistência, os que querem a mudança da escola que trabalham e não querem abandonar seus alunos.

Há **sentimentos** fortes e pulsantes, como em todo o livro, há **resistência**, **esperança**, uso de muitos verbos que demonstram **ação**, reação.

Como no conto anterior, não há uma marcação clara da linguagem mais clássica, embora claramente queira se comunicar mais com o professores, com uma linguagem um pouco mais séria, diferente do anterior.

Sua ideologia, mais uma vez, está muito marcada, o que faz suas FD e FI estarem bem delimitadas e presentes.

A sua FI, de maneira mais ampla, são seus conjuntos de atitudes inscritas no espaço-tempo que passam por diversas FDs e, dessa forma, interligando a rede discursiva, quando, no exemplo do texto, escreve sobre uma realidade que vivenciou em sua pele: a decadência das escolas públicas, o descaso com os professores e as dificuldades de lecionar nesses espaços.

Nesse conto também, um pouco diferente dos outros, o espaço se torna importante para a retirada de termo de representação no modelo de conto proposto, pois é onde todo o livro, além do próprio conto, está inserido, assim como a **oralidade** usada o tempo todo e o fato de estar contextualizado na periferia. É um dos maiores representantes da **literatura periférica e marginal**, como é conhecida, e precisa ficar claro no momento de sua indexação.

As análises de contos como esse e o anterior são complexas, mas ao mesmo tempo muito interessantes para a tese, pois mostram que não há necessidade de marcação clara de figuras de linguagem ou de um modo mais rebuscado de escrever, há apenas o contexto e a retirada de significados desse contexto. A ADL aprofunda suas raízes em contos exatamente como esse.

6.4 SISTEMATIZAÇÃO DAS ANÁLISES

A sistematização das análises se torna importante para a observação resumida de tudo que foi trazido no capítulo anterior e acredita-se que fazê-lo na forma de tabelas facilite ainda mais a visualização e compreensão. Além de facilitar, também, caso as informações precisem ser recuperadas posteriormente.

A sistematização das análises realizadas, baseadas no quadro exposto na metodologia:

Quadro 24 - Sistematização das análises

Etapas das análises	“Primeiro tratamento de análise superficial”		“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”	“Do objeto discursivo para o processo discursivo”
Perguntas norteadoras	“quem diz?”	“como diz?”	“O que é dito neste discurso?” e “O que é dito em outro discurso?”	“Por que isso e não outro?”
Conto (1):	Machado de Assis	Conto “Na arca”, p. 207	Personagem: Noé, Jafé, Sem, Cam e suas esposas; Evento: Briga entre os irmãos por causa de terras; Espaço: A Arca vagando pelas águas do dilúvio; Tempo: Algum momento após o fim do dilúvio. Uso de paródia da bíblia, se utilizando de humor e ironia e, em alguns momentos, de anáfora.	Expressa suas FD e FI quando se propõe a fazer uma paródia da bíblia, mostrando o contexto em que foi criado e, com isso, o seu posicionamento.

Conto (2):	Machado de Assis	O espelho, p. 207	Personagem: Jacobina, seus quatro amigos e Marcolina. Evento: Sua imagem no espelho difusa que só melhora ao colocar seu uniforme de alferes. Espaço: Santa Teresa e o sítio de sua tia. Tempo: Presente e passado. Uso da metáfora por meio do simbolismo. Há também o uso de ironia e crítica à sociedade.	Expressa suas FD e FI quando escreve sobre uma realidade que vivencia enquanto homem em sociedade na cidade do Rio de Janeiro e o que importa para essa sociedade é como você é visto, só se reconhecer com a maneira que todos o veem.
Conto (3):	Rubem Fonseca	Coincidências , p. 207	Personagem: Chico, Carlota e Magrão; Evento: O assassinato por asfixia de Carlota; Espaço: Alguns espaços, mas principalmente o apartamento de Chico; Tempo: Nada marcado, encontros ao longo de alguns dias, aparentemente. Uso de ironia, certa oralidade na escrita. Também uma violência, um componente muito importante do autor.	Expressa suas FD e FI quando se propõe escrever sobre violência, causando estranheza e desconforto em seu leitor, mostrando o contexto em que concebeu suas criações e, com isso, o seu posicionamento.

Conto (4):	Rubem Fonseca	Beijinhos no rosto, p. 207	Personagem: Um homem de cinquenta anos, seu médico Roberto, seu irmão Carlos, sua cunhada Helena e sua namorada. Evento: Descoberta de um câncer e necessidade de cirurgia para retirada da bexiga; tentativa de suicídio e sua sobrevivência; a realização da cirurgia e sua vida “normal”. Espaço: Consultório do médico; seu apartamento. Tempo: Não determinado, mas se passa no presente da narrativa. Uso de ironia, exposição de temas que são considerados tabus na sociedade: o sexo, a doença que pode matar, o suicídio e a escatologia. Além de crítica ao julgamento que a sociedade faz do homem. Também o medo do julgamento.	Expressa suas FD e FI escreve sobre uma verdade que causa desconforto, estranhamento. Expõe um lado escatológico e de excreções do corpo, aqui sendo evidenciada uma doença que muitas pessoas passam e, principalmente homens, tem medo de passar.
Conto (5):	Fernanda Young	O lançador de batatas, p. 207	Personagem: Humberto Crespo e Sílvia Evento: Roubo de carro; o lançamento das batatas nos assaltantes. Espaço: Apartamento de Humberto. Tempo: Horas decorridas. Uso de sinestesia, de ironia e também exterioridade.	Expressa suas FD e FI quando escreve sobre como a criação de uma pessoa interfere em sua personalidade, bem como o que seu parceiro fala para você, expondo seu pensamento de mundo e refletindo em seu discurso.

Conto (6):	Fernanda Young	Eu desconfio que..., p. 207	Personagem: Um homem, sua esposa, filho e sócio. Evento: Estado de coma por ter sofrido um ataque cardíaco. Espaço: Carro e hospital. Tempo: Não determinado, mas parece se passar no passado e no presente da narrativa. Há crítica e uso de ironia com relação às preocupações com a vida cotidiana de um casal. Uso da sinestesia e de metonímia.	Expressa suas FD e FI quando se propõe a mostrar uma realidade muito presente na vida da pessoa trabalhadora, a autora gostava de retratar a realidade do ser humano na sociedade, mostrando suas ideologias bem marcadas observadas como “fortes”.
	Rodrigo Ciríaco	Bia não quer merendar, p. 207	Personagem: Bia. Evento: Não quer merendar e acaba desmaiando de fome. Espaço: Escola. Tempo: Não determinado, mas se passa no presente da narrativa. Forte caracterização do cotidiano em uma escola de periferia marcada pela oralidade na escrita. Há uma contextualização muito forte com sua vivência. Uso breve de ironia e também de anáfora.	Expressa suas FD e FI quando se propõe escrever sobre uma realidade que vivencia diariamente enquanto professor nas escolas de periferia.
	Rodrigo Ciríaco	Nós, os que ficamos, p. 207	Personagem: Professores. Evento: A permanência em escolas precárias para ensino, persistência. Espaço: Escolas públicas periféricas. Tempo: Não determinado, mas se passa no presente da narrativa, inclusive muito atual. Uso de anáfora e mais uma vez uma contextualização muito	Expressa suas FD e FI quando escreve sobre uma realidade que vivenciou em sua pele: a decadência das escolas públicas, o descaso com os professores e as dificuldades de lecionar nesses espaços.

			forte de vivência do autor, ou seja, com a realidade de sua vida.	
--	--	--	--	--

Fonte: Elaborada pela autora.

O quadro ficou um pouco extensa, mas perto das análises, realmente se trata de um resumo que auxiliou nas próximas etapas.

Dessa forma, o quadro será útil no momento da construção e identificação de conceitos na aplicação do modelo proposto, na seção a seguir.

7 APLICAÇÃO DO MODELO DE LEITURA NOS CONTOS ANALISADOS

Nesse momento as análises realizadas no capítulo 6 (seu resumo em forma de quadro do capítulo 7) serão utilizadas na aplicação do Modelo para a indexação de contos, para que se possa observar como os livros que eles foram retirados podem ser melhor representados em bibliotecas.

Vale ressaltar que nos quadros de aplicação nos contos, a parte de observação onde há a explicação de o que cada um dos questionamentos são, onde e como podem ser retirados, foi suprimida apenas para melhorar a visualização dos quadros. No momento da aplicação, principalmente em um primeiro momento, primeiro contato, essas observações precisam estar presentes para que não haja dúvidas.

7.1 PAPÉIS AVULSOS

No livro de Machado de Assis os contos selecionados foram “Na arca” e “O espelho”.

A aplicação do modelo proposto fica da seguinte maneira, primeiro no conto “Na arca”:

Quadro 25 - Aplicação do modelo no conto "Na arca"

Categorias (primeira coluna)	Questionamento (segunda coluna)	Partes da estrutura textual (terceira coluna)	Identificação de conceitos (orientado pelo conteúdo) (quarta coluna)	Seleção de conceitos (orientado pelo uso) (quinta coluna)
Personagem	Existem seres ou atores que existem e participam no mundo da ficção (inclui o narrador quando for o caso)?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	- Noé - Jafé - Sem - Cam e - Suas esposas	X
Evento	Existem ocorrências e acontecimentos do mundo real e não real (inclui atos humanos e não humanos)?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Briga entre os irmãos por causa de terras.	Conflito interpessoal
Espaço	A narração acontece em um determinado lugar geográfico ou localização (ou	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	A Arca vagando pelas águas do dilúvio.	Arca de Noé

	ambiente) no mundo ficcional?			
Tempo	Existe uma unidade de tempo no mundo ficcional?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Algum momento após o fim do dilúvio.	Dilúvio
Figuras de Linguagem e contexto	Através da análise dos contos, quais figuras de linguagem puderam ser encontradas? E também, o contexto do conto é importante e relevante?	contos selecionados.	- Paródia da Bíblia - Humor - Ironia - Anáfora.	- Anáfora (Linguística); - Ironia na literatura; - Paródia; - Humor na literatura.

Fonte: Elaborada pela autora.

Os personagens não puderam ser selecionados na Terminologia de Assuntos como Linguagem de Indexação da Biblioteca Nacional e também não se tratam de termos de extrema importância para a recuperação do livro num contexto geral, então ficaram de fora.

Agora, a aplicação do modelo proposto fica da seguinte maneira, primeiro no conto “O espelho”:

Quadro 26 - Aplicação do modelo no conto "O espelho"

Categorias (primeira coluna)	Questionamento (segunda coluna)	Partes da estrutura textual (terceira coluna)	Identificação de conceitos (orientado pelo conteúdo) (quarta coluna)	Seleção de conceitos (orientado pelo uso) (quinta coluna)
Personagem	Existem seres ou atores que existem e participam no mundo da ficção (inclui o narrador quando for o caso)?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Jacobina, seus quatro amigos e Marcolina.	X
Evento	Existem ocorrências e acontecimentos do mundo real e não real (inclui atos humanos e não humanos)?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Sua imagem no espelho difusa que só melhora ao colocar seu uniforme de alferes (representa sua alma exterior).	- Espelhos; - Alma na literatura
Espaço	A narração acontece em um determinado lugar geográfico ou localização (ou ambiente) no mundo ficcional?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Santa Teresa (Rio de Janeiro) e o sítio de sua tia.	Rio de Janeiro (Estado)

Tempo	Existe uma unidade de tempo no mundo ficcional?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Presente e passado.	Tempo na literatura
Figuras de Linguagem e contexto	Através da análise dos contos, quais figuras de linguagem puderam ser encontradas? E também, o contexto do conto é importante e relevante?	contos selecionados.	- Metáfora - Simbolismo - Ironia - Crítica à sociedade - Narcisismo	- Metáfora na literatura; - Simbolismo na literatura; - Ironia na literatura; - Crítica; - Aceitação social; - Narcisismo - Intertextualidade.

Fonte: Elaborada pela autora.

Os personagens também não puderam ser selecionados na Terminologia de Assuntos como Linguagem de Indexação da Biblioteca Nacional e também não se tratam de termos de extrema importância para a recuperação do livro num contexto geral, então ficarão de fora.

Fica claro, dessa forma, que o Modelo de Leitura para contos ajuda na retirada de termos para indexação, fazendo com o que os itens relacionados a contos sejam melhor representados do que vem sendo até o momento.

Uma sistematização dessas representações foi feita ao final das aplicações do modelo.

7.2 SECREÇÕES, EXCREÇÕES E DESATINOS

No livro de Rubem Fonseca os contos selecionados foram “Coincidências” e “Beijinhos no rosto”.

A aplicação do modelo proposto fica da seguinte maneira, primeiro no conto “Coincidências”:

Quadro 27 - Aplicação do modelo no conto "Coincidências"

Categorias (primeira coluna)	Questionamento (segunda coluna)	Partes da estrutura textual (terceira coluna)	Identificação de conceitos (orientado pelo conteúdo) (quarta coluna)	Seleção de conceitos (orientado pelo uso) (quinta coluna)

Personagem	Existem seres ou atores que existem e participam no mundo da ficção (inclui o narrador quando for o caso)?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	- Chico, - Carlota e - Magrão;	X
Evento	Existem ocorrências e acontecimentos do mundo real e não real (inclui atos humanos e não humanos)?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	O assassinato por asfixia de Carlota;	- Assassinato; - Assassinos; - Morte na literatura; - Violência urbana;
Espaço	A narração acontece em um determinado lugar geográfico ou localização (ou ambiente) no mundo ficcional?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Alguns espaços, mas principalmente o apartamento de Chico;	X
Tempo	Existe uma unidade de tempo no mundo ficcional?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Nada marcado, encontros ao logo de alguns dias, aparentemente;	X
Figuras de Linguagem e contexto	Através da análise dos contos, quais figuras de linguagem puderam ser encontradas? E também, o contexto do conto é importante e relevante?	contos selecionados.	- Ironia; - Oralidade; - Violência.	- Ironia na literatura; - Oralidade na literatura; - Violência.

Fonte: Elaborada pela autora.

Os personagens não puderam ser selecionados na Terminologia de Assuntos como Linguagem de Indexação da Biblioteca Nacional e também não se tratam de termos de extrema importância para a recuperação do livro num contexto geral, então ficarão de fora.

Já o espaço não foi considerado útil para a representação do conto, então não foi utilizado também.

Assim como o tempo, diferente do conto anterior que o tempo faz sentido, esse não possui muita relevância, então também não foi utilizado.

Apenas o evento e a nova categoria, de Figuras de Linguagem e contexto foram utilizados e, mesmo assim, será muito útil para a retirada de termos.

Agora, a aplicação do modelo proposto fica da seguinte maneira, primeiro no conto “Beijinhos no rosto”:

Quadro 28 - Aplicação do modelo no conto "Beijinhos no rosto"

Categorias (primeira coluna)	Questionamento (segunda coluna)	Partes da estrutura textual (terceira coluna)	Identificação de conceitos (orientado pelo conteúdo) (quarta coluna)	Seleção de conceitos (orientado pelo uso) (quinta coluna)
Personagem	Existem seres ou atores que existem e participam no mundo da ficção (inclui o narrador quando for o caso)?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	- Um homem de cinquenta anos; - Seu médico Roberto; - Seu irmão Carlos; - Sua cunhada Helena e - Sua namorada;	X
Evento	Existem ocorrências e acontecimentos do mundo real e não real (inclui atos humanos e não humanos)?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Descoberta de um câncer e necessidade de cirurgia para retirada da bexiga; tentativa de suicídio e sua sobrevivência; a realização da cirurgia e sua vida "normal".	- Bexiga – Câncer; - Câncer – Cirurgia; - Suicídio;
Espaço	A narração acontece em um determinado lugar geográfico ou localização (ou ambiente) no mundo ficcional?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Consultório do médico; seu apartamento.	Consultórios médicos;
Tempo	Existe uma unidade de tempo no mundo ficcional?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Não determinado, mas se passa no presente da narrativa.	X
Figuras de Linguagem e contexto	Através da análise dos contos, quais figuras de linguagem puderam ser encontradas? E também, o contexto do conto é importante e relevante?	contos selecionados.	- Ironia; - Tabus; - Sexo; - Doença; - Suicídio; - Escatologia; - Crítica; - Sociedade; - Medo do julgamento.	- Ironia na literatura; - Tabu; - Sexo; - Doenças; - Suicídio na literatura; - Escatologia na literatura; - Crítica; - Aceitação social; - Julgamento (Ética)

Fonte: Elaborada pela autora.

Os personagens também não puderam ser selecionados na Terminologia de Assuntos como Linguagem de Indexação da Biblioteca Nacional e também não se tratam de termos de extrema importância para a recuperação do livro num contexto geral, então ficarão de fora.

O tempo também não foi considerado interessante no conto analisado, não sendo utilizado.

Fica claro, dessa forma, que o Modelo de Leitura para contos ajuda na retirada de termos para indexação, fazendo com o que os itens relacionados a contos sejam melhor representados do que vem sendo até o momento.

Uma sistematização dessas representações foi feita ao final das aplicações do modelo.

7.3 ESTRAGOS

No livro de Fernanda Young os contos selecionados foram “O lançador de batatas” e “Eu desconfio que...”.

A aplicação do modelo proposto fica da seguinte maneira, primeiro no conto “O lançador de batatas”:

Quadro 29 - Aplicação do modelo no conto "O lançador de batatas"

Categorias (primeira coluna)	Questionamento (segunda coluna)	Partes da estrutura textual (terceira coluna)	Identificação de conceitos (orientado pelo conteúdo) (quarta coluna)	Seleção de conceitos (orientado pelo uso) (quinta coluna)
Personagem	Existem seres ou atores que existem e participam no mundo da ficção (inclui o narrador quando for o caso)?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	- Humberto Crespo e - Sílvia;	X
Evento	Existem ocorrências e acontecimentos do mundo real e não real (inclui atos humanos e não humanos)?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Roubo de carro; o lançamento das batatas nos assaltantes;	- Roubo; - Violência urbana; - Armas não-letais;
Espaço	A narração acontece em um determinado lugar geográfico ou localização (ou ambiente) no mundo ficcional?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Apartamento de Humberto;	- Cidades e vilas; - Vida urbana;

Tempo	Existe uma unidade de tempo no mundo ficcional?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Horas decorridas;	X
Figuras de Linguagem e contexto	Através da análise dos contos, quais figuras de linguagem puderam ser encontradas? E também, o contexto do conto é importante e relevante?	contos selecionados.	- Sinestesia; - Ironia; - Exterioridade.	- Sinestesia; - Sentidos e sensações; - Ironia na literatura; - Influência (Literária, artística, etc.).

Fonte: Elaborada pela autora.

Os personagens não puderam ser selecionados na Terminologia de Assuntos como Linguagem de Indexação da Biblioteca Nacional e também não se tratam de termos de extrema importância para a recuperação do livro num contexto geral, então ficarão de fora.

O tempo também não se tratou de um elemento interessante para a representação, então também não foi considerado.

Agora, a aplicação do modelo proposto fica da seguinte maneira, primeiro no conto “Beijinhos no rosto”:

Quadro 30 - Aplicação do modelo no conto "Eu desconfio que..."

Categorias (primeira coluna)	Questionamento (segunda coluna)	Partes da estrutura textual (terceira coluna)	Identificação de conceitos (orientado pelo conteúdo) (quarta coluna)	Seleção de conceitos (orientado pelo uso) (quinta coluna)
Personagem	Existem seres ou atores que existem e participam no mundo da ficção (inclui o narrador quando for o caso)?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	- Um homem, - Esposa, - Filho e - Sócio.	- Famílias na literatura; - Sociedades comerciais;
Evento	Existem ocorrências e acontecimentos do mundo real e não real (inclui atos humanos e não humanos)?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Estado de coma por ter sofrido um ataque cardíaco;	- Inconsciente; - Infarto; - Pacientes Hospitalizados; - Doenças;
Espaço	A narração acontece em um determinado lugar geográfico ou localização (ou ambiente) no mundo ficcional?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	- Carro e - Hospital;	- Hospitais – Utilização;

Tempo	Existe uma unidade de tempo no mundo ficcional?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Não determinado, mas parece se passar no passado e no presente da narrativa;	X
Figuras de Linguagem e contexto	Através da análise dos contos, quais figuras de linguagem puderam ser encontradas? E também, o contexto do conto é importante e relevante?	contos selecionados.	- Crítica; - Ironia; - Vida cotidiana; - Sinestesia; - Metonímia.	- Crítica; - Ironia na literatura; - Vida urbana na literatura; - Sinestesia.

Fonte: Elaborada pela autora.

A figura de linguagem “Metonímia” não pode ser encontrada na Terminologia de Assuntos como Linguagem de Indexação da Biblioteca Nacional então não foi adicionada na última coluna. Entretanto, algumas bibliotecas constroem sua própria terminologia ou vocabulário controlado, então a palavra ainda poderia ser utilizada, depende apenas da instituição.

Os personagens, diferente dos contos anteriores, se mostram interessantes para retirada dos termos, não só para o conto como para a representação de todo o livro.

Já o tempo continua não sendo tão interessante para os mesmos fins.

Fica claro, assim, que o Modelo de Leitura para contos ajuda na retirada de termos para indexação, fazendo com o que os itens relacionados a contos sejam melhor representados do que vem sendo até o momento.

Uma sistematização dessas representações foi feita ao final das aplicações do modelo.

7.4 TE PEGO LÁ FORA

No livro de Rodrigo Ciríaco os contos selecionados foram “Bia não quer merendar” e “Nós, os que ficamos”.

A aplicação do modelo proposto fica da seguinte maneira, primeiro no conto “Bia não quer merendar”:

Quadro 31 - Aplicação do modelo no conto "Bia não quer merendar"

Categorias (primeira coluna)	Questionamento (segunda coluna)	Partes da estrutura textual (terceira coluna)	Identificação de conceitos (orientado pelo conteúdo) (quarta coluna)	Seleção de conceitos (orientado pelo uso) (quinta coluna)

Personagem	Existem seres ou atores que existem e participam no mundo da ficção (inclui o narrador quando for o caso)?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Bia (aluna);	- Estudantes;
Evento	Existem ocorrências e acontecimentos do mundo real e não real (inclui atos humanos e não humanos)?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Não quer merendar e acaba desmaiando de fome;	- Fome; - Síncope (Patologia);
Espaço	A narração acontece em um determinado lugar geográfico ou localização (ou ambiente) no mundo ficcional?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Escola;	- Escolas públicas;
Tempo	Existe uma unidade de tempo no mundo ficcional?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Não determinado, mas se passa no presente da narrativa;	X
Figuras de Linguagem e contexto	Através da análise dos contos, quais figuras de linguagem puderam ser encontradas? E também, o contexto do conto é importante e relevante?	contos selecionados.	- Cotidiano; - Periferia; - Oralidade - Realidade; - Ironia; - Anáfora.	- Vida urbana na literatura; - Periferias; - Oralidade na literatura; - Realidade; - Ironia na literatura; - Anáfora (Linguística).

Fonte: Elaborada pela autora.

Nesse caso, os personagens se tratam de toda uma categoria de pessoas que são importantes para o contexto do livro, então foram considerados.

Já o tempo não foi considerado relevante para a retirada dos termos de indexação, então não foi utilizado.

Agora, a aplicação do modelo proposto fica da seguinte maneira, primeiro no conto “Nós os que ficamos”:

Quadro 32 - Aplicação do modelo no conto "Nós, os que ficamos"

Categorias (primeira coluna)	Questionamento (segunda coluna)	Partes da estrutura textual (terceira coluna)	Identificação de conceitos (orientado pelo conteúdo) (quarta coluna)	Seleção de conceitos (orientado pelo uso) (quinta coluna)
--	---	---	---	--

Personagem	Existem seres ou atores que existem e participam no mundo da ficção (inclui o narrador quando for o caso)?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	- Professores;	- Professores; - Funcionários de escolas;
Evento	Existem ocorrências e acontecimentos do mundo real e não real (inclui atos humanos e não humanos)?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	A permanência em escolas precárias para ensino, persistência;	- Pessoal – Permanência; - Resistência (Psicanálise); - Ensino;
Espaço	A narração acontece em um determinado lugar geográfico ou localização (ou ambiente) no mundo ficcional?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	- Escolas públicas periféricas;	- Escolas públicas; - Periferias;
Tempo	Existe uma unidade de tempo no mundo ficcional?	capa, contracapa, resenhas, orelha, contos selecionados.	Não determinado, mas se passa no presente da narrativa, inclusive muito atual;	X
Figuras de Linguagem e contexto	Através da análise dos contos, quais figuras de linguagem puderam ser encontradas? E também, o contexto do conto é importante e relevante?	contos selecionados.	- Anáfora; - Realidade.	- Anáfora (Linguística); - Realidade.

Fonte: Elaborada pela autora.

Nesse caso, também, os personagens se tratam de toda uma categoria de pessoas que são importantes para o contexto do livro, então foram considerados.

Já o tempo não foi considerado relevante para a retirada dos termos de indexação, então não foi utilizado.

Pode-se observar que os contos mais difíceis de analisar, foram os que mais se observou descritores, tudo por causa da ADL, como constatado anteriormente.

Fica claro, então, que o Modelo de Leitura para contos ajuda na retirada de termos para indexação, fazendo com o que os itens relacionados a contos sejam melhor representados do que vem sendo até o momento.

Uma sistematização dessas representações foi feita ao final das aplicações do modelo.

7.5 SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS

Assim, após a aplicação do modelo proposto nos dois contos selecionados de cada livro, os termos foram identificados e servem para representar o livro como um todo. Foram apresentados em forma de quadro para facilitar a visualização.

A seleção foi feita de acordo com todos os termos recuperados na última coluna do quadro, retirados da Terminologia de Assuntos como Linguagem de Indexação da Biblioteca Nacional e apenas os que representam os dois contos e o livro em um contexto geral foram utilizados. Também, os termos que apareciam repetidamente aparecem uma única vez, e provam que servem para a representação pela recorrência.

Além dos retirados nas análises, os termos “Literatura brasileira” e “Contos brasileiros” também devem ser utilizados, já que descrevem qual o tipo de literatura está se indexando.

Todas as palavras representam o livro durante as análises, em um contexto geral, mas como nem todos os contos foram analisados e podem ser representados, alguns termos específicos não serão utilizados para representar a obra.

Começando com o livro “Papéis Avulsos”, de Machado de Assis:

Quadro 33 - Descritores de "Papéis Avulsos"

Descritores segundo a Terminologia de Assuntos como Linguagem de Indexação da Biblioteca Nacional
Literatura brasileira
Contos brasileiros
Rio de Janeiro (Estado)
Tempo na literatura
Metáfora na literatura
Simbolismo na literatura
Crítica
Aceitação social
Intertextualidade
Conflito interpessoal
Anáfora (Linguística)
Ironia na literatura
Paródia
Humor na literatura

Fonte: Elaborada pela autora.

Os descritores selecionados do livro “Secreções, excreções e desatinos”, de Rubem Fonseca foram:

Quadro 34 - Descritores de "Secreções, excreções e desatinos"

Descritores segundo a Terminologia de Assuntos como Linguagem de Indexação da Biblioteca Nacional
Literatura brasileira
Contos brasileiros
Morte na literatura
Violência urbana
Oralidade na literatura
Violência
Ironia na literatura
Tabu
Sexo
Doenças
Suicídio na literatura
Escatologia na literatura
Crítica
Aceitação social
Julgamento (Ética)

Fonte: Elaborada pela autora.

Já do livro “Estragos”, de Fernanda Young, os descritores foram.

Quadro 35 - Descritores de "Estragos"

Descritores segundo a Terminologia de Assuntos como Linguagem de Indexação da Biblioteca Nacional
Literatura brasileira
Contos brasileiros
Violência urbana
Vida urbana na literatura
Cidades e vilas
Sinestesia

Sentidos e sensações
Ironia na literatura
Influência (Literária, artística, etc.)
Famílias na literatura
Doenças
Crítica

Fonte: Elaborada pela autora.

Finalmente, do livro “Te pego lá fora”, de Rodrigo Ciríaco, os descritores selecionados foram:

Quadro 36 - Descritores de "Te pego lá fora"

Descritores segundo a Terminologia de Assuntos como Linguagem de Indexação da Biblioteca Nacional
Literatura brasileira
Contos brasileiros
Estudantes
Fome
Escolas públicas
Vida urbana na literatura
Periferias
Oralidade na literatura
Realidade
Ironia na literatura
Anáfora (Linguística)
Professores
Funcionários de escolas
Pessoal – Permanência
Resistência (Psicanálise)
Ensino

Fonte: Elaborada pela autora.

O modelo proposto, então, como pode-se observar com os descritores expostos até aqui, é perfeitamente aplicável e pertinente para a análise e retirada de termos para indexação de contos.

Pode ser aplicado em qualquer tipo de instituição, sendo Bibliotecas Públicas, Universitárias, Escolares, Centros de Informação e Unidades de Informação.

A quantidade de descritores observada torna a indexação muito mais rica e o item pode ser encontrado com mais facilidade, segundo experiência em BP, mas a política de indexação da instituição deve sempre ser levada em consideração.

Apenas para comparação, abaixo está exposta a representação do livro “Secreções, excreções e desatinos”, de Rubem Fonseca, na Biblioteca Municipal de Marília, já tratada anteriormente.

Na representação, é possível observar que existem apenas um descritor que descreve os assuntos do livro, sendo “Literatura brasileira - Contos”.

Figura 9 - Representação do livro "Secreções, excreções e desatinos"



Fonte:

https://biblioteca.marilia.sp.gov.br/Bibliivre5/?action=cataloging_bibliographic#query=secre%C3%A7%C3%B5es&material=all

Apenas com a exposição dessa representação já fica claro como o modelo proposto é aplicável, fazendo com que o objetivo geral da tese seja alcançado com sucesso.

E, com isso, passa-se à conclusão do trabalho.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, iniciou-se o trabalho com levantamento bibliográfico exaustivo de Análise Documental, Representação e Recuperação da Informação, onde a Indexação, os Modelos de Leitura e a realidade da indexação de textos literários e os ruídos na recuperação, com observação em Biblioteca Pública Brasileira e exemplificação de indexação de livros de contos na Biblioteca Municipal de Marília “João Mesquita Valença”, para comprovar as dificuldades encontradas. Com isso, o primeiro e sétimo objetivos específicos foram alcançados no capítulo 2.

O levantamento bibliográfico exaustivo prosseguiu no capítulo 3, com os textos científicos e narrativos de ficção, expondo as diferenças estruturais de ambos e construindo parte do *corpus* de pesquisa, já que os contos fazem parte do gênero de texto de ficção que foram analisados. Nesse momento o primeiro objetivo específico continua sendo alcançado, além do segundo objetivo específico também.

No capítulo 4 foram explorados os conceitos e definições de Discurso Científico e Literário, e foram importantes para mostrar como os discursos são diferentes, auxiliando na comprovação do primeiro objetivo específico alcançado anteriormente.

A metodologia foi exposta no capítulo 5, tratando da Análise do Discurso e a Análise do Discurso Literário e suas definições importantes, mostrando também os materiais e métodos para o desenvolvimento e para se chegar nesse ponto, a conclusão. Os conceitos mais importantes para o desenvolvimento da pesquisa foram expostos aqui, e, partindo dele, a tese tomou um caminho mais aplicado, já que no próximo capítulo, o 6, a ADL começa a ser aplicada. O Modelo de Leitura para contos também foi proposto nesse momento, consolidando o oitavo objetivo específico.

No capítulo 6, começa a aplicação da ADL nos contos selecionados, explorando os autores, os contos e mostrando os contextos em que foram escritos. Esse foi um dos momentos mais importantes da pesquisa, uma vez que os próximos capítulos usam as análises como base para a aplicação do modelo de indexação. É também, nesse momento, que os terceiro, quarto, quinto e sexto objetivos específicos foram alcançados.

Ainda no capítulo 6, uma sistematização em forma de quadro das análises realizadas foi apresentada. As tabelas são importantes para a visualização organizada e resumida das informações encontradas nas análises, facilitando a aplicação do modelo proposto no próximo capítulo.

No capítulo 7 a aplicação do Modelo de Leitura para indexação de contos é exposta e se mostra viável. Tem-se a intenção de que seja possível utilizá-las em qualquer biblioteca que deseje ter uma representação mais completa dos livros de contos.

É ainda nesse capítulo que a sistematização dos resultados é feita, mostrando todos os descritores encontrados e comprovando a eficácia do modelo proposto, além da consolidação do último objetivo específico da tese.

Ficou evidente, mais uma vez, que a ADL, pautada em todas as bases oferecidas, pode entender melhor a obra e ajudar a identificar os temas que podem obter uma melhor indexação em unidades de informação, aqui especificamente observada em Bibliotecas Municipais, utilizando apenas como exemplo.

Como observado no exemplo apresentado da representação na Biblioteca Municipal de Marília, apenas um termo era usado no momento de indexar a obra para auxiliar na futura recuperação dos usuários, enquanto as análises realizadas possibilitaram a extração de pelo menos dez termos passíveis de serem utilizados, o que concretiza o objetivo geral da tese.

Portanto, os Modelos de Leitura para indexação de textos de ficção foram analisados e com o auxílio de subsídios teóricos da ADL foi possível propor uma metodologia de Modelo de Leitura Documentária, antes inexistente, mas agora com esta tese comprovou-se ser aplicável em contos da Literatura Brasileira, com expansão viável para qualquer nacionalidade.

Concluiu-se, com a experimentação, que o modelo de leitura para contos pode ser aplicado visando um melhor entendimento do tipo de texto e identificação de conceitos para a representação. Tal conclusão só se tornou possível devido a comprovação por meio das etapas da pesquisa.

Foi definido no Modelo de Leitura como indexar o sentido estabelecido pelas figuras de linguagem, como a ironia, que são as principais características dos contos de modo geral, além da demonstração da vida cotidiana e o humor. Ficou explícito que tais figuras de linguagem utilizadas em contos atribuem transformação de estado em um sujeito, tendo relação com a manipulação dele, ou seja, um manipulador enuncia uma transformação de estado a um sujeito, e tal definição pode ser conhecida como narrativa mínima. A comprovação embasa a aplicabilidade dos conceitos levantados para o Modelo de Leitura criado.

Foi apresentado o modelo construído a partir do MENTIF, com base e auxílio da ADL, Discurso Narrativo e, finalmente, a aplicação do modelo foi realizada em dois contos de um livro dos autores Machado de Assis, Rubem Fonseca, Fernanda Young e Rodrigo Ciríaco para que houvesse a experimentação e validação do modelo, mostrando sua eficiência no momento da extração de termos para indexação.

Os autores foram escolhidos em diferentes momentos da história da literatura para mostrar que a análise pode ser feita em qualquer tipo de conto, escrito em qualquer época, com qualquer contexto e forma de escrita, e essa afirmação pode ser confirmada.

Com a experimentação pode ser observado que o modelo de leitura para contos é plenamente viável – seguindo a análise como realizada na presente tese, ou com as orientações para diferentes configurações de livros de contos – confirmando os objetivos propostos e as dúvidas levantadas quanto à sua adaptação.

Pode-se observar, por exemplo, que a categoria Personagem é uma categoria que muitas vezes não será utilizada na retirada de termos, mas ao mesmo tempo não pode ser retirada do modelo, pois em outros casos, será importante. O Tempo também é uma categoria que não foi muito utilizada, mas pode ser que em algum momento o tempo da narrativa seja importante, por isso deve ser mantida.

Por se tratar de uma experimentação de uma proposição de Modelo de Leitura, é um modelo passível de modificações e aprimoramentos, especialmente se aplicados em bibliotecas e observadas diferentes necessidades. Também, precisa-se deixar claro que o modelo serve de auxílio para a indexação e não possui a intenção de ser muito extenso. Aqui as análises são extensas para fins acadêmicos e comprobatórios. Em um ambiente de atuação, todo o proposto será feito de forma ágil para que a representação seja entregue ao usuário o quanto antes.

O profissional indexador costuma não possuir muito tempo para análises extensas de obras, ficando preso em representações superficiais quando o assunto é texto literário e o modelo proposto não tem a intenção de dificultar suas vidas. Pelo contrário, a intenção foi mostrar que é possível ser feito e que tempo será poupado com isso. E, ainda que algum tempo a mais seja gasto, há sempre que se discutir a necessidade de tanta agilidade quando a intenção é entregar o melhor resultado possível para o usuário de bibliotecas.

Vale ressaltar, nesse momento final, a importância de pesquisas como esta, visto que os Modelos de Leitura existentes englobam outros tipos de documentos, como os textos científicos, livros científicos, artigos de jornal, textos narrativos de ficção e textos narrativos ficcionais infanto-juvenis em prosa do tipo fábula, e mesmo tendo textos narrativos, o gênero conto não estava incluso. Outros gêneros ainda ficaram de fora, como crônicas, poesias, coletâneas, peças de teatro, cartas e até filmes, o que abre um espaço de pesquisa ainda em construção e rico para a fundamentação de futuras pesquisas.

Também, mais uma vez a relevância dos estudos de AD foram comprovadas e ressaltadas quanto aos espaços sociais, visto que a parte social vinculada ao discurso

evidentemente interfere nele e é fundamental para entender o que se quer passar com o que está escrito, além das palavras impressas.

A ADL, especificamente, tem um importante papel no auxílio da compreensão do contexto da obra que o profissional está indexando e quais as circunstâncias em que foi escrita, para que a retirada dos termos para a indexação aconteça da melhor forma e a recuperação seja adequada e mais eficiente.

Os textos narrativos de ficção, contos em específico, não possuíam uma metodologia própria para análise e representação em bibliotecas, sendo representados de forma breve e com base nas regras que servem melhor para os textos científicos, o que a tese propôs mudar.

A Literatura de ficção como um todo é o tipo de livro que mais se encontra em bibliotecas não especializadas, e na pesquisa, constatou-se que os contos são bastante numerosos também (em Bibliotecas Municipais, onde houve a observação), principalmente os brasileiros, e mesmo estando tão presentes, a indexação não é adequada. A recuperação desses itens só acontece por seu título e autor – em alguns momentos pode-se ter uma representação do título de cada conto presente no item, mas não acontece sempre –, o que não contempla as necessidades dos usuários.

Por experiência própria desta pesquisadora, uma das maiores dificuldades do profissional indexador é representar um conto para que o usuário o recupere. Não há investimento de tempo e métodos para isso. Essa execução passa a ser um pouco mais fácil, quando seguidos os métodos propostos aqui, como observado.

Alguns outros pontos também foram observados e precisam ser considerados. Por exemplo: por se tratar de uma tese de proposta de modelo, a experimentação em uma biblioteca ainda precisa ser realizada. As aplicações aqui indicam grande sucesso, mas deixam em aberto um patamar para experimentação e modificação, caso necessário.

Por fim, isto nos leva para a importância da pesquisa. A ADL não possui tantos trabalhos na área de representação e recuperação, principalmente de contos, o que a tese se propôs a fazer e concretizou, trazendo todo um novo olhar e experimentação para o campo. A AD, como um todo, se trata de uma metodologia muito interessante e maleável, o que pode ser observado no decorrer da pesquisa, e trabalhos na área precisam ser mais desenvolvidos para que haja um melhor entendimento dela e dos campos onde pode vir a ser aplicada.

Quando um item não é bem representado, ele pode se perder no meio acervo, pois o usuário pode não encontrar da maneira que deseja. A proposta de modelo presente aqui foi feita justamente para que isso não ocorra e para que uma instituição teste e venha a incorporar em

sua política de indexação, fazendo com que todos os seus indexadores usem e representem os livros de contos de uma maneira que o usuário o encontrará com maior facilidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. de. **Indexação de Literatura**: quadro teórico e princípios gerais. 2020. 437 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Informação, Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2020. Obtido com a autora.
- ALVES, R. C. V. **Aboutness em Análise Documental de Textos Literários Infanto-Juvenis**: perspectivas para o aprimoramento da representação de conteúdo. 2016. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2016.
- ALVES, R. C. V. **Análise documental de textos literários infanto-juvenis**: perspectivas metodológicas com vistas à identificação do tema. 2008. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências., 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93660>>.
- ALVES, R. C. V. As influências das garantias de ficção, literária e de uso na indexação da literatura infantojuvenil: proposta de modelo de leitura. **Palavra chave**, Ensenada, v. 9, n. 2, 2020a. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-99122020000100088&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 22 dez. 2021.
- ALVES, R. C. V. Modelo de leitura documentária para elaboração de resumos da literatura infantojuvenil em prosa. In: FUJITA, M. S. L.; ALVES, R. C. V.; ALMEIDA, C. C. de (org.). **Modelos de leitura Documentária para Indexação**: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020b. Cap. 14. p. 347-382.
- ANDERSSON, R. ; HOLST, E. Indexes and other depictions of fiction: a new model for analysis empirically tested. **Svensk Biblioteksforskning/Swedish Library Research**, v. 2, n. 3, p. 77-95, 1996.
- ANTONIO, D. M. **O percurso gerativo de sentido aplicado à análise documental de textos narrativos de ficção perspectivas de utilização em bibliotecas universitárias**. 2008. 137f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.
- ANTONIO, D. M.; MORAES, J. B. E. . Análisis documental de obras de ficción.. **Scire** (Zaragoza), v. 16, p. 71-78, 2010.
- ARAÚJO, M. A. C. O dizer do locutor validado pelo discurso do outro: uma abordagem através do emprego dos operadores. In: **25ª Jornada Nacional do GELNE, NATAL/RN**, 2014, Natal/RN. Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE. Natal: EDUFRGN, 2014. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/948.pdf>. Acesso em: 27 abr 2020.
- ARTE. In: HOUAISS, A.; VILLAR, M. DE S.; FRANCO, F. M. DE M. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Versão online. Disponível em:

https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#3. Acesso em: 20 maio. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: informação e documentação: artigo em publicação periódica técnica e/ou científica: apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informações e documentação- Referências - Elaboração. Rio de Janeiro, 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento: apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028**: Informação e documentação – Resumo – Apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 12676**: métodos para análise de documentos: determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação: procedimento. Rio de Janeiro, 1992.

ASSIS, M. de. **Papéis avulsos**. São Paulo: Editora Nacional, 2005.

BAKER, E. A. The classification of fiction. **Library World**, v. 11, n. 1, p. 198-200, 1899.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

BANDEIRA, M. B. L. Cinco obras fundamentais para mergulhar na literatura de Rubem Fonseca. **Itaú Cultural**, São Paulo, 18 maio de 2020. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/entrevista/cinco-obras-rubem-fonseca>. Acesso em: 28 nov. 2021.

BARROS, F. E. **Entre excrementos e secreções**: o texto de Rubem Fonseca. 2013. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/1808/1/Entre%20excrementos%20e%20secre%C3%A7oes%20-%20o%20texto%20de%20Rubem%20Fonseca.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2022.

BARROS, T. H. B. **A construção discursiva em arquivística: Uma análise de percurso histórico e conceitual da disciplina por meio de conceitos de classificação e descrição**. 2010. 132 f. Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciência da Universidade Estadual Paulista, 2010. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/barros_thb_me_mar.pdf. Acesso em: 02 set. 2016.

BARROS, T. H. B. **A representação arquivística: uma análise do discurso teórico e institucional a partir dos contextos espanhol, canadense e brasileiro**. 2014. 218 f. Tese

apresentada ao Programa de pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, 2014.

BELL, H. K. Indexing fiction: a story of complexity. **The Indexer**, v. 17, n. 4, oct. 1991.

BEGHTOL, C. Access to fiction: a problem in classification theory and practice, part1. **KO KNOWLEDGE ORGANIZATION**, Wurzburg, v. 16, n. 3, p. 134-140, 1989.

BEGHTOL, C. Access to fiction: A problem in classification theory and practice. Pt. II. **KO KNOWLEDGE ORGANIZATION**, Wurzburg, v. 17, n. 1, p. 21-27, 1990.

BEGHTOL, C. Bibliographic classification theory and text linguistics: aboutness analysis, intertextuality and the cognitive act of classifying documents. **Journal of Documentation**, London, v. 42, n. 2, p. 84-113, June 1986.

BEGHTOL, C. Domain analysis, literary warrant, and consensus: the case of fiction studies. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 46, n. 1, p. 30-44, 1995.

BEGHTOL, C. Stories: applications of narrative discourse analysis to issues in information storage and retrieval. **Knowledge Organization**, v. 24, n. 2, p. 64-71, 1997.

BEGHTOL, C. **The classification of fiction**: the development of a system based on theoretical principles. Metuhen, NJ: Scarecrow Press, 1994.

BEGHTOL, C. Toward a theory of fiction analysis for information storage and retrieval. In: WILLIAMSON, N.J.; HUDON, M. **Classification research for knowledge representation and organization**. Amsterdam: Elsevier, 1992.

BENKENDORF, S. K.J.; MOMM, C. F.; SILVA, F. C. G. da. **Fundamentos da Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Indaial: Uniasselvi - Centro Universitário Leonardo da Vinci, 2018 (Apostila para curso de graduação).

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 1991.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 2006.

BERSOT, D. C.; LIMA, J. de C. P. Análise do discurso científico em um acervo de memória: o caso do centro pan-americano de febre aftosa opas/oms. In: XVI CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 16., 2012, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF, Vol. XVI, Nº 04 Anais do XVI CNLF**. Rio de Janeiro: Cifefil, 2012. p. 289-298. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/024.pdf. Acesso em: 13 jun. 2021.

BERTOLUCCI, M. Forever Young. **Revista Bá**, [S. l.], 4 set. 2019. Bá que crônicas. Disponível em: <https://www.revistaba.com.br/fernanda-young-cronica/>. Acesso em: 4 jan. 2022.

BORBA, F. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

BORKO, H., BERNIER, C. **Indexing concepts and methods**. New York: Academic Press, 1978.

BRADLEY, S. *et al.* (eds.) **The American Tradition in Literature**. 3. ed. vol. I. New York: Norton, 1970.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução a análise do discurso**. 2. ed. rev. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BRASCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB*, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008. P. 1-14. Disponível em: <http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/1835.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2017.

BURGESS, L. A. **A system for the classification and evaluation of fiction**. The libraryworld, 1936.

CAMOLEZE, J. M. C.; TROITIÑO, S. Arquivos de Movimentos Sociais: indexando documentos populares. *In: FUJITA, M. S. L.; ALVES, R. C. V.; ALMEIDA, C. C. de (org.). Modelos de leitura Documentária para Indexação: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. Cap. 16. p. 405-423.

CAPRIOLI, M. S. **Análise do Discurso Literário: proposta de metodologia no processo de Análise Documental de textos narrativos de ficção**. 2018. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, 2018. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/caprioli_ms_me_mar.pdf. Acesso em: 03 jul. 2019.

CAPRIOLI, M. S. **O percurso discursivo da Ciência da Informação por meio do estudo de periódicos da área na década de 1990**. Marília, 2016, 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2016.

CARNEIRO, M. V. Diretrizes para uma política de indexação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 14, n.2, p.221-241, set. 1985. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/2649>. Acesso em: 29 ago. 2018.

CASTAÑON MORENO, B. Análisis temático documental. **Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información**, [S.l.], v. 6, n. 12, ene. 1992. ISSN 2448-8321. Disponível em: <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/3804>. Acesso em: 19 jul. 2019 doi:<http://dx.doi.org/10.22201/iibi.0187358xp.1992.12.3804>.

CAVALCANTI, M. C. **Interação leitor-texto: aspectos de interação pragmática**. Campinas: UNICAMP, 1989.

CINTRA, A. M. M. Estratégias de leitura em documentação. *In: SMITT, J. W. Análise documentária: a análise da síntese*. Brasília: IBICT, 1987, p. 29-38.

CINTRA, A. M. M. *et al.* **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. São Paulo: Polis, 2002.

CIRÍACO, R. Entrevista com Rodrigo Ciríaco. [Entrevista concedida a] Centro de Pesquisa e Formação. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação - Sesc**, São Paulo, n. 11, p. 359-373, dezembro, 2020. Disponível em: <https://docplayer.com.br/212323982-Entrevista-com-rodrigo-ciriaco.html>. Acesso em: 05 jan. 2022.

CIRÍACO, R. (Rodrigo Ciríaco). **Sobre Rodrigo Ciríaco**. São Paulo, [2016?]. Facebook: rodrigociriacoprofessor. Disponível em: https://www.facebook.com/rodrigociriacoprofessor/about_details. Acesso em: 05 jan. 2022.

CIRÍACO, R. **Te pego lá fora**. São Paulo: DSOP, 2014.

CHARAUDEAU, P. Sobre o discurso científico e sua midiatização. Trad. Maria Eduarda Giering e Luciana Carvalho. **Calendoscópio**. Vol. 14, n. 3, p. 550-556, Unisinos, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.patrick-charaudeau.com/IMG/pdf/.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2020.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAUMIER, J. **Analyse et langages documentaires**: Le traitement linguistique de l'information documentaire. Paris: Moderne d'Édition, 1982.

CHAUMIER, J. Indexação: conceito, etapas e instrumentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 21, n. 1/2, p. 63-79, jan./jun. 1988.

CHAUMIER, J. **Travail et methodes du/de la documentaliste**: connaissance du problème. Paris: ESF/Libraries Techniques. Exposé 3, Chap.3: L'indexation, p. 42-7, 1980.

CHKLOVSKI, V. "A arte como procedimento". In: EIKHENBAUM, B. *et al.* **Teoria da Literatura**: formalistas russos. Trad. Ana Mariza Ribeiro. *et al.* Porto Alegre: Globo, 1917, p. 39-56.

CONTO. In: HOUAISS, A.; VILLAR, M. DE S.; FRANCO, F. M. DE M. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Versão online. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#1. Acesso em: 20 jun 2021.

COUTINHO, A. **Notas de Teoria Literária**. Petrópolis: Vozes, 2008.

COYAUD, M. **Introduction à l'étude des langages documentaires**. Paris: Klincksieck, 1966.

CULLER, J. A. A Literariedade. In: ANGENOT, M. *et al* (orgs.). **Teoria Literária**. Trad. Manoel Francisco Guaranha. Madrid: Sigilo veintiuno editores, 1993, p. 36-50.

CÚRRAS, E. **Tesaurus, linguagens terminológicas**. Brasília: Ibict, 1995.

DAMAZO, A. C. **Análise de assunto de conto espírita por meio do percurso figurativo e do percurso temático**. 126 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília, 2006.

DELA-SILVA, S. C. **A realidade-ficção do discurso televisivo**. 2004. 146p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, Campinas: 2004.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

DUFRENNE, M. **Estética e filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ERIKSSON, R. The classification and indexing of imaginative literature. **16th ASIS&T SIG/CR Classification Research Workshop**, Charlotte: NC, October 29, 2005.

EVANGELISTA, I. V. **Exaustividade e especificidade como valores éticos no processo de indexação: aspectos conceituais e deontológicos**. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2016. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/138923/evangelista_iv_me_mar.pdf;jsessionid=DE3E884681B8416CAFCB1929EAF27010?sequence=3. Acesso em: 15 jun. 2019.

FAGUNDES, S. A. **Leitura em análise documental de artigos de jornal**. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2001.

FEDELI, S. La soggettazione della narrativa per bambini e ragazzi. **Italian Journal of Library, Archives, and Information Science**, v.6, n.3, p. 101-120, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4403/jlis.it-11151>.

FERNANDA YOUNG. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Fernanda_Young&oldid=61061200. Acesso em: 04 jan. 2022.

FERRATER MORA, J. **Diccionario de Filosofia**. Buenos Ayres: Sudameris, 1971.

FERREIRA, A. B. H. **NOVO dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1990.

FERREIRA, A. C.; MACULAN, B. C. M. dos S. Modelo de leitura técnica para a análise de assunto de acórdãos dos tribunais de contas. In: FUJITA, M. S. L.; ALVES, R. C. V.; ALMEIDA, C. C. de (org.). **Modelos de leitura Documentária para Indexação**: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. Cap. 15. p. 383-403.

FERREIRA, M. C. L. O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; INDURSKY, Freda (org.). **Michel Pêcheux e Análise do Discurso**: uma relação de nunca acabar. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007. Cap. 1, p. 13-22.

FERRI, C.; HOSTINS, R. C. L. (coord.). **Elaboração de trabalhos acadêmico-científicos**. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2011. 103 p. Cadernos de Ensino. Formação continuada. Ensino superior; ano 2, n. 4. Disponível em: <https://www.univali.br/vida-no-campus/biblioteca/cadernos-de-ensino/Documents/Elabora%C3%A7%C3%A3o%20de%20Trabalhos%20Acad%C3%AAmico-Cient%C3%ADficos.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2020.

FICÇÃO. In: HOUAISS, A.; VILLAR, M. DE S.; FRANCO, F. M. DE M. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Versão online. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#6. Acesso em: 20 maio 2021.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 15° ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FONSECA, R. **Secreções, excreções e desatinos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FOSKETT, A. C. **A abordagem temática da informação**. São Paulo: Polígono; Brasília: Ed. UnB, 1973.

FOSKETT, A. C. **The Subject Approach to Information**. London: Library Association, 1996.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Trad. L. F. Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. Verdade e Poder. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

FREITAS, G. D. M. M. Rubem Fonseca e o selo do terror. **Boletim de pesquisa NELIC**, Florianópolis, v. 14, n. 21, p. 51-67, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1984-784X.2014v14n21p51/28449>. Acesso em: 20 nov. 2021.

FUJITA, M. S. L. **O contexto da leitura documentária de indexadores de bibliotecas universitárias em perspectiva sócio-cognitiva para a investigação de estratégias de ensino**. Marília: FFC/UNESP, 2010. p. 98-102 (Relatório final de Bolsa de Produtividade em Pesquisa – CNPq).

FUJITA, M. S. L. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 60-90. jul./dez. 2003a. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2089/2219>. Acesso em: 18 jun. 2019.

FUJITA, M. S. L. **A leitura documentária do indexador: aspectos cognitivos e linguísticos influentes na formação do leitor profissional**. 321f. Tese (Livre-Docência em Análise

Documentária e Linguagens Documentárias Alfabéticas) – Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, 2003b.

FUJITA, M. S. L. A leitura do indexador: estudo de observação. **Perspect. cienc. inf.**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 101-116, jan./jun. 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23267/18812>. Acesso em: 06 mar. 2020.

FUJITA, M. S. L. A representação documentária no processo de indexação com o modelo de leitura documentária para textos científicos e livros: uma abordagem cognitiva com protocolo verbal. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 42-66, abr. 2013.

FUJITA, M. S. L.; GIL LEIVA, I. **As linguagens de indexação em bibliotecas nacionais, arquivos nacionais e sistemas de informação na américa latina**. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 2010, Rio de Janeiro. Onde estamos, para aonde vamos. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010. p. 1-13.

FUJITA, M. S. L.; RUBI, M. P. Um modelo de leitura documentária para a indexação de artigos científicos: princípios de elaboração e uso para a formação de indexadores. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 1-19. jun. 2006.

FUJITA, M. S. L. *et al.* Indexação de obras de ficção em bibliotecas: avaliação e adequação do Modelo para Indexação de Ficção (MENTIF). **Palabra Clave** (La Plata), v. 7, n. 1, p. 1-20, octubre 2017. Disponível em: <https://www.palabraclave.fahce.unlp.edu.ar/article/view/PCe041/8869>. Acesso em: 02 jun. 2020.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. 25.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 540p.

GARCÍA-MARCO, F. J. La literatura científica sobre lenguajes poscoordinados en España: de la divulgación del concepto de Internet. **Documentación de las Ciencias de la Información**, v. 25, p. 291-319, 2002.

GARCÍA-MARCO, L.F.; GARCÍA-MARCO, F.J. El resumen de documentos literarios narrativos: algunas propuestas metodológicas. **Organización del Conocimiento en Sistemas de Información y Documentación**, n. 2, p. 73-85, 1997.

GARCIA-MARCO, F. J. *et al.* Knowledge organization on fiction and narrative documents: a challenge in the age of multimedia revolutions. In: GNOLLI, C.; MAZZOCCHI, F. (Org.). **Paradigms and conceptual systems in knowledge organization**. Würzburg: Ergon, p. 262-268, 2010.

GARDIN J-C. Analyse documentaire et théorie linguistique. In: **Les analyses de discours**. Neuchatel: Delachaux et Niestlé, 1974. p. 120-168. (Zèthos).

GARDIN, J.-C. Analyse et sélection documentaires sans les sciences humaines. In: LEROY, A. **Enseignement préparatoire aux techniques de la documenation automatique**. Bruxelles, Euratom, 1966a. 137-146.

GARDIN, J.-C. Document analysis and linguistic theory. **Journal of Documentation**, v. 29, n. 2, 1973, p. 137-168.

GARDIN, J.-C. Éléments d'un modèle pour la description des lexiques documentaires. *In: Bulletin des Bibliothèques de France*, v. 11, n. 5. 1966b, p. 171-182.

GARDIN, J.-C. Procédures d'analyse sémantique dans les sciences humaines. *In: POUILLON, J.; MARANDA, P. (Org.) Échanges et communications: mélanges offerts à Claude Lévi-Strauss à l'occasion de son 60ème anniversaire*. [The Hague]: Mouton, 1970. p. 628-657.

GARDIN J.-C. Recherches sur l'indexation automatique des documents scientifiques. **Revue d'informatique et de recherche opérationnelle**, 1ere année, 1967, n.6, p.27-46.

GARDIN, J.-C. **Systèmes experts e publications savantes**. London: The British Library, 1987.

GARDIN, J.-C. *et al.* **La logique du plausible: essais d'épistémologie pratique**. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 1981.

GATTO, A. C.; ALMEIDA, C. C. de. Modelo semiótico de leitura documentária para indexação de fotografias. *In: FUJITA, M. S. L.; ALVES, R. C. V.; ALMEIDA, C. C. de (org.). Modelos de leitura Documentária para Indexação: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. Cap. 17. p. 425-444.

GHENO, T. C. **Estrutura de tesauro em ciência da informação: análise dos tesauros das bases de dados LISA e LISTA**. 2013. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103711>. Acesso em: 03 ago. 2020.

GIL LEIVA, I.; RUBI, M. P.; FUJITA, M. S. L. Consistência na indexação em bibliotecas universitárias brasileiras. **Transinformação [online]**. v. 20, n. 3, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/10578>. Acesso em: 30 ago. 2018.

GIL URDICIÁIN, B. **Manual de lenguajes documentales**. 2.ed. Madrid: Ed Noesis, 2004, 280 p.

GOMES. H. E. **Manual de elaboração de tesauros monolíngües**. Brasília. PNBU, 1990, 78p.

GUIMARÃES, G. B. A função das citações machadianas no conto O espelho. **Revista das Faculdades de Educação, Ciências e Letras e Psicologia Padre Anchieta**, Jundiaí, ano VI, v. 12, p. 39-50, 2004. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/revistaargumento/article/view/600/515>. Acesso em: 02 fev. 2022.

GUIMARÃES, J. A. C. Abordagens teóricas de tratamento temático da informação (TTI): catalogação de assunto, indexação e análise documental. *In: GARCÍA MARCO, F. J. Avances y perspectivas en sistemas de información y documentación*. Ibersid, Zaragoza, 2009, p. 105-117.

GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)**, v.1, n.1, p. 77-99, jan./jun., 2008.

GUIMARÃES, J. A. C.; MORAES, J. B. E.; GUARIDO, M. D. M. Análisis documental de contenido de textos narrativos: bases epistemológicas y perspectivas metodológicas. In: GARCÍA MARCO, F. J. (Org.). **Avances y perspectivas en sistemas de información y documentación en entorno digital**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2007. p. 93-100.

GUIMARÃES, J. A. C.; NASCIMENTO, L. M. B.; MORAES, J. B. E. A diplomática como perspectiva metodológica para o tratamento de conteúdo de documentos técnicos. In: VALENTIM, M.L.P. (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em ciência da informação**. São Paulo: Pólis, 2005, p. 135-160.

GUIMARÃES, J. A. C.; SALES, R. Análise documental: concepções do universo acadêmico brasileiro em Ciência da Informação. **DataGramaZero**: revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, fev. 2010. Disponível em: http://www.dgz.org.br/fev10/Art_02.htm. Acesso em 30 mar. 2019.

GUIMARÃES, L. Rubem Fonseca: biografia, características, obras. **Português**, 2021. O site da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/rubem-fonseca.html>. Acesso em: 20 dez. 2021.

GUINCHAT, C.; MENOU, M. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2.ed. rev. aum. Brasília: IBICT, 1994.

HARREL, G. The classification and organization of adult fiction in large American public libraries. **Public Libraries**, v. 24, n. 1, p. 13-14, 1985.

HARRIS, Z. Discourse analysis. **Language**, New York, v. 28, n. 1, p. 1-30, 1952.

HAYES, S. **Enhanced catalog access to fiction**: a preliminary study. *Library Resources & Technical Services*, v.36, n.4, p. 441-59, 1992.

HIDDERLEY, R.; RAFFERTY, P. Democratic indexing: an approach to the retrieval of fiction. **Information Services and Use**, v. 17, n. 2-3, p. 101-109, 1997.

HOFFMANN, P. **Análise da indexação em bibliotecas públicas municipais da microrregião de Florianópolis – Santa Catarina**. 2012. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/98619>. Acesso em: 29 ago 2018.

IBICT. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. **Diretrizes para elaboração de tesauros monolíngües**. Brasília: IBICT, 1984.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **ISO 2788-1986.** Documentation – Guidelines for the Establishment and Development of Monolingual Thesauri. 2nd ed. Geneva: International Organization for Standardization; 1986.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **ISO 5964:1985:** documentation: guidelines for the establishment and development of multilingual thesauri. Geneva, 1986.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **ISO 25964-1:** information and documentation- Thesauri and interoperability with other vocabularies - part 1: Thesauri for information retrieval. Genebra, 2011.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **ISO 25964-2:** information and documentation - Thesauri and interoperability with other vocabularies - part 2: Interoperability with other vocabularies. Genebra, 2013.

JAKOBSON, R. **Lingüística e Comunicação.** São Paulo: Cultrix, 2008. 162 p.

JANSSON, E.; SODERVALL, B. **Tesaurus for index eringavsk on litteratur.** Boras: Hogsk, 1987.

KOBASHI, N. Y. **A elaboração de informações documentárias:** em busca de uma metodologia. 1994. 195 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

KOCH, I. G. V. Lingüística textual hoje: questões e perspectivas. *In:* ENCONTRO NACIONAL DO GELCO (GRUPO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM DO CENTROOESTE), 2., 2004, Brasília, DF. **Anais:** integração lingüística, étnica e social... Brasília, DF: GELCO, 2004. v. 1, p. 21-33.

KOCH, I.G.V.; FÁVERO, L.L. Contribuição a uma tipologia textual. **Letras e Letras**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 3-10, 1987.

LAKAN, J. **O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica.** *In.:* Escrito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 96-103, 1998.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos:** teoria e pratica. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004. 452p.

LARA, M. L. G. de. **A representação documentária:** em jogo a significação. 1993. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

LIMA, L. M. **A institucionalização cognitiva e social da Ciência da Informação no Brasil:** uma análise discursiva com base nos anais do gt1 ENANCIB em sua primeira década. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

LIMA, L. M. **Modelo de Análise Documental de textos literários pela perspectiva da Análise do Discurso**: um estudo dos contos de Clarice Lispector. 101 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2021. Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/204441/lima_lm_dr_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 28 abr. 2021.

LIMA, L. M. **O percurso discursivo da Ciência da Informação no Brasil**: uma análise discursiva a partir dos periódicos *Ciência da Informação* e *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*. Marília, 2015. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2015.

LIMA, L. M. *et. al.* Tendências em processos e sistemas da organização do conhecimento de textos narrativos de ficção. **Scire: representación y organización del conocimiento**, v. 26, n.1, p. 27-34, 2020. Disponível em:

<https://www.ibersid.eu/ojs/index.php/scire/article/view/4685>. Acesso em: 20 jan. 2021.

LITERATURA marginal. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível

em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14336/literatura-marginal>. Acesso em: 05 de janeiro de 2022. Verbetes da Enciclopédia.

LOPES, V. A. **O discurso literário em circulação**: uma análise a partir de Cidade de Deus, de Paulo Lins. 2017. 1 recurso online (220 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/330597>. Acesso em: 2 set. 2018.

MACPHERSON, R. Children's literature indexes at home and abroad. **Library Review**, v. 36, n. 4, p. 254-260, 1987.

MAINGUENEAU, D. **Discurso Literário**. Editora Contexto: São Paulo, 2009.

MAINGUENEAU, D. **Elementos de Linguística para o Texto Literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábolas Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

MAIS BOLSAS. **Tipos e organização do texto dissertativo**, 2021. Disponível em: <https://www.maisbolsas.com.br/enem/lingua-portuguesa/tipos-e-organizacao-do-texto-dissertativo>. Acesso em: 20 jan. 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 5.ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

MARINHO, F. **Machado de Assis**. Mundo Educação, *online*. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/machado-assis.htm>. Acesso em: 03 jan. 2022.

MARTINS, G. K.; MORAES, J. B. E. de. Aspectos sociais na representação da informação: concepção integradora e democratizada a partir do âmbito da organização do conhecimento. *In: CAVALCANTE, E.; PINTO, V. B.; VIDOTTI, S. A. B. G. (org.). **Ciência da informação e contemporaneidade**: Tessituras e Olhares, Fortaleza: edições UFC. 2012.*

MARTINS, J. **Conceito de arte e de obra de arte**. Setúbal: [s.l.], 2010. Apontamento de aula.

MASSIRER, D. C.; LUFT, M. E.; PORTZ, L. Literatura Brasileira na década de 80: a narrativa brutalista e a democratização. **Ensaio - Revista de Divulgação Científica**, Teste, v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ensaio/article/view/18501>. Acesso em: 21 dez. 2021.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 268 p.

MENDES, M. T. P.; SIMÕES, M. G. Indexação por assuntos: princípios gerais e normas. **Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas (Portugal)**, n. 8, p. 7-74, 2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/64085>. Acesso em: 10 abr. 2022.

MOISÉS, M. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MOISÉS, M. **A criação literária: a prosa**. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

MOISÉS, L. B. P. **Flores na escrivania**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MORAES, J. B. E. Aboutness in Fiction: Methodological Perspectives for Knowledge Organization. *In: INTERNATIONAL ISKO CONFERENCE (INDIA CHAPTER): CATEGORIES, RELATIONS AND CONTEXT IN KNOWLEDGE ORGANIZATION*, 12, 2012, Índia (Mysore). **Conferência**. Índia, 2012. p. 01 - 10.

MORAES, J. B. E. Análise documental de crônicas: reflexões sobre uma trajetória de interlocução entre literatura, linguística e ciência da informação *In: GUIMARÃES, J.A.C; FUJITA, M.S.L. **Ensino e pesquisa em Biblioteconomia no Brasil**: a emergência de um novo olhar*. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2008. p. 129-144.

MORAES, J. B. E. **A questão do aboutness no texto narrativo de ficção**: perspectivas metodológicas para a Ciência da Informação. 93 f. Tese (Livre-docência em Linguística e Documentação) - Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp, Marília, 2011.

MORAES, J. B. E.; DAMAZO, A. C.; LARA, L. M. Avaliação da proposta de análise documental de textos narrativos de ficção. **Ibersid: revista de sistemas de información y documentación**, v. 2, n., p. 185-190, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/167007>. Acesso em: 03 jun. 2019.

MORAES, J. B. E.; GUIMARÃES, J.A.C. Análisis documental de contenido de textos literarios narrativos: en busca del diálogo entre las concepciones de aboutness/meaning y de recorrido temático/recorrido figurativo. **Scire** (Zaragoza), 2006.

MORAES, J. B. E.; LIMA, L. M.; CAPRIOLI, M. S. Análise documental de textos narrativos ficcionais: aportes teóricos de aboutness para identificação de temas. In FUJITA, M. S. L., ALVES, R. C. V., ALMEIDA, C. C. (Org.). **Modelos de leitura documentária para indexação: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos**. p. 295-322, 2020. Marília: Oficina Universitária / São Paulo: Cultura Acadêmica.

MOREIRA, M.; DIAS, E. W. Análise de assunto da literatura infantil: o feijão e o sonho embalados para viagem. **Cadernos BAD – Revista da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas**, n.2, p. 93-104, 2007. Disponível em <https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/775>. Acesso em: 10 jun. 2020.

MOTTA, D. F. da. **Método Relacional como Nova Abordagem para a Construção de Tesouros**. Rio de Janeiro, SENAI/DN/DPEA, 1987.

MUSSALIM, F. Análise do discurso literário: campo discursivo e posicionamento na interlíngua. **Anais do VII Congresso Internacional da Abralín**, n.1, 2011. Disponível em: <http://abralin.org/site/publicacao-em-anais/abralin-curitiba-2011/>. Acesso em: 24 ago. 2016.

NATALI, J. W. Documentação e lingüística: inter-relação e campos de pesquisa. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 11, n. 1-2, p.33-42, jan./jun. 1978. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/43838>. Acesso em: 15 out. 2019.

NAVES, M. M. L. Análise de assunto: Concepções. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 20, n. 2, p. 215-226, jul./dez. 1996.

NAVES, M. M. L. Estudo dos fatores interferentes no processo de análise de assunto. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p.189-203, jul./dez. 2001.

NEGRINI, G. **Thesaurus di letteratura italiana**: aggiornamento al 30 dicembre 1994. Roma: C.N.R., 1995.

NEVES, F. **Texto dissertativo-expositivo**. [entre 2007 e 2021]. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/texto-dissertativo-expositivo/>. Acesso em: 02 jan. 2021.

NIELSEN, H. J. The nature of fiction and its significance for classification and indexing. **Information Services & Use**, v. 17, n. 2-3, p. 171-181, 1997.

NOGUEIRA, C. A análise do discurso. In: L., ALMEIDA; E., FERNANDES (Edts). **Métodos e técnicas de avaliação**: novos contributos para a pratica e investigação. Braga: CEEP, 2001. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4355/1/Capitulo_analise%20do%20discu_rso_final1.pdf. Acesso em: 07 set. 2016.

OBRA DE MACHADO DE ASSIS. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Obra_de_Machado_de_Assis&oldid=60947492. Acesso em: 19 abr. 2021.

OLDERR, S. **Olderr's fiction subject headings**: a supplement and guide to the LCthesaurus. Chicago: American Library Association, 1991.

OLIVEIRA, C. **Machado de Assis**, *online*. Disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/machado-de-assis/>. Acesso em: 03 jan. 2022.

ORLANDI, E. A análise de discurso: algumas observações. *In: D.E.L.T.A.*, Vol. 2, nº 1, p. 105-126, 1986.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2009.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto, Formulação e Circulação dos Sentidos**. 4. ed. Campinas: Pontes Editora, 2012.

ORLANDI, E. P. **As Formas do Silêncio: No movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

ORLANDI, E. P. **A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas, Pontes, 2002.

ORLANDI, E. P. A Produção da Leitura e suas Condições. *In: BARZOTTO, V.H. (Org.) Estado de Leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

ORLANDI, E. **Segmentar ou recortar?** Uberaba, Série Estudos, n. 10, p. 9-26, 1984.

O'SULLIVAN *et al.* **Key concepts in Communication**. London: Methuen & Co, 1983.

PALMA, M. D. Discurso literário: linguagem intrinsecamente diferenciada ou texto institucionalmente determinado? **Terra roxa e outras terras: Revista de Estudos Literários**, v. 9, 2007, p. 69-76. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/pos/letras/terraroja>. Acesso em: 13 jan. 2020.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5.ed. São Paulo: Pontes, 2008. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). *In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1997.

PEIRCE, C.S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PEJTERSEN, A.M. Fiction and library classification. **Scandinavian Public Library Quarterly**, n.1, p. 5-12, 1978.

PEJTERSEN, A.M. The meaning of 'about' in fiction indexing and retrieval. **Aslib Proceedings**, v. 31, n. 5, p. 251-257, May, 1979.

PEJTERSEN, A. M.; AUSTIN, J. Fiction retrieval: experimental design and evaluation of a search system based on users' value criteria: part 1. **Journal of Documentation**, London, v. 39, n. 4, p. 230-246, 1983.

PEJTERSEN, A. M.; AUSTIN, J. Fiction retrieval: experimental design and evaluation of a search system based on users' value criteria: part 2. **Journal of Documentation**, London, v. 40, n. 1, p. 25-35, 1984.

PEJTERSEN, A.M. *et al.* The Scandinavian book house: indexing methods and OPAC development for subject access to Scandinavian fiction literature. *In: ADVANCES in classification research*, v. 6, p. 99-113, 1998.

PERRAULT, C. **Contos de Perrault**. Barba-Azul. Trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Villa Rica, 1994.

PINHEIRO, L. V. R. Campo interdisciplinar da ciência da informação: fronteiras remotas e recentes. *In: PINHEIRO, L.V.R. (Org.) Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade*. Brasília: IBICT, 1999. p.155-182.

PINTO, M., GALVEZ, C. **Análisis documental de contenido**. Madrid: Sintesis, 1999.

RAFFERTY, P. The representation of knowledge in library classification schemes. **Knowledge Organization**, v.28, n.4, p.180-191, 2001. Disponível em: https://www.academia.edu/494322/The_representation_of_knowledge_in_library_classification_schemes. Acesso em: 27 set. 2021.

RANTA, J. The new literary scholarship and a basis for increased subject catalog access to imaginative literature. **Journal of librarianship and information science**, v. 14, n. 1, p. 3-26, 1991.

RIBEIRO, A. B. **Bibliotecas Públicas do Brasil: passado, presente e futuro**. Porto Alegre, 2008, 211 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17857/000718838.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 set. 2021.

RIO-BRANCO, L. B. P. **Interoperabilidade semântica entre linguagens de indexação para bibliotecas universitárias**. Marília, 2020, 142 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, 2020. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/riobranco_lbp_dr_mar.pdf. Acesso em 01 out. 2021.

RUBEM FONSECA. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rubem_Fonseca&oldid=61116112. Acesso em: 9 mai. 2021.

RUBI, M. P. **Política de indexação para construção de catálogos coletivos em bibliotecas universitárias**. 2008. 166 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

RUIZ PÉREZ, R. **El análisis documental**: bases terminológicas, conceptualización y estructura operativa. Granada: Ed. Universidad de Granada, 1992.

RUSSO, M. **Fundamentos de biblioteconomia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010. (Coleção de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação – Série Didáticos II.1).

SAARTI, J. **Aspects of fiction alliterature content description**: consistency of the abstracts and subject indexing of novels by public library professionals and client (in finnish). (Ph. D. thesis). University of Oulu, 1999a.

SAARTI, J. Consistency of subject indexing of novels by public library professionals and patrons. **Journal of Documentation**, v. 58, n. 1, p. 49-65, 2002.

SAARTI, J. Feeding with the spoon, or the effects of shelf classification of fiction on the loaning of fiction. **Information Services & Use**, v. 17, n. 2-3, p. 159-169, 1997.

SAARTI, J. Fiction indexing and the development of fiction thesauri. **Journal of Librarianship and Information Science**, v. 31, n.2, p.85-92, 1999b.

SAARTI, J. **Fictional literature classification and indexing**. In: HJØRLAND, B.; GNOLI, C. (Ed.). *ISKO Encyclopedia of Knowledge Organization*, 2019.

SABBAG, D. M. A. **Análise documental em textos narrativos de ficção**: subsídios para o processo de análise. 160 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação/ Informação, tecnologia e conhecimento) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/SABBAG_Deise_Maria_Antonio.pdf. Acesso em: 20 mar. 2019.

SABBAG, D. M. A. Modelo de leitura documental para indexação de textos narrativos de ficção. In.: FUJITA, M. S. L., ALVES, R. C. V., ALMEIDA, C. C. **Modelos de leitura documental para indexação**: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, pp. 295-321. ISBN: 978-65-8654-607-1. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/96v3r>. Acesso em: 22 dez. 2021.

SABBAG, D. M. A. Orientações para uso do MENTIF (Metodologia para Indexação de Ficção). In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP). Coordenadoria Geral de Bibliotecas. **Manual de política de indexação para as bibliotecas universitárias da Unesp** [recurso eletrônico]. Mariângela Spotti Lopes Fujita (coord.). 1º ed. rev. e ampl. (pp.19-21).

São Paulo: Unesp, 2017. Disponível em:

<https://www.biblioteca.unesp.br/portal/arquivos/manual-politica-indexacao-2017.pdf>.

SALES, R. de; CAFÉ, L. Diferenças entre Tesouros e Ontologias. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 99-116, mar. 2009. ISSN 19815344. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/646>. Acesso em: 19 jul. 2020.

SANTOS, L. B. P. **Política de indexação em bibliotecas universitárias**: estudo diagnóstico na região de Marília. Marília, 2011, 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2011.

SANTOS, R. do R.; DUARTE, E. N.; LIMA, I. F. de. O papel do bibliotecário como mediador da informação no processo de inclusão social e digital. **RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 36-53, jul. 2014. ISSN 1980-6949. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/279>. Acesso em: 17 jan. 2022.

SAVIOLI, F. P; FIORIN, J. L. **Para entender o texto**. Leitura e redação. São Paulo: Ática, 1990.

SCHNAIDERMAN, B. Prefácio. In: EIKHENBAUM, B. *et al.* **Teoria da Literatura**: formalistas russos. Trad. Ana Mariza Ribeiro *et al.* Porto Alegre: Globo. ix-xxii, 1976.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5562413/mod_resource/content/1/Metodologia-Do-Trabalho-Cientifico-23%C2%AA-Edicao-Severino-EBOOK-Escolhido.pdf. Acesso em: 09 jan. 2021.

SILVA, I. M. M. Leitura literária: contribuições da análise do discurso. **Revista Encontros de Vista**, n. 7, 2011. Disponível em:

http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/artigo_7_04.pdf. Acesso em: 24 ago. 2016.

SILVA, L. S. da. **Os mano pô as mina pá**: uma possibilidade de transposição de análise do discurso para estudo de comunidades a partir da experiência com o Rap no presídio de Marília. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

SILVA, M. dos R. da; FUJITA, M. S. L. A prática de indexação: análise da evolução de tendências teóricas e metodológicas. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 133-161, Aug. 2004. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862004000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 mar. 2021.

SILVA, E. R. *et al.* Como escrever um artigo científico: orientações. In: XV ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO - EREBD N/NE, 15., 2012, Juazeiro do Norte. **Informação e Sociedade: a importância da biblioteconomia no processo de preservação da memória documental**. Juazeiro do Norte: EREBD, 2012. p. 01-10.

Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/137192>. Acesso em: 01 jan. 2021.

SIMÕES, M. G. **Classificações bibliográficas**: percurso de uma teoria. Coimbra: Almedina, 2011.

SMIT, J. W. Análise Semântica e análise documentária. **Signif., Rev. Cult. Audiov**, Ribeirão Preto, n. 1, p. 1974, 168-177.

SMIT, J.W.; BARRETO, A. de A. Ciência da informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIN, M.L. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.

SOARES, W. "A literatura aliviou as minhas aflições de docente". **Nova Escola**, [São Paulo], ano 30, n. 288, dez 2015/jan 2016. Autorretrato. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/8528/a-literatura-aliviou-as-minhas-aflicoes-de-docente#=_. Acesso em: 05 jan 2022.

SOUTO, L. F. Recuperação de informação em bases de dados: uso de tesouros. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 73-81, jan./abr. 2003.

SPILLER, D. The provision of fiction for publiclibraries. **Journal of librarianship andinformation**, v.1, oct. 1980.

STAFUZZA, G. **Análise do Discurso Literário**: das vozes de Homero em Joyce. Brasil: Appris, 2011.

TÁLAMO, M. F. G. M. A compreensão literal de textos. **Cadernos de análise documentária**, São Paulo, n. 1, p. 13-22, maio 1994.

TÁLAMO, M. F.G. M. **Elaboração de resumos**. São Paulo: ECA/USP, 1987. 14p

TARGINO, M. das G. Divulgação científica e discurso. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 8, n. 15, p. 19-28, jul. 2007. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/678. Acesso em: 14 jun. 2021.

TATIT, L. Abordagem do texto. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à lingüística**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 187-209.

TEIXEIRA, G. J. W. **Artigo Científico**: orientações para sua elaboração. 2008. Disponível em: <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=21&texto=1334> . Acesso em: 11 fev. 2008.

TOLARE, J. B.; FUJITA, M. S. L. A competência informacional do bibliotecário no processo de indexação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 17, p. 1-25, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/162515>. Acesso em: 04 out. 2021.

TOLARE, J. B.; FUJITA, M. S. L.; TARTAROTTI, R. C. D. Política de Indexação no Contexto da Biblioteca Pública: Pesquisa Etnográfica com Observação Participante e

Protocolo Verbal Individual. **Complexitas - Rev. Fil. Tem. Belém**, v. 3, n. 1, p. 100-119, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/complexitas/article/view/6638>. Acesso em: 18 out. 2021.

TORRES, S.; ALMEIDA, M. B. Classificação: uma operação inerente às linguagens documentárias? **DataGramaZero**, v. 16, n. 3, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/8195>. Acesso em: 31 ago. 2019.

TRAVAGLIA, L. C. **A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies**. Alfa, São Paulo, v.51, n.1, p.39-79, 2007.

UNESCO. **Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas 1994**. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-ptbrasil.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

UNISIST. Princípios de indexação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 10, n. 1, 1981. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/73723>. Acesso em: 14 jun. 2019.

VAN DER LAAN, R. H. **Tesouro e terminologia: uma inter-relação lógica**. 2002. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

VAN DIJK, T. **La ciencia del texto: un enfoque interdisciplinario**. Barcelona: Paidós, 1997.

VAN DIJK, T. **Text and context**. Explorations in semantics and pragmatics of discourse. London: Longman, 1992.

VAN SLYPE, G. **Linguagem documentária e linguística**. Trad. Cordélia R. Cavalcanti. Brasília: UnB; Departamento de Biblioteconomia, 1983.

VARGAS, D. F.; VAN DER LANN, R. H. A contribuição da terminologia na construção de linguagens documentárias como os tesouros. **BIBLOS**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 21–34, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/1988>. Acesso em: 19 jul. 2020.

VEDANA, M. S.; SOUZA, S. C. **A Relação entre o Discurso Científico e os Níveis do Saber na Transposição Didática**. In: Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Florianópolis, 2009. Disponível em: http://www.gpeqsc.com.br/guaipira/artigos/2009_7_ENPEC.3.pdf. Acesso em: 18 jun. 2021.

VERSA, C. R.; SOARES, A. S. F. Sujeito e sentido em *O dia em que matei meu pai*, de Mario Sabino. In: PATTI, A. R. et al [Orgs.]. **Textecendo discursos na contemporaneidade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014, 421 p.

YOUNG, F. **As dores do amor romântico**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

YOUNG, F. **Estragos**. São Paulo: Globo livros, 2016.

ANEXO

Papeis Avulsos – Machado de Assis

NA ARCA

Três capítulos inéditos do Gênesis

Capítulo A

1. — Então Noé disse a seus filhos Jafé, Sem e Cam: — "Vamos sair da arca, segundo a vontade do Senhor, nós, e nossas mulheres, e todos os animais. A arca tem de parai no cabeço de uma montanha; desceremos a ela.

2. — "Porque o Senhor cumpriu a sua promessa, quando me disse: Resolvi dar cabo de toda a carne; o mal domina a terra, quero fazer perecer os homens. Faze uma arca de madeira; entra nela tu, tua mulher e teus filhos.

3. — "E as mulheres de teus filhos, e um casal de todos os animais.

4. — "Agora, pois, se cumpriu a promessa do Senhor. e todos os homens pereceram, e fecharam-se as cataratas dó céu; tornaremos a descer à terra, e a viver no seio da paz e da concórdia."

5. — Isto disse Noé, e os filhos de Noé muito se alegraram de ouvir as palavras de seu pai; e Noé os deixou sós, retirando-se a uma das câmaras da arca.

6. — Então Jafé levantou a voz e disse: — "Aprazível vida vai ser a nossa. A figueira nos dará o fruto, a ovelha a lã, a vaca o leite, o sol a claridade e a noite a tenda.

7. — "Porquanto seremos únicos na terra, e toda a terra será nossa, e ninguém perturbará a paz de uma família, poupada do castigo que feriu a todos os homens.

8. — "Para todo o sempre." Então Sem, ouvindo falar o irmão, disse: — "Tenho uma idéia". Ao que Jafé e Cam responderam:— "Vejamos a tua idéia, Sem."

9. — E Sem falou a voz de seu coração, dizendo: "Meu pai tem a sua família; cada um de nós tem a sua família; a terra é de sobra; podíamos viver em tendas separadas. Cada um de nós fará o que lhe parecer melhor: e plantará, caçará, ou lavrará a madeira, ou fiará o linho."

10. — E respondeu Jafé: — "Acho bem lembrada a idéia de Sem; podemos viver em tendas separadas. A arca vai descer ao cabeço de uma montanha; meu pai e Cam descirão para o lado do nascente; eu e Sem para o lado do poente,. Sem ocupará duzentos côvados de terra, eu outros duzentos."

11. — Mas dizendo Sem: — "Acho pouco duzentos côvados" —, retorquiui Jafé: "Pois sejam quinhentos cada um. Entre a minha terra e a tua haverá um rio, que as divida no meio, para se não confundir a propriedade. Eu fico na margem esquerda e tu na margem direita;

12. — "E a minha terra se chamará a terra de Jafé, e a tua se chamará a terra de Sem; e iremos às tendas um do outro, e partiremos o pão da alegria e da concórdia."

13. — E tendo Sem aprovado a divisão, perguntou a Jafé: "Mas o rio? a quem pertencerá a água do rio, a corrente?

14. — "Porque nós possuímos as margens, e não estatuímos nada a respeito da corrente." E respondeu Jafé, que podiam pescar de um e outro lado; mas, divergindo o irmão, propôs dividir o rio em duas partes, fincando um pau no meio. Jafé, porém, disse que a corrente levaria o pau.

15. — E tendo Jafé respondido assim, acudiu o irmão: "Pois que te não serve o pau, fico eu com o rio, e as duas margens; e para que não haja conflito, podes levantar um muro, dez ou doze côvados, para lá da tua margem antiga.

16. — "E se com isto perdes alguma coisa, nem é grande a diferença, nem deixa de ser acertado, para que nunca jamais se turbe a concórdia entre nós, segundo é a vontade do Senhor."

17. — Jafé porém replicou: — "Vai bugiar! Com que direito me tiras a margem, que é minha, e me roubas um pedaço de terra? Porventura és melhor do que eu,

18. — "Ou mais belo, ou mais querido de meu pai? Que direito tens de violar assim tão escandalosamente a propriedade alheia?

19. — "Pois agora te digo que o rio ficará do meu lado, com ambas as margens, e que se te atreveres a entrar na minha terra, matar-te-ei como Caim matou a seu irmão."

20. — Ouvindo isto, Cam atemorizou-se muito e começou a aquietar os dois irmãos,

21. — Os quais tinham os olhos do tamanho de figos e cor de brasa, e olhavam-se cheios de cólera e desprezo.

22. — A arca, porém, boiava sobre as águas do abismo.

Capítulo B

1. — Ora, Jafé, tendo curtido a cólera, começou a espumar pela boca, e Cam faloulhe palavras de brandura,

2. — Dizendo: — "Vejamos um meio de conciliar tudo; vou chamar tua mulher e a mulher de Sem."

3. — Um e outro, porém, recusaram dizendo que o caso era de direito e não de persuasão.

4. — E Sem propôs a Jafé que compensasse os dez côvados perdidos, medindo outros tantos nos fundos da terra dele. Mas Jafé respondeu:

5. — "Por que não me mandas logo para os confins do mundo? Já te não contentas com quinhentos côvados; queres quinhentos e dez, e eu que fique com quatrocentos e noventa.

6. — "Tu não tens sentimentos morais? não sabes o que é justiça? não vês que me esbulhas descaradamente? e não percebes que eu saberei defender o que é meu, ainda com risco de vida?

7. — "E que, se é preciso correr sangue, o sangue há de correr já e já,

8. — "Para te castigar a soberba e lavar a tua iniquidade?"

9. — Então Sem avançou para Jafé; mas Cam interpôs-se, pondo uma das mãos no peito de cada um;

10. — Enquanto o lobo e o cordeiro, que durante os dias do dilúvio, tinham vivido na mais doce concórdia, ouvindo o rumor das vozes, vieram espreitar a briga dos dois irmãos, e começaram a vigiar-se um ao outro.

11. — E disse Cam: — "Ora, pois, tenho uma idéia maravilhosa, que há de acomodar tudo;

12. — "A qual me é inspirada pelo amor, que tenho a meus irmãos. Sacrificarei pois a terra que me couber ao lado de meu pai, e ficarei com o rio e as duas margens, dando-me vós uns vinte côvados cada um."

13. — E Sem e Jafé riram com desprezo e sarcasmo, dizendo: "Vai plantar tâmaras! Guarda a tua idéia para os dias da velhice." E puxaram as orelhas e o nariz de Cam; e Jafé, metendo dois dedos na boca, imitou o silvo da serpente, em ar de surriada.

14. — Ora, Cam, envergonhado e irritado, espalmou a mão dizendo: — "Deixa estar!" e foi dali ter com o pai e as mulheres dos dois irmãos.

15. — Jafé porém disse a Sem: — "Agora que estamos sós, vamos decidir este grave caso, ou seja de língua ou de punho. Ou tu me cedas as duas margens, ou eu te quebro uma costela."

16. — Dizendo isto, Jafé ameaçou a Sem com os punhos fechados, enquanto Sem, derreando o corpo, disse com voz irada: "Não te cedo nada, gatuno!"

17. — Ao que Jafé retorquiu irado: "Gatuno és tu!"

18. — Isto dito, avançaram um para o outro e atracaram-se. Jafé tinha o braço rijo e adestrado; Sem era forte na resistência. Então Jafé, segurando o irmão pela cinta, apertou-o fortemente, bradando: "De quem é o rio?"

19. — E respondendo Sem: — "É meu!" Jafé fez um gesto para derrubá-lo; mas Sem, que era forte, sacudiu o corpo e atirou o irmão para longe; Jafé, porém, espumando de cólera, tornou a apertar o irmão, e os dois lutaram braço a braço,

20. — Suando e bufando como touros.

21. — Na luta, caíram e rolaram, esmurrando-se um ao outro; o sangue saía dos narizes, dos beijos, das faces; ora vencia Jafé,

22. — Ora vencia Sem; porque a raiva animava-os igualmente, e eles lutavam com as mãos, os pés, os dentes e as unhas; e a arca estremecia como se de novo se houvessem aberto as cataratas do céu.

23. — Então as vozes e brados chegaram aos ouvidos de Noé, ao mesmo tempo que seu filho Cam, que lhe apareceu clamando: "Meu pai, meu pai, se de Caim se tomará vingança sete vezes, e de Lamech setenta vezes sete, o que será de Jafé e Sem?"

24. — E pedindo Noé que explicasse o dito, Cam referiu a discórdia dos dois irmãos, e a ira que os animava, e disse: — "Correi a aquietá-los." Noé disse: — "Vamos."

25. — A arca, porém, boiava sobre as águas do abismo.

Capítulo C

1. — Eis aqui chegou Noé ao lugar onde lutavam os dois filhos,

2. — E achou-os ainda agarrados um ao outro, e Sem debaixo do joelho de Jafé, que com o punho cerrado lhe batia na cara, a qual estava roxa e sangrenta.

3. — Entretanto, Sem, alçando as mãos, conseguiu apertar o pescoço do irmão, e este começou a bradar: "Larga-me, larga-me!"

4. — Ouvindo os brados, às mulheres de Jafé e Sem acudiram também ao lugar da luta, e, vendo-os assim, entraram a soluçar e a dizer: "O que será de nós? A maldição caiu sobre nós e nossos maridos."

5. — Noé, porém, lhes disse: "Calai-vos, mulheres de meus filhos, eu verei de que se trata, e ordenarei o que for justo." E caminhando para os dois combatentes,

6. — Bradou: "Cessai a briga. Eu, Noé, vosso pai, o ordeno e mando." E ouvindo os dois irmãos o pai, detiveram-se subitamente, e ficaram longo tempo atalhados e mudos, não se levantando nenhum deles.

7. — Noé continuou: "Erguei-vos, homens indignos da salvação e merecedores do castigo que feriu os outros homens."

8. — Jafé e Sem ergueram-se. Ambos tinham feridos o rosto, o pescoço e as mãos, e as roupas salpicadas de sangue, porque tinham lutado com unhas e dentes, instigados de ódio mortal.

9. — O chão também estava alagado de sangue, e as sandálias de um e outro, e os cabelos de um e outro,

10. — Como se o pecado os quisesse marcar com o selo da iniquidade.

11. — As duas mulheres, porém, chegaram-se a eles, chorando e acariciando-os, e via-se-lhes a dor do coração. Jafé e Sem não atendiam a nada, e estavam com os olhos no chão, medrosos de encarar seu pai.

12. — O qual disse: "Ora, pois, quero saber o motivo da briga."

13. — Esta palavra acendeu o ódio no coração de ambos. Jafé, porém, foi o primeiro que falou e disse:

14. — "Sem invadiu a minha terra, a terra que eu havia escolhido para levantar a minha tenda, quando as águas houverem desaparecido e a arca descer, segundo a promessa do Senhor;

15. — "E eu, que não tolero o esbulho, disse a meu irmão: "Não te contentas com quinhentos côvados e queres mais dez?" E ele me respondeu: "Quero mais dez e as duas margens do rio que há de dividir a minha terra da tua terra."

16. — Noé, ouvindo o filho, tinha os olhos em Sem; e acabando Jafé, perguntou ao irmão: "Que respondes?"

17. — E Sem disse: — "Jafé mente, porque eu só lhe tomei os dez côvados de terra, depois que ele recusou dividir o rio em duas partes; e propondo-lhe ficar com as duas margens, ainda consenti que ele medisse outros dez côvados nos fundos das terras dele.

18. — "Para compensar o que perdia; mas a iniquidade de Caim falou nele, e ele me feriu a cabeça, a cara e as mãos."

19. — E Jafé interrompeu-o dizendo: "Porventura não me feriste também? Não estou ensangüentado como tu? Olha a minha cara e o meu pescoço; olha as minhas faces, que rasgaste com as tuas unhas de tigre."

20. — Indo Noé falar, notou que os dois filhos de novo pareciam desafiar-se com os olhos. Então disse: "Ouvi!" Mas os dois irmãos, cegos de raiva, outra vez se engalfinharam, bradando: — "De quem é o rio?" — "O rio é meu."

21. — E só a muito custo puderam Noé, Cam e as mulheres de Sem e Jafé, conter os dois combatentes, cujo sangue entrou a jorrar em grande cópia.

22. — Noé, porém, alçando a voz, bradou: — "Maldito seja o que me não obedecer. Ele será maldito, não sete vezes, não setenta vezes sete, mas setecentas vezes setenta.

23. — "Ora, pois, vos digo que, antes de descer a arca, não quero nenhum ajuste a respeito do lugar em que levantareis as tendas."

24. — Depois ficou meditabundo.

25. — E alçando os olhos ao céu, porque a portinhola do teto estava levantada, bradou com tristeza:

26. — "Eles ainda não possuem a terra e já estão brigando por causa dos limites. O que será quando vierem a Turquia e a Rússia?"

27. — E nenhum dos filhos de Noé pôde entender esta palavra de seu pai.

28. — A arca, porém, continuava a boiar sobre as águas do abismo

O ESPELHO

Esboço de uma nova teoria da alma humana

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e

sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

— Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, — uma conjectura, ao menos.

— Nem conjectura, nem opinião, redargüiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

— Duas?

— Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para entro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; — e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior aquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. "Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; é um punhal que me enterras no coração." Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

— Não?

— Não, senhor; muda de natureza e de estado. Não aludo a certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse o Camões que morria, e o poder, que foi a alma exterior de César e de Cromwell. São almas enérgicas e exclusivas; mas há outras, embora enérgicas, de natureza mudável. Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora, — na verdade, gentilíssima, — que muda de alma exterior

cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis...

— Perdão; essa senhora quem é?

— Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome; chama-se Legião... E assim outros mais casos. Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as relato, porque iria longe; restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus vinte e cinco anos...

Os quatro companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia. Santa curiosidade! tu não és só a alma da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. A sala, até há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que conserta a ponta do charuto, recolhendo as memórias. Eis aqui como ele começou a narração:

— Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que esses perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos... Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, viúva do Capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Fui, acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o "senhor alferes". Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o "senhor alferes", não por gracejo, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI. Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madrepérola e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom...

— Espelho grande?

— Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o "senhor alferes" merecia muito mais. O certo é que todas essas coisas, carinhos,

atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

— Não.

— O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não?

— Custa-me até entender, respondeu um dos ouvintes.

— Vai entender. Os fatos explicarão melhor os sentimentos: os fatos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando. Vamos aos fatos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas, se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. Adeus, sobrinho! adeus, alferes! Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela, e a mim que tomasse conta do sítio. Creio que, se não fosse a aflição, disporia o contrário; deixaria o cunhado e iria comigo. Mas o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa. Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida. Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes, de minuto a minuto; nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático. Ah ! pérfidos! mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.

— Matá-lo?

— Antes assim fosse.

— Coisa pior?

— Ouçam-me. Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. Acheime só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo; ninguém, um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão-somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior. Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela, para lhe dar a triste notícia, ou ficar tomando conta da casa. Adotei o segundo alvitre, para não desamparar a casa, e porque, se a minha prima

enferma estava mal, eu ia somente aumentar a dor da mãe, sem remédio nenhum; finalmente, esperei que o irmão do tio Peçanha voltasse naquele dia ou no outro, visto que tinha saído havia já trinta e seis horas. Mas a manhã passou sem vestígio dele; à tarde comecei a sentir a sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. O irmão do tio Peçanha não voltou nesse dia, nem no outro, nem em toda aquela semana. Minha solidão tomou proporções enormes. Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século no velho relógio da sala, cuja pêndula tic-tac, tic-tac, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei este famoso estribilho: *Never, for ever! — For ever, never!* confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: — *Never, for ever! — For ever, never!* Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada. E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita, ou mais larga. Tic-tac, tic-tac. Ninguém, nas salas, na varanda, nos corredores, no terreiro, ninguém em parte nenhuma... Riem-se?

— Sim, parece que tinha um pouco de medo.

— Oh! fora bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra coisa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: — o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono a consciência do meu ser novo e único — porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava. Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso. Soeur Anne, soeur Anne, ne vois-tu rien venir? Nada, coisa nenhuma; tal qual como na lenda francesa. Nada mais do que a poeira da estrada e o capinzal dos morros. Voltava para casa, nervoso, desesperado, estirava-me no canapé da sala. Tic-tac, tic-tac. Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros das janelas, assobiava. Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma coisa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases soltas, para intercalar no estilo. Mas o estilo, como tia Marcolina, deixava-se estar. Soeur Anne, soeur Anne... Coisa nenhuma. Quando muito via negrejar a tinta e alvejar o papel.

— Mas não comia?

— Comia mal, frutas, farinha, conservas, algumas raízes tostadas ao fogo, mas suportaria tudo alegremente, se não fora a terrível situação moral em que me achava. Recitava versos, discursos, trechos latinos, liras de Gonzaga, oitavas de Camões, décimas, uma antologia em trinta volumes. As vezes fazia ginástica; outra dava beliscões nas pernas; mas o efeito era só uma sensação física de dor ou de cansaço, e mais nada. Tudo silêncio, um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno tic-tac da pêndula. Tic-tac, tic-tac...

— Na verdade, era de enlouquecer.

— Vão ouvir coisa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição

humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo; atribuí o fenómeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. — Vou-me embora, disse comigo. E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado... Entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa. De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos... Continuei a vestir-me. Subitamente por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me... Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha idéia...

— Diga.

— Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento... Não, não são capazes de adivinhar.

— Mas, diga, diga.

— Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir...

Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.

Secreções, excreções e desatinos – Rubem Fonseca

COINCIDÊNCIAS

Não sou de levar para a cama uma dona que encontro no balcão de uma loja de sucos e sanduíches. O que me motivou? Seu aspecto saudável e limpo, a pele rosada, os cabelos louros descorados como palha de milho, o corpo bem-feito?

Encontrei com ela novamente no aeroporto, alguns dias depois. Eu estava vestido com um terno sob medida feito em Londres, sapatos ingleses, camisa italiana e gravata francesa, cuidadosamente penteado e barbeado. Só me paramento dessa maneira quando vou fazer essa viagem internacional de negócios, vamos chamá-la assim. No Brasil, faço a barba duas vezes por semana, nunca me visto com essas roupas, nem para ver uma das

namoradas ou negociar com o traficante ou ir à missa de sétimo dia de um figurão ou presidir as reuniões da minha empresa ou lá o que for. Não gosto de ser notado.

Oi, Chico, que coincidência mais afortunada, ela disse, parando na minha frente, praticamente impedindo o meu caminho.

Todas as pessoas que trabalhavam para mim, não importava em quê, eram instruídas a me chamar de Chico. Quem não trabalhava para mim também me chamava de Chico.

Chico, você parece diferente, ela disse.

Eu havia me escondido na sala vip e saíra direto para o embarque, tão logo o aviso fora transmitido pelo alto-falante. Não esperava vê-la, nem a ninguém, no saguão do aeroporto.

Você trabalha aqui?, perguntei.

Eu falei para você, ela respondeu.

Não me lembro.

Esqueceu o resto também?, ela perguntou, com um sorriso malicioso.

Não me lembro de você ter falado que trabalhava numa companhia de aviação. Você disse que pareço diferente. Como?

Parece fantasiado.

De certa forma, estou fantasiado. Prazer em te ver.

Liga para mim.

Vou ligar. Tchau.

Ficarei esperando.

Entrei no túnel que levava ao avião.

Camila? Cássia? Como era o nome dela? Cordélia? Eu precisava parar de comer toda mulherzinha gostosa que desse sopa, na loja de sucos ou no restaurante de luxo. Mas agira de acordo com o figurino: mulher você come e chuta.

Na terceira vez, nos encontramos em uma reunião da organização filantrópica *Acabar com a fome agora*, ou afa, que minha empresa mantinha.

Que agradável surpresa, eu disse.

Sou voluntária da afa. O trabalho feito pela associação é maravilhoso, parabéns.

Cordélia?

Carlota.

Sou péssimo para nomes.

Gosto mais dos trajes que você está usando hoje. Você fica bem de jeans, ela disse. E com a barba por fazer.

Você também. De jeans.

A reunião tinha uma porção de gente de vários setores, interessada em acabar com a fome, não vou entrar em detalhes. Carlota ficou calada a maior parte do tempo. Percebi que ela, discretamente, me observava como quem olha para um quebra-cabeça.

Procurei Carlota quando a reunião acabou.

Não me lembro do seu nome de família. Corday?

A Corday era Charlotte. Eu sou Carlota, como a Joaquina.

Entendi.

Sou estudante de história. Não quero trabalhar numa companhia de aviação o resto da vida.

E o nome todo? Carlota Joaquina?

Mendes.

Você estuda onde?

Na puc.

Então, tchau. Foi um prazer.

Tchau. O prazer foi todo meu.

Na quarta vez, Carlota estava numa festa na casa de um banqueiro com quem eu mantinha negócios, um espanhol. Vamos chamá-lo de Juan. Eu estava entrando no banheiro quando a vi. No banheiro limpei a caspa que começava a se acumular nos meus ombros. Quando saí, Carlota estava na porta.

Alô, disse ela, que coincidência agradável. Para você também?

Claro.

Você esqueceu o número do meu celular?

Guardei tão bem que sumiu.

Anota novamente.

Anotei.

Você é o único que está de jeans nesta festa.

Charme.

Carlota entrou no banheiro. Fui procurar o Juan. Coincidência é um evento acidental que parece ter sido planejado, mas não foi, por isso é considerado uma coincidência. Porém muitas vezes essa coincidência nada tem de fortuita, foi mesmo arranjada. Quando digo isso, meus sócios me chamam de paranoico. Paranoico é um sujeito com suspeitas delirantes, mas eu sou lúcido, racional. Por isso nada de mau acontece comigo.

Juan, quem é aquela moça lourinha que está conversando com um sujeito gordo?

Ele é o Ramos, da alfândega.

Não, a moça, quem é ela?

Não sei.

Não olha para lá, por favor, não quero que desconfie que estamos falando dela. Sabe quem foi que a convidou?

Pode ter sido o Ramos.

Não, não foi. Notei, quando ela chegou perto dele, que os dois não se conheciam. Dá para você descobrir com quem ela veio? Discretamente?

Vou ver, disse Juan se misturando com o grupo.

Andei um pouco pelos salões da casa, estudando as pessoas. Novamente encontrei Carlota.

Você está me evitando? O que preciso fazer para você voltar a se interessar por mim? Pintar os cabelos de negro-azeviche?

Tudo menos isso.

Uma tatuagem?

Onde?

Onde você quiser.

Vou pensar.

Carlota passou a mão nos meus ombros.

Você tem caspa, sabia?

Já fiz tudo para acabar com essa coisa.

Tenho um remédio caseiro infalível. Quando posso ir ao seu apartamento fazer uma lavagem na sua cabeça com esse xampu especial? Amanhã?

Fiquei pensando, sempre quis me livrar daquela maldita caspa e já tentara todos os tratamentos possíveis, consultara os melhores especialistas no Brasil e no exterior, sem êxito.

Amanhã não, respondi, me dá dois dias. Você tem o meu endereço, não tem?

Tenho. É aquele lugar aonde nós fomos? Parecia um lugar onde ninguém mora.

Você é boa observadora.

Então até quinta-feira. Nove horas?

Perfeito.

Vou dar uma circulada, ela disse. Já vi que você também não gosta de ficar parado.

Meia hora depois, Juan me chamou num canto.

Aquela garota é uma penetra. Isso é um problema, você não consegue controlar quem entra nas suas festas a menos que coloque alguém na porta fazendo uma triagem, o que é muito desagradável. O que faço com ela?

Nada.

Às nove horas em ponto, dois dias depois, Carlota chegou ao meu apartamento, o lugar onde ninguém morava. Aqueles dois dias tinham sido muito úteis, para mim.

Tira a camisa. Vamos para o banheiro.

Chegando ao banheiro Carlota disse, é melhor você ficar nu. Entra no box.

Tirei a roupa e entrei no box.

Acho que vou tirar a minha roupa também, ela disse.

Eu já a vira nua, era uma imagem muito sedutora.

Primeiro umedeço a sua cabeça e aplico o remédio e faço um montão de espuma.

Que preparado é esse? Feito de quê?

Não posso dizer a fórmula, é um segredo, uma invenção da minha avó, que era farmacêutica. Agora você tem que ficar cinco minutos com a espuma na cabeça. Pode me beijar e acariciar enquanto isso.

Ficamos nos beijando e acariciando cinco minutos.

Agora vamos tirar essa espuma e aplicar o preparado novamente.

Mais cinco minutos de beijos e carícias.

Depois ficamos os dois debaixo do chuveiro o tempo que ela achou necessário. Saímos do box e nos enxugamos.

Em seguida fomos para a cama. Ela merecia mais do que uma trepada, tenho que reconhecer. Era a última vez e eu tinha que aproveitar.

Estávamos deitados em silêncio, suados, saciados.

Posso dormir aqui? Queria passar uma noite com você.

Quem é você?

Carlota Mendes, já esqueceu?

Não existe nenhuma Carlota Mendes estudando história na puc, eu chequei.

Informação errada, querido.

Nem o seu nome consta do departamento de pessoal das companhias de aviação que operam no aeroporto.

Na *Acabar com a fome* ninguém sabe quem é você, não consta o seu nome no corpo de voluntários.

A afa não é tão bem organizada quanto você pensa. Aquilo é meio bagunçado, eles lá não têm controle de todos os voluntários. Até tenho umas sugestões sobre o funcionamento da secretaria, que estou colocando no papel, para depois lhe dar.

O Juan disse que você era uma penetra na festa dele.

Penetra? Eu fui convidada.

Quem convidou você?

Um rapaz chamado Joãozinho.

Não vi você com nenhum Joãozinho na festa.

Ele estava com a namorada.

Por que você quando se despediu de mim não foi se despedir dele também? Você foi embora sem falar com ninguém.

Ele já havia se retirado.

O seu telefone não tem nome de registro.

Os celulares de cartão são assim, seu bobinho.

Deitei o meu corpo sobre o dela. Dei um leve beijo em sua boca.

Fala a verdade, Carlota, ou lá que nome você tenha.

Estou falando a verdade. Deixa de ser paranoico.

Coloquei as minhas mãos em torno do seu pescoço.

Vou apertar o seu pescoço até você falar a verdade. E não sou paranoico, fique sabendo, apenas lúcido.

Ela tentou se desvencilhar, Carlota, ou lá que nome tivesse, possuía muita força nos braços. Lutamos algum tempo, até ela ficar imóvel.

Na sua bolsa não havia documento de identificação, nem cosméticos, apenas uma corda fina de náilon.

Liguei para o Magrão.

Passa aqui, tenho um serviço para você fazer. Traz uma mala grande, de rodinhas.

Meia hora, disse Magrão.

Ele chegou em vinte minutos, com a mala que eu havia pedido.

Vai ser fácil, ela é miudinha, disse Magrão contemplando o corpo sobre a cama.

Você entrou pela garagem?

Entrei, tenho o controle remoto.

Magrão colocou a mulher na mala. Ele tinha razão, foi fácil.

Apaguei as luzes do apartamento. Levei Magrão até a janela.

Está vendo aquele carro parado na esquina? Tem dois sujeitos dentro dele. Fica de olho para ver se eles vão seguir você.

Magrão foi embora, puxando a mala que deslizava sobre as rodinhas.

Dez minutos depois Magrão me ligou pelo celular.

Os caras não me seguiram.

Eu sei. Eles continuam parados na esquina.

Às quatro da manhã o carro da esquina com os sujeitos foi embora. Como tem gente preguiçosa neste mundo! É por isso que não fazem as coisas direito.

Fui para a frente do espelho e esfreguei o couro cabeludo. Gostaria que os armários de roupa não estivessem vazios, para vestir uma camisa escura e verificar melhor o resultado. Mesmo sendo branca, a camisa permitia ver as escamas espalhadas sobre meu ombro. Sabia que isso ia acontecer, já havia tentado de tudo para acabar com aquela maldita caspa, sem conseguir.

Beijinhos no Rosto

A sua bexiga terá que ser removida inteiramente, disse Roberto. E nesses casos prepara-se um lugar para a urina ser armazenada, antes de ser excretada. Uma parte do seu intestino será convertida num pequeno saco, ligado aos ureteres. A urina desse receptáculo será direcionada para uma bolsa colocada em uma abertura na sua parede abdominal. Estou descrevendo esse procedimento em linguagem leiga para que você possa entender. Essa bolsa será oculta pelas suas roupas e terá que ser esvaziada periodicamente. Fui claro?

Foi, respondi acendendo um cigarro.

Gostaria de marcar a cirurgia para logo depois desses exames que estou pedindo. Já lhe falei da relação entre o câncer da bexiga e o fumo?

Não me lembro.

Três em cada cinco casos de câncer na bexiga são ligados ao fumo. Esse vínculo entre o fumo e o câncer da bexiga é especialmente forte entre os homens.

Prometo que vou deixar de fumar.

Este ano, no mundo, ocorrerão cerca de trezentos mil novos casos de câncer de bexiga.

É mesmo?

É o quarto tipo de câncer mais comum e a sétima causa de morte por câncer.

Tive vontade de mandar o Roberto parar de me chatear, mas ele, além de meu médico, era meu amigo.

O câncer de bexiga, ele continuou, pode ocorrer em qualquer idade, mas usualmente atinge pessoas com mais de cinquenta anos. Você faz cinquenta anos no mês que vem. É um mês mais velho do que eu.

Estou atrasado para um compromisso, tenho que ir, Roberto.

Não se esqueça de fazer os exames.

Saí correndo. Eu não tinha encontro algum. Queria fumar outro cigarro em paz. E também precisava encontrar alguém que me arranjasse um revólver. Lembrei-me do meu irmão.

Telefonei para ele.

Você ainda tem aquela arma?

Tenho. Por quê?

Quer vender?

Não.

Você não tem medo de que um dos teus filhos ache o revólver e dê um tiro na cabeça do outro? Uma coisa assim aconteceu outro dia. Deu no jornal.

Meu revólver está trancado numa gaveta.

O desse infeliz, segundo dizia o jornal, também.

Eu não li nada sobre isso.

Você sempre diz que só lê a manchete do jornal. Isso não dá manchete, acontece todo dia.

E como é que foi?

O menino estava brincando de mocinho e bandido com o irmão e a desgraça aconteceu. Qualquer dia vou ler no jornal que um sobrinho meu matou o outro numa brincadeira.

Deixa de ser agourento.

Vou passar aí hoje à noite.

Chegando na casa do meu irmão ele me disse, olha aqui esta gaveta, você acha que dois pirralhos podem arrombar essa fechadura?

Podem.

Como?

Quer ver eu arrombar essa merda?

Você é um adulto.

Onde é que está a Helena?

Está no quarto.

Chama ela aqui.

Contei para a mulher dele a tal notícia do jornal, que eu inventara.

Vivo pedindo ao Carlos para se livrar dessa porcaria, mas ele não me ouve, disse Helena.

Eu vim aqui para comprar o revólver, mas esse idiota não quer vender.

O que você vai fazer com o revólver?, perguntou Carlos.

Nada. Possuí-lo, apenas. Eu sempre quis ter um revólver.

Helena e o meu irmão discutiram algum tempo. Ela venceu o debate ao dizer que um dos meninos podia pegar o chaveiro quando meu irmão estivesse dormindo, ou quando ele esquecesse o chaveiro num lugar onde os moleques pudessem achar, ou em outra ocasião qualquer. Afinal, Carlos abriu a gaveta e tirou o revólver.

E você, para piorar as coisas, mantém esse troço carregado, eu disse, depois de examinar a arma.

Maluco irresponsável, disse Helena, furiosa, você sempre me disse que o revólver não tinha balas. Olha, deixa o seu irmão levar essa porcaria com ele, agora. Do contrário eu saio de casa e levo as crianças.

Peguei o revólver e fui para o meu apartamento. Telefonei para a minha namorada. Senti vontade de ir ao banheiro mas sabia que ia ver sinais de sangue na urina, o que sempre me dava calafrios. Isso podia atrapalhar o meu encontro. Urinei de olhos fechados e também de olhos fechados acionei a válvula de descarga várias vezes.

Enquanto esperava minha namorada, fiquei pensando no futuro, fumando e tomando uísque. Eu não ia ficar a vida inteira enchendo com xixi uma bolsa colada no corpo, que depois tinha que ser esvaziada, sei lá de que maneira. Como eu poderia ir à praia? Como poderia fazer amor com uma mulher? Imaginei o horror que ela sentiria ao ver aquela coisa.

Minha namorada chegou e fomos para a cama.

Você está preocupado com alguma coisa, ela disse, depois de algum tempo.

Não estou me sentindo bem.

Não se preocupe, querido, podemos ficar apenas conversando, adoro conversar com você.

Essa é uma das piores frases que um homem pode ouvir quando está nu com uma mulher nua na cama.

Levantamos e nos vestimos sem olhar um para o outro. Fomos para a sala. Conversamos um pouco. Minha namorada olhou para o relógio, disse tenho que ir, querido, me deu uns beijinhos no rosto, foi embora e eu dei um tiro no peito.

Mas esta história não termina aqui. Eu devia ter atirado na cabeça, mas foi no peito e não morri. Durante a convalescença, Roberto me visitou várias vezes para dizer que tínhamos pouco tempo, mas ainda podíamos fazer a cirurgia da bexiga, com êxito.

Isso foi feito. Agora eu esvazio com facilidade a bolsa de urina. Ela fica bem escondida sob a roupa, ninguém percebe que está ali, sobre o meu abdome. O câncer parece que foi extirpado. Não tenho mais namorada e estou viciado em palavras cruzadas. Deixei de ir à praia. Fui uma vez, para jogar o revólver no mar.

Estragos - Fernanda Young

O lançador de batatas

Havia uma história que, em sua lembrança, às vezes parecia um sonho. Daqueles que nos perseguem quando crianças, noite após noite, e um dia somem, deixando-nos sem saber se era realidade ou fantasia. Sua avó lhe contou que, quando bebê, sua mãe o deixava sozinho no quarto por horas a fio. Ele ficava deitado no berço, esgotado de tanto chorar, roendo as grades de madeira. Insistentemente, feito um rato; cuidadosamente, como um velho artesão que esculpe o menino Jesus na madeira, o pequeno bebê comia o berço.

A oralidade, no caso de Humberto Crespo, sempre se manifestava nos momentos de descontrole emocional. Assim que percebeu que Sílvia o havia abandonado, fugindo com um dançarino flamenco, seus lábios estouraram em feridas. Sua aparência ficou horrível. Procurou um médico, que responsabilizou o estômago pelas bolhas e o aconselhou a ficar uns dias em descanso. Humberto pediu licença no serviço e comprou frutas da época na feira.

Como sempre há alguém mais desgraçado que a gente para nos acalantar, Humberto prostrou-se à janela e pôs-se a observar. Com um pouco de sorte, haveria de encontrar um pobre-diabo.

Sílvia acusava-o de covarde, sempre que podia. Jurava estar pagando castigo, sendo casada com um bobão desprovido de músculos. Contava para todos sobre o dia em que Humberto havia fugido de um assaltante, deixando-a nas mãos do marginal. Ela o desprezava completamente. E ele pensava: “Um dia serei herói”.

Durante horas, permaneceu sentado, olhando pela janela. Tudo o que viu foram casais apaixonados, mendigos satisfeitos e cães vadios. E até os cães pareciam ser mais dignos do que ele. Já se preparava para desistir de sua busca quando percebeu um movimento estranho, próximo a um carro. Eram dois malandros roubando um automóvel. Ficou atônito. Alguma coisa precisava ser feita! Correu até a cozinha e, sem titubear, apanhou uma batata. Aproximou-se novamente da janela e calculou o alvo. Num movimento olímpico, lançou a batata, que atingiu em cheio a nuca de um dos assaltantes. O homem levou a mão ao local atingido e cambaleou, primeiro para a frente e depois para trás, caindo tal qual uma fruta podre. O outro assaltante, assustado, saiu correndo. Humberto, em êxtase, e com gosto de berço na boca, conseguiu apenas pronunciar “ah”. Um “ah” abafado e quase

orgasmático. Teria ele heroicamente matado o marginal? Saberia Sílvia um dia que ele, o bobão, era agora um herói? Realmente ele não se importava. Com o tempo ele havia deixado de se importar com várias coisas.

Seu único desejo, desde então, é proteger os carros dos assaltantes noturnos. Desta forma, como um herói urbano e anônimo, em cada batata lançada que encontra seu alvo, ele sente-se tal qual um atleta ao receber a medalha de ouro. O gosto da vitória tem o gosto de madeira.

Eu desconfio que...

“Está acontecendo alguma coisa que desconheço e é somente isso.” Foi o que pensei enquanto sentia calafrios e tremores nas mãos. Não pude olhar para o meu rosto, pois, para tal, teria que largar o volante. E seria perigoso, diante das circunstâncias, segurá-lo com uma só mão e mirar-me no retrovisor. Não era local nem hora para passar mal. Pensei que pudesse estar tendo um ataque cardíaco. Pensei nas consequências horrorosas que é ter um ataque cardíaco dirigindo. E se encostasse o carro um instantinho? Não, imediatamente desviei essa ideia de minha mente. Se eu encostasse o carro, eu nada teria em que me concentrar e, talvez assim, o corpo cedesse com mais rapidez. Abri o vidro da janela. Fechei. O barulho dos carros ultrapassando o meu era algo mais claustrofóbico. “Talvez seja a música”, pensei. Apertei o botão que cospe as fitas e o rádio passou a dominar o ambiente. Música erudita. Uma orquestra barulhenta com o estilo inconfundível dos alemães. “Por que essa gente sempre acha que precisa vencer?” Tenho medo de alemão. Fiquei com medo. Desliguei o rádio. Mas aí o barulho do ar-condicionado começou a ficar por demais presente. Tirei. Coloquei o ventilador. Só que, não sei por que, o ventilador do meu carro exala um cheiro estranho. Possivelmente, ninguém percebe, só eu. Um cheiro de máquina. O cheiro íntimo do carro. Um cheiro dele. Há táxis que fedem horrores, a maioria deles, inclusive. Mas o meu carro, que não é um táxi, não fede. Ele até tem um certo perfume. Que eu desconfio ser meu. Mas o.k. Não é essa a questão. A questão é que, quando ligo o ventilador, sinto um cheiro peculiar, o cheiro da intimidade da máquina. Afinal, não posso crer que uma coisa que me leva de lá para cá não tenha vida. Carro é gente. Sei que isso parece estranho. Mas às vezes penso em coisas estranhas. Nem conto para minha mulher. Por exemplo: se eu chegasse em casa dizendo para ela que eu tive um treco no carro, ela logo ia me mandar fazer um check-up. Não sei por que mulher tem mania de check-up. De certa forma, acho que elas estão esperando o momento de a gente ficar doente. É como se isso fosse um prêmio para elas. Somente poderão exercer o seu status de mártir se tiverem um marido com câncer para cuidar. Mas naquela hora, ali, no carro, bem que eu pensei em fazer um check-up. Mas só um pouquinho. Não pensei muito nisso, porque eu não sabia se eu estava tendo um treco, ou se eu estava imaginando que estava tendo um treco. O que mais ou menos é a mesma coisa. De qualquer jeito, alguma coisa eu tinha. E precisava me acalmar. Coloquei a fita novamente. A fita era uma coisa de louco. Uma fita cassete que meu filho deixou ali, quando eu emprestei o carro para ele, no sábado. A fita era realmente “pauleira”. Uma coisa horrível. Desconfio até que tenha sido aquela fita que iniciou o meu mal-estar. Primeiro, tive curiosidade para ouvir aquilo. Queria saber o que o meu filho andava escutando. Aquelas coisas de pai querendo saber sobre os gostos do filho. Depois de umas duas músicas, a minha curiosidade passou a ter um leve tom de contragosto. Porra, não criei um filho para escutar tamanha merda! Aí, pensei que também as coisas não eram bem assim. O que tem de errado num menino ciado com tudo que é do bom e do melhor escutar uma merda qualquer? Isso é que é liberdade. Foi nesse instante que fiquei um pouco tonto. Quando pensei em liberdade. E aí o resto foi aquilo. Consegui, com certo esforço, me controlar e cheguei à fábrica. Eu tenho uma pequena fábrica de produtos escolares. Coisa pequena. Mas então... O que eu ia dizendo? Ah, cheguei à fábrica e ainda tive que aguentar o meu sócio com a sua pose de

“eu sou o cara mais importante do mundo, porque eu sou um industrial”. Taí uma coisa que eu não sou: eu não sou igual ao meu sócio. Não consigo achar que ter uma porrinha de uma fabriqueta seja o máximo. Sei lá... Quando era jovem, eu queria ser jornalista. É... Ser correspondente de guerra. Porra, eu vibrava. Vibrava mesmo. Aquela coisa toda de Vietnã... Eu sempre fui meio americano... Não sei por que, mas não era para eu ter nascido no Brasil. De qualquer forma, não virei jornalista. Fui sendo levado pela necessidade de sustentar e acabei com esse negócio de merda, totalmente improdutivo. Mas também não conto isso para minha mulher. Pra quê? Ela acha o máximo, dizer que o marido dela é empresário. Grandes merdas. Sabe de uma coisa, a vida é uma merca mesmo. E que se foda. É por isso que, quando cheguei ao escritório, voltei a sentir coisas estranhas. Eu olhava para a cara do meu sócio e via aquela sujeito todo arrumadinho, com o seu telefone celular preso no cinto comprado em Nova York. Olhei para aquele merda e vi um cara com cabelo branco, cortado igual ao daquele ator americano que fez um filme com aquela tal de Julia Roberts, e me deu uma vontade enorme de vomitar. Bom, é isso. Bem simples. Nada além disso. Eu já podia voltar a acordar. Mas estou gostando de ver essa gente toda ao meu redor, com cara de quem me ama. Fora esses tubos dentro do meu nariz, até que estou confortável. Depois é só ficar em repouso... Mas desconfio que eu vá querer ficar em repouso para sempre. A liberdade é mais ou menos poder escutar a música que quiser, no volume que quiser. E eu estou escutando uma música bastante agradável.

Te pego lá fora – Rodrigo Ciríaco

BIA NÃO QUER MERENDAR

Bia não quer merendar. Bia nunca comeu a merenda mas ouviu dizer que é ruim, que é sempre a mesma coisa; que não presta. Bia vê o que alguns alunos fazem com a merenda: dão duas colheradas e deixam no canto; amassam, fazem uma pasta e jogam uns nos outros. Guerrinha. Raspam o fundo do prato com a colher de plástico, dão uma lambida e pedem: “Tem mais, tia?”. Bia acha engraçado. Os merendeiros. Bia diz pras amigas “eu não, eu não sou merendeira”. Ela inclusive viu esta semana uma calça. A tia falou que vai lhe dar um tênis. Já encomendou um celular para a mãe. Tem nome e marca de carro: um V8. Bia espera que o seu V8 não demore. Ela tem medo. Não pode deixar de se comunicar com as meninas. Odiaria ser rejeitada pelas amigas. Não ter um grupo. Ser apenas mais uma do povo. Já pensou, comer a merenda, como todos? O Zé-povinho? Ela não. Bia não se importa de não comer. As modelos não são todas magras? Quem dera tivesse anorexia. Dizem que é doença de rico. Tomar sorvete, comer lanches, salgados e depois vomitar. Pelo menos esta dor no estômago, esta fraqueza faria sentido. Bia não quer merendar. Ela já avisou: não tomou café, não almoçou. Não, não é dieta. Não comeu porque não tinha. Assim como no intervalo não tinha dinheiro pra cantina. Bia não quis sair para comer a merenda, ainda que fosse às escondidas. A última coisa que Bia insistiu em dizer, antes de desmaiar de fome, foi: “Professor, eu, eu... Eu não sou merendeira”.

NÓS, OS QUE FICAMOS

Alguns me perguntam: tá, o que vocês vão fazer?

Estamos descobrindo.

A única certeza é: vamos ficar.

Nós, os que ficamos, somos a única chance de salvar este lugar.

Do desespero. Da ruína. Do abandono.

Do comum.

Não culpamos quem partiu.

Foi uma opção?

Culpamos quem nos abandonou.

Por isso é preciso ficar.

Quando as coisas apertam, quando temos dificuldades, não podemos simplesmente nos mudar.

Abandonar nossa memória, nossa trajetória, nossos amigos e mudar.

Desistir.

Fazer outro caminho e desistir.

Nem sempre abrir mão é o melhor, o mais fácil.

Nem sempre o mais fácil é o melhor.

O mais correto.

Principalmente quando nos resta uma pergunta: e os que ficam?

Não podemos deixá-los.

Convites, propostas não faltam. Argumentos são duros. Muitos. Principalmente quando vêm de dentro de casa:

- É isso o que você quer pro futuro do seu filho? Pra sua família? Se matar pra ganhar essa miséria de salário? Ninguém liga para o que você faz. Ninguém liga para o seu trabalho. Você que é covarde, tem medo de mudar.

Muitas horas fraquejamos.

Quase nos damos por vencidos e, está bem. Vamos mudar.

Mas aí pensamos: poxa, não é isso que queremos.

Não é isso que queremos para nossos irmãos, primos, amigos.

Não é isso que queremos para ninguém.

Por isso é preciso ficar.

Para brigar, confrontar, sangrar.

Somar, transformar.

Unir.

Para que nenhum de nós continue sendo humilhado.

Nenhum de nós desprezado, desrespeitado.

Esquecido.

Ficar.

Não queremos nos mudar do lugar onde sobrevivemos. Queremos mudá-lo.

Torná-lo mais bonito, mais solidário.

Mais forte. Mais humano.

Nós, os que ficamos.

Somos muito importantes.

Nós, os que ficamos, somos a única chance.

De mostrar o quanto estamos vivos, pulsantes.

Até para dizer: não!
Nós não sairemos daqui.